



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Tamy Amorim da Silva

*Decir nuestra palabra: discursos feministas no Paraguai (1986-2004)*

Florianópolis

2023

Tamy Amorim da Silva

***Decir nuestra palabra:*** discursos feministas no Paraguai (1986-2004)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Doutora em História.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Cristina Scheibe Wolff

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

da Silva, Tamy Amorim

Decir nuestra palabra: :discursos feministas no  
Paraguai (1986-2004) / Tamy Amorim da Silva ; orientadora,  
Cristina Scheibe Wolff, 2023.

245 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. feminismo. 3. Revista feminista. 4.  
Paraguai. 5. Gênero. I. Wolff, Cristina Scheibe. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em História. III. Título.

Tamy Amorim da Silva

***Decir nuestra palabra:*** discursos feministas no Paraguai (1986-2004)

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 10 de julho de 2023,  
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Soraia Carolina de Mello, Dr.(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof.(a) Lorena Soler, Dr. (a)  
Universidade de Buenos Aires (UBA)

Prof.(a) Lorena Zomer, Dr.(a)  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado  
adequado para obtenção do título de Doutora em História.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof.(a) Cristina Scheibe Wolff, Dr.(a)  
Orientador(a)

Florianópolis, 2023.

## AGRADECIMENTOS

No ano de 2023 faz 10 anos que me formei no curso de graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e decidi trilhar pelos caminhos da pesquisa na Pós-Graduação no Brasil. Através da mesma universidade tive a oportunidade de realizar esse sonho e alcancei no Programa de Pós Graduação em História (PPGH) o doutorado. De forma que agradeço a UFSC, ao PPGH e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que possibilitaram o andamento dessa investigação.

Ao começar escrever esses agradecimentos percebi que iriam faltar palavras e nomes, e assim como em qualquer texto que se empenhe em reconhecer a importância que as pessoas têm em nossas vidas as palavras não seriam suficientes, mas espero que nessas páginas fique evidente a relevância que pessoas e as instituições tiveram durante os anos de doutorado.

Agradeço às feministas paraguaias Margarita Elias, Mirtha Rivarola, Verônica Villalba, Glória Rubin e Ofélia Martinez por aceitarem conversar comigo e contarem sobre suas trajetórias intelectuais. Inclusive foi Glória Rubin quem doou os dois tomos da revista *Enfoques de Mujer* para que não precisasse digitalizar o periódico e pudesse ordenar melhor o meu tempo de estadia no país. Do CDE, agradeço a Ofélia Martinez que esteve comigo muitas vezes na biblioteca Serafina Dávalos no CDE, conversando e oferecendo o suporte para trabalhar com o acervo, além de trocar *e-mails* comigo quando surgiu alguma dúvida. Agradeço a equipe do CDE como um todo, pela acolhida em Assunção e o apoio na pesquisa.

Às professoras Dra. Mara Lago, Dra. Joana Maria Pedro e Dra. Soraia Carolina de Mello que propuseram disciplinas de discussão feminista na Pós-graduação. Assistir às aulas sobre clássicos do feminismo e debates sobre democracia e feminismo foi realizar outro desejo que há muito possuía. Além disso, durante o doutorado tive a oportunidade de fazer intercâmbio pela AUGM na Argentina e participei de disciplinas que me auxiliaram a refletir sobre como analisar a fonte impressa e a metodologia necessária para a tese, portanto agradeço às professoras Dra. Cristina B. Fernández, Dra. Monica Scarano, Dra. Lila Caimari e a Dra. Ines Perez que me recebeu em Mar de Plata e a Camila Roldán que me ajudou demais na cidade, obrigada amiga.

À minha banca de tese Dra. Lorena Soler e a Dra. Soraia Carolina de Mello agradeço pelas orientações dadas na época da qualificação, elas foram valiosas para pensar e significar a tese de forma que alcançasse os objetivos que vinha perseguindo na investigação. À Lorena

Zomer, parceria inestimável de discussões sobre história do Paraguai, obrigada por tantas conversas e leituras sobre a tese.

Agradeço ao LEGH esse incrível laboratório de História que abriga tantas pesquisas originais e pessoas maravilhosas que atravessaram a minha vida, são tantas que nem consigo colocar no papel, portanto faço um agradecimento coletivo à todas que frequentam esse lugar de encontros. É com muito carinho que recordo o percurso de Iniciação Científica até esse momento, assim como lembro da minha primeira conversa com a professora Cristina Scheibe Wolff, lá em 2010, quando entrei no LEGH! De lá para cá, foram inúmeros os ensinamentos e só tenho a agradecer pelos anos de orientação e amizade. Assim, como agradeço às professoras Joana Maria Pedro e Janine Gomes da Silva por todos os anos de instrução. Vocês me inspiram como professoras!

Do LEGH também vieram muitas amigas que perduraram, à Cintia Lima, Gleidiane Sousa, Dayanne Schetz, Kelly Teixeira, Luciana Gransotto, vocês são referências para mim e presentes que a vida me trouxe. Agradeço também a turma do doutorado por todas as trocas e risadas, e principalmente a amiga Cristiane Garcia Teixeira e o amigo Gustavo Tiengo Pontes (parceria 2008.2) que estiveram ao meu lado sempre.

A minha família, vó Marília, Angela, Nilton, Arley, Ana Carolina, Nathan, Schirley, Eriberto, Priscila, Léo, Júlia, Marilene (em memória), Renato, Verônica, Karol e Jeferson, tias, tios, primas, primos, obrigada pela compreensão, que muitas vezes sem entender a minha ausência, apoiavam o meu mergulho na pesquisa e encorajam a continuidade de minha formação. Ao meu amor, Douglas Tambani Flôres, agradeço por ter segurado a minha mão e acreditado na importância dessa pesquisa, o seu apoio foi único e fundamental ao longo desses anos. Amo-te!

## RESUMO

Em meados da década de 1980, em meio a crises econômicas, políticas e sociais no Paraguai, dentro de organizações não governamentais já existentes, emergiram em Assunção, dois núcleos de investigações e debates feministas, o Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA) no Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES) e a Área Mujer no Centro de Documentación y Estudios (CDE). Nesse período a população paraguaia ainda vivia sob censura dos departamentos estatais, inclusive com repressão a organismos que ofereciam algum tipo de resistência ao stonismo. Apesar dessa conjuntura, estes núcleos foram criados e estiveram associados a um cenário de discussões acerca da modificação do Código Civil paraguaio que carregava uma série de retrocessos para as mulheres, aos eventos decorrentes do Decênio da Mulher; instituído pela ONU, e pelos Encontros Latino-Americanos e Caribenhos (EFLAC); que teriam maior vigor em meados dos anos de 1990. Além de participarem dos eventos, as mulheres do GEMPA e do CDE publicaram diversos livros e revistas sobre a história das mulheres em seu país, discutiram temas feministas e reproduziram variados artigos em suas revistas que são as fontes principais dessa tese. Entre os anos de 1986 a 1994, o GEMPA publicou a revista trimestral, chamada de Enfoques de Mujer e a Área Mujer entre os anos de 1989 a 2004, publicou alguns impressos que tiveram periodicidade distintas como o Anuario Mujer (1989-2000), o Informativo Mujer (1989-2004) e o La Microfona (1989-1991). Com esse panorama em vista, o objetivo da tese é entender como ocorreu a constituição de um campo de ação intelectual feminista no país, e como tais núcleos escreviam suas histórias feministas. Para entender esse complexo momento e movimento de intelectuais, a tese está dividida em quatro capítulos que percorrem, principalmente, a criação das áreas de estudos sobre mulher e gênero no país, os eventos que tiveram importância na articulação dos feminismos, os projetos alçados por eles e, por último, os discursos sobre o feminismo e o gênero nas páginas das revistas. Esse trabalho se apoiou metodologicamente nos estudos feministas e de gênero, atrelados a uma análise dos discursos presentes nos periódicos. Através dos discursos produzidos pelas revistas publicadas entre os anos de 1986 a 2004, verifiquei que a ação feminista era algo recente nos grupos de investigação localizados em Assunção e esteve associada principalmente a atuação das mulheres destes núcleos de pesquisa, aos organismos de financiamento, aos eventos e redes de colaboração.

**Palavras-chave:** feminismo; Paraguai; revista feminista.

## ABSTRACT

In the mid-1980s, in the midst of economic, political and social crises in Paraguay, within existing non-governmental organizations, two groups of feminist investigations and debates emerged in Asunción, the Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA) at the Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES) and the Área Mujer at the Centro de Documentación y Estudios (CDE). During this period, the Paraguayan population still lived under censorship by state departments, including repression of organizations that offered some type of resistance to stonism. Despite this conjuncture, these nuclei were created and were associated with a scenario of discussions about the modification of the Paraguayan Civil Code that brought a series of setbacks for women, to the events arising from the Decade of Women; instituted by the UN, and by the Latin American and Caribbean Meetings (EFLAC); that would have greater vigor in the mid-1990s. In addition to participating in events, the women of GEMPA and CDE published several books and magazines on the history of women in their country, discussed feminist themes and reproduced various articles in their magazines that are the main sources of this thesis. Between 1986 and 1994, GEMPA published a quarterly magazine called *Enfoques de Mujer* and *Área Mujer*, and between 1989 and 2004, it published some publications that had different periodicities, such as the *Anuario Mujer* (1989-2000), the *Informativo Mujer* (1989-2004) and *La Microfona* (1989-1991). With this panorama in mind, the aim of this thesis is to understand how a feminist intellectual field of action was formed in the country, and how such groups wrote their feminist histories. In order to understand this complex moment and movement of intellectuals, the thesis is divided into four chapters that cover, mainly, the creation of areas of study on women and gender in the country, the events that were important in the articulation of feminisms, the projects raised by them and, finally, the discourses on feminism and gender on the pages of magazines. This work was methodologically based on feminist and gender studies, linked to an analysis of the discourses present in the journals. Through the discourses produced by the magazines published between the years 1986 to 2004, I verified that the feminist action was something recent in the research groups located in Asunción and was mainly associated with the performance of the women of these research centers, to the financing organisms, to the events and collaborative networks.

**Keywords:** feminism; Paraguay; feminist magazine

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - I Encuentro Nacional - Por nuestra igualdad ante la ley, n 4, 1987.....	66
Figura 2 - Encuentro -Taller de Mujeres, n. 6, 1988 .....	70
Figura 3 - Enfoques de Mujer, n 1, 1987.....	116
Figura 4 - Enfoques de Mujer, n 3, 1987.....	118
Figura 5 - Enfoques de Mujer, n 10, 1989.....	121
Figura 6 - Enfoques de Mujer, n 33, 1994.....	122
Figura 7 - Índice da Informativo Mujer, n 0, 1989.....	130
Figura 8 - Índice da Informativo Mujer, n 71, 1997.....	131
Figura 9 - Informativo Mujer, n. 0, n. 2, 1989.....	135
Figura 10 - Informativo Mujer, n. 51, 1993.....	136
Figura 11 - Informativo Mujer, n. 63, 1994.....	137
Figura 12 - Josefina Plá. Informativo Mujer, n. 94, 1996. ....	138
Figura 13 - La Micrófona, n. 1, n.0.1,1989 .....	141
Figura 14 - La Micrófona, n. 7/8, 1990. ....	143
Figura 15 - La Micrófona, n 9/10, 1990. ....	145
Figura 16 - Anuario Mujer, n. 1. 1989.....	147
Figura 17 - Anuario Mujer, n. 2. 1990; n. 3, 1991 .....	148
Figura 18 - Anuario Mujer, n. 4, 1993; n. 6, 1995 .....	151
Figura 19 - Anuario Mujer, n. 7, 1996; n. 8, 1997 .....	153
Figura 20 - Anuario Mujer, n. 9, 1998.....	154
Figura 21 - Anuario Mujer, n. 10, 1999.....	155

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Livros Publicados entre 1987-1988 e de 1990-2000.....	55
Quadro 2 - "FEMINISTA" .....	165

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AUGM	Associação de Universidades de Montevideo
CDE	Centro de Documentación y Estudios
CEDAW	Convención sobre la Eliminación de Todas las Formas de Discriminación contra la Mujer de Naciones Unidas
CEDHU	Centro de Estudios Humanitarios
CMC	Coordinación de Mujeres Campesinas
CMP	Coordinación de Mujeres del Paraguay
CEP	Conferencia Episcopal Paraguaya
CEPAL.	Comisión Económica para América Latina y el Caribe de Naciones Unidas.
CEPEM	Centro Paraguayo de Estudios de la Mujer
CEPEP	Centro Paraguayo de Estudios de Población
CIA	Agência Central de Inteligência
CIM	Comissão Interamericana de Mulheres
CPES.	Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos
CLADEM	Comité de América Latina y el Caribe para la Defensa de los Derechos de las Mujeres
CVJ	Comisión de Verdad y Justicia
CONAMURI	Coordinadora Nacional de Organizaciones de Mujeres Trabajadoras Rurales e Indígenas
BPD	Banco Paraguayo de Datos
ECLAC	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
EFLAC	Encontros Latino Americanos e Caribenhos
FAM	Frente Amplio de Mujeres
FLACSO	Facultade Latino-americana de Ciencias Sociais
GEMPA	Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya
IDRC	Centro Interamericano de Investigaçao e Desenvolvimento
INSTRAW	Instituto Internacional de Pesquisas e Capacitaçao para o Progresso da Mulher
MRU	Movimiento por el Reagrupamineto Universitário
OEA	Assembléia Geral das Organizaçao de Estados Americanos
ONU	Organizaçao das Naçoes Unidas
OPM	Organización Político Militar ou Operacion Primero de Marzo

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PROMUR Centro de Promoção da Mulher  
RPS Revista Paraguaya de Estudios Sociológicos  
UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
UNMP Universidad Nacional de Mar del Plata  
UNFPA Fundo de População das Nações Unidas-Paraguai  
USAID Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1. CRIANDO OS ESTUDOS SOBRE MULHERES NO PARAGUAI</b>	<b>31</b>
2.1	O QUE FAZIAM AS MULHERES DO GEMPA? .....	43
2.2	O BANCO PARAGUAYO DE DATOS (BPD) E A CRIAÇÃO DO CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y ESTUDIOS (CDE).....	50
2.3	O CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y ESTUDIOS E A FORMAÇÃO DA ÁREA MUJER .....	57
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2. OS ENCONTROS FEMINISTAS E ARTICULAÇÕES TRANSNACIONAIS- A CONSOLIDAÇÃO DOS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS</b> .....	<b>62</b>
3.1	OS ENCONTROS NACIONAIS- A FORMAÇÃO DE UMA PAUTA COMUM E OS CONFLITOS ENTRE AS MULHERES .....	63
3.2	“ <i>QUIEN NO MILITA NO PUEDE HABLAR</i> ”- OS CONFLITOS FEMINISTAS ENTRE MULHERES INTELLECTUAIS E POLÍTICAS .....	78
3.3	ENCUENTROS FEMINISTAS LATINO AMERICANOS E MUNDIAIS NAS PÁGINAS DAS REVISTAS 1980-1990 .....	82
3.4	A IV <i>CONFERÊNCIA DA MULHER EM BEIJING</i> , UM SONHO REAL PARA AS MULHERES ORGANIZADAS NO PARAGUAI.....	99
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3. ESCREVER SOBRE E PARA MULHERES- MAPEANDO AS PUBLICAÇÕES FEMINISTAS NO PARAGUAI</b> .....	<b>111</b>
4.1	“NASCE UMA REVISTA FEMINISTA” - <i>ENFOQUES DE MUJER</i> .....	114
4.2	CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PROJETOS E DOS PERIÓDICOS PRODUZIDOS PELO CDE- ÁREA MUJER .....	123
4.2.1	<i>Informativo Mujer (1989-2004)</i> - um incentivo ao debate? .....	129
4.2.2	A “pequena” <i>Micrófona</i> - ampliando as notícias asuncenas (1989-1990).....	140
4.2.3	O <i>Anuario Mujer</i> - reforçando os eventos e os movimentos das mulheres.....	146
4.3	UM ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO, REGISTRO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA.....	156

<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 4. FEMINISTAS NO PARAGUAI E OS ESCRITOS SOBRE GÊNERO E FEMINISMO.....</b>	<b>160</b>
5.1	FEMINISTAS - A MARCA QUE DEFINE O TODO .....	164
5.2	AS FEMINISTAS DESTACADAS.....	178
5.3	OS FEMINISMOS NAS REVISTAS .....	184
5.4	O GÊNERO NOS PERIÓDICOS .....	191
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>217</b>
	<b>FONTES .....</b>	<b>224</b>
	<b>ENTREVISTAS .....</b>	<b>225</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>225</b>

## 1 INTRODUÇÃO

[...] Ya hace un tiempo que en Paraguay las mujeres hemos decidido romper nuestro pacto de silencio y empezar a decir nuestra palabra. A medida que avanzamos descubrimos que cada vez estamos menos solas, que la espesa niebla se disipa y se vislumbra un horizonte cargado de esperanzas y de posibilidades palpables en el camino [...] (EDITORIAL, 1986, p. 5, n.1).

Certa vez, em um dos simpósios temáticos em que apresentei um trabalho sobre a escrita de feministas no Paraguai, uma das pessoas que me assistia fez uma pergunta: por que estudava o Paraguai? Ela nunca havia escutado falar sobre o feminismo nesse país. Não foi a primeira vez que escutei esse questionamento e, por isso, começo minha introdução por essa problemática embalada pela citação do primeiro número da Revista *Enfoques de Mujer* (1986) que enfatiza o silêncio e a renovação de uma escrita de mulheres no país. Por que não estudar o Paraguai? Por qual motivo ainda soa como algo raro? Essa pergunta produziu uma série de reflexões e nessa introdução buscarei respondê-la, na medida em que apresento do que se trata essa tese.

Não saber sobre o feminismo paraguaio aponta para várias possibilidades e, até mesmo para o desconhecimento de assuntos relativos ao país, que foi comumente visto como uma “isla rodeada de tierra”<sup>1</sup>. Muitas/os pesquisadoras/res já demonstraram algumas direções sobre a ausência relativa de pesquisas sobre o país como Lorena Soler, Liliana Brezzo, Luc Capdevila e Ignacio Telesca. Porém, para adentrar na pergunta, preciso contar como surgiu essa investigação e o interesse pela temática. Desde o ano de 2010 faço parte do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) na condição de estudante, orientada pela professora Cristina Scheibe Wolff. Ainda na graduação em História tive o prazer de ser bolsista de Iniciação Científica/CNPq e depois de graduada fui Apoio Técnico/CNPq. Nesse ambiente de investigação e acolhimento dei meus primeiros passos na pesquisa individual e no que chamamos de “Projeto Cone Sul” (nosso “guarda-chuva” que abriga todas as investigações e o acervo desse laboratório)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Lorena Soler em seu texto faz referência a frase do autor Roa Bastos, muitas vezes citada, buscando desnaturalizá-la e propõe um exercício de leitura das narrativas sobre o país desde a colonização em que na falta de materiais preciosos e por sua geografia, as narrativas configuravam a ideia de ausência ou excepcionalidade. Para compreender essa discussão, sugiro os seguintes textos: (ROA BASTOS, 1977; SOLER, 2010).

<sup>2</sup> O Cone Sul estudado nas pesquisas desenvolvidas pelas professoras organizadoras do LEGH, costuma abranger os seguintes países: Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Chile. Para saber mais, ver em: (PEDRO; WOLFF, 2010; WOLFF, 2013, p. 451-471; MARCELLINO, 2018, p. 557-566).

Foi no trato com o acervo de entrevistas feitas por Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff em vários países do Cone Sul, na qual exploravam a experiência de mulheres e homens durante as ditaduras, que me deparei com o Paraguai. Foi através da leitura e da escuta de entrevistas que fui desenvolvendo uma pesquisa sobre o período da ditadura, a repressão e as resistências. Ainda na graduação fui ao Paraguai, fiz minha primeira de várias viagens ao país<sup>3</sup> realizei e acompanhei entrevistas, conheci o “Arquivo do Terror”, bibliotecas e os espaços de memória do stronismo<sup>4</sup>. Naquele momento estudava as trajetórias de mulheres que estiveram à frente de organizações de direitos humanos numa pesquisa comparada sobre o Brasil, a Bolívia e o Paraguai. A experiência de ir ao país, andar pelas ruas, arquivos, falar e ouvir pessoas, sem dúvida, permitiram-me outro olhar, aquele que livro nenhum poderia proporcionar.

Durante o mestrado, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina e com uma bolsa de estudos propiciada pela Capes/DS, dei prosseguimento à parte da investigação iniciada na Iniciação Científica sobre Carmen Miranda Casco de Lara Castro (1919-1993), mulher paraguaia que em 1967 fundou a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*, e teve uma forte presença no Partido Liberal e na política como deputada (1968-1978) e senadora (1989-1993). Minha pergunta no mestrado era: como Carmen de Lara Castro pôde reagir como opositora ao regime stronista, sendo ele tão capilarizado na sociedade paraguaia? Como foi a construção de sua carreira política? Já que poucas mulheres ascendiam na política partidária e representativa.

Na tessitura da dissertação algo me incomodava, quase um inquietante sussurro, que perguntava, por que esse período era pouco estudado por historiadoras/es no Paraguai? Por que as mulheres envolvidas nas organizações de oposição não eram tão rememoradas nos livros que se detinham sobre o stronismo? Por que a história paraguaia, apesar de ser construída por uma

---

<sup>3</sup> Em 2012 fui com Joana Maria Pedro, Marilene Felix, Janine Gomes da Silva à Assunção. Em 2014, lá fomos nós de novo (professoras Janine Gomes da Silva, Leticia Nedel, a doutoranda Lorena Zomer, eu, na época mestranda e Josiély Koerich, estudante de História), dessa vez para apresentar a investigação em um encontro *ACIAGAS: Conmemoraciones Paraguay, Guatemala y Brasil 60 años después*. Em 2015 retornei, depois em 2016 e 2017, nesses últimos anos viajei para coleta de fontes. Neste período, para essas viagens, contei com alguns recursos do CNPq, nos projetos coordenados por Cristina Scheibe Wolff.

<sup>4</sup> O termo stronismo diz respeito ao período em que Alfredo Stroessner foi presidente do Paraguai (1954-1989) e ao sistema político, social e cultural de arranjos complexos que emergiu em torno de sua personalidade. Pesquisadoras/es que se dedicam a estudar esse regime autoritário, enfatizam que sua manutenção no poder por 35 anos se deu em um conjunto de infortúnios, no contexto global eram tempos de guerra fria e nacionalmente o país passava por conflitos políticos e sociais que remetiam a pelo menos à Guerra do Chaco em 1932-1935. Com isso, busava-se dimensionar que Stroessner não emergiu do nada, mas ao historicizá-lo, percebe-se que havia uma conjuntura para o seu fortalecimento, tais como o apoio das forças armadas, a penetração do partido colorado sociedade, uma polícia repressora eficaz, eleições regulares, discursos nacionalistas e o apoio dos Estados Unidos. (NICKSON, 2010, p. 265-294; SIMON, 1992)

memória coletiva de valentes heroínas, as tratou por muito tempo, como submissas? Onde estavam e sobre o que escreviam as mulheres escritoras/pesquisadoras/historiadoras no país? Ao ler os materiais produzidos pelo Centro de Documentación y Estudios (CDE) para a dissertação, essas perguntas me assombraram e me fizeram perceber que as mulheres escreviam, mas não tínhamos conhecimento sobre os materiais produzidos, pois suas publicações estavam em algum acervo físico longínquo e ainda era relativamente recente os trabalhos que abordavam o tempo presente na história, sobretudo paraguaia.

A saber, na década de 1980 para 1990, aconteceu algo raro no país, dentro de uma conjuntura de emergência<sup>5</sup> de vários grupos de mulheres que passaram a escrever suas histórias, muitos deles associados ao feminismo, e reivindicaram uma escrita sobre e para mulheres. Desse sussurro, quase um grito, que me empurrava a pesquisar, aprofundar mais e fazer mais perguntas, nasceu o projeto de tese aprovado em 2016. No início, meu trabalho estava direcionado para estudar as publicações do CDE- Área Mujer, porém no ano de 2018, fui à Assunção para coleta de fontes e tive acesso a um abundante material produzido por outra organização, chamada de Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya (GEMPA), a qual publicou entre os anos 1986-1994 a primeira revista feminista, a *Enfoques de Mujer*. Ao obter esse material<sup>6</sup>, ampliei a proposta de tese para verificar não somente a constituição e produção da Área Mujer do CDE, mas outro centro referência em estudos paraguaios, o GEMPA no Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES).

As viagens ao país não só fizeram-me conhecer a capital e os lugares de memória, e ver o chão de terra vermelha, sentir o ar quente, escutar o Guarani falado nas ruas e aprender, na conversa com as pessoas, coletar documentos. Durante elas aprendi a olhar de outra forma para os feminismos e as resistências. Descobri que entre as décadas de 1980 a 2000 emergiram diversos periódicos escritos por mulheres, ocorreram eventos, movimentação nas ruas, muitas viagens, diálogos e tensões entre as mulheres, assim como conexões com mulheres de outros países.

Ainda, nesse relato sobre os caminhos da investigação, em 2019 fiz uma incursão em terras argentinas propiciada pelo Programa Escala Posgrado da Associação de Universidades

---

<sup>5</sup> Utilizo o conceito de emergência para refletir sobre o feminismo e a escrita de mulheres e feministas no Paraguai, pois denota o sentido de ruptura ou aparecimento, que é contrária a busca de uma origem da escrita feminista. De acordo com Michel Foucault seria “a entrada em cena de forças, é a sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro”. (FOUCAULT, 2010, p. 24).

<sup>6</sup> Graças a intervenção de Glória Rubin não precisei digitalizar as revistas *Enfoques de Mujer*, pois recebi como doação para a pesquisa os dois tomos da revista publicados em formato de livro no ano de 2012 e que não havia encontrado para a venda.

de Montevideo (AUGM) na Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP) nos meses de julho até outubro. Durante esse período estive sob a orientação da professora Dra. Inés Perez que me incentivou a realizar disciplinas no Programa de Pós-Graduação para aprender sobre a produção periódica<sup>7</sup> e a participar do Grupo de Estudios sobre Familia, Género y Subjetividades da Facultad de Humanidades que me auxiliaram a refletir sobre a metodologia da tese. No intercâmbio estive em Mar de Plata, La Plata e Buenos Aires, percorri bibliotecas, apresentei a minha investigação em dois núcleos de estudos<sup>8</sup> e fui à dois eventos feministas<sup>9</sup> que me deram força, coragem e novas bibliografias para retomar a tese quando regressei ao Brasil. Esse caminho de viagens, questionamentos e encontros são importantes, pois mostram parte das “bagagens” trazidas até o momento da escrita. Sem querer ser cansativa ou criar uma impossível linearidade no fazer da pesquisa, busquei apresentar o trajeto para chegar à tese.

Nas publicações do CDE-Área Mujer e do GEMPA, as investigadoras apresentavam um olhar sobre o tempo em que viviam e as pautas feministas, mas havia também uma proposição de contar sobre o passado, sobre uma história esquecida no presente a partir das vozes, principalmente de mulheres. A proposta de escrita da história das mulheres paraguaias, para além de restituir uma memória de períodos longínquos, muitas vezes foi usada como subsídio para reivindicações de direitos e como base para identificação com o feminismo. A busca de uma história das mulheres no Paraguai está intrinsecamente conectada ao âmbito político<sup>10</sup>, pude observar também, através de revistas, entrevistas e livros, que foi usada tanto para trazer para aquele presente de ditadura da década de 1970-1980, o reconhecimento de várias lutas anteriores (através de biografias exploradas nas revistas e nos livros), quanto para fortalecer organizações e frentes de resistência.

Segundo o levantamento bibliográfico realizados por Mirtha Rivarola (1989), a escrita com um olhar para a mulher teve seu início na década de 1970, e geralmente os trabalhos tratavam de identificar e analisar a participação de mulheres no mercado de trabalho, no total foram encontrados 15 estudos. No ano de 1976, aumentou para 24 o número de trabalhos

---

<sup>7</sup> Publicações periódicas y cultura impresa en América Latina: Estudio de casos desde una perspectiva interdisciplinaria, ministrada pelas professoras Dra. Cristina B. Fernández e Dra. Mónica Scarano; Problemas de História de la Prensa, por Dra. Lila Caimari.

<sup>8</sup> Grupo de Estudios sobre familia, Género y Subjetividades da UNMDP e Grupo de Estudios de Sociología Histórica de América Latina da Universidade de Buenos Aires.

<sup>9</sup> XIV Jornadas Nacionales de Las Mujeres/IX Congreso Iberoamericano de Estudios de Género na UNMDP entre os dias de 29 de julho até 01 de agosto de 2019, 34 Encuentro Plurinacional de Mujeres em La Plata nos dias 12, 13 e 14 de outubro de 2019.

<sup>10</sup> Faço um adendo que essa não é uma exceção do Paraguai, a própria história das mulheres emerge de questionamentos feministas que ampliam a forma de ação e discussão do que seria o político, isso é algo que discutirei durante a tese, mas é importante afirmar isto desde o início do trabalho.

publicados e na década posterior, informa Mirtha Rivarola, o volume de textos sobre mulheres aumentou para 174. Abrindo o leque de estudos para outras questões como violência contra as mulheres, sexualidade, relatos sobre tortura e repressão, pobreza, direitos reprodutivos, democracia, feminismos e uma introdução da categoria gênero, entre outros. Esse número de trabalhos indicados pelas autoras, não apresentou só um maior interesse sobre a temática, mas também sobre o contexto paraguaio de produção científica e a renovação no campo das ciências sociais. Esse panorama deve ser associado à emergência da discussão sobre história das mulheres a nível global, a instituição do ano e a década da mulher em 1975, pela Organização das Nações Unidas (ONU), assim como aos Encontros Latino Americanos e Caribenhos (EFLAC).

É necessário pontuar que no Paraguai o pensamento feminista adentrou o país paulatinamente através de redes de mulheres que se encontravam nas igrejas e em espaços emprestados, na escuta do programa de rádio *Palabra de Mujer*, proposto por Gloria Rubín na rádio *Ñandutí*, assim como, por meio de mulheres exiladas que tiveram contato com grupos de reflexão ou de “concientización” (como era chamado por algumas mulheres na Argentina) (BARRANCOS, 2008, p. 155), ou por outras que percebiam as discussões presentes em seu cotidiano. Como a historiadora Joana Maria Pedro (2010, p. 133-134) informa o tornar-se feminista no Cone Sul ocorreu de distintas formas, mas muitas mulheres passaram a se perceber como feministas em períodos finais das ditaduras. Como enfatiza a historiadora, a luta maior era contra o regime e pelos direitos humanos, porém nesses espaços muitas vezes também nasciam reflexões feministas. E, segundo Cristina Scheibe Wolff (2007, p. 22), os temas referentes ao feminismo eram considerados pequenices ou que dividiam a luta pelas organizações de esquerda, já para os grupos de conservadores ou de direita o feminismo era considerado imoral por quererem subverter a ordem das coisas<sup>11</sup>.

No contexto do autoritarismo no Paraguai ocorreram alguns espaços criados por mulheres dentro dos partidos como o Liberal, o Colorado, o Febrerista, Comunista e o Democrata Cristão, mas muitos deles eram espaços de beneficência e de manutenção dos partidos (CORVALÁN, 1986; MOREIRA, 2011, p. 209- 222). Somente em 1961 as mulheres paraguaias conquistaram direito ao voto, mas havia pressão de grupos para a adesão de direitos políticos que remontam o início do século XX, associados a uma ideia de feminismo sufragista.

---

<sup>11</sup> Para saber mais sobre a discussão conferir em: (SARTI, 1998, p. 24-26; PEDRO, 2006, p. 249-272; COSTA, 2010, p. 174-190; WOLFF; PEDRO; CRESCÊNCIO, 2016, p. 53-69; SILVA, 2019, p. 22).

Nas décadas de 1970 e 1980, outros tipos de organizações mulheres vieram à tona como a Asociación de Abogadas Paraguayas, a Asociación de Amas de casa e a Comisión de Mujeres em sindicatos e federações de trabalhadoras/es, a Unión de Mujeres Paraguayas, a Frente Amplio de Mujeres, o Mujeres por la Democracia, a Coordinación de Mujeres Campesinas. Isso não quer dizer que esses grupos fossem feministas, mas que eram espaços para discutir temas entre mulheres e com reivindicações próprias.

Com isso, também preciso enfatizar que paraguaias e paraguaios não estiveram passivas/os diante do stronismo e há literatura disponível que acentua as resistências dentro do regime. Nas entrevistas realizadas por Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff com algumas personalidades paraguaias, foi narrado que as leituras feministas também não ficaram de fora do contexto, visto que um dos caminhos oferecidos para pessoas de camadas médias era comprar literatura disponível em outros países como Argentina principalmente, mas também Brasil.

Segundo a narrativa comumente encontrada nos textos de feministas paraguaias, o “novo feminismo” ocorreu na década de 1980, e teria sido estimulado 1- pelo contexto de crises internas e externas do regime stronista e pela contínua mobilização social; 2- por mulheres que já estavam vinculadas a centros de investigação ou organizações políticas; 3- pelos eventos nacionais, marcados pela discussão da Constituição em 1986/1987; assim como os encontros regionais e internacionais (ECHAURI, 1992, p. 15; SZWAKO, 2012, p. 94-106). Durante os anos de 1980 e 1990, a articulação de mulheres paraguaias organizadas conseguiu criar a Secretaria de la Mujer; modificou parcialmente o Código Civil que tutelava a mulher ao marido e o Código Penal e Laboral, incorporaram a categoria “gênero” como tema transversal na Constituição Nacional e o tema “mujer” foi incorporado ao *Plano Nacional de Desarrollo Economico y Social* (YORE; COLAZZO, 2001, p. 50-66).

A partir desse panorama de inquietações e do contexto apresentado, informo que com a tese busco apresentar e analisar como as mulheres do GEMPA e do CDE-Área Mujer escreveram suas histórias e como se utilizaram da escrita para narrar sobre a luta das mulheres e dos feminismos em suas produções periódicas. Se existe um movimento feminista paraguaio, pouco explorado pelas pesquisas acadêmicas até então, a pergunta que gera a tese é, como ocorreu a constituição de um campo de ação intelectual feminista no país? Para além dessa tarefa principal, há outras questões que se conectam e proponho através da bibliografia encontrada perceber: 1- Como emergiu o feminismo paraguaio? 2- Como construíram os espaços de investigação sobre mulheres, feminismo e gênero? 3- Quais eram os espaços de

divulgação de conhecimento feminista? 4- Qual era o perfil das mulheres envolvidas nos centros de investigação? 5- Quais eram as principais linhas de pesquisa? 6- O que intelectuais estavam produzindo nos periódicos feministas? 7- Quais foram as relações com os encontros feministas realizados no período? 8- Quem eram as mulheres visualizadas nos periódicos? 9- O que era ser feminista no Paraguai? 10- Como o gênero e o feminismo eram divulgados?

Durante 35 anos o país teve como presidente Alfredo Stroessner e nesse longo período havia censura as publicações, as reuniões, aos movimentos sociais, além da repressão aos organismos que ofereciam algum tipo de resistência ao regime<sup>12</sup>, como mostram os livros *El precio de la Paz*, os tomos da Comisión de Verdad y Justicia, os livros de Alfredo Boccia Paz, Diogo Abente, Olga Caballero Aquino, entre tantos outros<sup>13</sup>. A produção intelectual no país, segundo Lorena Soler também sofreu consequências, mas apesar do autoritarismo, foi nesse período da década de 1960-1970 que o “ofício de sociólogo” deu entrada no país, dentro de uma conjuntura de inserção de organismos internacionais e regionais que cooperaram financiando e articulando projetos<sup>14</sup>.

A autora informa que o aparecimento de institutos e de centros de estudos não são reações ao regime autoritário, mas a um contexto de mudança regional (SOLER, 2018, p. 60). Nesse panorama de apoios internacionais e regionais, pode-se mencionar as redes da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO), Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO), criados no período após a Segunda Guerra Mundial e que proporcionaram o aparecimento de organismos de investigação, cursos e faculdades (SOLER, 2018, p. 61-67). Se a sociologia se renovou nesse período regionalmente, o mesmo não ocorreu com a disciplina de história no país, que ficou presa a discussões políticas, sobre os grandes eventos e as guerras.

---

<sup>12</sup> É preciso atentar para as diversas proibições impostas pelo regime, e que obviamente eram burladas por grupos de pessoas em eventos culturais, por movimentos sociais e por partidos políticos ao longo das décadas de stonismo. A repressão a movimentos políticos, atos cívicos, entre outros, eram justificados pela Constituição Nacional e com base em outras leis como a 294/1955 de *Defensa de la Democracia*, a Lei 209/1970 de *Defensa del orden público y libertad de las personas* e o *Edito Policial* N° 3; que proibia toda reunião após a 1ª hora da madrugada. (ARDITI, 1992, p. 168-171). Para verificar as leis liberticidas, recomendo <http://www.meves.org.py/?node=page.66&meves=guided,596,0#>. Acesso em: 29 mar. 2023.

<sup>13</sup> Sobre o período em que Alfredo Stroessner esteve à frente de seu país como presidente existe considerável literatura que busca explicar esse personagem dentro da história paraguaia e serão destacados nos próximos capítulos. Entretanto, de forma resumida, diferente de outras ditaduras militares na região, sua subida à presidência não se deu através de um golpe ríspido. Em seu governo, apesar dos longos períodos de Estado de Sítio, havia eleições a cada quatro anos. A partir de 1963, partidos da oposição passaram a concorrer nas eleições. Como sustentam autoras e autores, o longo período de sua presidência é explicado por fatores externos e internos que não se aplicam somente pela figura de Stroessner e pela política repressora.

<sup>14</sup> Cf. (SOLER, 2018).

As décadas de 1960-1970, não ficaram somente marcadas por ações revolucionárias e autoritarismos, foi também um momento de táticas intelectuais e de criação de redes. No Paraguai em 1964, emergiu o Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES) e a *Revista Paraguaya de Estudios Sociológicos* (RPS), com o apoio da Fundação Ford, da CLACSO e da FLACSO, entre outros. Para Lorena Soler, foi no espaço situado em Assunção e com um pequeno grupo de intelectuais (majoritariamente homens) que foram produzidos dezenas de estudos sociais sobre o país e a revista se tornou reconhecida nacional e internacionalmente, por meio dela se traduziu e se publicou diversos trabalhos de importantes intelectuais da época. Assim, é possível desmentir a ideia de desconhecimento, pois no Paraguai havia produção intelectual e cultural, ainda que escassa se comparado a outros lugares. Apesar das dificuldades articuladas a uma ditadura de molde conservador, ocorria circulação de livros e revistas dentro dos espaços intelectuais, havia também uma rede de pesquisadoras/es que receberam bolsas para estudarem fora do país e, ainda, foram recebidos diversos intelectuais latino-americanos no bojo da rede FLACSO. Sobre a CPES e a RPS, Lorena Soler (2018, p. 173-175) reflete que poucas publicações paraguaias circularam em outras revistas, assim como a distribuição da revista era limitada a círculos acadêmicos.

A Investigação de Lorena Soler é importante, pois abre caminho para entender o CPES, as conexões com outros espaços de conhecimento, mas não aborda a criação do GEMPA em 1985 e tampouco trata da Revista *Enfoques de Mujer*. Essa é a primeira revista que emerge com uma postura de autoidentificação com o feminismo como práxis científica no país. Após um ano de criação do grupo, em 1986 começaram a publicar *Enfoques de Mujer*. Ao todo foram produzidas 33 edições da revista e no ao final do ano de 1994 foram encerrados os trabalhos de publicação. A equipe que estava à frente desse grupo era a mesma que atuava junto ao CPES e fazia pesquisas coletivas e produzia a RPS. A *Enfoques de Mujer* era impressa em Preto e Branco, tinha periodicidade trimestral, não possuía número de páginas definido e não indicava quem fomentava o grupo e sua publicação.

O outro grupo estudado nesta tese é a Área Mujer, criada no Centro de Documentación y Estudios (CDE), que desde seus primórdios passou a produzir diversos livros e revistas sobre história das mulheres e de gênero. Em 1989, começaram a publicar a *Informativo Mujer*, que tinha periodicidade mensal (era impressa com layout colorido, e também não possuía o número de páginas definido). A principal característica dessa revista foi o mapeamento de informações do que era publicado nos jornais do país sobre temas associados às mulheres, que eram sistematizados por assunto, reproduzindo matérias importantes e os calendários de eventos. Na

mesma organização, outro periódico publicado foi o *Anuario Mujer*, esse funcionava como um almanaque anual e tratava dos principais temas e eventos ocorridos no ano. Começou a ser impresso em 1989 e seu último número ocorreu em 1999. Em todas as suas edições, usaram imagens que remetiam ao feminino, às mulheres e ao Paraguai (tanto na capa quanto nas páginas do interior da revista). Assim como os outros periódicos, o número de páginas variava e apesar de anual, nem sempre era publicado em sua sequência.

Os locais de discussão e de produção de material impresso sobre feminismos e mulheres se deu nesse espaço de renovação dos estudos sociais localizados na capital paraguaia. Nas revistas havia tanto narrativas sobre os estudos paraguaios, quanto traduções de trabalhos, entrevistas, calendários com eventos ocorridos, bem como páginas dedicadas a apresentar o que os núcleos recebiam em suas estantes. Como uma forma de expor suas conexões, acompanhar o que se estava discutindo na região e as redes que dispunham no período.

Esse trabalho se coloca então, em duas esferas que emergiram em momentos distintos: os estudos de gênero e a história das mulheres. Sabemos que a proposta de escrever sobre mulheres e defender a inscrição dessa história ausente, é algo de longa data. Porém, a historiografia recente indica que em meados da década de 1960 e 1970, surgiram denúncias sobre a desvalorização do feminino e acerca do silenciamento sobre a experiência de mulheres. Entender porque mulheres são oprimidas foi uma das principais perguntas lançadas, e outra recorrente, era se escrever uma história das mulheres era possível? Com quais fontes trabalhar? Quais categorias? (PERROT, 2009, p. 111-115).

Recordo o espanto que tive ao ler o texto de Louise Tilly (2007, p. 28-62), no qual contava que em um evento sobre a participação das mulheres na Revolução Francesa, um historiador levantou a mão e perguntou: O que isso importava para a história? Muitas vezes escutei isso em sala de aula e de professores que questionavam a validade dos estudos de história das mulheres e de gênero, enfatizando que ao escreverem sobre as mulheres estariam realizando um trabalho pela metade, ou seja, sem os homens. Muitas vezes duvidei se alguma vez pararam para refletir que a história excluiu e silenciou pessoas, e que a história, também é feita de silêncios e esquecimentos nem sempre voluntários, mas muitas vezes planejados.

Entretanto, o que mais assusta é que a resistência a tais estudos ocorra (ainda), por um lado pela posição política associada aos feminismos (mas isso não quer dizer que todo trabalho sobre gênero e mulheres seja decorrente de uma postura feminista, como ensina Nelly Richard, não basta ser mulher para escrever sobre a opressão), por outro lado e associado a isso, a ideia de que se realiza um trabalho militante. Retornando a Louise Tilly, concordo com sua afirmação

quando informa que a importância de tais estudos, não é apenas apresentar trabalhos descritivos ou interpretativos, mas contribuir para identificar e expandir nossa compreensão sobre o passado, tomando as mulheres também como sujeitos da história.

O gênero, categoria que atualmente está no auge das discussões políticas, principalmente por desestabilizar privilégios heteronormativos, busca evidenciar e historicizar que as diferenciações sobre o sexo, o corpo e a identidade são criações socioculturais que não são universais e nem fixas. O conceito emergiu na década 1960 a partir de estudos antropológicos e, décadas mais tarde, condensada à história, preocupa-se em perceber como se dão as relações de poder ao longo da história da humanidade. Como se constrói categorias como mulher, homem? O que é o feminino, masculino? O que isso implica na vida das pessoas? Essa categoria associada a outras como raça, classe, etnia, potencializa a escrita da história, e, também, muitas vezes, busca criar no presente, equidade (SCOTT, 2012, p. 332; PEDRO, 2005).

As mulheres do GEMPA e do CDE - Área Mujer não ficaram de fora dos debates, apesar de que se comparado a outros países da região, havia poucos centros de estudos e circulação de informações no Paraguai. É importante situar as especificidades da produção paraguaia e a potência das investigações, para perceber como utilizaram as categorias para promover soluções táticas de promoção de igualdade (termo usado correntemente nos trabalhos paraguaios) em um contexto de regime político autoritário.

O recorte temporal da tese corresponde à emergência dessas ONGs de investigação e suas publicações periódicas em formato impresso entre os anos de 1986 a 2004, pois busca aprender sobre os discursos do feminismo paraguaio, as categorias usadas e sua relação com outros países e mulheres. Após a essa data ocorreram algumas tentativas de continuar com a produção de revistas pelo CDE nos sites da internet, porém nessa tese analiso somente as revistas em seu suporte impresso<sup>15</sup>.

Nos impressos encontramos um universo de temas e possibilidades, mas também é através deles que conseguimos pistas sobre o período em que os estudos sobre mulheres e gênero estavam começando no país. A justificativa da tese, portanto, não se dá pelas poucas investigações sobre os feminismos paraguaios na disciplina de história (essa é uma das perguntas que fundamentaram a pesquisa, a carência de estudos). Mas por entender que são

---

<sup>15</sup> Disponível em: [https://www.cde.org.py/?cdeim\\_tax\\_pub\\_tema=&fecha\\_ini=1970-01&fecha\\_fin=201610&cdeim\\_tax\\_pub\\_autores=&s=la+micr%C3%B3fona&post\\_type=cdeim\\_publicacion](https://www.cde.org.py/?cdeim_tax_pub_tema=&fecha_ini=1970-01&fecha_fin=201610&cdeim_tax_pub_autores=&s=la+micr%C3%B3fona&post_type=cdeim_publicacion). Acesso em 18 abr. 2023.

importantes para a história, as agências individuais e coletivas de mulheres e homens que escreviam e atuavam diretamente nas sociedades.

Dito isso, enfatizo que durante toda a tese fiz questão de mencionar os nomes e sobrenomes das pessoas envolvidas com os centros de investigação, sei que por vezes parecerá demasiado forçado e com característica de relatório, devido ao levantamento de dados. Mas, acredito ser de muita importância, nomear cada mulher que participou seja na revista, no encontro, na conferência e que são citadas nos impressos, pois na maioria dos textos que foram escritos a posteriori, elas não estão visíveis, e sem dúvida, colocá-las em destaque é intencional e busca promover a ideia de que as ações individuais têm relevância e que precisamos conhecê-las.

Para refletir sobre os feminismos e a ação de mulheres, algumas autoras foram importantes na elaboração da tese, como Sonia Alvarez, Joana Maria Pedro, Clare Hemmings, Marlise Mattos, Celi Pinto, entre tantas outras, de distintas maneiras têm evidenciado que o feminismo é “plural”, “polifônico” (ALVAREZ, 1998, p. 265-266), e que possuem histórias próprias que diferem de outros locais, como a Europa e os Estados Unidos, comumente narrados como matrizes do feminismo (FEMENÍAS, 2007, p. 12). A exemplo disso, a historiadora Joana Maria Pedro (2010, p.116) ao refletir sobre as apropriações e disputas do feminismo no Cone Sul<sup>16</sup>, assinalou que o peso exercido pela repressão das ditaduras teve impacto tanto na questão temporal quanto na forma de identificação com os feminismos. Para a autora, o período de autoritarismo promoveu o silêncio no Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai, através da repressão a manifestações, a panfletagens, e reuniões que tornaram impossíveis que tal debate se inserisse.

Apesar disso, havia táticas de mulheres que se encontravam em reuniões pequenas para discussão de textos, outras que saíram do país e puderam experimentar os movimentos de liberação das mulheres, enviavam materiais, escreviam cartas e, na volta ao país, também fizeram circular ideias. Segundo a autora, na década de 1970, no Brasil e na Argentina já havia uma movimentação de mulheres feministas, o que no Paraguai e na Bolívia, ocorreu a na década de 1980<sup>17</sup>. Sobre esse assunto é importante situar que esses dois países passaram por uma guerra na década de 1930 e os períodos posteriores foram de instabilidade política, em que promoveram um contexto de pouco espaço de manobra para tais discussões. No Uruguai e Chile

---

<sup>16</sup> As análises sobre o Cone Sul no Laboratório de Estudos de Gênero e História evidenciam os seguintes países: Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Chile.

<sup>17</sup> Conferir em: (FERREIRA, 2018).

foi durante a década de 1980 que veio à tona o feminismo. De forma geral, foi na década de 1980, em torno da transição de governos autoritários para outros mais democráticos, de retorno de pessoas exiladas, dos discursos pelos direitos humanos, que o feminismo emergiu.

Acerca das temporalidades e narrativas, Clare Hemings (2009, p. 216) salientou que a escrita sobre a história do pensamento feminista tem sido acompanhada de um discurso que aponta para perdas ou para um progresso — evidenciado através de décadas definidas que recortam o passado recente simplificando a complexidade do pensamento desenvolvido. Essa autora propõe, entre outras coisas, uma abordagem que não se fixa nas discontinuidades, mas nas relações entre as perspectivas feministas (HEMINGS, 2009, p. 235). Seu trabalho é inspirador e me fez questionar como as autoras paraguaias estavam contando sobre o passado recente, com quem dialogavam e qual era a narrativa dominante. Nesse sentido, outra autora que foi base para explorar a emergência dos feminismos é Sônia Alvarez (2014, p.18-19), pois elabora um quadro de referência em que tanto as narrativas de perda ou de progresso entram no campo discursivo de ação feminista.

O campo discursivo de ação parte do entendimento de que o feminismo está em fluxo permanente, é heterogêneo e é plural. Dessa forma, foi proposto por Sonia Alvarez como um aparelho interpretativo que possibilita acompanhar as mudanças nos feminismos contemporâneos e movimentos sociais, para perceber os entrelaçamentos de atoras/es individuais e coletivos que se “articulam discursivamente através de linguagens, sentidos, visões de mundo pelo menos parcialmente compartilhadas” (ALVAREZ, 2014, p. 18-19). Pois, assim como Celi Pinto (2010, p. 12) nos instiga a refletir, o feminismo pode ser compreendido enquanto teoria, categoria de análise e prática.

Luciana Ballestrin (2013, p. 89-117) nos indica que uma das críticas feitas pelos grupos subalternos e descoloniais é sobre o lugar de enunciação e as representações criadas a partir da Europa e dos Estados Unidos para denominar o resto do mundo. Os estudos descoloniais, desde a década de 1990, vêm apresentando o mapa da América Latina como ponto de referência para pensar questões de poder, raça, colonialidade e gênero. Esse olhar que muda de direção e propõe releituras acerca do conhecimento produzido nesse Sul Global, acerca da geopolítica dos conhecimentos feministas, realiza uma “desobediência epistêmica” (MIÑOSO, 2014, p. 203), como uma das possibilidades de interpretar o feminismo<sup>18</sup>. Preciso enfatizar que

---

<sup>18</sup> Yuderkys Espinosa-Miñoso (2014, p. 205-209) enfatiza que a episteme clássica, produzida por “blanco burguesas” de países centrais, não pôde reconhecer que em suas práticas, acabavam por reproduzir os problemas que buscavam ao criticar, o saber da ciência. Para a autora, as teóricas, como Sandra Harding e Donna Haraway

não estou desqualificando a produção intelectual europeia e norte americana, dadas as influências desse dentro do feminismo latino americano. Mas é de onde parto também para entender a correlação de forças nas narrativas e parte da produção escrita de mulheres paraguaias, que também tiveram contato com feminismos outros, seja no exílio, em viagem de estudos (como também ocorreu em outros países durante as ditaduras) ou em decorrência da aproximação com organismos internacionais.

Seguramente que em se tratando de fontes periódicas, a pessoa que escreve sobre um artigo, evento ou organização tem um interesse em passar a mensagem, dificultando ou silenciando as tensões, conflitos que poderiam ter ocorrido nos grupos de mulheres e feministas. Enfatizo essa característica pois, muitas mulheres que estavam envolvidas na edição e na escrita das revistas, eram também ligadas a outras organizações de resistência à ditadura, de mulheres políticas e às articuladoras feministas. Logicamente que essa não é uma predileção de fontes periódicas, mas ao olhá-las, como portadores de uma organização, proponho pensar essa imaginação como exposta em uma vitrine, na qual só vemos o que nos querem mostrar, deixando outras mensagens e informações nos recônditos do cenário imaginado.

Nesse caminho estou entendendo também que ao analisar as revistas, poderei interpretar a epistemologia desenvolvida pelas autoras em um espaço de conhecimento comumente masculino nas humanidades. A epistemologia feminista, resumidamente, nasceu da exclusão da experiência de mulheres na ciência; desqualificadas em detrimento de um conhecimento cartesiano, objetivo, neutro, sem corpo e universal (diga-se de passagem, o homem branco, racional e heterossexual). Como nos informam autoras como Sandra Harding (1993), Donna Haraway (2009, p. 7-41), mulheres feministas mostraram a instabilidade dessas certezas construídas e promoveram uma compreensão de que a ciência tem corpo, é marcada pelo lugar social, por relações de poder e saber, podendo sempre ser revisada e analisada.

Somando a essa discussão é importante marcar as contribuições de Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Linda Alcoff, de que o conhecimento feminista também deve questionar as próprias definições de discurso intelectual, refletindo quais são os conhecimentos considerados e costumeiramente aceitos como padrão. A postura dessas autoras indica que não se trata de reescrever a história de pessoas excluídas, mas de projetos de mudanças com perspectiva interseccional. Escritoras negras, indígenas, *chicanas*, latinas, *mestizas*, desestabilizaram o pensamento iluminista/colonial, promovendo questões importantes que

---

não realizavam uma crítica aos seus próprios privilégios como mulheres, e do atravessamento de raça e de classe na produção de suas críticas.

fomentam não apenas o diálogo teórico, mas principalmente prático<sup>19</sup>. Ao refletir sobre a produção de conhecimentos de mulheres feministas no Paraguai, procuro aprender essas conexões e entender o que foi promovido como teorização e método acerca das relações de poder.

E para tanto, metodologicamente, essa tese se inspira nas orientações de Tania de Lucca e Roger Chartier quando ensinam sobre os cuidados que devemos ter quando se trabalha com os materiais impressos. Das diversas reflexões da historiadora e do historiador, importam as conexões entre os impressos, os textos e as leituras, pois como assinala o historiador, “nenhum texto existe fora de seu suporte que lhe confere legibilidade” (CHARTIER, 2001, p. 219). Isso implica diretamente na maneira na qual o texto chegará até a/o leitora/or. Portanto, é necessário, além de estar atenta à materialidade do escrito, seja do livro ou do periódico, identificar as estratégias de escrita e as intenções da autora que de modo nenhum é transparente ou neutra.

Tania Regina de Luca ao evidenciar o cenário historiográfico brasileiro expôs que desde a década de 1980, os impressos têm sido amplamente estudados a partir de diversas temáticas e abordagens, com as significativas mudanças na historiografia vinculadas à crescente História Cultural. A autora citada salienta diferentes percursos e autoras/es que investigaram jornais e revistas, enfatizando que não existe um método específico ou uma fórmula para analisar esses tipos de fonte. Apesar de não haver uma maneira única de se abordar a imprensa e os impressos, Tania Regina de Luca sinaliza que os discursos promovidos pelos periódicos não são neutros e nem são produzidos de forma isolada, é necessário entender que os espaços de produção de periódicos – e dos livros – estão envoltos em disputas pelo poder. Portanto, devem ser apreendidos desde sua materialidade ao conhecimento específico do que as pessoas envolvidas na escrita “selecionavam, ordenavam, estruturavam e narravam” nos conteúdos destinados a/aos leitoras/es em um contexto cultural específico (LUCA, 2010, p. 29).

Ao refletir sobre a revista e suas práticas, a crítica literária, Beatriz Sarlo enfatiza que a revista corresponde a uma produção plural e a um tempo específico: o presente daquele passado. Nas palavras da autora, “Nada es más viejo que una revista vieja: ha perdido el aura que emerge de su capacidad o, mejor, de su aspiración a ser una presencia inmediata en la actualidad” (SARLO, 1992, p. 9), ao contrário dos livros, na maioria das vezes, a revista não adquire um “aire noble” (SARLO, 1992, p. 10). Talvez, interessando mais ao historiador do

---

<sup>19</sup> É impossível apontar todas as autoras e discussões trazidas nesse pequeno espaço introdutório. A discussão sobre a produção de conhecimento feminista será desenvolvida ao longo da tese, onde outros nomes virão à tona.

que propriamente a área da destacada autora, a revista estabelece um tipo de ordem, a escolha da letra, a disposição das páginas, as imagens destacadas, se há anúncio ou não, um contexto de produção e periodização. Há todo um aparato que se configura na tomada de decisões de uma equipe (o que não quer dizer que todas as pessoas que assinam a feitura da revista concordam com o produto final). Ao perder sua “aura”, a revista deixa pistas daquele presente e como se mirava para o futuro, esse jogo de temporalidades, tão comum na história, também deve ser percebida nesta tese, mesmo quando o período tratado é mais recente.

O discurso, conceito evidenciado nesta introdução em diversos momentos, será usado à medida em que interrogo a produção dessas organizações. A própria etimologia da palavra discurso aponta para algo em curso; mas ao mesmo tempo, sabemos que não circula livremente, ele possui regras de produção, tal como nos ensina Foucault<sup>20</sup>. Nesse sentido, a metodologia proposta entende que os objetos simbólicos produzem sentidos e que a análise se faz na interação do discurso com o sujeito e as condições determinadas em que os discursos são produzidos.

Para finalizar e amarrar toda a metodologia anunciada, com essa tese compreendo que os impressos coletados são fruto de posicionamentos feministas no Paraguai, portanto os materiais são entendidos como publicações feministas. A categoria empregada foi tirada de empréstimo de leituras de Elizabeth Cardozo (2004, 2015), Jacira Melo (2018), Maria Luisa Femenías (2014). As publicações feministas são ações de política direta para mulheres (e homens), através da difusão de notícias em meio de comunicação ou impresso unitário (livro, folheto, entre outros) que se entrega a um público, tornando-o público. As revistas que fazem parte do arcabouço de fontes da tese são publicações que foram produzidas em centros de investigação fora das universidades, e as entendo como publicações que fazem parte do espaço de discussões da década de 1980-2000, e trazem variadas contribuições sobre o movimento de mulheres e feminismos.

---

<sup>20</sup> No panorama de estudos na História que levam em conta os discursos, pode-se afirmar, concordando com Margareth Rago, que estes remontam a década de 1980 no Brasil. A autora ressalta que é entre 1970 e 1980, em meio à ditadura e censura política, que cursos de pós-graduação em história passam a se formalizar e alguns autores foram traduzidos no Brasil, de modo que passam a ser lidos por públicos maiores, como E. Thompson, Michel Foucault, Walter Benjamin e Cornelius Castoriadis. Nesse momento também, iniciou-se desde a filosofia e psiquiatria a presença de Michel Foucault em investigações no Brasil. Posteriormente diversos outros trabalhos na história também se fizeram influenciados pelo autor e se utilizaram de sua análise do discurso para escreverem seus trabalhos, como, por exemplo, Durval Muniz de Albuquerque Junior e sua tese *A invenção do Nordeste e outras artes que descortina os discursos em relação a essa região*. (RAGO, 1997; FOUCAULT, 2009; CASTRO, 2009).

Sem mais delongas apresento os capítulos que seguem na tese, e espero que você, leitora, aproveite o trabalho, que ele a faça refletir e criar novos problemas, afinal, é deles que a ciência vive.

No primeiro capítulo chamado de “Criando os estudos sobre mulheres no Paraguai” busco apresentar os locais de investigação na área das ciências humanas no país, fazendo uma espécie de panorama geral para compreender os espaços que foram criados na década de 1980 e que passaram a produzir materiais sobre as mulheres e para mulheres. Nele evidencio a criação do GEMPA e da Área Mujer do CDE, as narrativas que compõem as suas fundações e algumas das personagens que se tornaram referências nesses grupos de estudos. As perguntas mobilizadoras do capítulo são: Quais eram os espaços de investigação de cunho histórico no país até meados da década de 1980? Quais grupos pesquisavam sobre as mulheres paraguaias? Quem eram as pesquisadoras? E o que temos de informação sobre suas trajetórias? Quais eram as propostas dos núcleos de pesquisa recém criados?

O próximo capítulo intitulado “Os encontros feministas e articulações transnacionais — a consolidação dos feminismos latino-americanos” tem o objetivo de explorar alguns dos eventos feministas da década de 1980 e 1990. Através das revistas produzidas pelo GEMPA e pela Área Mujer do CDE, além de pesquisas que dão suporte sobre o assunto, procura entender como eles foram importantes para a criação, fortalecimento e consolidação das organizações mulheres no país. Nos eventos se vê a potência criadora dos grupos de investigação dado que passaram a também se articular e se espalhar para outros setores em um período pós-ditadura. Nos discursos das revistas, provenientes dos núcleos de investigações, muitas vezes os eventos aparecem como forma de legitimar o feminismo no país, visto que não seriam indiferentes às mudanças ocorridas internacionalmente.

“Escrever sobre e para mulheres — mapeando as publicações feministas no Paraguai” é o nome do terceiro capítulo e nele pretendo ajustar o foco da tese para investigar os impressos produzidos pelo o GEMPA e pela Área Mujer- CDE. Nessa parte procuro percorrer os projetos realizados por esses dois grupos e verificar as pesquisas que eram feitas, os financiamentos anunciados, quem eram as equipes que compunham os projetos impressos. Para compreender os discursos e a emergência desses grupos e suas preocupações feministas visíveis na investigação sobre mulheres, analiso principalmente os relatórios escritos sobre as organizações de mulheres, seus livros e as revistas publicadas.

O último capítulo da tese chama-se “feministas no Paraguai e os escritos sobre gênero e feminismo”. Nessa parte priorizo os discursos presentes nas revistas acerca das categorias

feminismo, gênero e procuro evidenciar as narrativas sobre feministas no país. Para tanto foi realizada a seleção de artigos publicados na *Enfoques de Mujer* e na *Informativo Mujer*, e ao olhar para os textos busquei as indicações de como eram apresentados, assim como procurei rastrear as suas discussões e historicizar os seus usos. Como se verá, o gênero foi uma categoria manipulada por autoras/es de fora do GEMPA e do CDE, e de distintas áreas do conhecimento, sua discussão também era realizada nos jornais da época e nem sempre esteve associado ao feminismo.

## 2 CAPÍTULO 1. CRIANDO OS ESTUDOS SOBRE MULHERES NO PARAGUAI

La historia más olvidada de todas, es de las luchas contra discriminación de género y la contribución femenina para la democratización del Paraguay (BAREIRO; SOTO; MONTE, 1993, p. 14)

Essa frase, se tirássemos o país de origem, caberia a qualquer lugar do planeta terra. Não é à toa que as organizadoras do livro *Las Alquimistas, documentos para otra historia de las mujeres* (1993) reforçaram o esquecimento ao qual as mulheres foram submetidas. A escrita da história muitas vezes apagou a presença das mulheres (e homens), silenciou vozes, mas também criou personagens e representações. Para refletir como se constituíram os núcleos de estudos sobre mulheres na década de 1980 no Paraguai, acredito que seja importante pensar os espaços de criação intelectual e como se tem escrito história no país. Para tanto, farei uma exposição sobre as instituições e universidades paraguaias, procurando mapear o debate e o campo em que emergiu uma perspectiva de estudos sobre mulheres, não como uma disciplina acadêmica, mas uma proposta de mudança de narrativa.

Ao tratar da emergência de instituições historiográficas na região do Prata, Tomás Corbo (2017, p. 59-60) informa que no Paraguai, no século XIX criou-se a primeira universidade, o Archivo Nacional e, nesse período, jovens foram enviados para Europa para continuação de seus estudos, professores foram trazidos e fundaram-se escolas. E entre as décadas de 1840 até o início da guerra em 1860, havia uma efervescência cultural da qual uma pequena elite intelectual poderia usufruir. Após a Guerra contra a Tríplice Aliança, a história do país é de uma dura reconstrução, e a escrita que emergiu em períodos subsequentes, através da pluma de autores paraguaios, de forma geral, enfatizou o caráter nacional, propondo a ideia de uma “raça mestiza” excluindo qualquer diversidade de discurso (BENÍTEZ, 2018, 2015). Essa escrita pujante foi circunscrita por um grupo de intelectuais, nascidos posteriormente ao conflito, e conhecidos como *Generación del 900* ou *Novecentistas*<sup>21</sup>.

Sobre isso, recorro as discussões de Cecílio Baez e Juan O’leary, estudados por Liliana Brezzo (2010, p. 24-25) nos jornais em meados de 1902. Esses intelectuais citados disputaram as narrativas sobre a história do país, e de forma resumida, pois há uma variedade de trabalhos que se dedicaram ao assunto, Baez reclamou a figura de López como a de um tirano responsável

---

<sup>21</sup> Essa nomenclatura *Generación del 900* ou *novecentista* agrupa personagens nascidos, principalmente no pós-guerra, e fizeram seus estudos no Colégio Nacional de Asunción ou na Faculdade de Derecho da Universidad Nacional fundada em 1889 (BREZZO, 2010, p. 22-23).

pela guerra. Em sua análise acerca da pobreza no país, relacionou a cultura despótica e a falta de oferta na área da educação (o termo “cretinismo” usado por ele se associa a esse aspecto). Ao passo que O’leary avaliou a imagem de José Gaspar Rodríguez de Francia e de Antônio Carlos López e seu filho, Francisco Solano Lopez, como de homens valentes, e no que se refere a análise sobre a guerra, enfatizou que a culpa era dos países vizinhos (BREZZO, 2009).

Os estudos de Marcela Quinteros (2016) e Liliana Brezzo, permitem compreender o contexto e perceber os discursos oficiais que circularam por vários países da região. Havia diversos olhares em disputa sobre a guerra, mas o que se tornou hegemônico, apoiava-se na ideia de um “povo paraguaio” patriótico que entregava a vida pelo seu país, além da elaboração de uma narrativa sobre a “edad de oro”, período anterior à guerra, que foi exaltado por Juan Natalicio Gonzalez<sup>22</sup> décadas mais tarde. O revisionismo de O’leary, trazia em seu bojo uma proposta de sentimento comum e positiva do passado, alicerçado em uma visão de que a história deveria ser patriótica (BREZZO, 2010, p. 24).

A historiadora Liliana Brezzo, ao tratar do período, nos dá pistas sobre o cenário de homens cultos mobilizados politicamente tanto em seus escritos, como na vida política<sup>23</sup>. Em 1895, criou-se o Instituto Paraguayo, segundo a autora, o propósito dessa entidade primeiramente, era estudar música, literatura, ensino de idiomas, além de exercícios como esgrima. Um ano após a sua criação, passaram a divulgar suas investigações na *Revista del Instituto Paraguayo*, organização que existiu até o ano de 1933 (BREZZO, 2016, p. 295). Possivelmente outros locais de produção de pesquisas possam ter existido<sup>24</sup>, mas cito esse pois teve impacto na historiografia e seus intelectuais estiveram envolvidos em cargos importantes no Estado Paraguai. Em décadas posteriores, muitos estudos sobre a região do Chaco, fronteira da Bolívia com o Paraguai foram produzidos devido às questões de disputas pelo território. A situação chaquenha se tornou insustentável a ponto de em 1932 ocorrer uma disputa bélica entre os países, e após quase três anos, o Tratado de Paz foi assinado<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> Foi aluno de O’leary, presidente paraguaio entre 1948-1949, escreveu diversas obras sobre a guerra, sobre os Lopez, escreveu em revistas como a de Guarânia, foi ministro das relações exteriores no México e recebeu uma estátua em sua homenagem. Para saber mais: (QUINTEROS, 2016).

<sup>23</sup> Há vários autores identificados com essa corrente ou geração, os mais conhecidos são: Ignacio Pane, Eligio Ayala, Fulgencio Moreno, Manuel Gondra, Blas Garay, Juan O’Leray, Manuel Domínguez, Arenio López Decoud, Gualberto Cardús Huerta, Alejandro Guanés e Teodosio González. Faz-se necessário pontuar, que os discursos nacionalistas não foram produzidos somente por intelectuais, de forma geral, a política de memória fundada no orgulho nacional é algo reproduzido de maneira a recriar uma nação saída de uma hecatombe. (BREZZO, 2009)

<sup>24</sup> Anibal Pozzo (2007) ao estudar o periodismo no país desde o século XIX, indica uma série de locais e revistas científicas, para saber mais, indico a leitura de seu trabalho.

<sup>25</sup> Para saber mais sobre a Guerra do Chaco, indico os seguintes trabalhos: (RIVAROLA, Milda, 2013, p. 161-175; CAPDEVILA, 2010).

O conflito no qual o Paraguai obteve a região do Chaco anexada ao território e os subsequentes acontecimentos, cimentaram a visão já existente de um passado heroico do país que estava em disputa entre os intelectuais do período. E com a *Revolução Febrerista* (1936) e a ascensão de Rafael Franco, ex-combatente da guerra, como presidente do país<sup>26</sup>, o discurso revisionista foi posto em prática. É nesse período que se revogou o decreto que declarava Solano López como traidor da pátria em 1869 (cabe acentuar que apesar do decreto ser oficial, havia discussões nos jornais acerca desse personagem) e se criou uma data para comemorar a batalha de Cerro Corá. Junto a isso Francia e os “López” foram destacados como heróis.

Os estudos históricos naquele momento foram impulsionados e se caracterizaram por investigações individuais e em associações privadas, criou-se a cátedra de História Diplomática na faculdade de Direito da Universidad Nacional de Asunción (UNA). Em 1937, fruto de uma organização privada, fundou-se o Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas e no ano de 1948, o curso de licenciatura em História foi instituído na recém-criada Facultad de Filosofía da UNA. Faço um adendo, que não é uma surpresa para nenhuma leitora deste trabalho, mas precisa ser realçado, nos cursos e no Instituto, eram os homens (e em sua maioria atuantes na vida política e institucional) os que escreviam sobre a história, e na maioria das vezes é sobre eles que ainda se escreve história no país<sup>27</sup>.

É interessante apontar, tal como faz Bonnie Smith (2003, p. 257- 272) quando tratou da emergência da história científica no ocidente no século XIX, que os homens de classe média eram enviados para os seminários e disciplinados para se aventurarem no fazer de seus trabalhos, e partilhavam do desenvolvimento de um tipo de masculinidade e isso teve implicações na própria prática histórica. Como exemplo, os espaços de investigações não eram locais de fácil acesso para mulheres e, muitas vezes, eram reservados somente para homens. Segundo a autora, para as mulheres era mais difícil, mesmo quando se destacavam em suas áreas e conseguiam trabalho, realizar suas investigações e muitas vezes eram consideradas sem importância, isso quando não se apagava os traços da pesquisa e da escrita feminina dos trabalhos<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> Sobre a revolução de fevereiro de 1936, sugiro o texto de Alfredo Boccia Paz (2013, p.182-189) que faz uma análise rápida dos acontecimentos.

<sup>27</sup> A saber pelo levantamento feito por Liliana Brezzo dos membros incorporados no Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas entre 1937-1956. (BREZZO, 2016, p. 305-306).

<sup>28</sup> A autora defende que as mulheres escreviam sobre história, ela faz uma arqueologia das mulheres escritoras, indica que muitas vezes foram ignoradas pelo tipo de abordagem ou classe a que pertenciam. O ponto de partida e chegada da autora é a Europa, Estados Unidos e Inglaterra. (SMITH, 2003, p. 393-441). Ver também o caso da Lucie Varga historiadora dos *Annales* (NEPOMUCENO, 2022, p. 105-124).

No contexto paraguaio não se pode afirmar que as mulheres estiveram ausentes na história, pois seria impossível esquecer as mulheres indígenas, as “matronas”, as “residentas”, as “reconstrutoras”, entre outras, que compõe o imaginário construído acerca da categoria “mulher paraguaia” e ainda são constantes nos relatos<sup>29</sup>. A Guerra contra a Tríplice Aliança teve impactos humanos inevitáveis no país e, ao final dela, uma grande parcela das pessoas sobreviventes eram mulheres, tal era o fato que entre os relatos do período se mencionava que o Paraguai era um país de mulheres (POTTHAST, 2011, p. 17-50, 386-393). A memória em disputa que foi se produzindo durante o século XX, na reconstrução dessa nação, teve na figura da mulher uma aliada heroica e que preservou a figura do soldado sobrevivente, esse que era carregado de culpa por não ter agido como bom patriota. A mulher nesse imaginário foi submissa aos deveres pátrios, seguiu as tropas durante a guerra e em período posterior teve um papel de salvaguardar a nação (CAPDEVILA, 2006, p. 76-83).

Um país de mulheres, mas não para as mulheres, embora numericamente superiores, havia homens o suficiente para excluí-las dos espaços de poder. Como salienta Luc Capdevila (2006, p. 84-85), a “mulher paraguaia” foi se constituindo em um símbolo apaziguador e que era revitalizado na prática política. O discurso, como se sabe, é aquilo “pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10), e durante o período, outros não se fortaleceram tanto quanto os elaborados dentro dos estatutos de gênero, mesmo dentro da discussão acerca da “reconstrutora” nacional ou das “residentas” também havia conflitos políticos associados as representações das mulheres ideais para inspirar a nação<sup>30</sup>. Capdevila (2006, p. 83-84) ainda frisa que embora as representações tenham sido recorrentes, somente no ano de 1959, próximo ao bicentenário da guerra que foi colocada uma placa de bronze para homenagear as “residentas” no Panteão dos Heróis e foi dada às mulheres o nome de uma rua, “Las residentas”.

Porém, um dos grandes problemas das histórias contadas sobre as mulheres na guerra, como sinaliza Barbara Potthast (2006, p. 84-106), é que esqueceram de mencionar o trabalho pesado das soldadas-campesinas que alimentavam as tropas e deram sustentação para a guerra. Se as mulheres não ficaram de fora da narrativa da história, elas apareceram como figuras heroicas, obedientes e dedicadas à reconstrução da pátria. Mas o que dizer das mulheres que são pouco lembradas na escrita? Aquelas que eram motivo de polêmica por suas ações

---

<sup>29</sup> Sobre o assunto, ver em: (POTTHAST, 2011; VALINOTTI, 2013).

<sup>30</sup> Um exemplo possível sobre as discussões acerca da representação da mulher, são as propostas de leis encabeçadas por Carmen de Lara Castro, na década de 1970, para a criação do dia da mulher paraguaia e para o monumento em homenagem à “Mujer de la epopeía nacional”. Cf. (SILVA, 2016, p. 122-132).

motivadas por questões políticas? Aquelas que discutiam sobre o direito ao voto e a educação? Quem escrevia e o que escreviam sobre elas?

Muitas das discussões acaloradas sobre a ação de mulheres do passado ocorreram nos periódicos no século XIX e XX. Os jornais eram veículos que circulavam de forma mais ampla e se discutia sobre diversas questões, podendo variar de acordo com o grupo editorial, afiliação política e os intelectuais que escreviam. Além disso, é importante recordar que os periódicos também exerciam controle e indicavam modos de distinção para mulheres e homens (ORTOLAN, 2010, p. 15, 97-98).

Intelectuais paraguaias nos informam que os primeiros debates sobre feminismo e a condição da mulher na vida pública se deram em jornais<sup>31</sup>, e emergiram como respostas as notícias sobre a ação de “damas” da sociedade<sup>32</sup> na região de Concepción no ano de 1901<sup>33</sup>. O nó da polêmica foi uma manifestação política escrita contra José Segundo Decoud, eleito Senador da República<sup>34</sup>. Quando a ação veio à tona nos jornais, elas foram chamadas de “ridículas” e “lembradas que pertenciam ao lar”, longe do debate público e das discussões políticas espaços de ação masculina por excelência (MARTÍNEZ; MONTE, 1999, p. 79-80).

É a partir desse contexto que Cecílio Baez e Arsenio Lopez Decoud<sup>35</sup> trouxeram informações sobre a manifestação das mulheres paraguaias e evocaram o tema do feminismo sufragista na Europa e Estados Unidos, inclusive usando aportes históricos. Não é de se surpreender que os primeiros textos que abordaram o tema tivessem a assinatura de homens, já

<sup>31</sup> Discussões que em meados do início do século XX, eram mais voltadas ao acesso à educação.

<sup>32</sup> As autoras se referem a mulheres associadas aos “hombres del poder” ou de grandes posses, donos de comércios, indústrias, e relacionados ao Partido Liberal. Cf. (MARTÍNEZ; MONTE, 1999, p. 20)

<sup>33</sup> Mary Monte e Ofélia Martinez (1999, p. 23) chamam a atenção de que a região de Concepción nesse período era uma cidade de interior, mas com uma vida social dinâmica, era uma zona de porto, com intensa produção de gado, madeira e erva mate, e uma das zonas mais importantes, depois de Assunção.

<sup>34</sup> José S. Decoud, era considerado um “legionário”, categoria que expressa pessoas que estiveram contra os auspícios de Francisco Solano Lopez durante a guerra, naquele momento pós a guerra, foi considerado um traidor da nação.

<sup>35</sup> Cecilio Baez (Partido Liberal) e José S. Decoud (Colorado) disputaram o senado. Após várias contendas, José Decoud foi proclamado senador. Seria interessante um estudo que levasse em conta as redes dos intelectuais e suas famílias (quase sempre esse tema é esquecido) para problematizar a discussão de ambos sobre a questão do movimento feminista. Arsenio Decoud (1867-1945) teve sua carreira militar inicialmente, estudou na Escuela Naval Argentina, foi para Europa estudou idiomas, pintura e música. Foi casado com Victorina Viera com a qual não teve filhos/as, e seus trabalhos foram vários, foi redator de revista e jornal, professor no Colégio Nacional e no Instituto Paraguayo, foi político, desempenhou funções diplomáticas em países da região, e coordenou a obra chamada *Albun gráfico del Paraguay* na esteira das comemorações da Independência do país. Cecilio Baez (1862-1941), estudou no Colégio Nacional, estudou Direito na UNA e depois foi professor na mesma faculdade. Sua carreira esteve marcada pela escrita em jornais, em revistas e em livros de história. Esteve envolvido na fundação do Partido Liberal, foi chanceler de vários presidentes, foi presidente provisório, reitor da UNA e presidente do Superior Tribunal de Justiça. Disponível em: [http://www.portalguarani.com/466\\_arsenio\\_lopez\\_decoud.html](http://www.portalguarani.com/466_arsenio_lopez_decoud.html) Acesso em: 11 nov. 2020; Disponível em: [https://www.portalguarani.com/324\\_cecilio\\_baez.html](https://www.portalguarani.com/324_cecilio_baez.html) Acesso em 11 nov. 2020.

que as mulheres dificilmente poderiam participar das redações de jornais. Mas, o interessante é que a ação das mulheres *Concepcioneras* foi a de enviar um telegrama ao Senado com as seguintes palavras, “Las damas paraguayas que suscriben envían sentido pésame por incorporación senador traidor José Segundo Decoud. Dios proteja destino Pátria” (MARTÍNEZ; MONTE, 1999, p. 12), além dos pêsames havia a assinatura de 36 mulheres da região de Concepción<sup>36</sup>. Sobre o fato, é importante atentar para a circulação das ideias feministas que no Paraguai estavam tomando força assim como em outros países da região. Não que as “damas” de Concepción fossem feministas, não há dados sobre isso, não se sabe se as *concepcioneras* se manifestaram diante do burburinho praticado por homens nos jornais, mas o desencadear desta ação foi usada como pano de fundo para o debate acerca do lugar da mulher.

A escrita de mulheres em periódicos do país ocorreu no início do século XX e foram poucos os impressos encontrados até o momento, as informações sobre os mesmos também são exíguas. Dos jornais listados a seguir foram apresentados no livro *Las Alquimistas*. O primeiro que se tem notícia é o jornal *Aspiración* produzido por Lelia Bogado e *La Voz del Siglo* de Ramona Ferreira (1902-1904). Na década de 1930, dirigido por Lorenza C. de Gaona foi publicado o *Correspondencia* da Agrupación de Mujeres Febreristas, já os jornais provenientes de movimentos pelo sufrágio são: o *Por La Mujer* da La Unión Feminista do Paraguay<sup>37</sup> (8 números), e o *El feminista* da La Liga Pro Derecho de la Mujer (o periódico teve 34 números publicados entre 1953 e 1962).

A Liga Pro Derecho de la Mujer era uma organização anticomunista e conservadora como várias que existiram no período<sup>38</sup>. Em 1954 apoiou o presidente Alfredo Stroessner e,

<sup>36</sup> O telegrama enviado pelas mulheres provocou comoção em vários jornais, El Civico, La Tribuna, La democracia. Cf. (MARTÍNEZ; MONTE, 1999, p. 105-146).

<sup>37</sup> “Flotan en el ambiente de nuestro pueblo soplos de lucha. Por primera vez en la historia de Paraguay surge la mujer espontáneamente dispuesta a discutir sus derechos ¡Es que el fruto está en sazón! El movimiento feminino iniciado en la Asamblea del día 26 de abril, en el colegio nacional, congregó un grupo considerable de mujeres de todas las categorías sociales. Ella dio la medida de las posibilidades actuales. Nuestra hoja sale en el momento oportuno, como a un conjuro, a completar, a plasmar ideas [...]”. (POR LA MUJER ...13/05/1936 apud BAREIRO; SOTO; MONTE, 1993, p. 463).

<sup>38</sup> Das organizações de mulheres entre 1930-1960: Centro Feminista Paraguayo (1929), Asociación Feminista (1936), Unión Feminista del Paraguay, Centro Cívico de Mujeres. Na década de 1940, outros grupos que também evidenciaram o sufrágio, Consejo de Mujeres de la República del Paraguay, Asociación Feminista del Paraguay, Unión de Democrática de Mujeres, Liga pro Derechos de la Mujer. Essas associações eram organizadas por mulheres nucleadas em áreas urbanas e de classe média, apesar de não haver muitas informações, sabe-se que a duração desses na maioria das vezes era efêmera, por se tratar de organizações políticas de mulheres, o que em si já poderia ser considerado um perigo, e também pelo contexto de conflitos políticos do período. É importante salientar que muitos desses grupos emergiram associadas aos partidos, certamente existiam outras organizações sindicais, camponesas e de mulheres do partido comunista paraguaio que não foram exibidas aqui, mas são possibilidades em aberto para pesquisas futuras. Para verificar tais grupos e estudos sobre organizações de mulheres, Cf. (BAREIRO; SOTO; MONTE, 1993; CORVALÁN, 1986).

talvez por esse motivo, dentre outros, permaneceu existindo até o ano de 1962. Teve importância na pressão pelas Lei 236/1954 de direitos civis e na Lei 704/1961 de direitos políticos para as mulheres. Dentro dos seus estatutos, buscaram ajudar na difusão de obras científicas, literárias produzidas por mulheres e promoveram a campanha de igualdade civil. Mencionavam não ter vínculo político, mas suas integrantes poderiam ou não fazer parte de algum partido. Após promulgação da Lei 704 de 1961, informaram em seu periódico, “¿Qué debemos hacer las mujeres? Capacitarnos cada vez más para la acción cívica; pensar en solución de los problemas de la colectividad, aportando ideas sanas y desechando los fines egoístas [...]” (EL FEMINISTA, 15/08/1963, apud BAREIRO; SOTO; MONTE, 1993, p. 15. p. 270). Ao alcançarem o objetivo do grupo, declararam que encerrariam a edição do jornal.

Diego Abente Brun (2014, p. 32, 264) informa que o caminho para eleição de Alfredo Stroessner em 1954, foi aberto pelas convulsões geradas pela Guerra Civil de 1947<sup>39</sup>, e teve sua força nos conflitos existentes nas Forças Armadas e no Partido Colorado, mas também na aliança com as elites dominantes. Além disso, numa conjuntura geopolítica de Guerra Fria, o apoio estadunidense foi decisivo e possibilitou a modernização conservadora que se deu no país nas décadas de 1960-1970 (BRUN, 2014, p. 51). A partir dos primeiros anos do regime às Forças Armadas foram se partidarizando, para tanto realizaram várias regulamentações, e o partido também sofreu imposições que buscavam unificá-lo, dessa forma grande parte da oposição considerada rival, foi morta, encarcerada ou enviada para o exílio (BRUN, 2014, p. 51).

Retomando a discussão sobre as instituições de produção de escrita da História no país, foi durante o stronismo que em 1956, o Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas começou a editar o *Anuario Historia Paraguaya*. E eram os campos de História Diplomática, Política e Institucional que principalmente despontavam nas publicações do grupo. Ao estudar as atas e as edições do instituto até o período de 1965, Liliana Brezzo (2010, p. 22-23) percebeu que em sua maioria os autores não tinham formação em história, mas que pertenciam a uma classe de homens intelectualizados que tinham acesso aos arquivos e material bibliográfico. Mas, no ano de 1965 esse instituto transformou-se em *Academia Paraguaya de la Historia*, e com ele redigiram um novo estatuto que possuía entre as suas tarefas: a de estimular os estudos históricos, defender o acervo nacional, publicar trabalhos clássicos nacionais, organizar eventos e colaborar com planos de estudo para área da educação (BREZZO, 2016, p. 311-312). Segundo

---

<sup>39</sup> Para saber sobre assuntos relativos aos conflitos gerados em 1947, Cf. (FLORENTÍN, 2013).

a citada historiadora mais do que uma mudança estrutural, a academia também refletia o reconhecimento de alguns historiadores dentro do grupo que estavam buscando maior rigor nas investigações históricas e que também tinham carreira universitária.

Ainda sobre o Instituto Paraguayo de Investigaciones Históricas, ao verificar a listagem de membros no site da instituição, foi possível perceber que a única mulher registrada como parte integrante da associação foi a escritora María Concepción Leys de Chaves (inscrita em 1956). Após a mudança dessa organização para a Academia Paraguaya de la Historia outras mulheres foram incorporadas como sócias e correspondentes, mas apesar de que a presença tenha aumentado, a organização ainda é majoritariamente masculina<sup>40</sup>.

Outra organização interessante de mencionar, ainda que se tenha poucas informações, é o Instituto Femenino de Investigaciones Históricas. Esse foi criado em 1966, por egressas do curso de História da Universidade Católica e da Universidad Nacional de Asunción<sup>41</sup>. Essa organização merece um estudo à parte, dado o período e pela aspiração a publicação de trabalhos investigativos sobre “a mulher paraguaia”, categoria essa que foi usada para justificar a fortaleza de um país que sobreviveu à guerra. A historiadora Adelina Pusineri, em conversa informal, contou que foi por conta da exclusão de mulheres de espaços de investigação que surgiu tal organização, porém não encontrei pistas que confirmassem tal possibilidade.

Segundo Ana Barreto Valinotti (2011, p. 360-361) a principal “missão” dessas mulheres do instituto era recuperar documentos e os objetos saqueados em meio a Guerra da Tríplice Aliança e que estavam no Brasil. Entretanto, essa não foi única a atividade do grupo, o movimento de restituição do *Libro del Oro*<sup>42</sup>, foi iniciado durante as comemorações do Centenário da “Epopéia Nacional” em 1970. Nesse ínterim editaram o *Anuario del Instituto Femenino de Investigaciones Historicas* (1970-1971) destinado aos estudos históricos, e por meio do sumário percebo que havia somente mulheres na composição dos artigos e os trabalhos

---

<sup>40</sup> Essa organização que ainda funciona nos dias atuais e se mantém ativa na área de divulgação histórica, tem em seu website a lista de *numerarios, fundadores e correspondientes* disponíveis. Cf. em: <http://www.academiaparaguayadehistoria.org.py/numerarios/> Acesso em: 04 abr. 2023.

<sup>41</sup> Disponível em [http://www.portalguarani.com/2129\\_instituto\\_femenino\\_de\\_investigaciones\\_historicas/15175\\_anuario\\_del\\_instituto\\_femenino\\_de\\_investigaciones\\_historicas\\_volumen\\_n\\_1.html](http://www.portalguarani.com/2129_instituto_femenino_de_investigaciones_historicas/15175_anuario_del_instituto_femenino_de_investigaciones_historicas_volumen_n_1.html) Acesso em: 05 abr./2023.

<sup>42</sup> O livro tem 111 folhas escritas à mão, mede de 31,6 cm por 24,8cm. Nele consta os nomes de mulheres que tinham a “intenção de doar” seus pertences para a auxiliar o custeio da guerra, e foi um dos resultados das *Asembleas del Bello Sexo Nacional*, organizadas pelas mulheres das camadas altas de Assunção, em fevereiro de 1867. Ana Valinotti sustenta que durante todo o processo da guerra, mulheres e homens entregaram o que podiam, desde escravos, galinha, doces a armas. Entretanto, o livro de ouro é um feito substancial e funcionou como uma manifestação de doação, ou seja, nele há os nomes de pessoas e os pertences doados. O livro de ouro, indica a autora, foi levado por Elisa Lynch ao deixar o país, mas de alguma forma terminou no Rio de Janeiro. Outra pesquisadora, Delphine Demelas (2019, p. 162) explicita que a produção do livro foi um dos obséquios entregues ao Marechal López.

eram voltados sobre a temática das mulheres paraguaias, como uma valorização da participação feminina na história<sup>43</sup>.

Importante também é a figura da historiadora Idalia Flores Zarza (1918-2009), formada em História e Relações Internacionais no ano de 1961 pela UNA, e foi uma das fundadoras do Instituto Femenino de Investigaciones Históricas. A historiadora teve papel destacado na elaboração do projeto do *Dia de la Mujer Paraguaya*, apresentado pela deputada nacional Carmen de Lara Castro em 1974 (SILVA, 2016, p. 121-132). Além disso, foi uma das promotoras da devolução de documentos paraguaios que estavam na Biblioteca Nacional no Brasil, como o Livro de Ouro em 1975. É um nome conhecido nos trabalhos do CDE e GEMPA e um dos poucos casos de investigadora realçada na historiografia nacional. Foi professora nas Universidades Nacional e a Católica na década de 1990 e publicou livros *La Mujer Paraguaya protagonista de la Historia* (1987,1993) (ARMAS DE MUJER, 2000, p. 68).

Voltando à década de 1960, o campo da educação escolar também sofreu modificações e foi um dos pilares do regime. No ensino havia o reforço do discurso que legitimava a história da nação e uma ideia do “período de ouro”, anterior a Grande Guerra ou contra a Tríplice Aliança (1864-1870), e outro ponto importante foi o combate a ideias comunistas. Nesse sentido, entre os anos de 1957 e 1973 ocorreram mudanças significativas no campo do ensino, elas estiveram conectadas principalmente a incentivos de organizações exteriores como a Aliança para o Progresso, a USAID, a SCIDE e a UNESCO. Em pesquisa sobre a educação no Paraguai David Velasquez e Sandra D’ Alessandro (2018) apontaram que nesse período ocorreu o aumento do número de crianças em idade escolar matriculadas no primário e no secundário, assim como maior presença feminina nas escolas e universidades,

En lo relativo a la matrícula femenina, el Paraguay registró un crecimiento enorme entre 1960 y 1980, de alrededor de 400%, mientras que la masculina había crecido en 387% en la educación primaria. En la educación secundaria, los porcentajes por sexo se habían igualado entre hombres y mujeres, desde 1960; mientras que en la educación superior la relación era de 42 mujeres por cada 100 estudiantes (VELÁZQUEZ; D’ALESSANDRO, 2018, p. 36).

Na educação superior, Domingo Rivarola (2003, p. 40) também indica que houve aumento no número de matrícula entre os anos de 1960 e 1970. Com a criação de novas faculdades e cursos. Segundo o autor a UNA tinha 8 faculdades e 3 mil estudantes na década

---

<sup>43</sup>Disponível em:

[http://www.portalguarani.com/2129\\_instituto\\_femenino\\_de\\_investigaciones\\_historicas/15175\\_anuario\\_del\\_insti\\_tuto\\_femenino\\_de\\_investigaciones\\_historicas\\_volumen\\_n\\_1.html](http://www.portalguarani.com/2129_instituto_femenino_de_investigaciones_historicas/15175_anuario_del_insti_tuto_femenino_de_investigaciones_historicas_volumen_n_1.html) Acesso em: 05 abr. 2023.

de 1960 e na década seguinte, em 1976 a universidade passou a alcançar outras regiões e não apenas a área urbana. O pesquisador sustenta que em 1984, aproximadamente 20 mil estudantes estavam articulados em 23 faculdades. Sobre o contexto, salienta que ocorreu um momento de “cambios sociales y económicos: la creciente participación de la economía en el plano internacional, mayores inversiones extranjeras y la ayuda externa creciente para el desarrollo rural y agrícola” (RIVAROLA, D., 2003, p. 43). Para o autor o crescimento universitário foi mais uma reação do momento do que uma mudança substantiva, pois não ocorreu uma transformação a nível de estrutura organizativa.

O ingresso de medidas para a área da educação, proporcionou maior número de matrículas em todos os níveis, principalmente em áreas urbanas e vistos em primeiro plano, essa ampliação do ensino se assemelha a outros países Latino Americanos<sup>44</sup>. Contudo, o uso da História e o lugar que as Guerras e seus personagens ocuparam na narrativa histórica é algo interessante de se problematizar. Luc Capdevila (2006) ao pesquisar a memória coletiva em torno da Guerra Grande, indica que o sentimento de nação e o discurso heroico, construído por meio da glorificação de soldados e de Marechal Solano López, foi produzido oficialmente nas décadas após os anos 1930<sup>45</sup>. Durante as décadas de 1960 a 1980, a própria imagem que Stroessner buscava apresentar conectava a sua figura ao passado-presente-futuro glorioso do país. O estilo próprio de conexão com o passado, realizado por intelectuais revisionistas, exibiu a ideia de Stroessner como o “II Reconstructor”<sup>46</sup> como um herdeiro de Bernardino Caballero (I Reconstructor e fundador do partido colorado).

A reforma escolar, associou-se ao discurso nacionalista, militar pré-existente e foi usada para retificar o regime de Stroessner e a história do país em sala de aula, como mostrou o estudo de Velasquez e D’Alessandro (2018). O revisionismo histórico, nesse sentido, teve papel fulcral e das propostas educativas e políticas que eram conservadoras em seu cerne, os atributos de homens e de mulheres foram reforçados (para a mulher a doçura e ao homem valentia). Assim havia poucos espaços para denúncia e criação de conhecimentos outros.

O stronismo soube se pautar nas configurações de gênero e buscou delimitar os espaços transgressores em meio ao cerceamento da população. As duas primeiras décadas do

---

<sup>44</sup> No Brasil a modernização autoritária/conservadora nas universidades, diferentemente do Paraguai, implicou expansão de vagas, organização da carreira docente, criação de departamento, fomento à pesquisa e a pós-graduação. Sobre esse assunto, cf. (MOTTA, 2014).

<sup>45</sup> Luc Capdevila nos recorda a importância de instituições públicas para realizar uma política de memória, no caso paraguaio, o autor indica que na década de 1920 passou a ser mais efetivo as comemorações de valorização do povo paraguaio em detrimento da guerra. (CAPDEVILA, 2006, p. 76).

<sup>46</sup> “El reconstructor”, reconhecido pelo revisionismo histórico no país, seria Bernardino Caballero, foi general durante a Guerra Grande, e tornou-se presidente no pós guerra (1880-1882, 1882-1886).

regime foram períodos de intensa repressão aos movimentos estudantis, as guerrilhas, a literatura, a música e a arte<sup>47</sup>. Apesar disso, havia revistas e folhetins que faziam denúncias e reclamavam até da postura de intelectuais frente ao autoritarismo de Estado, algumas delas partiram dos centros acadêmicos, o que gerava prisões, perseguições, recolhimento de materiais produzidos e, subsequente impossibilidade de continuar os trabalhos, como ocorreu com a revista *Critério* (1966-1971, 1977) e a *Frente* (1971-1976) (SOLER, 2018, p.7, 123-149).

Não foram raras as denúncias contra a perseguição a políticos e intelectuais como nos mostram os informes e livros sobre o período. Na década de 1960 as universidades não eram o centro da produção de conhecimento dado a própria repressão. A seleção para os cargos de diretoria da Universidad Nacional de Asunción (UNA) partiam do executivo e os professores eram constantemente vigiados. É necessário pontuar que para ser um funcionário público, também se deveria estar filiado ao partido Colorado, o que transformava o ambiente em contínua tensão devido às inúmeras denúncias e vigilâncias policiais. Não é sem motivo que comumente se enfatiza que a UNA era um reduto de *colorados*.

Apesar desse ambiente alguns cursos foram criados na UNA e a Universidad Católica de Asunción (UCA), subsidiada pela Igreja Católica foi constituída no ano de 1960<sup>48</sup>. Na UCA emergiram revistas acadêmicas como a produzida pelo Centro de Estudios Antropológicos (1950), a *Suplemento Antropológico* (1965) e a *Revista Estudios Paraguayos* (1973) (MELIA, 1997, p. 23-24). Lorena Soler (2018) ao tratar do campo de instituição da sociologia moderna no país aponta as disputas entre os espaços de saber, indicando que diferente do Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES) que era uma organização sem fins lucrativos, aquelas revistas associadas a universidade possuíam menos autonomia na seleção dos assuntos, importante também é que muitos dos professores do curso de sociologia aberto na UCA vieram do CPES.

Ainda na UCA um grupo de estudos organizado por Olga Caballero Aquino e Marilyn Godoy Ziogras, ao que tudo indica, foi o primeiro a tratar da temática da Mulher Paraguaia. Em 1981, criaram o Centro Paraguayo de Estudios de la Mujer (CEPEM) na Facultad de Ciencias Jurídicas y Diplomáticas. E estava orientado aos objetivos auspiciados pelo Encontro das Nações Unidas em Copenhague (1980), esse núcleo de estudos buscava investigar sobre a “história, condiciones e as necesidades de la mujer paraguaya” (ECHAURI; SOTO; TORRES,

---

<sup>47</sup> Ver capítulos referentes a esses temas no seguinte livro (TELESCA, 2010, p. 375-424).

<sup>48</sup> A UCA não recebia dinheiro público, “se sostiene exclusivamente com las cuotas de los alumnos”. No texto produzido sobre as atividades realizadas na UCA, publicado na revista *Estudios Paraguayos*, informavam que havia bolsas anuais para “los más capaces”. (PRINCIPALES 1973, p. 199).

1991, p. 44) com o intuito de achar respostas sobre as desigualdades. A atuação do CEPEM era associada à área jurídica, e desenvolveu pesquisas sobre as condições das mulheres nos presídios, e propuseram assistência legal e humanitária às mulheres, dentro do CEPEM buscaram desenvolver o tema dos direitos da mulher na disciplina do Direito da Família na mesma faculdade<sup>49</sup>

O campo das investigações históricas esteve por muito tempo influenciado por uma visão excludente, belicista e de caráter nacionalista, reduzida a um pequeno grupo de intelectuais revisionistas. Essas versões do passado, deixaram marcas na produção de conhecimento e na possibilidade de criação científica no país, soma-se a isso o pouco incentivo nas universidades, que não colaborou com a criação de espaços de investigação. Do exposto decorre que foi nas organizações privadas que as pesquisas na área das ciências humanas nasceram e não nas universidades como em outros países da região. Thomás Corbo (2017, p. 69) indicou que os circuitos de intercâmbio intelectual não funcionaram no Paraguai a ponto de colidir com paradigmas até então postos pelo revisionismo, mas há pelo menos duas décadas, esse cenário vem mudando. Nesse sentido, é necessário enfatizar outras experiências de escrita, que recentemente os estudos têm revelado e se tornaram alcançáveis para um público desconhecedor da história intelectual do país, fortalecidos após a abertura política.

Foi no contexto de criação de redes regionais de investigação em ciências sociais, de cooperação internacional e de fortalecimento dos feminismos que os grupos de estudos das mulheres e as revistas apareceram. A proposta de escrever para o conhecimento da história das mulheres e para a mudança social foi a justificativa para a produção de publicações desse prumo. Contudo, o desenvolvimento desse campo de estudos dependeu de financiamentos externos, para a manutenção dos projetos e desenvolvimento profissional (bolsas de pesquisa e capacitação), algo que limitou sua ampliação no país, associada à carência de investimentos nesse setor nas universidades<sup>50</sup>. Ao analisar os materiais feministas, verifiquei que os núcleos de investigação buscaram mudar a maneira de escrever sobre História. Esses grupos

---

<sup>49</sup> No ano de 1986, Olga Caballero Aquino, Marilyn Ziogas e Manuelita Escobar de Peña, publicaram o livro *Pintadas por sí mismas, história de dez vidas* que continha a histórias de mulheres camponesas, essa obra foi uma publicação importante no período sendo citado diversas vezes nas revistas. Cf. em Acervo de entrevista do LEGH/Paraguai.

<sup>50</sup> Sabemos que sem financiamentos a pesquisa e as possibilidades de se produzir conhecimento científico são escassas e limitadas, vivemos esse refluxo no Brasil nas universidades e outros países latino americanos também. Mas, voltando para a intenção dessa nota de rodapé, nas décadas de 1960,1970, 1980, ocorreram grandes investimentos de organizações internacionais em áreas de pesquisas em educação, saúde, biologia-química, tecnologias agrícolas, ciências sociais entre outros. Cf. (FARIA; COSTA, 2006, p. 159-191; ALVAREZ, 1998, p. 268-269; VALDÉS, 2004).

constituídos no interior de centros sem fins lucrativos que já estavam estabelecidos no país há algum tempo, desenvolveram muitos projetos em um período em que o campo feminista latino americano estava em pleno diálogo.

## 2.1 O QUE FAZIAM AS MULHERES DO GEMPA?

No ano de 1986 a *Enfoques de Mujer* nasceu em solo paraguaio com a criação do Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya ou o GEMPA, uma área de estudos dentro do Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES). Em seu primeiro número, a revista trouxe a apresentação do diretor do centro, Domingo Rivarola, que abordou a importância de tal periódico e da criação do grupo de estudos da seguinte forma:

En cuanto expresión de una praxis, la revista aspira ligar estrechamente la tarea de investigación con el compromiso feminista, es decir, acompañar un movimiento social cuya meta no es otra que encontrar cauces para posibilitar una sociedad en la cual las mujeres participen en sentido pleno y completo de la vida económica, social y política [...] (RIVAROLA, D., 1986, p. 4, n. 1).

Encontrar “cauces”, que pode significar canais, vias ou meios, é usado como justificativa para o aparecimento do GEMPA e da revista. Nesse trecho Rivarola explicita que ao buscarem acompanhar, a partir de uma postura feminista, os conhecimentos sobre a participação das mulheres na sociedade, também aspiravam modificar o cenário desigual no país. A tarefa intelectual por detrás da revista, como informa o sociólogo, é resultado da união da teoria e da prática. Na mesma apresentação anunciou que o grupo de estudos fazia parte do CPES, com isso indicou a filiação de uma instituição reconhecida para além das fronteiras do país. Essa característica é importante, pois sinaliza para uma das possibilidades da emergência (e longevidade) do GEMPA e da revista *Enfoques de Mujer* em meio à ditadura stronista.

O CPES foi criado em 1964 em torno da figura de Domingo Rivarola e de incentivos de organizações internacionais para a sua constituição, o estudo de Lorena Soler indica que possivelmente foi a Fundação Ford a primeira parceira do centro de estudos<sup>51</sup>. Em seu início funcionava no segundo andar do Instituto Latino Americano de Relações Internacionais (ILARI) localizado em Assunção. A socióloga nos dá pistas sobre as táticas de sobrevivência

---

<sup>51</sup> Soler aponta que Domingo Rivarola conheceu Richard Adams representante da Fundação Ford em Buenos Aires, segundo a autora havia interesse em apoiar investigações no país e alguns pesquisadores do CPES receberam bolsas de estudo para realizarem seus estudos nos Estados Unidos. Cf. (SOLER, 2018, p. 68).

do CPES ao investigar as possibilidades de criação do campo moderno das Ciências Sociais no Paraguai dentro de um sistema autoritário. Questionando as condições sócio históricas para tal feito, mostrou que estava em marcha uma renovação das ciências sociais e regionalmente havia financiamento internacional e multilateral para a criação de agendas de estudos com os auspícios da UNESCO, FLACSO, CLACSO, CEPAL, entre outros órgãos estatais e privados<sup>52</sup>. A autora sustenta que dentro de uma modernização conservadora o stonismo modificou as estruturas sociais e gerou condições para a constituição das ciências sociais capitaneadas pelo CEPS e, posteriormente com o curso de Sociologia na Universidad Católica em 1971.

Ao se aproximar da experiência das/os integrantes do Centro de Estudos em Ciências Sociais a autora percebeu que havia uma rede de intelectuais em formação desde a década de 1960 na região, articulados com personalidades importantes como Gino Germani e Alfredo Povina<sup>53</sup> da Argentina, e no diálogo com intelectuais bem relacionados com instituições internacionais, a criação do CPES tornou-se possível. Algo importante a mencionar é que o CPES não nasceu como uma reação ao regime stonista, não se trata de um grupo que fazia denúncias ou realizava uma crítica direta ao sistema político, pois isso não seria tolerado pelo regime.

Ao estudar o material impresso pelo CPES, a *Revista Paraguaya de Sociología* (RPES), Lorena Soler compreendeu que o grupo evitava usar termos que pudessem ser associados a “reflexões de esquerda” ou autores que poderiam ser motivo de problema com os Departamentos de Investigações. Uma das pesquisadoras do grupo CPES, colaboradora desse periódico e fundadora do GEMPA, Graziella Corvalán, indicou que se tinha o cuidado de substituir as palavras como “um resguardo consciente” (SOLER, 2018, p. 120-121, 157). Em entrevista a Lorena Soler, contou que como revisora e tradutora da revista “mi trabajo era corregir lo que ellos escribían, que no hubiera palabras como ‘revolución’ porque la cuestión Stroessner estaba en su tope. Y bueno, entonces, (...) ver, realmente, sacar las palabras que eran complicadas, que yo sabía que nos iban a traer problemas” (SOLER, 2018, p. 157). Apesar da autocensura como forma de sobrevivência, que aliás ocorreu em todos os países do Cone Sul, Soler (2018, p. 158) indica que vários autores latino americanos associados ao pensamento

---

<sup>52</sup> A autora sugere que a nível continental a Conferência Internacional dos Estados Americanos em Bogotá no ano de 1948, ofereceu apoio decisivo para a criação de uma rede de investigações em ciências sociais. Esse evento e outros ocorreram em um contexto de interesse por conhecer a América Latina, e disso decorre a criação de diversas instituições. (SOLER, 2018, p. 52).

<sup>53</sup> Sociólogo Argentino apontado como um dos conformadores da moderna sociologia na Argentina, criador de institutos e de redes intelectuais.

crítico passaram pela RPES, mas de modo geral, os integrantes do CPES não eram pessoas associadas a organizações de esquerda.

Antes da emergência do GEMPA e da *Enfoques de Mujer*, muitas mulheres publicaram seus trabalhos na RPES. Através do levantamento de índice de autoras/es publicados e organizado por Lorena Soler dos números 01 ao 126 da citada revista, que foi generosamente compartilhado comigo. Verifiquei, a partir da contagem nominal de autoria de mulheres, que a presença de autoras foi aumentando progressivamente a partir da década de 1960. Através desse levantamento percebi que inicialmente eram raras a presença de autoras quantitativamente (não apenas paraguaias), somados eram menos de 10 o número de artigos publicados.

Na década de 1970, a publicação de mulheres aumentou para 30 (ou mais) artigos e na década de 1980 eram aproximadamente 60, entre os anos 1990 e 2000 as publicações eram mais de cem<sup>54</sup>. Nessa listagem de autoras/es da RPES percebi nomes conhecidos dos estudos sobre mulheres, como da socióloga argentina, Elizabeth Jelin (1973 e 1977) e da chilena Julieta Kirkwood (1980 e 1981). Esse quadro genérico serve para reforçar que assim como em outros lugares do mundo a escrita feminina foi tomando espaço em revistas acadêmicas, e no Paraguai isso coincidiu com a criação dos núcleos de estudos sobre mulheres e aponta para as redes constituídas no período. Lorena Soler (2018, p. 178) informa que nos artigos da RPES, as mulheres apareciam principalmente em estudos sociológicos e antropológicos, e eram objetos de informação dentro dos temas associados à família, a migração, o campesinato, a teorias de desenvolvimento e estudos de demografia regional.

Ao que tudo indica o primeiro livro de investigações produzido dentro do CPES e que levava em conta as mulheres em movimentos sociais com uma “perspectiva feminista”<sup>55</sup> foi o livro *Entre el Silencio y la Voz: mujeres actoras y autoras de una sociedad en cambio*, coordenado por Graziella Corvalán em 1989 e com a participação de várias/os autoras/es. Nessa obra Corvalán realizou um estudo com entrevistas de mulheres urbanas e que se organizavam desde os partidos políticos, as organizações de beneficência e os sindicatos<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> Essas informações obtidas através do trabalho de Lorena Soler nos oferece um quadro aberto, dado que o levantamento da generosa autora não focava seus esforços nos estudos sobre mulheres, de modo que pode haver uma quantidade mais significativa de estudos que não foram contabilizados por ela no momento de sistematizar os artigos publicados pela RPES.

<sup>55</sup> Em 1987 o GEMPA publicou o livro de Josefina Plá, chamado *En la piel de la mujer. Experiências*. Esse foi resultado de uma compilação de escritos de Josefina que foi uma importante colaboradora da Revista *Enfoques de Mujer*.

<sup>56</sup> No número 13 da revista *Enfoques de Mujer*, Olga María Zarza, quem apresentou o livro em seu lançamento, frisou que esse fazia parte de uma série de publicações do CPES produzidas desde o início da década de 1980, o primeiro foi *Mujer y Trabajo* organizado por Luis Galeano. (ENFOQUES DE MUJER, 1989, n. 13, p. 32).

Foi quase 20 anos após a criação do CPES que uma área dedicada aos estudos sobre mulheres emergiu nesse centro, e esteve associada à figura de Graziella Corvalán como sua coordenadora. Não obtive documentos acerca da criação do grupo ou atas de reuniões, seria profícuo verificar o documento fundacional, as pessoas envolvidas, as atividades e os projetos que possuíam. É através da revista *Enfoques de Mujer*, de entrevistas e dos livros de memória que busco entender a emergência dessa área de estudos. As mulheres que assinaram a direção da revista eram Graziella Corvalán, Yole Mojoji<sup>57</sup>, Mirtha Rivarola e Olga Zarza. Na revista, as editoras não apresentaram o contexto de criação do grupo, mas foi possível entender que ele foi criado numa confluência de fatores.

Das quatro mulheres citadas, Corvalán foi quem escreveu algumas de suas memórias no livro *Movimiento Feminista Paraguayo- su construcción social*. Nessa obra explícita sobre sua experiência na conferência promovida pelas Organizações das Nações Unidas em Nairobi no ano de 1985, e enfatiza que “por medio de una beca concedida por la Fundación Ford, la que me dio oportunidad de ver, oír y sentir por vez primera a cuatro mil mujeres de todo el mundo [...]” (CORVALÁN, 2013, p. 48), e dessa experiência passou a refletir sobre o movimento feminista e as reflexões feministas.

Formada em Linguística, Corvalán, já havia em meados de 1970 estudado nos Estados Unidos e trabalhado no CPES como tradutora da RPES. Em entrevista concedida a Joana Maria Pedro, contou que por ser fluente em inglês, encontrou possibilidades de trabalho em escolas secundárias na região (CORVALÁN, 22/02/2008, p. 6-8). A Lorena Soler, Graziella Corvalán, informou que também por seu conhecimento da língua inglesa, Domingo Rivarola entrou em contato para que ensinasse as pessoas do CPES, mas que depois passou a revisar e corrigir os artigos para a RPES (SOLER, 2018, p. 120).

Durante grande parte de sua vida viveu na Argentina<sup>58</sup>, fez seus estudos primários e secundários em Buenos Aires e foi lá que aprendeu inglês. Ao retornar à Assunção na década de 1950, casou-se, teve seus filhos, estudou no Instituto Superior de Lenguas, na Facultad de Filosofía da UNA. Em 1969 obteve uma bolsa de estudos da Fullbright e realizou uma especialização na Universidade de Texas, no ano de 1970, formou-se em Linguística na UNA. E ainda na década de 1970, fez pós-graduação em Ciências Sociais propiciada pelo curso regional de parceria da FLACSO com o CPES (1972), e um curso de especialização para

---

<sup>57</sup> Não encontrei informações sobre Yole Mojoji, apenas notas as sobre seu falecimento em 2014 e informam que ela se dedicou ao ensino. (SE LLAMABA... 27/02/2014).

<sup>58</sup> Por sua família ter tendência política Liberal, na década de 1940, precisaram se exilar na Argentina. (CORVALÁN, 22/02/2008, p. 3)

investigadoras em Ciências da Educação no México, no Centro de Estudios Educativos (1975). Em 1975 foi professora visitante no Departamento de Linguística na Universidade de Nova York e em Buffalo em 1980. No ano de 1988 participou do curso de verão *Género y desarrollo* em Saint Mary, Canadá, promovido pelo Centro Interamericano de Investigación y Desarrollo (IDRC) (CORVALÁN, 2013).

Em entrevista (2008) e em seu livro (2013), Graziella Corvalán sustenta que não foi nos Estados Unidos que teve contato com as discussões feministas, apesar de sua vinculação e tempo de estadia naquele país, a sua narrativa de identificação está associada ao evento em Nairobi em 1985. As experiências de intercâmbio fora do país para realizar seus estudos, com bolsas oportunizadas por agências estrangeiras, muito possivelmente foram conseguidas devido ao envolvimento no CPES, visto que vários pesquisadores realizaram estâncias acadêmicas no mesmo período, devem ter propiciado a Corvalán estabelecer redes de contato com intelectuais do exterior, mas não foram mencionadas nos materiais encontrados para a tese.

Em seu livro de memória ainda indicou que na mesma conferência encontrou outra paraguaia, Manuelita Escobar de Peña<sup>59</sup> e conheceu “feministas famosas” (mas não citou os nomes), sobre o evento informou, “me nutri de los conocimientos que marcaron la forma de ver mi vida y la de los demás a partir de entonces” (CORVALÁN, 2013, p. 49). A participação de Corvalán na conferência também pode ser entendida como uma articulação do CPES com órgãos promotores do evento, com organizações internacionais, dentro das redes estabelecidas com intelectuais, mas não foram explicitadas em entrevistas ou livros.

Após o evento, contou Corvalán, o passo seguinte ao retornar para o país, foi criar um núcleo de investigações com a socióloga Mirtha Rivarola e organizar o GEMPA. Nele se somaram outras mulheres do campo da sociologia, como Laura Zarzas, Maria Eugenia Acre e Maria Liz Román, mencionadas por ela no livro, “[...] Realmente, como éramos un grupo de profesionales de estudio y investigación, necesitamos un medio para difundir los conocimientos encontrados y creamos la primera y única revista dedicada a la cuestión feminista” (CORVALÁN, 2013, p. 50, grifos do autor).

A escrita concisa de Graziella Corvalán que indica a *Enfoques de Mujer* e o GEMPA, como único grupo e revista feminista, pode apontar para a idealização do que seria um espaço de conhecimento um feminista. E, talvez, para um esquecimento voluntário ou não, nesse

---

<sup>59</sup> Manuelita Escobar foi professora na UCA na área de Psicologia, é representante da UNFPA. Em 1986, junto com Olga Cabaleiro Aquino publicou um dos livros bastante citados pelas mulheres paraguaias, chamado *Pintadas por si mismas*.

trecho, de outras revistas e estudos sobre mulheres com posicionamentos feministas que também emergiram naquele cenário, e que em outros momentos foram destacados em seu livro. Outro ponto importante de ser mencionado é que a identificação de Corvalán com o feminismo é intrinsecamente institucional, sua narrativa é perpassada pelos arranjos com organismos internacionais até mesmo para a criação da área de investigação sobre mulheres dentro do CPES.

Essa narrativa que aproxima o GEMPA da III Conferência da Mulher ocorrida no mês de julho de 1985 é interessante, pois em outros textos que apresentaram informações sobre o GEMPA indicaram que “fue creado el 2 de mayo de 1985 con el propósito de promover la investigación y discusión sobre el tema mujer en el Paraguay” (¿QUÉ & DONDE? 1989, p. 42, n. 42), ou seja, antes do evento e não depois dele. É comum nos trabalhos sobre o feminismo ressurgido na década de 1970-1980, a associação com os eventos organizados pela ONU, devido a visibilidade e a promoção para a criação organizações de mulheres gerados, além da legitimidade que a instituição internacional conferia para os grupos (WOLFF; PEDRO; CRESCÊNCIO, 2016, p. 57-58). Talvez, por esse motivo, a narrativa de Corvalán também seguiu por esse caminho que associou a fundação da área mulher a legalidade e suporte do organismo internacional.

Outros elementos sobre o GEMPA foram encontrados na página *¿Qué & donde?*, seção da revista *Informativo Mujer* (1989, p. 42), destinada a apresentar o perfil de organizações de mulheres no Paraguai. No mês de abril de 1989, o número 2 da mencionada revista do CDE, informava que os objetivos gerais do GEMPA eram cinco: 1- colocar a temática da mulher dentro dos processos políticos, econômicos, sociais e culturais, 2- compreender a realidade sócio-cultural da mulher afim de gerar correntes de pensamento, 3- desenvolver conhecimento teórico e metodológicos, 4- promover integração de uma equipe interdisciplinar e pluralista, 5- manter vínculos com organizações semelhantes. Para alcançar esses desígnios apresentaram quatro eixos de trabalho, o principal deles era a investigação e em 1989 trabalhavam com quatro temas: 1- era um estado da arte sobre mulher e educação na América Latina, 2- a participação da mulher nos setores informais de Assunção, 3- a mulher trabalhadora na indústria de confecção, 4- as mulheres no mercado informal: as vendedoras de rua por conta própria (essa investigação foi fruto de uma bolsa concedida pela CLACSO e que o GEMPA/CPES era a instituição patrocinadora).

A outra área em que o GEMPA se dedicou foi a realização de painéis de discussão sobre “algum aspecto de la realidad que atañe a las mujeres del país” (¿QUÉ & DONDE? 1989, p. 42, n. 2), e que ao longo daquele ano já havia ocorrido as seguintes palestras: “mujer y política”, “mujer y tercera edad”; “mujer y sexualidad”; “la mujer y los gremios” (¿QUÉ & DONDE? 1989, p. 42, n. 2). Desses eventos não encontrei dados sobre a participação do público, se eram espaços aberto ou fechados, mas possivelmente eram divulgados na imprensa local e em convites a organizações de mulheres. Para finalizar foi indicado que o GEMPA possuía o Centro Paraguayo de Documentación Social destinado a organização da materiais recebidos de outros espaços e que publicavam a revista *Enfoques de Mujer*.

No GEMPA, o perfil de mulheres que faziam parte do grupo de investigações seguia o fluxo de outros espaços de divulgação de conhecimento especializado. Eram pessoas que estavam estudando na UCA ou faziam pós-graduação em Sociologia no próprio CPES. A equipe central do GEMPA era composta por Graziella Corvalán, Mirtha Rivarola, María Zarza e María L. Román, todas tinham formação em Ciências Sociais. A organização do GEMPA, ao que tudo indica, estava centralizada nas coordenadoras Graziella Corvalán e Mirtha Rivarola, tal como o CPES tinha a sua figura principal, Domingo Rivarola.

Não possuo dados sobre o término desse grupo de estudos, os livros e as revistas não dão pistas sobre esse assunto, ou para o lugar que seguiu a equipe do GEMPA após o seu término. Sobre Olga Zarza e María Román, as revistas dão pistas de que fizeram parte da equipe do CDE, Mirtha Rivarola e Graziella Corvalán deram assessoria a Secretaria da Mulher e elaboraram materiais, ministraram eventos que serviam de apoio para visualização de projetos na área de gênero e ainda em 2023, Mirtha Rivarola estava associada a direção do CPES.

A *Enfoques de Mujer*, revista produzida pelo GEMPA, foi produzida até o ano de 1994, depois dessa data não encontrei mais publicações e nem mesmo notícias sobre o encerramento desse trabalho impresso pela equipe, mas o grupo seguiu com suas investigações e continuaram usando o nome do GEMPA. A revista foi reeditada em formato de livro no ano de 2012 com seus 33 números, com o apoio da Secretaria de la Mujer, quando estava a cargo de Gloria Rubín. Dentro do movimento de mulheres, Gloria Rubín teve importante inserção nas discussões sobre violência, foi uma das organizadoras do Coletivo 25 de Noviembre, era radialista e dentro da Rádio *Ñanduti* tinha um programa chamado *Palavra de Mujer*, mas que também fez parte da *Enfoques de Mujer* em alguns momentos, sendo indicada no editorial. A publicação dessa e de outras obras na área dos estudos de gênero foi estimulada pela *Secretaria*

de la Mujer com a proximidade do Bicentenário da Independência Nacional (proclamada em 1811)<sup>60</sup>.

## 2.2 O BANCO PARAGUAYO DE DATOS (BPD) E A CRIAÇÃO DO CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y ESTUDIOS (CDE)

A história do encerramento da ONG Banco Paraguayo de Datos (BPD) aparece nos livros de *El Precio de La Paz* (1991), a série *Nunca Más* (1991) e no sétimo e oitavo tomo do *Informe Final* produzido pela Comisión de la Verdad y Justicia (2008) como um caso de censura e perseguição a intelectuais. O BPD é geralmente associado à narrativa de denúncias contra o stronismo devido à ação policial que foi desencadeada em meados de maio do ano de 1983, e levou muitas pessoas ao cárcere, ao exílio, o encerramento das atividades de algumas gráficas e do próprio BPD. Mas, ao mesmo tempo a sua história também é conectada a criação de outro grupo de estudos priorizados nessa tese, o Centro de Documentación y Estudios (CDE) fundado no ano de 1985. Para entender a criação da área de estudos da mulher dentro do CDE, acredito ser importante compreender as narrativas e conexões que são feitas sobre a fundação desse núcleo e sua relação com o stronismo.

No ano de 1978 o BPD, instituição sem fins lucrativos, foi criado por Roberto Codos Friedman<sup>61</sup>, Dionisio Gauto<sup>62</sup>, Tomás Palau<sup>63</sup>, José Carlos Rodríguez<sup>64</sup> e Enrique Goossen. Essa organização possuía personalidade jurídica desde 1979, com o nome de Consultora Banco de Datos Sociedad de Responsabilidad Limitada. O Centro fazia a coleta de dados de jornais locais, instituições oficiais e produzia análises paralelas que eram publicadas em revistas

---

<sup>60</sup> *Colección la Mujer Paraguaya en el Bicentenario*. Para ver outros livros publicados ver catálogo da Biblioteca e Arquivo Central do Congresso da Nação: [http://catalogo.bacn.gov.py/opac\\_css/index.php?lvl=coll\\_see&id=459](http://catalogo.bacn.gov.py/opac_css/index.php?lvl=coll_see&id=459) Acesso em 04 mar. 2023.

<sup>61</sup> Jornalista, formado pela Universidade de São Paulo, na década de 1970 no jornal Diário de São Paulo. Do Brasil foi enviado ao Paraguai como responsável do diário em Assunção. Cf. <http://robertocodas.blogspot.com/> Acesso em 03 nov. 2020.

<sup>62</sup> Dionísio Gauto Galeano (1937-2019) em San José de los Arroyos, fez seus estudos no Seminário de Concepción e no Seminário Metropolitano de Asunción. Sua primeira formação é Teologia e em Direito Canônico. Foi sacerdote e secretário geral da Conferência Episcopal Paraguaya, atuou no jornal *El Enano* e *Sendero*, ambos jornais católicos. Em 1978 pediu a Igreja retorno de seu estado de laicidade e nesse período fundou o BPD. Cf. (SILVA., 2016; CONGRESO NACIONAL. 25/10/2019).

<sup>63</sup> Tomás Palau (1944-2012), é licenciado em psicologia pela UCA, obteve bolsa para a pós-graduação em psicologia educacional na Universidade de Buffalo em Nova York, fez mestrado em sociologia no Chile, foi integrante no Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES) e do Base Investigaciones Sociales. Cf. (FUKUOKA, 2016, p. 107)

<sup>64</sup> Licenciado em Psicologia pela UCA em meados de 1960, fez mestrado e doutorado na Sociais na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França.

mensais, tais como: o *Paraguay Económico*, o *Paraguay Gremial*, o *Paraguay Social* e o *Paraguay Político*. Por sete anos a organização funcionou e, segundo Guido Rodriguez Alcalá, o grupo não havia tido problemas com as autoridades do Estado no que correspondia aos materiais produzidos que eram autorizados pelo Ministério del Interior para poderem circular (ALCALÁ, 1990, p. 135).

Os personagens que faziam parte do núcleo eram conhecidos no período como opositores do regime, mas segundo a narrativa dos citados livros, não foi o que desatou a repressão. O caso teve sua origem anunciada nas publicações do jornal *Pátria* e também divulgadas por meio do programa de rádio *La Voz del Coloradismo*, que eram órgãos oficiais do governo. Entre os meses de abril e maio de 1983, informaram a descoberta de uma conspiração marxista no país e que a polícia estava cuidando do caso (ALCALÁ, 1990, p. 136). No dia 05 de maio, o jornal, publicou uma denuncia de infiltração marxista na UCA, associando as/os estudantes a degeneração e ao uso de drogas, no dia 07 de maio, indicavam a decisão de fecharem a Facultad de Sociologia da mesma universidade e dois dias depois “aplaudía la ‘desinfección’ realizada por las autoridades de la Universidad Católica en contra de los estudiantes subversivos” (ALCALÁ, 1990, p. 136-137).

Assim como havia uma campanha contra a “infiltração marxista” na UCA, ocorria também contra o BPD, que foi denunciado como organização marxista e que estavam reativando a Organización Político Militar, mais conhecida como OPM, que foi desmantelada violentamente em meados de 1976<sup>65</sup>. No fim, o jornal anunciava que o BPD possuía vínculos com organismos internacionais e estava promovendo um complô, organizando estudantes e trabalhadores. Sobre o assunto, José Carlos Rodriguez (27/07/2010, p. 4) em entrevista a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff, contou que não fez parte da OPM, mas que conhecia pessoas associadas a guerrilha. Segundo Rodríguez, o BPD fazia uma espécie de formação com os grupos estudantis, trabalhadores e camponeses na década de 1980, “porque ya se había terminado la etapa más ... brutal de la dictadura, era una dictadura menos salvaje” (RODRIGUEZ, 27/07/2010, p. 7).

---

<sup>65</sup> Operación Político Militar ou Operação Primero de Marzo (1974-1977) foi uma organização de esquerda de orientação marxista-leninista. Em sua maioria as/os participantes eram jovens e universitárias/os de classes médias/altas, suas atividades se estenderam com as/os *campensinas/os* e tiveram vinculações com o grupo guerrilheira/o *Montoneros* da Argentina. Entre os meses de maio e abril de 1976, 17 pessoas foram mortas, e foi registrado a prisão de 416 pessoas, mas estima-se que mais de mil pessoas foram torturadas no Departamento de Investigaciones, na Comisaría Tercera, entre outros espaços. (RIVAROLA, Milda, 2014, p. 15-18, 54-56; BLANCH; ACUÑA; BAREIRO, 1991, p. 207).

Essa etapa é apontada por alguns autores como mais “branda” em relação aos anos anteriores no que diz respeito a violações de direitos humanos, devido a presença de organismos de direitos humanos no país, como a do embaixador dos Estados Unidos, Robert White e a presidência de Jimmy Carter (1977-1981)<sup>66</sup>. Porém, apesar de ser um período considerado mais brando, já se havia instalado no país todo um sistema de censura e de repressão que era acionado quando os órgãos oficiais entendessem como necessário. A diferença é que havia mais organizações de direitos humanos (nacionais e internacionais) que realizavam denúncias e a resposta a ela, em formato de pressão, era mais rápida e eficaz, por conta da visibilização do tema e a importância que a discussão acerca dos direitos humanos teve no período (SIKKINK, 2006, p. 97-132; SILVA, 2016, p. 143-214).

Entre 20 de maio e 6 de junho de 1983, 53 pessoas foram capturadas. Sobre o ocorrido há relatos de que objetos de valor que foram roubados, de materiais impressos sequestrados e que o prédio alugado do BPD ficou sob ocupação de policiais por um ano e meio (BLANCH.; ACUÑA; BAREIRO, 1991, p. 259-261). Em uma das ações policiais as/os estudantes que publicaram a revista *Avanzado e Nueva Línea* foram presas/os e as pessoas associadas ao BPD também foram levadas ao cárcere. Somados a esse contexto, a gráfica em que publicavam as revistas<sup>67</sup> como a *Estudio Grafico* e a *Littocolor*, foram fechadas<sup>68</sup>. As pessoas levadas à prisão foram acusadas de terem violado a lei 209 (*Defensa de la paz pública y libertad de las personas*), 294 (*Defensa de la democracia*) e 323 (*Garantía de fueros*), e ao todo 24 pessoas sofreram processos (COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA. 2008, p. 193-204, t. VII).

As narrativas escritas nos livros de denúncia ao regime levantaram algumas possibilidades para tentar entender a ação violenta da polícia, já que várias pessoas ficaram presas por meses sem nenhuma comprovação das acusações que foram colocadas na imprensa. Em *Nunca Más*, o escritor Guido Alcalá chamou a atenção para a duração das prisões e a ação da polícia, questionando as justificativas usadas na emboscada, que aliás já estava anunciada nos jornais e na rádio. Segundo Alcalá, havia desconfiança da associação da BPD com organizações internacionais e a possibilidade de vazamento de informações sobre a situação econômica do país, mas outra abordagem sugere que a intenção era sequestrar o arquivo de Francisco Gaona sobre os grêmios de trabalhadores e de camponeses. Outro fator, levantado

---

<sup>66</sup> Sobre o assunto dos Direitos Humanos no Paraguay. Cf. (SIMON, 1992, p. 109, BLANCH.; ACUÑA; BAREIRO, 1991, p. 166).

<sup>67</sup> Paraguay Economico, Paraguay Social, Paraguay Gremial e Paraguay Político.

<sup>68</sup> As pessoas que se encontravam nas gráficas e no BPD foram presas, e grande parte do material, móveis, maquinários, foram confiscados pela polícia, cf. (ALCALÁ, 1990, p. 135-148).

por Alcalá é que meses antes, em fevereiro de 1983, José Rodriguez do BPD foi entrevistado pelo jornal *Hoy* e fez críticas à Igreja e ao exército, essa postura do pesquisador foi rechaçada pelo jornal *Sendero* (periódico da Igreja Católica), chamando-o de “marxista”, sendo mais um ponto para fortalecer a acusação contra o pesquisador.

Segundo um dos testemunhos coletados e publicados nos relatórios da CVJ, Roberto Villalba integrante do BPD, apontou que como a perseguição foi anunciada, deu tempo para que se preparassem e retirassem do país o arquivo de Francisco Gaona, “Cuando vimos que venía la represión nosotros enviamos ese archivo al Brasil, más o menos una semana después viene la represión” (COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA. 2008, p. 367, t. VII). Na ocasião foi feita uma cópia da documentação e levada para o acervo Edgard Leuenroth em Campinas. Diante da situação de censura o grupo passou a realizar “prácticamente una especie de asamblea permanente, discutíamos como afrontar la represión, justamente en una de esas reuniones nuestras nos cae la policía” (COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA. 2008, p. 366-367, t. VII), dali foram levados ao Departamento de investigações.

Sobre as pessoas presas, eram elas, 13 homens e sete mulheres que ficaram encarceradas/os na Penitenciária Nacional (COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA, 2008, p. 362-363, t. III). Nas acusações foram usados os próprios estatutos e as publicações do BPD e os escritos das revistas *Síntesis* (publicada no México), *Nueva Línea* e *Avanzado* produzidos pelo Movimiento por el Reagrupamiento Universitario (MRU). No período em que estiveram no cárcere detentas/os fizeram greve de fome e após a pressão social, juntamente com a ação de advogados, conseguiram liberdade. Sete pessoas ficaram por quase um ano presas sem provas cabíveis.

Durante o processo de atuação policial, José Carlos Rodríguez saiu do país a trabalho, pouco depois da ação no BPD (COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA, 2008, p. 367, t. III), foi para o Brasil e depois para França, onde realizou seu mestrado na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales com a tutoria do sociólogo Daniel Pecault, e retornou ao seu país em 1985 (ALCALÁ, 1990, p. 145). Gustavo Codas Friedmann (irmão de Roberto Codas do BPD), um dos integrantes das publicações *Nueva Línea* e *Avanzado* recebeu asilo na Venezuela e só voltou ao Paraguai em 1989 (ALCALÁ, 1990, p. 145). Os dois, durante o período de acusações policiais foram considerados fugitivos da justiça (ALCALÁ, 1990, p. 140).

Provavelmente a polícia usou essa ação na tentativa de intimidar estudantes e grupos de investigação. Aliás, essa era uma prática recorrente nos países. O que chamou atenção de fato, foi a ação policial e o aprisionamento daquelas pessoas sem provas reais para mantê-las presas.

Segundo Alcalá, o BPD não possuía projeto um revolucionário, mas o que incomodava os órgãos oficiais era a divulgação acerca da crise econômica pela qual o país passava (ALCALÁ, 1990, p 147-148). Já o livro *El precio de la Paz* informa que nos documentos policiais o do BPD aparecia como um grupo que foi se radicalizando, e isso poderia ser visto nos estatutos, onde frisavam que sua orientação geral era “brindar servicios sin fines de lucro a instituciones comprometidas en la organización de los trabajadores” e “apoyar el autodesarrollo de movimientos obreros y campesinos” (BLANCH; ACUÑA; BAREIRO, 1991, p. 252-263). No fim, foi essa a intenção apontada no estatuto usada para incriminar a organização, expondo-a como instituição apoiada pelo Comunismo Internacional.

Dois anos após o ato de clausura do BPD havia um grupo que estava se organizando para reabri-lo. Nesse intervalo de tempo, José Carlos Rodríguez já havia retornado e juntamente com outras/os intelectuais criaram o Centro de Documentación y Estudios, que apesar de nome e personalidade jurídica distinta, apresenta-se como uma continuidade do BPD. Talvez devido a equipe principal ter tido associação com o BPD, inclusive alguns foram integrantes fundadores, utilizar o mesmo nome da organização antiga poderia gerar problemas para grupo, quiçá por esse motivo mudaram o nome para CDE, que trazia ares de instituição de investigações para além do outro serviço de consultoria e centro de informação, semelhante ao que o BPD realizava.

No ano de 1998 na revista *Anuario Mujer*, as editoras explicitaram que o CDE foi criado em 1985 e eles se consideravam como herdeiros do BPD. A ONG foi fundada, “porque no bastava con que nuestros companeros y companeras hubiesen recuperado su libertad, sino quisimos reconquistar ese espacio de libertad intelectual que la dictadura cercernó” (ANUARIO MUJER 1998, 2000, p. 5). A referência imediata do CDE ao BPD traz como herança a ideia de liberdade intelectual e até mesmo uma posição de confronto com o regime até então vigente em fevereiro de 1989. A narrativa priorizada pelo grupo do CDE ao contar sua história, trazia em si a ideia de resistência ao autoritarismo, algo que foi mantido pelas feministas da Área Mujer.

No início, em 1985, a proposta do núcleo girava em torno de pesquisas sobre os movimentos *obreros e campesinos*, algo que demonstrava a continuidade dos trabalhos do BPD. A primeira revista produzida no núcleo foi o *Informativo Laboral* (1986-2006) e o *Informativo Campesino* (1988-?), ambas com periodicidade variada. A lista corrida de autores de livros publicados é composta numa primeira etapa, pelo cientista político Benjamín Arditi e pelo sociólogo José Carlos Rodríguez, que discutiam temas associados ao pensamento político e a sociedade paraguaia, assim como o desenvolvimento de movimentos sociais no país. Em

meados da década de 1990, havia seis áreas de estudos dentro do CDE, a *Sociogremial*, a *Historia Obrera*, *Estatísticas Socio-políticas*, *Mujer*, *Política*, *Asesoría y formación*. Do catálogo de livros e publicações do CDE, pode-se verificar que a temática das obras foi se modificando com a inserção da Área Mujer, no final da década de 1980, assim como com o fim da ditadura no país.

Quadro 1 - Livros Publicados entre 1987-1988 e de 1990-2000

<b>Livros publicados entre 1987-1988</b>
ARDITI, Benjamín; RODRÍGUEZ, José Carlos. <i>La sociedad a pesar del Estado: movimientos sociales y recuperación democrática en el Paraguay</i> . Asunción: El Lector, 1987.
ARDITI, Benjamin. <i>Discutir el socialismo</i> . Asunción: CDE, RP ediciones, CRITERIO, 1988.
<b>Livros publicados entre 1990-2000</b>
CDE. <i>Serafina: feminista paraguaya desde comienzos de siglo</i> . Asunción: Salesiana, RP ediciones, 1990.
ARDITI, Benjamin. <i>El retorno de la política: poder, partidos y democratización en el Paraguay posestronista</i> . Asunción: CDE, Fundación Friedrich Ebert, 1990. (Serie: CDE/Fundación Friedrich Ebert)
MARÍN, Enrique; SILVERO, Jorge; SOSA, Enrique. <i>La organización municipal en el Paraguay</i> . Asunción: CDE, Fundación Friedrich Ebert, 1990.
ARRUA, Enrique. <i>Gobierno municipal y participación ciudadana</i> . Asunción: CDE, Fundación Friedrich Ebert, 1990.
GAONA, Francisco. <i>Introducción a la historia gremial y social del Paraguay</i> . Asunción: CDE, 1990. (3. T.)
ARDITI, Benjamin. <i>Conceptos: ensayos sobre la teoría política, democracia y filosofía</i> . Asunción: CDE, RP ediciones, 1991.
Gonzalez, Myrian Angélica; RODRIGUEZ, José Carlos. <i>Guia sindical 1989-1990</i> . Asunción: CDE, Fundación Friedrich Ebert, 1991.
ARDITI, Benjamin. <i>Adios a Stroessner: la reconstrucción política del Paraguay</i> . Asunción: CDE, RP ediciones, 1992.
RIQUELME, Marcial Antonio. <i>Stronismo, golpe militar y apertura tutelada</i> . Asunción: CDE, RP ediciones, 1992.
SANCEHZ, Ramona. <i>Vida de la mujer artesana</i> . Asunción: CDE, IDEA, 1992.
ECHAURI, Carmen. <i>Hacia una presencia diferente: mujeres, organización y feminismo</i> . Asunción: CDE, 1992.
RIVAROLA, Milda. <i>Obreros utopías y revoluciones</i> . Asunción: CDE, octubre 1993.
VADEZ, Teresa; GOMARIZ, Enrique, (coord.). <i>Paraguay: mujeres latinoamericanas en cifras</i> . Asunción: CDE, FLACSO, Instituto de la Mujer, 1993.
GIMENEZ, Aristión A. <i>Evolución histórica del gremio bancario 1954-1981</i> . Asunción: CDE, 1993.

BAREIRO, Line; VEGA, Celsa. <i>Campesinas frente a la pobreza: condiciones de vida de las familias organizadas de la Cordillera</i> . Asunción: CDE, 1994.
PAZ, Alfredo Boccia; GONZALEZ, Myrian Angélica; PALAU, Rosa Aguilar. <i>Es mi informe: los archivos secretos de la policía de Stroessner</i> . Asunción: CDE, 1994.
DÁVALOS, Cristina; RODRÍGUES, José Carlos. <i>Organizaciones campesinas de mujeres 1992-1993</i> . Asunción: CDE, 1994.
DÁVALOS, Cristina; RODRÍGUES, José Carlos. <i>Guía de organizaciones campesinas 1992-1993</i> . Asunción: CDE, 1994.
DÁVALOS, Cristina; RODRÍGUES, José Carlos. <i>Censo de organizaciones campesinas 1992-1993</i> . Asunción: CDE, 1994.
BAREIRO, Line; ESCOBAR, Ticio; SOSNOWSKI, Saúl, comp. <i>Hacia una cultura para la democracia en el Paraguay</i> . Asunción: CDE, Municipalidad de Asunción, SAREC, 1994.
Martini, Carlos; LESCANO, Carlos María. <i>Fuerzas armadas y democracia: a la búsqueda del equilibrio perdido Paraguay 1989-1993</i> . Asunción: CDE, GCS, 1994.
GUILLÉN, María Cristina. <i>In-seguridad social: la previsión social bajo el régimen stronista</i> . Asunción: CDE, 1997.
OCAMPOS, Genoveva; Rodríguez, José Carlos. <i>Hacia el fortalecimiento de la sociedad civil en Paraguay: un desafío pendiente</i> . Asunción: CDE, BASE-ECTA, 1999.
MARTÍNEZ, Ofélia; MONTE, Mary. <i>“Dios proteja destino patria”</i> : las concepcioneras de 1901. Asunción: CDE, 1999.

Fonte: Ofélia Martinez e produção da autora (2020).

Ao analisar a lista de autoras/es de trabalhos publicados pelo CDE na década de 1990, parece-me que várias/os não são ligados ao núcleo diretamente, mas eram livros publicados com o selo do CDE. Dos nomes que se repetem e são associadas ao núcleo de pesquisa, destaco Myrian Gonzalez, Line Bareiro, Ofélia Martínez, José Carlos Rodríguez e Benjamin Arditi (que pertenceu ao CDE até o ano de 1992). Dessa listagem indico alguns pontos importantes: 1º ampliação de temáticas produzidas pelo núcleo; 2º instituições financiadoras de projetos, como a Fundación Friedrich Ebert, o que pode indicar em si um facilitador para a produção de trabalhos e livros; 3º abertura de temas relacionados ao feminismo e história das mulheres; o fim do regime de Stroessner e discussões sobre democracia e a sociedade paraguaia.

Na história de construção do CDE as narrativas fundacionais encontradas se conectam a um passado vivo na lembrança dos integrantes do BPD, e embora essa relação não seja tema aprofundado no site institucional da organização, nas revistas publicadas ou nos livros que tive acesso, a breve história apresentada por suas/seus integrantes sobre esse espaço institucional é de continuidade, e sugerem que há uma herança nascida da resistência e da perseguição intelectual.

## 2.3 O CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y ESTUDIOS E A FORMAÇÃO DA ÁREA MUJER

A partir de nuestra experiencia en grupos de mujeres, hemos sentido que una carencia importante era la falta de informaciones sistematizadas sobre nuestra condición y nuestros problemas específicos. Encontramos eco y apoyo en los compañeros del CDE- uno de ellos formuló un proyecto en 1987- y en julio de 1988 empezamos a trabajar para formar un ÁREA MUJER (INFORMATIVO MUJER. 1989, n.0).

Foi com essas palavras que a equipe da revista *Informativo Mujer* apresentou a justificativa de criação do núcleo e como ele se formou. Assim como a própria história do CDE, a Área Mujer também é contada de forma breve nos trabalhos da organização. Nesse pequeno trecho, para além de informarem a necessidade da publicação da revista, que se dava pela carência de dados e da experiência acumulada pelas mulheres em outros grupos, contaram ainda que tiveram o apoio de companheiros do CDE. Em outra revista, contaram que foi Bejamín Arditi que no ano de 1987 escreveu o primeiro projeto da Área Mujer (ANUARIO MUJER 1998, 2000, p. 5). Talvez por já fazer parte do CDE como integrante e pesquisador do grupo, ele pode ter facilitado o caminho com as organizações de cooperação para instituir esse novo campo de investigação no CDE. Com o apoio da Helvetas, agência de cooperação da Suíça, formaram o grupo em julho de 1988 e receberam subsídios para a publicação das revistas, de livros e a formação de um centro de documentação sobre a temática (ECHAURI; SOTO; TORRES, 1991, p. 26).

Sobre os primórdios do grupo foi na apresentação da revista *Anuario Mujer* (1998) publicada pela Área Mujer do CDE que comemoravam os seus 10 anos de existência que encontrei pistas sobre a formação inicial do grupo. Segundo a narrativa encontrada, no ano de 1988, eram apenas quatro mulheres que dele participavam: Celeste (Tete) Meza<sup>69</sup>, Norma Ubaldi<sup>70</sup>, Margarita Elías<sup>71</sup> e Line Bareiro, todas elas tinham formação acadêmica. E nos objetivos expostos no número zero da revista *Informativo Mujer*, indicavam que o CDE-Área Mujer tinha duas tarefas, a primeira, era organizar um centro de documentação sobre e para

---

<sup>69</sup> Editora chefe da Revista *Informativo Mujer*, sua área de formação é em Artes e Ciências da Comunicação.

<sup>70</sup> É graduada em Psicologia, mestre em Ciências Sociais pela FLACSO, México e doutora em Estudos Latino Americanos pela Universidade Autônoma do México (UNAM). Atualmente se dedica a temas sobre saúde, direitos reprodutivos e sexuais

<sup>71</sup> Margarita Elías fez seus estudos em colégios da região de Assunção e desde jovem se envolveu com movimentos sociais, primeiro em ligas literárias na escola; depois aos 17 anos atuou na OPM e foi presa quando essa organização foi aniquilada. É formada em Sociologia pela UCA e na década de 1980, quando cercaram intelectuais do BPD, foi presa também. Em 1989 já trabalhava no CDE-Área Mujer, local em que desenvolveu diversos trabalhos nos estudos de história das mulheres. (ELIAS, 05/02/2018).

mulheres e, a segunda, sistematizar informações que articuladas ao “nuestro tema”. Com o passar dos anos o número de participantes foi aumentando consideravelmente, até porque os trabalhos abraçados pelo CDE, como se verá, foram se expandindo. Em 1998, na apresentação da revista informaram o nome de 23 companheiras que fizeram parte do grupo e a motivação para a manutenção do campo de investigação,

En estos diez años son muchas las compañeras como Celestre Prieto, Gimena Campos Cervera, Any Ughelly, Celsa Vega, Nidia Glavinich, Myrian Dávalos, Begoña Mendia, Mónica Perez, Mariángeles Hernández, Carmen Echauri, Paloma Sancho, María Lilian Román, Carmen Vallejo, Verónica Torres, Margarita Molinas, Estefanía Laterza, Teté Cano, Carmen Colazo, Conxa Chaus, Marta Mora, Claudia Carvalho, Laura Fernandes, que de una y mil maneras han contribuído a consolidar um grupo comprometido con la a igualdad para las mujeres, con la democracia en todos los ámbitos, con la producción de conocimientos, con hacer accesible la documentación de, para, sobre y entre mujeres (ANUARIO MUJER 1998, 2000, p. 5).

Um dos principais nomes desse grupo é o de Line Bareiro que foi coordenadora da Área Mujer por longo tempo. Em entrevista a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff no ano de 2008, contou sobre sua identificação com o feminismo e sobre a sua trajetória política que eram as perguntas mobilizadoras do diálogo. Nela enfatizou que foi no período do exílio, como estudante de Pós-graduação em Ciências Políticas em Heidelberg, na Alemanha (1976-1982) que “virou feminista” (BAREIRO, 21/02/2008, p. 9). Nessa época destacou que havia movimentação de mulheres latino-americanas organizadas em pequenos grupos de discussão sobre temas relativos à participação política, mas que sua identificação com o feminismo era algo mais complexo.

Em sua lembrança Line Bareiro considerou que seus primeiros passos, ou sua formação inicial, se deu na casa de sua mãe que era feminista. Carmen Bobadilla, foi professora nas escolas da região de Assunção, e possuía em sua biblioteca uma série de livros que versavam sobre feminismo. Line Bareiro (21/02/2008, p. 4) ainda destacou que no ambiente em que foi criada havia discussões progressistas e que discutiam temas como mulheres na política. Ainda em sua formação educacional elementar participou de movimentos estudantis, e na década de 1970, enquanto estudava Direito na UNA, esteve envolvida no Movimento Estudantil Independiente e em oficinas de teatro (BAREIRO, 21/02/2008, p. 4), mas era principalmente a oposição ao regime e as discussões puxadas pelas organizações de esquerda que interessava a Line Bareiro,

Eu posso dizer que não fui feminista durante toda a faculdade. [...] Importava-me o tema, mas não era o centro da minha atuação, eu não dedicava o meu tempo ... Eu sabia que não era natural o lugar das mulheres, a divisão sexual do trabalho, um destino pré-estabelecido. [...] Mas, tampouco esse era o centro principal da minha luta, o núcleo mais importante do meu trabalho. Ainda que tenha participado, em 1975, de algumas atividades que foram realizadas em torno do Ano Internacional da Mulher (BAREIRO, 21/02/2008, p. 5-6)<sup>72</sup>.

Devido a atuação de Line Bareiro (21/02/2008, p. 6) junto aos movimentos sociais, aos quais não aprofundou na entrevista, ela precisou sair do país e foi para Argentina, em Corrientes, por alguns meses no ano de 1971. Ao retornar ao país, enfatizou que continuou sendo observada por guardas e no ano de 1974, indicou que “ocorreu uma repressão muito forte e muito dura a pessoas próximas de mim. Então, ali decidi ir, porque vivíamos nessa tensão permanente e decidi que queria estudar Ciência Política” (BAREIRO, 21/02/2008, p. 7). Conforme Line Bareiro (21/02/2008, p. 7) contou, estudar na Alemanha já era uma opção desde meados de 1973, mas queria terminar o curso de direito primeiro. Nos anos em que esteve na Alemanha, informou que escreveu sobre a ditadura em seu país, denunciou o regime, escreveu sobre a participação das mulheres contra a ditadura, participou do movimento estudantil e fez leituras feministas (BAREIRO, 21/02/2008, p. 12).

Quando retornou ao Paraguai na década de 1980 fez parte de pequenos grupos de mulheres, dos quais pouco se tem informação para além de seus nomes, como o *Mujeres en Acción* e a *Asociación Cristiana de Jóvenes*. Nesse ínterim, passou a trabalhar com o BPD de forma indireta e quando ocorreu a ação policial que encerrou as atividades do grupo, associou-se às pessoas que pressionavam o regime para a soltura das pessoas presas na *Asemblea Permanente por los Presos Políticos* (BAREIRO, 21/02/2008, p. 19).

Com Esther Prieto<sup>73</sup> participou do Centro de Estudios Humanitarios (CEDHU), instituição privada criada em 1986 que se dedicava a estudar e difundir questões jurídicas ligadas à mulher. Ao mesmo tempo em que estava no CEDHU, Line Bareiro também atuou na fundação do CDE, em 1985. Sua trajetória é destacada por muitas mulheres paraguaias entrevistadas por Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff como uma personagem central do feminismo no país. Além disso, é autora de muitas obras do CDE. Possivelmente foi devido à criação de redes de integração em grupos de mulheres e de investigação em meados de 1980, e pela associação em organizações em prol dos direitos das mulheres, com atuação importante

<sup>72</sup> As atividades em questão estão relacionadas a devolução do *Libro del oro*.

<sup>73</sup> Advogada formada pela *Universidad Nacional de Asunción*. Na década de 1970 esteve associada ao Programa de Promoção Urbana Rural Indígena (PROMURI) e do *Comité de Iglesias*. Em 1983 esteve em Genebra, viveu na Suíça por oito anos.

na elaboração de projetos de lei e na Criação da Coordenadora de Mujeres del Paraguay, que o seu nome é presente quando se trata do feminismo no país.

Na narrativa de Line Bareiro outro tema relacionado ao feminismo é a ideia de que havia uma rebeldia interior, antes mesmo de identificar com o feminismo, dado que nunca estava de acordo com as desigualdades e isso a fez perceber o feminismo como uma possibilidade de mudança social. Do movimento estudantil ao feminismo, a elaboração de Line Bareiro passou por essa construção de uma retórica de si, e com olhar retrospectivo que permitiu a criação de uma identidade feminista anterior ou latente que em dado momento emergiu na vida de Bareiro.

Das outras mulheres que participavam do núcleo em seu início e que aparecem nos materiais estudados, como Celeste Meza, Gimena Campos Cervera<sup>74</sup>, Myriam Dávalos, Nidia Glavinich<sup>75</sup>, María de los Angeles Hernandez<sup>76</sup>, María Liz Román<sup>77</sup>, Norma Ubaldi e Carmen Echauri<sup>78</sup>, não encontrei dados biográficos, mas pela composição da formação acadêmica dessas mulheres, principalmente nos cursos recém- criados como o de Psicologia, Ciências da Comunicação, Ciências Sociais nas universidades de Assunção, pode-se entender que elas são de uma geração que tiveram acesso ao ensino superior em um cenário de entrada de mulheres nas universidades mas, que de alguma forma, também foram atravessadas pelo regime autoritário vigente no período.

Diferente da narrativa do GEMPA, o CDE não possui um discurso associado aos eventos da ONU situados na década da mulher para a sua formação, apesar de que algumas integrantes se destacaram e tiveram participação na Secretaria de la Mujer e no grupo articulado para participar da Conferência da Mujer em Beijing (1995). O eixo de atuação de algumas mulheres associadas ao grupo se deu no contexto da ditadura e em movimentos sociais, talvez por isso a narrativa que compõe a história do CDE seja apegada ao do BPD, e a própria criação da Área Mujer seja uma composição compartilhada com outros personagens que faziam parte do núcleo de investigações.

---

<sup>74</sup> Trabalhou nas primeiras edições de *La Micrófona e Informativo Mujer*. No período era estudante de Línguas Estrangeiras na UNA. Em 1993 recebeu prêmio no concurso Guy de Maupassant, de la Alianza Francesa pelo conto “los días de Amanda”. Anos depois foi morar na Itália, onde estudou Biblioteconomia e Ciências da Informação. Em 2019 publicou a novela “Al Oeste del Guairá”. Disponível em: <https://sla-europe.org/2011/03/15/member-interview-gimena-campos-cervera/?lang=es> Acesso em 02/12/2020.

<sup>75</sup> Nidia Glavanich era a responsável pelo e sua área de formação é a Ciências da Comunicação.

<sup>76</sup> Sem informações.

<sup>77</sup> Socióloga formada pela Universidade Católica.

<sup>78</sup> Formada em psicologia na Universidade Católica.

Porém, é importante perceber que a criação dessa área de estudos até então pouco visibilizada no país, foi ganhando força a medida em que as mulheres foram se organizando em prol de pautas em comum, com a participação de eventos e com a produção de pesquisas e materiais impressos, como revistas e livros. E esse contexto paraguaio também está associado ao campo feminista regional que teve uma crescente nos anos de 1980 e 1990, nos mais variados países. Na área de investigação diversos núcleos foram fundados, tanto nas universidades como fora dela, e a produção feminista também foi tomando forma, como se verá nos capítulos seguintes.

### 3 CAPÍTULO 2. OS ENCONTROS FEMINISTAS E ARTICULAÇÕES TRANSNACIONAIS- A CONSOLIDAÇÃO DOS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS

Para compreender o contexto de criação dos centros de investigação e os discursos sobre o feminismo paraguaio, é fulcral entender o cenário global dos Encontros Feministas. No capítulo anterior precisei que os contextos e contatos internacionais tiveram seu papel para que o GEMPA e o CDE-Área Mujer passassem a existir, mas que também os contornos das ações individuais com o cenário ditatorial não poderiam ser deixados de lado. Outro ponto importante, que precisa ser mencionado quando se evidencia os feminismos latino-americanos, foram os Encontros Feministas, pois fazem parte de uma conjuntura global de mudanças. Nessa trama serão pontuadas as Conferências Mundiais da Mulher realizadas pelas Nações Unidas, os Encontros Feministas Latino Americanos e Caribenhos e os Encontros Nacionais, à medida em que foram aparecendo nas revistas e outros textos.

Os discursos encontrados dão pistas sobre o período em que o CDE e o GEMPA, divulgadores do pensamento feminista e ações de mulheres organizadas, foram consolidando as suas propostas de mudança para as mulheres enquanto iam participando dos eventos (realizando investigações sobre a situação das mulheres paraguaias, organizando cursos, palestras) num período em que a ditadura e a censura iam enfraquecendo no país. Foi evidenciado no capítulo anterior que durante à ditadura stronista foram criadas as áreas de estudos sobre mulheres e estas organizações possuíam maior autonomia por a estarem afastadas das universidades, receberem auxílio financeiro de instituições do exterior e também terem contatos com organizações internacionais (que muitas vezes as auxiliava nas denúncias contra o regime). Mas se os centros de estudos a princípio não foram considerados um inimigo direto ao regime, eles sofreram com o controle<sup>79</sup>, tiveram que refazer estratégias e encontrar uma maneira de realizar críticas sem se reportar diretamente a Stroessner, algo que mudou completamente após a sua saída em 1989.

A ideia do capítulo em si não é somente chamar atenção para os encontros e como eram escritos nas revistas, mas como venho explorando na tese, o feminismo paraguaio que

---

<sup>79</sup> A través do Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos do Museo de la Justicia, pode-se ter acesso aos documentos da polícia stronista. No site da Corte Suprema de Justicia do país, existe a possibilidade de localizar parte dos arquivos. Nesse sentido, ao buscar o nome da organização, o ano ou até mesmo o nome de algumas das intelectuais, encontrei a localização de arquivos referentes à movimentação das organizações. Disponível em: <https://www.pj.gov.py/contenido/132-museo-de-la-justicia/388> Acesso em: 24 out. 2022

nasceu dentro de organizações de investigações sobre mulheres, participou, aprendeu e se reconfigurou a medida em que o feminismo latino americano internacionalmente crescia e se entrelaçava. Dessa forma busquei analisar separadamente os eventos, como nacional, regional e mundial, para melhor evidenciá-los, mas tenho clareza de que estes eventos estão mais do que atravessados.

### 3.1 OS ENCONTROS NACIONAIS- A FORMAÇÃO DE UMA PAUTA COMUM E OS CONFLITOS ENTRE AS MULHERES

En efecto, en las relaciones de sexo, la personalidad de la mujer se halla absorbida por la del hombre, puesto que él monopoliza la ‘capacidad económica’ y las leyes declaran funciones privativas del marido los derechos civiles. Así, la mujer necesita de la venia marital para celebrar todo contrato que establezca responsabilidad de alguna importancia; no puede estar en juicio por sí misma, sino en contadas excepciones; pero cuando se trata de aplicarles penas infamantes, su minoría legal no le sirve de atenuante alguno (DAVALOS, apud. SEIFERHELD, 2010, p. 42).

Em 1910 ocorreu na Argentina o *I Congreso Femenino Internacional*, apesar de não levar a palavra feminista em seu título, pode ser visto como um encontro com características sufragistas, e que as mulheres estavam unidas por objetivos comuns de se conectarem e modificarem os sistemas de desigualdades<sup>80</sup>. O evento comemorou o centenário da Independência da Argentina e a paraguaia Serafina Dávalos foi quem fez a palestra de encerramento. Não ocorreu nenhum outro evento semelhante posteriormente, as guerras, as ditaduras e tantos outros fenômenos esmaeceram a potência das mulheres de se encontrarem regionalmente. E 70 anos se passaram para que se retornasse a organizar um evento feminista regional. Os encontros são parte do feminismo Latino Americano e do Caribe, fomos atravessados por eles, imaginados através deles e reconfigurados por meios deles.

Para entender os feminismos múltiplos que emergiram nesse imenso continente, é necessário refletir sobre essa prática de discutir posições conflitantes e buscar caminhos e estratégias de mudança. Como se verá o que Serafina Dávalos reclamou em 1910, estava sendo alvo de debates em 1987 no Paraguai. Extremamente estranho aos olhos de hoje, as mulheres casadas quase foram rebaixadas à condição de incapazes no código civil desse país, se não fosse por um punhado de mulheres que se organizaram e pontuaram os problemas evidentes (mas não para todos) deste documento, talvez permaneça em vigor por mais algum tempo.

---

<sup>80</sup> As atas do *I Congreso Femenino Internacional* podem ser acessadas no seguinte link: [http://www.psi.uba.ar/institucional/historia/genero/archivos/1\\_1900-1916/1\\_2.pdf](http://www.psi.uba.ar/institucional/historia/genero/archivos/1_1900-1916/1_2.pdf) 10/11/2022.

O ano de 1986 geralmente é associado à emergência do movimento feminista no país e está ligado ao desconforto das mulheres diante do Código Civil Paraguuaio (que entraria em vigência no ano seguinte). A partir de um convite realizado pelo Centro Paraguayo de Estudios de la Mujer (CEPEM) da UCA aos grupos de estudos e organizações de mulheres, foi realizado um evento para discutirem como fariam para modificar as leis específicas de discriminação das mulheres<sup>81</sup>. Em dezembro do mesmo ano o evento ocorreu no Decanato da Facultad de Ciencias Jurídicas y Diplomáticas da UCA. Segundo Graziella Corvalán nesse período o reitor simpatizava com a luta feminista e, talvez, por isso, o seminário pode funcionar dentro das dependências da universidade (CORVALÁN, 2013, p. 67).

Pouco se tem informação sobre como se desenvolveu o seminário, no editorial de número 3 da *Enfoques de Mujer* de junho de 1987, foi apresentado uma referência acerca da discussão em andamento sobre as leis que entrariam em vigor com o Código Civil, “En este momento son numerosas las mujeres que están organizando para analizar estas leyes y lograr que las mismas sean revisadas [...] Debemos apoyar a estos grupos, reflexionar con ellos, luchar y difundir los resultados logrados de tal forma a superar lo desconocimiento [...]” (SE REPITE... 1987, p. 3, n. 3). A ideia era romper a barreira jurídica, dialogar e criar estratégias de apoio às mulheres que puxavam a discussão, mas não mencionaram nenhum grupo ou reunião para que as leitoras pudessem fazer parte.

No mesmo número da revista foi publicado um texto de Olga Caballero Aquino do CEPEM que indicou que a mulher naquele novo código, apesar de reconhecerem a igualdade entre os sexos, ficava atada a ressalvas em alguns artigos específicos. E tornava-se incapaz de administrar seus bens, retiravam direitos de mulheres que viviam relações de concubinato (AQUINO, 1987, p. 5-8, n. 3). E menciona, ao final do texto, que ocorreu um seminário de discussão sobre o problema comum e chegaram à conclusão de que “la mujer perdió en todos los órdenes y que por eso es necesario fortalecer las organizaciones existentes, dar amplia publicidad a las desigualdades y proponer modificaciones acordes con el papel que desempeña la mujer” no século XX (AQUINO, 1987, p. 8, n. 3).

As reuniões geralmente eram realizadas sem muito alarde devido a censura e nos espaços emprestados pelos centros de pesquisa, salas pertencentes a alguma Igreja ou partidos políticos. Apesar de que em alguns casos era noticiado nos jornais que circulavam na região pequenos anúncios divulgando as atividades dos grupos de mulheres. Não temos evidência se

---

<sup>81</sup> Para saber mais, ver em: <https://informativomujer.org.py/panorama/la-cedaw-y-el-movimiento-feminista-del-paraguay/> Acesso em 04/09/2022.

foi o caso deste evento, mas por ter sido realizado na universidade e com aval do reitor, a partir de uma problemática importante, poderia ter sido anunciado em periódicos, como ocorreu com os eventos realizados por outras organizações<sup>82</sup>.

As mulheres do CEPEM e do Centro de Estudios Humanitarios (CEDHU) haviam se atentado à assinatura do tratado da Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de discriminação (CEDAW)<sup>83</sup> pelo governo Paraguaio no ano de 1987<sup>84</sup> e conheciam as instâncias internacionais de denúncia contra os direitos humanos. Algumas delas, tinham acompanhado os Congressos da ONU como o de Copenhague e o de Nairobi e entendiam que o tratado era um instrumento jurídico internacional importante e que possibilitaria estratégias para o fim da violência contra a mulher e que o código civil vinha na contramão da proposta. Portanto, não se tratava de pessoas que se reuniam sem propósitos delineados, sabiam que para modificar algo em um país conservador e católico teriam que ter potência e trabalhar com as leis e os organismos internacionais. Nesse período, o país estava na mira de entidades internacionais devido à carência de direitos humanos, inclusive os que eram designados na letra da Constituição Nacional (1967). Para se ter ideia, nos anos de 1978, 1982 e 1987, foram realizados Congressos de Direitos Humanos no país, organizados por entidades que realizavam denúncias<sup>85</sup>.

Em junho de 1987 realizaram outro evento e dessa vez, foi feita a cobertura desse por Olga Zarza e foi publicado na revista *Enfoques de Mujer* do GEMPA. Nele enfatizou que por dois dias, 120 mulheres compareceram ao *I Encuentro Nacional- Por nuestra igualdad ante la ley* organizado por 13 organizações<sup>86</sup> (em sua maioria, centros de investigações), e que esse era um passo para construção de uma nova “consciencia feminina” (ZARZA, 1987, p. 30, n.4). Esse artigo é interessante e merece atenção, a começar por seu título, *Erase una vez, más de cien mujeres*, indicando uma história para ser contada e foi exatamente o tom do texto escrito por Zarza. Nele argumentava que o evento poderia ser entendido como um marco a ser contado talvez “en un capítulo que lleve por título “los primeros pasos del movimiento feminista en

<sup>82</sup> Ver nos anexos do livro de Nadim Yore e Carmen Colazzo (2001, p. 183-204).

<sup>83</sup> Jussara Reis Prá sustenta que o CEDAW (1979) é um importante aliado das lutas feministas e integra um conjunto de normativas internacionais que pretendem garantir a não discriminação das mulheres onde os países signatários do tratado devem promover políticas de igualdade entre mulheres e homens. (PRÁ, 2014, p. 169-196).

<sup>84</sup> Para verificar as assinaturas do Paraguai em tratados da ONU, ver em: [https://tbinternet.ohchr.org/\\_layouts/15/TreatyBodyExternal/Treaty.aspx?CountryID=135&Lang=EN](https://tbinternet.ohchr.org/_layouts/15/TreatyBodyExternal/Treaty.aspx?CountryID=135&Lang=EN) Acesso em 22/10/2022.

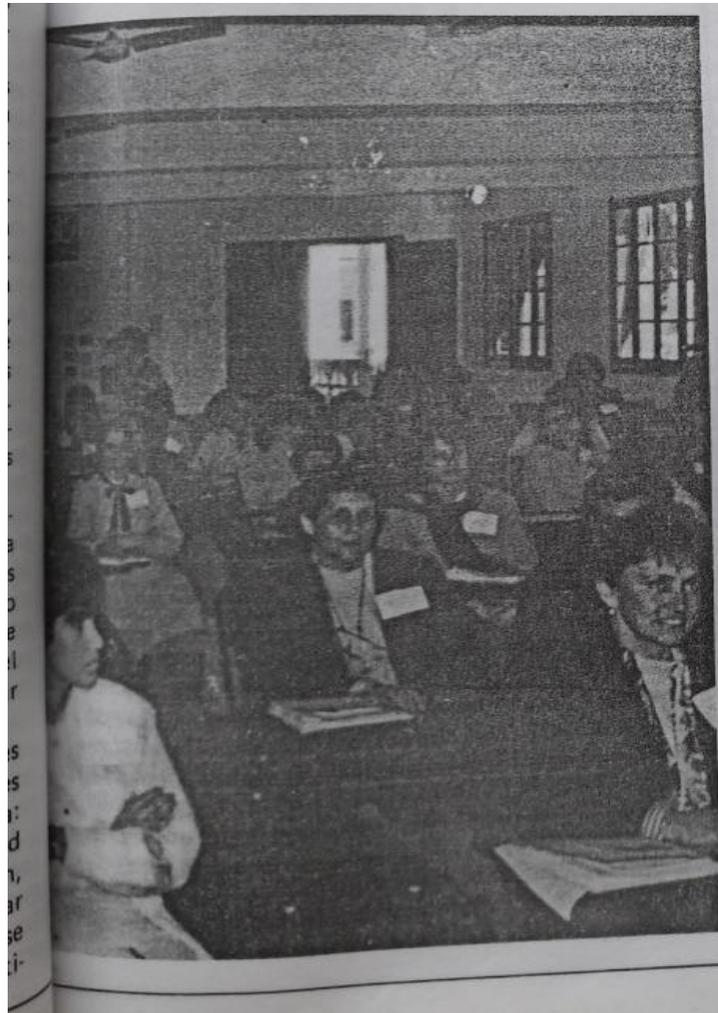
<sup>85</sup> Discussão presente principalmente no capítulo 3. Cf. (SILVA, 2016, p. 143-214).

<sup>86</sup> GEMPA, CDE- Área Mujer, Alter Vida, Asociación del Abogadas del Paraguay (ADAP), Base Investigaciones Sociales, CEHU, CEPEM, Círculo de Advogadas do Paraguai, FAM, MxD, UMPA, Palavra de Mulher da Rádio Ñanduti, Pastoral Social Arquidiocesana e CEPEP.

Paraguay. Y en ese mismo capítulo habrán otras tantas fechas que nos recordarán las acciones protagonizadas por mujeres y que la historia oficial patriarcal ‘olvidó’ registrar” (ZARZA, 1987, p. 30, n. 4).

O evento ocorreu na Casa del Seminario Metropolitano entre os dias 27 e 28 de junho em formato de plenárias e 10 mulheres discursaram sobre os assuntos principais. A partir da imagem disponível na revista *Enfoques de Mujer*, pode-se ver as mulheres dispostas em uma sala, com cadeiras enfileiradas e com etiquetas de referência, assistindo alguma programação do evento (ZARZA, 1987, p. 31, n. 4).

Figura 1 - I Encuentro Nacional - Por nuestra igualdad ante la ley, n 4, 1987



FONTE: (ZARZA, Olga. 1987, p. 31, n.4)

A ideia de mulheres reunidas em prol de um objetivo comum não era novidade, mas é preciso atentar para algo muito importante, às mulheres paraguaias viviam o período de ditadura

e o fizeram sem pedir autorização do ministério do interior para realização do evento<sup>87</sup>, e, de certa forma, fizeram críticas não só ao código, mas a forma como a sociedade se relacionava com as mulheres paraguaias, nesse sentido, o evento trazia um olhar inovador. Sobre ele, Zarza escreveu que

rompimos nuestro tradicional aislamiento y nos reconocimos unas y otras a partir de nuestros problemas comunes. Descubrimos que éstos son tan parecidos; que lo que a Juana, María o Lucía les ocurre cotidianamente es muy similar a lo que viven a diario Margarita, Carmen o Julia. Y, por supuesto, nos sentimos mucho menos solas con esta primera toma de conciencia, de que no somos sujetos individuales solamente, sino, sobretudo somos sujetos sociales (ZARZA, Olga. 1987, p. 30, n.4).

Para Zarza (1987, p. 30, n. 4) esse evento e as discussões propiciadas por ele eram um passo decisivo para construir uma nova consciência feminina e o primeiro encontro foi um espaço para reflexão coletiva entre as mulheres. Porém, apesar dessa ideia de harmonia, informa que “no estuvieron representadas las mujeres de todos los sectores sociales [...] haciendo alusión a la escasa presencia de sectores populares” (ZARZA, Olga. 1987, p. 30, n. 4) e essa foi uma das principais críticas que foram evidenciadas no texto e que a autora tentou amenizar, explicando o contexto em que o encontro foi produzido. Para ela a crítica ao evento era um erro de percepção, “cabe preguntarse si el objetivo del Encuentro Nacional reflejaba las aspiraciones y preocupaciones de las mujeres de sectores populares” (ZARZA, Olga. 1987, p. 30, n. 4). No sentido de que o evento era mais voltado para “mujeres intruídas” com interesse de mulheres urbanas.

Este texto sintetiza o miolo de conflitos que ocorreriam entre as mulheres devido às diferenças sociais e étnicas. O problema não estava na ideia do evento, com a proposta de discutir pontos a partir de um olhar teórico, mas em afirmar que mulheres populares “tienen otras urgencias que no tiene que ver con el régimen de bienes de un matrimonio legal, o la obtención de permiso del marido para salir de a trabajar o la libertad de elegir el apellido del marido o seguir usando el próprio” (ZARZA, Olga. 1987, p. 30, n.4). A narrativa de Zarza pode ser percebida como elitista e excludente, mas naquele momento não demonstraram entender dessa forma.

Ao mesmo tempo que compreendiam que a discriminação atingia à todas às mulheres, argumentavam que somente algumas poderiam participar dos caminhos para projetar modificações por terem conhecimentos teóricos. A fala de Zarza poderia ter levantado questões

---

<sup>87</sup> Sobre esse assunto, José Leon Szwaco frisa que houve vigilância antes mesmo de ocorrer os eventos. Cf. (SZWAKO, 2012, p. 116-117).

de ordem organizacional para a ausência de mais mulheres no evento, mas o foco da discussão apresentada pela mesma era uma defesa do olhar acadêmico sobre o código e para quem ele interessava naquele momento. Para ela, a urgência das mulheres que estavam ausentes era em relação à terra, ao trabalho, à saúde e à educação, entre outros que não seriam o foco daquele encontro.

Nas páginas seguintes do mesmo número da *Enfoques de Mujer* publicaram um documento-resumo do evento com uma introdução, as orientações, as sugestões e as conclusões do *I Encuentro Nacional- Por nuestra igualdad ante la ley*. Nele umas das orientações era a denúncia nos organismos internacionais sobre a discriminação que as mulheres paraguaias sofriam com o novo código. Outro segmento era revisar e formular modificações, ampliar a lista de organizações e pessoas para somarem ao projeto de modificação do código, bem como realizar eventos no interior do país e divulgar as leis. Dentro das sugestões levantadas, uma delas foi a verificação dos problemas da mulher rural; o acesso à terra e a reforma agrária, além de se posicionarem na defesa da mãe solteira, que no caso da nova constituição, teria menos direitos do que a mulher casada. Ainda no documento fizeram um aceno para o tema do divórcio, mas enfatizam que não se chegou a um consenso entre as entidades organizadoras do evento e deveriam realizar um estudo sobre o assunto<sup>88</sup>. Outro ponto interessante do evento é que ele teve “ampla” cobertura da equipe da Rádio Cáritas (emissora da Pastoral Arquidiocesana), tanto no que diz respeito às palestras, como comentários e opiniões (ENCUENTRO... 1987, p. 48-51, n. 4).

Na edição seguinte da *Enfoques Mujer*, na sessão de “*Documentos*”, apresentaram as conclusões do *Encuentro- Taller de Mujeres*. Esse foi outro evento que ocorreu no ano de 1987, entre os dias 24 e 25 de outubro, na *Casa del Seminario Metropolitano*, no mesmo local em que foi realizado o encontro anterior, mas dessa vez foi organizado pelo *Grupo-Taller* e pela Frente Amplio de Mujeres (FAM). O público desse evento estava mais associado com mulheres de partidos políticos e de organizações gremiais. O tema do evento foi *Educación formal e informal, pautas que nos discrimina, estratégias de cambio* (YORE; COLAZO, 2001, p. 31), e segundo a *Enfoques de Mujer* as oficinas e suas coordenadoras, foram: 1- *Mujer e Identidad - ¿Qué entendemos por “ser mujer”?*- Gloria Rubin e Olga Zarza, 2- *Mujer y familia* - Adalina G. de Galeano e Gladys Vera, 3- *Mujer y trabajo*- Margarita Capurro y Carmen Cardozo, 4- *Sexualidad femenina*- Cristina Arrom (grupo 1), Rosa María González e Lourdes Talavera

---

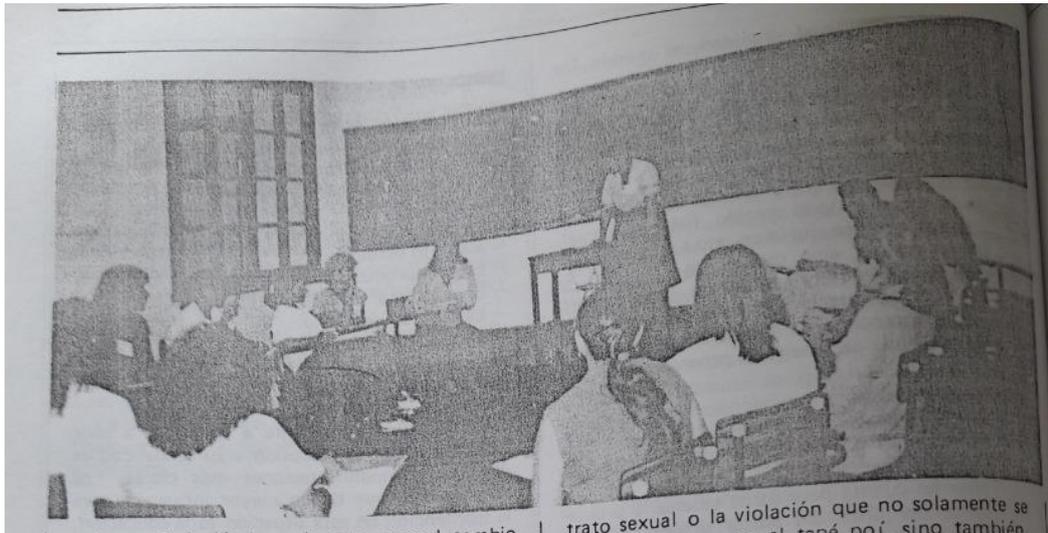
<sup>88</sup> A lei que estabelecia a possibilidade do divórcio só ocorreu em 1991.

(grupo 2), 5- *Mujer y los medios de comunicación*- Pepa Kostianovsky; 6- *Mujer y fuerzas políticas*- Bertha Peroni (grupo 1) e Silvana Boccia e Ana Perdomo (grupo 2) e 7- *Mujer Joven*- Hilda Guerreño (CONCLUSIONES... 1988, n. 6).

As organizadoras do evento, segundo Perla Yore e Carmen Colazo (2001, p. 31), foram: Cristina Arrom, Aidil Balbuena, Nélica Dávalos, Gloria Estragó, Blanca Fariña, Nacha Galeano, Yolanda Laconich, Erenia Lopez, Blanca Massare, Gloria Rubín e Perla Yore que eram mulheres associadas aos partidos políticos. O objetivo era gerar um amplo espaço de debate e intercâmbio de vivências, para tanto convocaram mais de duzentas mulheres de “todos los puntos de la geografía nacional, de diferentes estratos socioeconomicos y con distintos niveles de instrucción” (YORE; COLAZO, 2001, p. 31). A maioria das mulheres que organizaram o evento estavam associadas à Frente *Amplio de Mujeres* (FAM), fundada em 1985, como uma dissidência da *Unión de Mujeres del Paraguay* (UMPA). A FAM realizou debates, feiras e eventos que eram divulgados na imprensa, como evidenciam nos anexos do livro *Al Rescate de Nuestra Historia*, convidando as mulheres interessadas para participarem (YORE; COLAZO, 2001, p. 133-138).

A FAM participou do *I Encuentro de Mujeres- Por nuestra Igualdad ante la Ley*, e logo após dois meses da realização desse evento, realizou o seu próprio, com temáticas associadas as mulheres e uma proposta de abrir o diálogo. Sem dúvida que a promoção do *Encuentro-taller* do FAM tem conexão com o primeiro encontro promovido por mulheres mais associadas a organizações de investigações, mas não saberia afirmar se essa foi uma reação direta, dado a rapidez em que ele foi concebido e principalmente a falta de registros que indiquem esse caminho. No livro de memórias escrito por Yore e Colazo, é ressaltado que o FAM organizou uma jornada “similar donde las mujeres puedan reflexionar y debatir cuestiones que hacen a lo cotidiano. [...] evento que genera mucha expectativa, razón por la cual logra autogestionarse asegurando el éxito de la jornada” (YORE; COLAZO, 2001, p. 29)

Figura 2 - Encuentro -Taller de Mujeres, n. 6, 1988



Fonte: (CONCLUSIONES DEL ENCUENTRO... 1988, p. 52, n.6).

Verificando os nomes das coordenadoras das oficinas, com exceção de Olga Zarza, nenhuma outra mulher tinha ligação com centros de investigação. Pelas fotos dispostas na revista *Enfoques de Mujer* n. 5 e 6 e com as conclusões do evento, pude perceber que as oficinas em que se desenvolveram as atividades possuíram a presença de um bom número de mulheres, mas o formato dos encontros foi diferente, e até mesma a disposição espacial das mulheres nas oficinas. No *Encontro-Taller*, as oficinas de modo geral, apontavam para questões presentes nas discussões feministas, tais como sexualidade e o questionamento sobre: o que é ser mulher? tratando de assuntos do cotidiano.

Nesse evento, na oficina de tema sexualidade, algo que foi mencionado nos documentos é que era uma temática pouco discutida no país. Inclusive, as considerações sobre o evento mencionaram que “el funcionamiento del grupo puso en manifiesto un hecho muy importante, que existe una gran necesidad de hablar sobre nuestra problemática, y mucho más sobre un tema tabú como la sexualidad femenina” (CONCLUSIONES... 1988, p. 51, n. 6). Os assuntos tratados foram: a virgindade e a simbologia, a influência da religião e a educação sexual, a família e a propriedade privada, a dupla moral, o maltrato sexual, o direito ao prazer, a infidelidade, o rol de reprodutora e a relação de casal. Observando brevemente para as temáticas abordadas nas oficinas, pode-se perceber que apenas em “sexualidade feminina” e em “mulher e política” foram realizados dois grupos, talvez a demanda gerada pelas discussões trouxesse mais espectadoras ou as oficinas ofertavam diferentes abordagens (CONCLUSIONES DEL ENCUENTRO... 1988, p. 42-46, n. 6).

É interessante mencionar, mais uma vez, fazendo um paralelo entre os eventos, por ser um evento realizado nas dependências da Igreja, acredito que alguns temas puderam fazer parte dos debates com mais afinco e outros não. Por exemplo, em *Nuestra Igualdad ante la ley*, o tema do divórcio, foi algo abafado, e a Igreja foi um férreo opositor quando esse tema veio a público. No *Encuentro-Taller* nos documentos oficiais o direito reprodutivo e o prazer quase não são enfatizados, apesar de serem mencionados (CONCLUSIONES... 1988, p. 49-57, n. 6).

Outra oficina interessante, dado as reflexões que foram apresentadas na *Enfoques de Mujer*, foi a do grupo 5, sobre os meios de comunicação, em que trataram da questão de como a publicidade usava o corpo das mulheres, e colocaram-se contrárias a pornografia. Ponto que também foi mencionado nas conclusões foi a discussão sobre a escrita feminina nos jornais, especializada em frivolidades e estas afirmavam que essa temática deveria ser séria e destinada a temas importantes para as mulheres. Apesar de que cada oficina trouxe inúmeras considerações, a do grupo 5 chamou a atenção por criticarem a percepção de mulheres camponesas que na mesa de abertura do evento se colocaram contrárias ao feminismo, frisando: “en cuanto el Feminismo distorciona la lucha liberadora y divide fuerzas. Afirmamos por el contrario que la mujer debe incorporarse a esta lucha en niveles decisionales, lo cual implica una reivindicación sustancialmente feminista” (CONCLUSIONES... 1988, p. 54, n. 6).

O documento que criticava o feminismo redigido em nome das mulheres camponesas apareceu na revista *Enfoques de Mujer* n. 5, como um manifesto apresentado pela Coordinación de Mujeres Campesinas (CMC) (1987, p. 38-39, n. 5) e o qual foi lido na ocasião do *Encuentro-Taller*. É sobre esse manifesto que as mulheres da oficina 5 não concordaram. No texto o CMC abordou suas próprias realidades desde a economia, da sociedade, da política e apontaram as suas lutas, dizendo que não eram as mesmas das outras mulheres, dado que a opressão incidia sobre elas de maneira mais brutal e distinta.

No contexto histórico abordaram a questão da intervenção inicial “de los conquistadores españoles en la sociedad indígena y con la imposición del régimen de esclavitud, la mujer ha sufrido doblemente el sometimiento y la exploracion, como fuerza de trabajo” (COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS, 1987, p. 38, n. 5). No setor da economia indicaram que a cadeia de exploração a qual são vítimas os pequenos produtores, a mulher camponesa era ainda mais explorada devido ao acúmulo de trabalho não reconhecidos ou não pagos. No âmbito social sofriam uma dupla marginalização a de classe e como mulher. No cenário político, a participação de mulheres camponesas não era vista como assunto próprio, e

o governo ditatorial também sufocou diversas mobilizações e precarizou a vida de trabalhadoras/es (COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS 1987, p. 38-39, n. 5).

O CMC fazia parte do *Movimiento Campesino Paraguayo* (MCP), mas tinha suas próprias lutas específicas, e como tal apresentou sua visão do movimento feminista ocidental, que não distinguia a opressão das mulheres campesinas, burguesas e trabalhadoras. Nesse sentido, para o CMC “el movimiento feminista de países altamente desarrollados, tiene influencia en America latina, y el sector más vulnerable a dicha influencia a traves de los medios de comunicacion masiva, son las mujeres de la pequeña burguesia, que se sienten identificadas” (COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS, 1987, p. 39, n. 5) e lutam para conseguir os privilégios de uma classe dominante.

Para a CMC quando as tendências feministas adentravam as organizações de trabalhadoras era entendido como altamente nocivo, “porque constituye una permanente traba al desarrollo y fortalecimiento de las organizaciones de clase” (COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS, 1987, p. 39, n. 5). Segundo o documento a luta das mulher teria duas opções: 1- “que la movilización, organización y concientización sea para luchar por los intereses de clase, y construir una sociedad de igualdad y justicia, donde la mujer dejará de ser máquina de productora, para llegar a ser persona con condiciones para realizarse plenamente” (COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS, 1987, p. 39, n. 5) ou 2- “Caer en el desvianismo de priorizar las reivindicaciones femininas, descuidando la lucha social global, en definitiva, constituirse en la traba permanente a la lucha de las organizaciones del setor oprimido, dividiendo la fuerza” (COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS, 1987, p. 39, n. 5) e de forma consciente ou não ser um instrumento contrário a sua própria classe.

No manifesto apresentado o CMC via o feminismo ocidental como uma teoria invasora que nada tinha que ver com as suas próprias lutas travadas no Paraguai, pois não abraçava as características específicas presentes no país. E acreditavam que parte da luta feminista dividia, por ter “reivindicaciones femininas” que suprimiam a divisão de classes, concluindo que naquele momento o feminismo não traria benefícios para a busca de uma nova sociedade paraguaia. Ao final do manifesto conclamavam: “En el Paraguay debemos y podemos construir una organización de mujeres de clase oprimida y explotada, que se constituya en fuerza y factor de cambio en nuestra sociedad hasta construir un nuevo Paraguay” (COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS, 1987, p. 39, n. 5).

Nos textos das mulheres do GEMPA, nenhum comentário foi feito sobre o manifesto das mulheres camponesas, mas esse silêncio é bastante comum na revista que não trazia com

frequência uma resposta ou uma nota sobre os textos publicados. O movimento camponês no país tem uma longa história de luta, principalmente pelo acesso à terra, mas não se restringe a isso. No trabalho de Larissa Viegas sobre o movimento de mulheres camponesas e indígena, a autora expôs essa “desconfiança” sobre o feminismo, a tal ponto, que havia pouco tempo em que as mulheres passaram a se considerar feministas<sup>89</sup>, mas dentro de uma perspectiva camponesa e indígena, e de uma vertente que poderíamos pensá-lo como descolonial.

Pelos textos encontrados nas revistas ou nos livros não consegui rastrear os debates dos eventos, por exemplo, como receberam o manifesto das mulheres camponesas? Ou no caso do *I Encuentro Nacional*, em que momento apareceram as críticas de que não havia representação de populares? São nesses pequenos textos e excertos, principalmente com as considerações sobre os eventos, divulgados nos periódicos que entendo que nos encontros também ocorreram embates sobre o feminismo que muitas vezes não apareceram nos textos posteriores ou até mesmo nas entrevistas, que tendem a demonstrar uma harmonia mesmo na diferença entre mulheres.

O fato é que pouco se tem discutido sobre as tensões entre as mulheres intelectuais, camponesas e as políticas. Geralmente os trabalhos realizados até o momento têm tratado da discussão mais visíveis dos textos: as divergências entre os grupos de “mulheres políticas” e as organizadas em centros de estudos que é também um tema bem presente em outros feminismos. Espero que os próximos trabalhos discutam essas questões, pois são pertinentes e demonstram, as miradas de mulheres indígenas e camponesas para os problemas que se estavam tratando no período e os desacordos ou desconfiças para com o feminismo. Com o material encontrado para a tese, esse tema pouco pode ser explorado, mas deixo o registro de que outros entrelaçamentos são necessários ao recorte sobre o feminismo no país, que vai além das mulheres políticas e intelectuais.

---

<sup>89</sup> Larissa Viegas em sua dissertação "O feminismo que veio do campo: movimentos de mulheres e trajetórias de identificação (Brasil e Paraguai, 1985-2010)", trouxe uma importante contribuição sobre os feminismos e identificações discursivas no Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina (MMC) e na Coordinadora Nacional de Organizaciones de Mujeres Rurales e Indígenas (CONAMURI). Através da pergunta: como as mulheres camponesas se identificaram com o feminismo? Evidencia, de forma comparativa, o processo histórico de construção desses dois movimentos sociais que tomaram para si, recentemente, o termo feministas/feminismos em suas lutas, escritas e falas. No Paraguai, muitos movimentos camponeses emergiram no período da década de 1970, vinculados a Teologia da Libertação e as Ligas Agrárias Cristianas. Os grupos como o Movimento Campesino Paraguayo (MCP) surgido em 1970 e, posteriormente, em 1975, a Coordinación de Mujeres Campesinas (CMC) e a Coordinadora Nacional de Organizaciones de Mujeres Trabajadoras Rurales e Indígenas (CONAMURI) em 1999, não dispunham de identificação com o feminismo. A (auto)identificação dos grupos com o feminismo datam de meados de 2000, a historiadora sustenta que havia um feminismo “implícito”, ou seja, a ação feminista não estava totalmente ausente nesses grupos e muito provavelmente ocorria circulação de pensamento feminista. Cf. (FREITAS, 2015, p. 77-117).

Retornando a temática dos dois eventos, percebo diferenças na condução dos debates, sendo um voltado para questões jurídicas, ainda que possa ter havido outros temas, a principal via de discussão foi o Código Civil e como modificá-lo. No outro, realizado pelo Grupo-Taller, a proposta de discutir as leis foi diluída nos temas abordados nas oficinas, buscando maior aproximação com o público que participava. Outro ponto importante é que no primeiro, havia a intenção acadêmica, o segundo, não partia dessa proposta. José Szwaco (2012, p. 102, 175) sustenta em sua tese a ideia de que as oficinas e discussões propostas pelo Grupo-Taller eram ousados para o período e que por isso não conseguiram manter o programa para realizar outros encontros.

Pouco tempo depois da realização de seu evento o Grupo Taller-FAM tomou outra identidade<sup>90</sup>, e em meados de 1988, apresentou-se como “una organización de definida connotación política, a la que se incorporan mujeres militantes de los partidos políticos de oposición, organizaciones sociales y la disidencia colorada que se denominó: La Multisectorial de Mujeres” (ENCUENTRO... 1987, p. 37, n. 4). Nos materiais verificados nessa tese não encontrei informações sobre as causas para a criação desse novo grupo. O que encontrei foi a indicação de que essa organização passou a se reunir em vários espaços gremiais e participou de algumas mobilizações contrárias ao regime stronista, como as *Asembleas de la Civilidad* e as *Marchas por la vida*<sup>91</sup>. Um ano após a sua fundação promoveram a ideia da criação de uma Secretaria da Mulher com posição ministerial, levando em consideração que um ministério para mulheres já era realidade em outros países (YORE; COLAZO, 2001, p. 45).

No documento de conclusão *I Encuentro Nacional* (1987), publicado na *Enfoques de Mujer*, uma das principais sugestões promovidas no evento foi a continuação das discussões e a realização de oficinas sobre a discriminação das mulheres perante a lei, devido a falta de espaços de capacitação e discussão para tomarem medidas de mudança social. Dessa maneira, dentre as diretivas anunciadas na revista, informaram que era necessário ampliar as entidades organizadoras, fazer denúncias internacionalmente, criar uma comissão para revisar e formular propostas, realizar eventos em pelo menos quatro lugares do interior com o intuito de divulgar o debate (ENCUENTRO... 1987, p. 49, n. 4). Quando se verifica os pontos de discussão desse

---

<sup>90</sup> Das fundadoras: Perla Yore, Antonia Guillén, Ramona González (PRF), Adalita del Puerto de Shaerer, Martha Ashwell, Silvana Boccia, Mirian Rivarola, Catita Decoud (PLRA), Georgina de Zacarias, Elin Goiburú (MOPOCO), Carmen Stella Insfrán, Mamerta Ruiz Díaz (ANR sector contestatario), Adalina de Galeano, María teresa Escobar e Claudia Páez Corvalán (Democracia Cristiana). Cf. (YORE; COLAZO, 2001, p. 37)

<sup>91</sup> Esses eventos nada tem a ver com as marchas conservadoras e contrárias a despenalização do aborto, mas se tratavam de manifestações contrárias ao regime de Alfredo Stroessner em meados de 1987 e 1989. (PAZ, 2004, p. 30, 124).

encontro na *Enfoques de Mujer*, não é feita menção ao feminismo, seja como teoria ou como ação na realidade. Essa ausência também ocorreu nos outros eventos, apesar da discussão ter sido puxada por mulheres feministas, muitas pessoas e organizações ainda não se sentiam dispostas a se identificarem. Esse não dito, nos documentos pode ser entendido no contexto em que o feminismo não era uma palavra aceita de forma simples, até porque era pouco difundido e mal interpretado.

No ano de 1988, nos dias 17 e 18 de setembro, ocorreu o *II Encuentro Nacional- Por Nuestra Igualdad Ante la Ley* para discutir a possibilidade de um anteprojeto para o Código Civil. Segundo o resumo apresentado na *Enfoques de Mujer* o evento se deu na Asociación Cristiana de Jóvenes e mais de 120 mulheres teriam participado dele. Dessa vez, foi a Coordinación de Mujeres del Paraguay (CMP) que teria organizado o evento. Na revista informaram que a coordenação já era uma demanda do primeiro encontro para que pudessem unificar uma proposta de projeto e para levá-lo adiante. Em meados de março de 1988, esse órgão estava conformado por 15 entidades paraguaias<sup>92</sup> e basicamente era composto pelas mesmas organizações que estiveram presentes na primeira edição do evento (2 ENCUESTRO... 1988, p. 38, n. 8).

No texto-resumo publicado na *Enfoques de Mujer* indicaram a reprodução de uma nota divulgada no semanário *Sendero* da Conferencia Episcopal Paraguaya (CEP), e segundo a revista a notícia publicada havia transcrito adequadamente o trabalho conduzido pela CMP. O evento foi produzido em formato de oficinas de trabalho e evidenciou as leis, buscando responder, com o auxílio de todas as mulheres presentes: “¿Cómo haríamos las mujeres nuestras propias leyes?” (II ENCUESTRO... 1988, p. 37, n. 8). Entendendo que entre elas havia diferenças.

Segundo o resumo disponível, entre as principais leis que discriminavam as mulheres naquele documento oficial, estava a obrigatoriedade do registro do sobrenome do esposo e a discussão acerca da capacidade legal de gerir ou não um patrimônio. No caso do nome, indicavam que seria necessária uma proposta que levasse em consideração a não obrigação de absorver o nome do cônjuge. Propuseram também que se suprimisse a preposição “de” do sobrenome e se incorporasse “e”, pois assim se entenderia não o domínio de um sobre o outro. Entretanto, mulheres camponesas indicaram que para elas, suprimir a preposição representava

---

<sup>92</sup> GEMPA, CDE- Área Mujer, Alter Vida, Asociación Cristiana de Jóvenes (Mujeres Acción), Asociación del Abogadas del Paraguay (ADAP), Base Investigaciones Sociales, CEHU, CEPEN, Círculo de Advogadas del Paraguay, Equipo Nacional de Pastoral Social, Grupo Taller de Mujeres, MxD, Palabra de Mujer da Rádio Ñanduti, Pastoral Social Arquidiocesana e CEPEP. (2 ENCUESTRO... 1988, p. 37, n. 8).

que teriam menos respaldo de suas comunidades, já que lhes davam mais respeitabilidade (2 ENCUESTRO... 1988, p. 37, n. 8).

O outro problema apontado e de consenso geral, foi questão da gerência do patrimônio matrimonial. Na lei, constava que o homem seria o administrador dos bens, ao passo que, segundo a proposta das mulheres organizadas, deveria prevalecer a ambos a administração de seus bens. O último ponto aventado no resumo foi o concubinato (união consensual), que deveria ser reconhecido sem hierarquias, podendo ser registrado diante de um juiz de paz para que se declarasse tal união e legalizada, e pudesse valer qual o casamento civil (2 ENCUESTRO... 1988, p. 38, n. 8)

No mesmo texto, mas na parte chamada de *Inquietudes*, foi realçada a questão da linguagem técnica apresentada no evento e pediram para “que se hable en un lenguaje más accesible [...] y que se considere la posibilidad de traducir las conclusiones al guaraní, tal como se hizo en el primer encuentro” (2 ENCUESTRO... 1988, p. 38, n. 8), outro tema foi a necessidade de eventos pautados sobre legislação trabalhista, incluindo as leis para o trabalho doméstico. Essas conclusões apontam que a linguagem técnica ainda era uma barreira, somando a isso é importante mencionar que a Língua Guarani amplamente falada no país, e muitas vezes é a língua principal de variados grupos e pessoas, não era a língua oficial do evento. A questão da dificuldade em relação à exposição técnica, também havia sido evocada na versão anterior em 1987 e dado a proposta de dialogar com o universo jurídico, apesar da mudança de formulação do evento, lembrando que o primeiro foi em plenárias e esse com oficinas de trabalho, permaneceu o problema de acessibilidade da linguagem<sup>93</sup>.

Após o II Encontro, José Szwaco (2012, p. 178) indica que a equipe jurídica que faria a proposição de anteprojeto foi formada pela redatora Mercedes Sandoval de Hempel do Centro Paraguayo de Estudios de Población (CEPEP) e suas assistentes, Berta Peroni, Line Bareiro e Eddy Irigotia. Essa composição de mulheres vindas de trajetórias distintas, Peroni do grupo Mujeres por la Democracia, Eddy Irigoitia do CEPPEM e Line Bareiro do CDE-Área Mujer, todas participantes da CMP, buscavam escrever o anteprojeto mais fiel as conclusões do encontro de mulheres. O Anteprojeto de Reforma Parcial do Código Civil redigido e enviado ao parlamento foi ignorado durante os últimos momentos do governo de Stroessner e, posteriormente a sua saída de cena, com a abertura política, o anteprojeto também passou por

---

<sup>93</sup> Após a primeira edição do evento *Nuestra Igualdad Ante la ley* foi publicado em formato de livro as principais conferências e registros de trabalho, talvez seja essa a publicação traduzida para o Guarani, levantado nas *Inquietudes*. Porém, não tive acesso a essa publicação para confirmar de qual se trata.

marginalização. Depois de muita pressão no congresso, e denúncias internacionais, obtiveram a sua aprovação, com algumas ressalvas, em 1992.

Apesar da importância dos eventos como catalisadores da luta de mulheres, com a criação, inclusive da CMP que organizou um anteprojeto de lei enviado ao parlamento, pouco foi explorado nas páginas da *Enfoques de Mujer*, no sentido de registro de suas memórias. Essa constatação não diminui o impacto do evento, pois quando se trata do feminismo paraguaio é recorrente o uso de memórias sobre os dois eventos *Igualdade ante la ley*, já que estes foram o despertar de um movimento que propunha mudança das normas. O outro, organizado pelo Grupo-Taller, o *Encuentro-Taller*, é evidenciado, mas como algo à parte, talvez por ter sido organizado por militantes de partidos políticos e sindicatos. Trazer esses eventos como ponto de partida para refletir sobre a importância da organização das mulheres no país, busca visualizar o processo de configuração da pauta feminista sendo discutida entre mulheres que muitas vezes não se sentiam como parte dele ou contestavam a sua validade.

Os eventos e suas organizadoras também tem relação com os grupos de estudos que foram se desenvolvendo em meados dos anos de 1980, dado que as próprias intelectuais militaram em prol da mudança do código civil e passaram atuar através do GEMPA e do CDE na CMP. Tanto é que os documentos relativos aos eventos apareceram em suas revistas que passaram a divulgar o feminismo militante e intelectual do qual faziam parte.

Todo este movimento e ação ocorreram durante os anos finais da ditadura stronista. Nesse período havia maior movimentação *callejera*, críticas ao regime e cisões dentro do Partido Colorado. Mas tais eventos de mulheres poderiam ter gerado problemas para as organizadoras? Provavelmente. O receio de produzir estes eventos e propor mudanças legais passaram pelo medo e pela vigilância, mas também, tiveram o respaldo de pessoas associadas ao Partido Colorado, de representantes da Igreja e por pessoas bem relacionadas internacionalmente. É necessário pontuar que nesse primeiro momento a Igreja se colocava próximo às pautas, devido à questão legal e internacional, mas não foi um agente progressista, em vários momentos se colocou contrário aos debates feministas no país e apareceu nas revistas como um órgão que cerceava a ação das mulheres.

### 3.2 “QUIEN NO MILITA NO PUEDE HABLAR”- OS CONFLITOS FEMINISTAS ENTRE MULHERES INTELLECTUAIS E POLÍTICAS

A relação de novidade criada pela organização de mulheres em prol de modificação da lei, trouxe consigo o espelhamento das diferenças entre as intelectuais e as militantes paraguaias que se estranharam diversas vezes, mas também buscaram resolver as suas diferenças para trabalharem unidas (e isso não é comum somente no Paraguai). É muito interessante perceber a maneira com que o GEMPA, através da *Enfoques Mujer* escreveu sobre algumas situações, e como elas mesmas se colocavam como investigadoras e intelectuais. Dentro da retórica de construção do feminismo paraguaio, um desconforto transformou-se em ressentimento e na luta por conseguir acesso para mulheres também se excluiu parte delas. A tensão entre mulheres intelectuais e políticas apareceu no livro de memórias de Graziella Corvalán o *Movimiento Feminista Paraguayo. Su construcción social* (2013), quase como um remorso, e também no livro de Perla Colazo e Nadim Yore *Al rescate de nuestra historia* (2001), carregado de palavras de ressentimento.

Com a saída de cena de Alfredo Stroessner em 1989 para o exílio no Brasil e a abertura democrática, as organizações de mulheres passaram a fazer pressão nos partidos e no Estado para que houvesse mudanças no campo jurídico, educacional e político. Era o grande momento das mulheres paraguaias que depois de muitos anos sem espaço de diálogo, conseguiram através de muito esforço, brechas para modificar o sistema. No mês de abril de 1990, a Câmara de Deputados tomou as providências para organizar uma apresentação sobre a mulher e a sua realização ficou a cargo da deputada colorada, Antonia Núñez de López, a qual estava orientada para convidar as participantes e as expositoras.

No mês de maio, informaram Perla Yore e Carmen Colazo (2001, p. 54-55), a tensão entre mulheres intelectuais e políticas ficou evidente. Foi sobre o evento que decorreu a polêmica, Perla Yore e Carmen Colazo enfatizaram que a *Multisectorial* não foi convidada para a primeira reunião e que as mulheres políticas foram excluídas, inclusive salientaram, que teriam dito durante esse conflito, que a presença das militantes políticas iria “prostituirlo afectando su nivel” (YORE; COLAZO, 2001, p. 158). Essa situação gerou um mal estar. Diante da exclusão, a *Multisectorial* encaminhou uma nota ao presidente da Câmara de Deputados reclamando a situação e buscando uma posição sobre o problema. Além disso, lançaram uma declaração pública chamada de *Ganamos Todas* para esclarecerem que a *Multisectorial* não cancelou, mas pediu a suspensão do evento para que pudessem participar, em que segundo elas

[...] Al rechazar la postura de algunas que pretendieron abordar el tema "MUJER" desde un enfoque 'Académico-científico', con la intención de convertirlo en patrimonio exclusivo y excluyente de una elite, manifiesta que el mismo puede ser abordado desde diferentes ópticas, conforme está constituida la sociedad. 4- la actitud radical de la docena de mujeres que pretendió atribuirse la representatividad de las más de 1.500.000 paraguayas, las descalifica como 'cientistas' y denota su incoherencia con sus supuestos principios feministas, pues, más lógico hubiera sido que tuvieran esa actitud para exigir la participación sin exclusiones arbitrarias de todas las organizaciones de mujeres. (YORE, COLAZO, 2001, p.158)

No livro, Perla Yore e Carmen Colazo indicaram que as intelectuais (sem fazerem acusações nominais) preferiram cancelar o evento a esperar pelas mulheres da Multisectorial.

En este momento se produce un corte drástico en la cooperación entre ambos grupos, más cuando las mujeres de las ONGs prefieren cancelar el evento, antes que darle participación a las políticas, hecho que muchos interpretan como falta de madurez y visión político-estratégica de ambos sectores. Primaron los intereses sectarios de los grupos y ambiciones desmedidas de algunas individualidades (de figuración, espacios y cargos públicos), antes que el interés más amplio de género por el que dicen trabajar políticas y estudiosas (YORE; COLAZO, 2001, p. 56-57).

O periódico *Informativo Mujer* o CDE-Área Mujer abordou a situação e aventou que ao incluírem as mulheres da Multisectorial ao dito *Fórum*, algumas conferencistas anteriormente convidadas foram excluídas, e a partir desse movimento é que decidiram não participarem mais do fórum em respeito as mulheres que foram desconvidadas (PANORAMA,1990, p. 4, n. 15).

Carmen Colazzo e Perla Yore (2001, p. 54-55) ao comentam sobre assunto ainda refletiram sobre a posição das intelectuais que por estarem presas às organizações exteriores às quais lhe subsidiaram, não poderiam se associar a algumas pautas de luta e fazer-se presente publicamente, como faziam as mulheres associadas a Multisectorial. A situação gerada apontava para as diferenças entre as organizações de mulheres e suas formas de atuação. Muitas vezes nos textos escritos pelo GEMPA e pelo CDE foi feita a crítica de que as mulheres políticas estavam presas as decisões do partido, ao passo que as militantes políticas acentuavam a falta de autonomia das ONGs devido o financiamento externo. Cabe mencionar ainda que o CDE e o GEMPA não faziam parte da Multisectorial, que era uma entidade de mulheres políticas, mas integravam a CMP.

Esse impasse foi bastante divulgado nos jornais do período devido a oportunidade de diálogo perdido, além disso, foi explorado a ideia de falta de cumplicidade entre as mulheres

na condução da resolução de problemas. No *Informativo Mujer* o conflito foi apresentado como uma disputa de influências e poder,

[...] este este mayo se rompió da ilusión de que el crecimiento del movimiento de mujeres, de la conciencia feminista, de las luchas por la igualdad y de las conquistas contra la discriminación de género seguirían una evolución lineal, siempre avanzando positivamente, sumándose cada vez más mujeres, ganando respeto y apoyo de los hombres progresistas y conquistando “democracia en el país y en la casa”. Se evidenciaron concepciones y métodos diferentes entre feministas, organizadas como tales, con trayectoria de lucha por la democracia política, social y cultural y mujeres que participan en algunas organizaciones políticas democráticas o no, y en organizaciones feministas femeninas sin reflexión de género. Emergió un conflicto entre ellas posiblemente porque en los últimos diez años se ganó un espacio público para la problemática de género y ese espacio significa poder y éste se traduce ya hoy en día en posibles cargos e influencias. No se realizó el foro parlamentario programado para el día 7 y 8 del mes, cuyo objetivo era dar elementos a los diputados sobre la condición socio-cultural, política y jurídica de las mujeres en nuestra sociedad, de manera que se pudiese dar un tratamiento adecuado a los proyectos de ley para lograr la igualdad legal y real de las mujeres. [...] Se sucedieron reuniones, declaraciones en la prensa en las que se trató a Antonia **[Núñez de López, Deputada]** de discriminadora, a las que asistieron a la reunión de apañadoras de la exclusión, y se dijo que una persona que no milita en un partido político no puede hablar sobre el tema de participación política (PANORAMA, 1990, p. 4, n. 15).

O comentário feito no editorial da *Informativo Mujer* é curioso, pois aparenta uma ingenuidade acerca do feminismo, pelo menos na estratégia discursiva do editorial. E, ao mesmo tempo, apresenta uma visão perspicaz sobre as lutas por espaços de poder, as quais acentuou as disputas entre as intelectuais e as militantes políticas. Em outra produção do CDE-Àrea Mujer, na revista *Anuario Mujer* 1990, trataram mais uma vez de reforçar a situação de tensão entre as militantes políticas e as mulheres intelectuais,

Las dirigentes políticas de la Multisectorial descalificaron el enfoque científico-académico que se quería dar al foro. El presidente de la Cámara de Diputados respondió positivamente a sus demandas, pero “de passo” eliminó importantes nombres de la lista de expositoras. Ante esto, el grupo inicial de participantes decidió declinar la invitación. Finalmente el foro fue cancelado. aunque el conflicto continuó a través de comunicados y artículos de prensa (ANUARIO MUJER 1990, [s/d], p. 8)

No editorial da *Enfoques de la Mujer* o GEMPA também fez uma análise do ocorrido, colocando a hipótese de que “el conflicto surgió entre grupos diferenciados por su posición y función dentro de la sociedad que, como tales, poseen e intentan poseer porciones de poder de naturaleza distinta: el poder político y el poder del conocimiento” (EL FORO... 1990, p. 1, n. 15). Continuando o comentário, o GEMPA enfatizou que ambos os grupos tinham trajetórias diferentes, e não houve participação conjunta quando se propôs a modificação do Código Civil.

“Digamos que estuvieron siempre, si no enfrentados, guardando una cautelosa distancia, y en más de una ocasión existieron motivos que ahondaron la brecha existente” (EL FORO... 1990, p. 1, n. 15). Ainda na visão do GEMPA, indicaram que houve uma situação agravada pela “soberba ativista”, ao desqualificarem as intelectuais com a frase “una persona que no milita en un partido político no puede hablar sobre el tema de la participación política” (EL FORO... 1990, p. 1, n. 15). Para o GEMPA uma investigadora possuía “muchas ventajas”, pois partiam de um compromisso com a verdade e levavam em consideração o método científico, e não do interesse de um determinado grupo (EL FORO... 1990, p. 1, n. 15).

Os textos não mencionaram os nomes das expositoras convidadas para a reunião preparatória do Fórum que nunca aconteceu, entretanto foi investida muita energia entre as mulheres e que poderiam ter se unido em prol de uma pauta comum. Para um público *asunceno* essa discussão é bastante conhecida e os nomes são ressaltados nas conversas, mas para a tese, basta entender o processo desse acontecimento e as organizações envolvidas, já que nos textos são citados a Multisectorial e a CMP.

As “militantes políticas” denunciaram as acadêmicas e as intelectuais de excluírem as mulheres políticas do processo usando os meios de comunicação como fontes de exposição do problema. E as “mulheres intelectuais” também respondiam na imprensa se defendendo com as “armas do conhecimento científico” pautados na ideia de neutralidade, de método de pesquisa, mas para além desses espaços da imprensa que notificou a discussão, muitas tiveram o espaço para registrarem seus pontos de vista sobre a situação nas revistas que produziam. Na *Informativo Mujer* foram registradas algumas reportagens sobre o ocorrido que saíram no jornal e na *Enfoques de Mujer* o tom de reprovação sobre a ação da Multisectorial foi mais forte, a ponto de reforçarem uma ideia de que esse grupo estava buscando excluir as mulheres acadêmicas (EL FORO... 1990, p. 2, n. 15).

Os discursos sobre esse evento são rodeados de frases mal colocadas, tensões que já vinham sendo alimentadas, e depois do ocorrido, um grupo colocava culpa no outro pela oportunidade perdida. Nas memórias recém mencionadas, escritas na atualidade, ambas partes tentaram defender a sua posição e amenizar o mal entendido. Nos discursos fica evidente o conflito pelo espaço de fala, pelo lugar autorizado para o tratamento do assunto, por poder de diálogo e de influência dentro das tramas do Estado que se estava modificando naqueles anos.

O conflito se estendeu, dividiu e distinguiu as mulheres organizadas entre cientistas e políticas por algum tempo. Na XX Assembléia Geral das Organização de Estados Americanos (OEA), ocorrida em Assunção em junho do mesmo ano, as mulheres da CMP não foram

convidadas e nem para a palestra feita por Cristina Muñoz (ANR), representante da Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) (INFORMATIVO MUJER, 1990, p. 4-5, n.16). Entretanto, apesar da fadiga propiciada pelo ocorrido, no ano seguinte várias articulações foram feitas entre as pesquisadoras e as mulheres políticas para fortalecerem a participação das mulheres na política e na questão da demanda de cotas nos partidos e claro, na criação da Secretaria de la Mujer.

Um fato relevante, é que devido a pressão de mulheres paraguaias, a primeira ministra da Secretaria de la Mujer foi Cristina Muñoz (ANR) em 1993, durante o governo do colorado, Juan Carlos Wasmosy, e não a filha de Andrés Rodríguez, Mirtha de Saba que não tinha uma atuação em organizações de mulheres, como esse buscou fazer em 1992, logo após o Decreto-Lei n. 34/92 que criou a Secretaria de la Mujer (YORE; COLAZO, 2001, p. 61-63). Com a sua instituição, o ministério integrou muitas mulheres do partido oficial e, dentre elas, Carmen Colazo e Perla Yore, já as intelectuais do GEMPA e do CDE, ficaram distantes de início, mas pouco depois foram ingressadas para a elaboração dos projetos com perspectivas de gênero.

### 3.3 ENCUENTROS FEMINISTAS LATINO AMERICANOS E MUNDIAIS NAS PÁGINAS DAS REVISTAS 1980-1990

O sentir-se feminista é uma descoberta, um encontro individual e coletivo. No período tratado na tese muitos congressos foram o espaço de “start” para que mulheres se convertessem em feministas ou, até mesmo para feministas já auto identificadas com o movimento, um local em que se aprendia e se repensava o que era ser feminista. Como vimos, Line Bareiro e Graziella Corvalán, duas intelectuais importantes, tiveram seus encontros com o feminismo de forma distinta. Bareiro mais associada aos movimentos sociais de esquerda e Corvalán aos eventos internacionais e a pesquisa acadêmica.

Nas revistas das quais eram coordenadoras muito se abordou sobre os encontros e as impressões que tiveram sobre eles. E quase sempre era uma reflexão sobre a sua atuação no evento e o que poderiam trazer para discutir no Paraguai. Nesse sentido, é necessário pontuar algumas considerações sobre os eventos, pois eles tiveram não só relação com os centros de investigações criados na década de 1980 e 1990, como também com o desenvolvimento do feminismo no país. Para Sonia Alvarez *et al* (2003, p. 543), os encontros “provaram ser arenas transnacionais fundamentais onde identidades e estratégias especificamente latinoamericanas têm sido construídas e contestadas”.

Os eventos são pensados como pontes que fortalecem as mulheres, promovendo confrontos de ideias e de posicionamentos, local de aprendizagens e de trocas. Sobre a participação paraguaia nos congressos, é interessante informar que a nível global os programados pela ONU<sup>94</sup>, sobre a década da Mulher (1975-1985), tiveram alguma relevância no país. Dele derivaram e se criaram outros tantos eventos, além de serem estabelecidas agendas de desenvolvimento em comum, promovendo e apoiando os estudos sobre a condição da mulher. A respeito da *I Conferência Mundial sobre a Mulher - Igualdade, Desenvolvimento e Paz*, no México em 1975, há informação sobre a presença de uma comissão paraguaia nos documentos oficiais do evento, mas não encontrei os nomes de suas participantes e sua ação efetiva em textos escritos por mulheres paraguaias<sup>95</sup>.

Nesse período da década de 1960-1970, no país, apesar de algumas vitórias no campo do direito civil e político, com a inserção das primeiras mulheres disputando eleições e promovendo projetos, o feminismo não era uma questão difundida, pelo menos até o momento não foi proposto estudo acerca do tema. Até mesmo autoras reconhecidas e feministas do CDE, como Margarita Elias e Line Bareiro, informaram que em suas ações dentro dos movimentos contestatórios ao regime, não possuíam discussões feministas relevantes, talvez por que não tivesse espaço para discussão.

Sobre a I Conferência da ONU, a revista brasileira *Mulherio*<sup>96</sup> informou que o feminismo não tinha hegemonia no congresso, naquele momento ainda era considerado algo muito negativo e individualista. No texto de análise do evento, contam na revista que ao chegarem México em 1975, defrontaram-se com uma divisão, pois as feministas eram percebidas como “aquelas que estavam preocupadas exclusivamente com mudar a vida pessoal,

---

<sup>94</sup> A relação dessa instituição internacional ainda é tema de debates, sendo necessário pensar sobre a relevância de movimentos feministas e de mulheres na ONU. Sabemos que foi criada no contexto da Segunda Guerra Mundial e no período posterior foi delimitando seus estatutos e organismos. Faço um adendo para a carta da ONU que contou com a pertinência de quatro mulheres, representantes de seus países, Bertha Lutz (Brasil), Minerva Bernardino (República Dominicana), Virginia Gildersleeve (Estados Unidos), Wu Yi-Fang (China) para a inclusão do termo “mulheres” no documento. A pesquisadora Cecilia Sardenberg indica que elas também contribuíram para a criação da uma Subcomissão sobre Condição Jurídica e Social da Mulher, que em primeiro momento atuou no reconhecimento e promoção dos direitos das mulheres. Nas décadas de 1970-1980, organizaram as conferências mundiais dentro do que se chamou de Década da Mulher e foram determinantes para a construção de uma agenda com políticas de Igualdade de gênero, termo adotado na Plataforma de Ação de Beijing. Sobre a discussão acerca da ONU, destaco alguns textos. (GRAMMÁTICO, 2019, 565-570; FALQUET, 2003, p.13-35, SARDENBERG, 2018).

<sup>95</sup> Cf. [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/03/relatorio\\_conferencia\\_mexico.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/03/relatorio_conferencia_mexico.pdf) Acesso em 07 abr. 2023.

<sup>96</sup> Revista feminista produzida por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas com financiamento da Fundação Ford entre os anos de 1981 até 1988. Todas as suas edições estão disponíveis no link: <https://www.fcc.org.br/fcc/mulherio-home/> Acesso em 07 abr. 2023.

sem ver as implicações que essas mudanças traziam para o campo político. E quem trazia as questões políticas eram as antifeministas, dizendo que o feminismo era coisa de mulher burguesa” (CASTILHO, 1985, p. 7, n. 22).

Tal era a situação em 1975, muitos países viviam em regimes ditatoriais e os debates feministas eram considerados menores por grupos de esquerda e pela direita conservadora. Recordo que Therezinha Zerbini (1979, p.13), do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA, 1975-1979), frisou no livro *Anistia, sementes de liberdade*, o estranhamento de ouvir reivindicações de mulheres lésbicas feministas no evento. Para ela, a luta era pelo pão, pelo teto e pela educação e apesar de outras questões parecerem interessantes, o seu discurso apontava que não deveriam ser a preocupação principal<sup>97</sup>. Ainda que esse evento não tenha tido uma recepção acolhedora para muitas feministas, a partir dele, muitas organizações de estudos sobre mulheres emergiram, usando-o como ponto de referência e, por vezes, uma seguradora contra a repressão (WOLFF; PEDRO; CRESCÊNCIO, 2016; SADENBERG, 2018).

Em 1980 na *II Conferência Mundial sobre a Mulher- Educação, Emprego e Saúde*, em Copenhague (Dinamarca), assim como na versão anterior, não encontrei pistas sobre a delegação Paraguaia<sup>98</sup>. Porém, uma das primeiras organizações de estudos da mulher no país, localizada na UCA, o CEPEM, foi criado em 1981, e parece ter associação com os resultados daquele evento. Segundo os relatos apresentados no livro *Hacia una presencia diferente*, organizado por Carmen Echaury, uma das coordenadoras do CEPEM, contou que “después de Copenhague empezamos a reunirnos a instâncias de Marilyn Godoy Ziogras y pensar dónde podríamos insertar un centro de estudios de la mujer” (ECHAURI, 1992, p. 17). Esse relato é anônimo no livro citado, mas deve ter sido de outra fundadora ligada a esse centro de estudos, tais como: Manuelita Escobar de Peña, Marta Laterza, Olga Caballero Aquino, Mirna Vásquez, Raquel Chávez, Silva G. de Escauriza, Graziella Corvalán e Stella Fernández (*¿QUÉ & DONDE?* 1989, p. 44, n. 5). É interessante ver o nome de Graziella Corvalán citado no livro, mas em nenhum outro texto que verifiquei o seu nome é associado ao CEPEM.

Dentro do programa de estudos do CEPEM, informaram na revista *Informativo Mujer*, que buscaram “adherirse y cumplir los objetivos aprobados por el foro de la Mitad del Decenio

---

<sup>97</sup> Therezinha Zerbini é uma personagem interessante, muitas vezes ela se dedicou a se afastar do feminismo para que não houvesse problemas para si e para o seu grupo, mas ela nem sempre discordou das ideias. Várias das mulheres que participavam do MFPA eram feministas, o que muitas vezes causou incômodo no movimento pela anistia. Mas essa situação de desconforto é uma narrativa constante nos discursos de feministas e não feministas devido a diferença de ideias e posições políticas. Para saber mais, Cf. (ZERBINI, 1979 p. 22; DUARTE, 2016).

<sup>98</sup>Ver em

<https://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/otherconferences/Copenhagen/Copenhagen%20Full%20Optimized.pdf> Acesso em 07 abr. 2023.

de las Naciones Unidas para la Mujer [...]. Para ello plantea investigar sobre la historia, las condiciones y las necesidades de la mujer paraguaya a fin de dar respuestas a interrogantes” (¿QUÉ & DONDE? 1989, p. 44, n. 5) sobre a desigualdade no país. Para levarem adiante esses propósitos, desenvolveram a temática dos direitos da mulher na disciplina de Direito de Família na Facultad de Ciencias Jurídicas. Além disso realizaram eventos, tais como o *Seminario Mujer, Violencia y legislación penal* e outras ações como projeto de estudo sobre as condições de mulheres em situação de cárcere — com plano de trabalhos para reabilitação —, e por último, realizaram atividades com as mães de crianças da escola *Hogar de Canillitas* da paróquia de San Roque, no departamento de Chacarita (¿QUÉ & DONDE? 1989, p. 44, n. 5). Todos os trabalhos e atividades informadas pelo grupo possuíam o tema do direito e da mulher entrelaçados.

Nesse período também se iniciaram os chamados Encontros Feministas Latino Americano e do Caribe, conhecidos como EFLAC. Algumas autoras indicaram que na primeira década dos eventos algumas discussões foram centrais, como a relação da autonomia das organizações em relação aos partidos políticos e o diálogo com o movimento de mulheres, que apesar de ter pautas voltadas para as mulheres não se entendiam como feministas. Sobre a organização das EFLAC, Sonia Alvarez *et al* (2003, p. 547) enfatiza que os três primeiros eventos foram realizados a cada dois anos e foram autofinanciados, pois acreditava-se que o subsídio externo poderia “comprometer politicamente” o diálogo dos encontros.

Os três primeiros eventos ocorridos entre os anos de 1981 a 1985 não foram evidenciados nas revistas paraguaias diretamente, recordando que o primeiro periódico feminista que passou a ser produzido se iniciou no de 1986, com a *Enfoques de Mujer*, porém os encontros foram referenciados como importantes espaços de influência para a criação de centros de estudos.

A IV EFLAC que ocorreu no México em novembro de 1987, apareceu em um texto que apresentou a síntese das proposições do evento, foi reproduzido da revista *Mujeres en Acción* da Isis Internacional e publicada na *Enfoque de Mujeres* de julho de 1988. Nele se compartilhava os principais planos e os temas para serem discutidos no próximo encontro que ocorreria em San Bernardo, na Argentina no ano de 1990. As temáticas eram: violência, direitos humanos, lesbianismo, sindicalismo, ancianidade, religião, linguagem, aborto, política feminista, matriarcado e sexualidade. A ideia da publicação era refletir sobre os diversos pontos de debates e divulgá-los, para que se pudessem propor programas em comum, ampliar os

espaços, criar redes e impulsionar as propostas (IV ENCUESTRO FEMINISTA... 1987, n 10 apud ENFOQUES DE MUJER, 1988, p. 48-49, n.7).

Na *Enfoques de Mujer* em 1989 foi divulgado o documento intitulado *Declaración de principios*. Nele explicitaram a importância dos eventos feministas já ocorridos, pois “durante estas reuniones se sentaron las bases para un trabajo mancomunado entre las mujeres que están comprometidas con la información y la documentación” (DECLARACIÓN DE PRINCIPIOS,1989, p. 38, n. 11). Dentro desse contexto frisaram a preocupação com a promoção dos estudos sobre mulheres e que a *Isis Internacional* organizou — como uma continuação dos acordos dos últimos encontros — o curso *Organización y funcionamiento de Centros de Información en el Tema de la Mujer* no ano de 1988. O objetivo era o de auxiliar no funcionamento de tais instituições e apresentar novas tecnologias que estavam a disposição no período (DECLARACIÓN DE PRINCIPIOS,1989, p. 38, n. 11).

Esse texto que não possui autoria, mas ano e local (1988, Santiago), pode ter sido escrito pela Isis Internacional dado a centralidade do discurso no evento promovido pela organização, mas tal indicação não é feita na *Enfoques de Mujer*. Além desse tema, foi enfatizado a importância dos centros de documentação e frisaram que “se constituyen en las unicas fuentes de suministro de información sobre las vidas de las mujeres [...] son espacios que no pueden ser catalogados de academico o de elite [...]” (DECLARACIÓN DE PRINCIPIOS,1989, p. 38, n. 11). Nesse texto ressaltavam que nesses espaços frequentavam pessoas de todos os setores e dentro da conjuntura de crise econômica, pelo qual alguns países passavam, os centros de informação e de documentação eram alternativas preciosas para a construção de espaços de conhecimento sobre as mulheres, mas o problema principal desses lugares era a dependência financeira, já que necessitavam para o funcionamento.

Nesse texto, outro ponto interessante, foi o entendimento de que os centros de documentação que são espaços de investigações, também deviam operar como locais de recuperação da história das mulheres na História, visto que até aquele momento pouco havia sido escrito sobre a participação destas no rumo da história. Após a esse texto, o artigo que apareceu na sequência da revista se chama *¿Que hacen las mujeres del GEMPA?* (1989, p. 39-41, n.11) e nele foi apresentado uma matéria com as principais investigações do grupo e suas atividades. No sentido de mostrar o trabalho que esse centro produzia no que diz respeito ao tema da mulher na América Latina e, talvez somar ao texto anterior, no quesito esforços de produção do país. Sobre o evento da Isis Internacional, é importante mencionar que em números

anteriores da revista, foi indicado que o CDE e o GEMPA foram ao Chile para participar do curso acerca dos centros de informação para mulheres (NOTÍCIAS, 1988, n. 9, p. 50).

Retornando a questão da EFLAC, em uma leitura sobre o feminismo no Paraguai, a *Enfoques de Mujer* também comentou a importância desses ao longo do tempo e como os encontros proporcionaram em vários países um fortalecimento do movimento feminista. Segundo o editorial de dezembro de 1990,

Los Encuentros Feministas Latinoamericanos y del Caribe constituyen espacios importantes donde se expresa la situación de movimiento feminista de la región. Estos eventos sirven para cotejar y discutir las actuales tendencias del feminismo en su conjunto, como también ofrecen la posibilidad de tomar contacto con las mujeres provenientes de los más diversos sectores, lo que permite intercambiar experiencias y conocimientos acerca de los logros, tanto cualitativos como cuantitativos, del movimiento feminista (EL FEMINISMO... 1990, p. 2, n 17).

Ao contextualizarem o evento, comentaram que foi a partir do I EFLAC, na Colômbia, onde se discutiu sobre a autonomia em relação aos partidos e “o movimento feminista latinoamericano creció y amplió sus fronteras, resultado de lo cual fue el incremento considerable” (EL FEMINISMO... 1990, p. 2, n. 17) de mulheres que foram ao II EFLAC que ocorreu em Lima, Peru (1983). Esse evento, segundo o GEMPA teve em seu eixo de discussões o tema do patriarcado. Sobre o III EFLAC, em Bertioga no Brasil (1985), sustentaram que nele “se plantea por primera vez **la diversidad del movimiento**: el feminismo no es un solo, abarca a grupos heterogéneos y se concluye que justamente esta característica constituye su fuerza” (EL FEMINISMO ...1990, p. 1, n 17). A respeito do IV EFLAC, no México (1987), sinalizaram que a discussão foi sobre a política feminista na América Latina e no Caribe, nessa edição frisaram que “se evidenció con más nitidez la multiplicidad de rostros del feminismo, el crecimiento del mismo y la necesidad de realizar una autocritica que permitiera al movimiento desprenderse de la ‘lógica amorosa’[...] en evitar el conflicto, la no asuncion de las diferencias” (EL FEMINISMO...1990, p. 2, n 17).

Na conclusão do GEMPA sobre tais eventos, elas informaram que apesar da importância desses encontros para o feminismo latino-americano, até aquele momento não tinham influência percebida no Paraguai, a notar pela participação de mulheres que neles estiveram presentes. Em 1985 no Brasil, apenas uma mulher paraguaia compareceu, em 1987, em Taxco foram duas as participantes e no ano de 1990, em San Bernardo, 21 mulheres compareceram (EL FEMINISMO... 1990, p. 2, n 17). Demonstrado que em meados dos anos de 1987 para 1990, ocorreu maior esforço de colaboração para comparecer ao evento.

Lembrando que ano de 1990, o país passava por um momento de reconfiguração de circulação de pessoas e buscava apresentar ares mais democráticos, devido a saída de cena de Alfredo Stroessner. Além disso, já havia mais núcleos de investigação de mulheres na região tanto no Paraguai, como fora dele.

Para algumas autoras foi com o V EFLAC em San Bernardo, que o feminismo mostrou outra característica do movimento, a sua expansão e a sua visibilidade (foram 3.200 participantes). E, também atestou o seu alargamento nos partidos, nos sindicatos, assim como nas redes constituídas em grupos autônomos, em centros de investigação de universidades, em ONGs e junto as mulheres parlamentares (ALVARES *et al.*, 2003, p. 549). No Paraguai o V EFLAC foi anunciado no mês de setembro de 1990 na revista *Enfoques de Mujer* em uma divulgação onde explicaram do que se tratava o evento, o valor da inscrição<sup>99</sup> e como iriam ocorrer as oficinas de trabalho (que não se tratava de apresentações formais ou acadêmicas), a ideia era meditar e apresentar reflexões sobre os obstáculos do feminismo (V ENCUESTRO... 1990, p. 37-38, n.16).

Talvez pela curta distância, mas também pelo aumento de discussões feministas e criação de coordenações de mulheres, pelo fim do regime stronista e o período de transição iniciado, mais mulheres paraguaias participaram da EFLAC. Em um dos únicos textos de reflexão sobre os eventos que foi publicado na *Enfoques de Mujer*, aparecem as percepções das pesquisadoras acerca do evento em San Bernardo.

O texto em questão chama-se: *Un espacio para intercambiar experiencias* (1990, n. 17) e nele traz os recortes de comentários sobre o evento feitos por Line Bareiro e Celsa Vega (CDE-Área Mujer), María Victoria Heickel (Base-IS), Malena Bareiro e Cristina Román (25 de Noviembre), Laura Zayas, Maria Eugenia Arce, Graciela Corvalán e Mirtha Rivarola (GEMPA), María Liz Rodríguez (Diario Última hora-Sup. femenino). Na matéria informam que foi María Liz Román e Olga Zarza coordenaram a conversa.

Esse texto é relevante, pois mostra a euforia de mulheres que ainda não tinham participado de um evento feminista desse prumo antes e perceberem que o feminismo latino americano e caribenho era “subversivo” e que “existiam” feministas lésbicas. Em uma das falas, uma das entrevistadas refletiu o seguinte: “pude constatar que estamos más o menos en lo mismo: buscando y haciendo cosas. Puede ser que sean más numericamente pero el hecho es

---

<sup>99</sup> A cota de inscrição, informam, era de 100 dólares para mulheres da região do Caribe e países Latino americanos e 200 dólares para provenientes de outra região. O valor cobria alojamento, transporte (Buenos Aire-San Bernardo) e alimentação, mas se poderia aumentar o valor em 10 dólares, devido a crise econômica que o país passava (e de fato isso ocorreu). (V ENCUESTRO FEMINISTA LATINO... 1990, p. 37-38, n.16)

que nosotras nos desvalorizamos” (UN ESPACIO... 1990, p. 9, n. 17). Essa percepção trazia uma análise de forma a comparar o feminismo paraguaio em relação aos demais países latinos e compreendê-lo como semelhante à de outros países, ou seja, como algo em construção, e não como um “movimiento es chiquito y atrasado” (UN ESPACIO... 1990, p. 9, n.17). Dentro de uma conjuntura de um país que carecia de investimentos na educação e recém tinha saído de uma ditadura absolutamente presente e cerceadora de ideias progressistas, essa reflexão trazia um ar de leveza para a conversa, como se afirmassem que estavam agindo em conjunto com os outros grupos e os outros movimentos de países da região para que valorizassem o trabalho feito até então.

O ponto de estranhamento para algumas mulheres e, talvez um descobrimento, segundo o relato, foi o feminismo lésbico e o poder delas dentro do movimento feminista. Para algumas entrevistadas isso as incomodava, dando a entender que sexualidade não era um debate entre as mulheres que estavam nos espaços de investigação. Uma delas se mostrou angustiada devido ao fato que nas festas proporcionadas pela organização do evento não deixavam que homens participassem e elas não entendiam a proibição, mas gostariam de entender a situação. Outra frisou: “para mí fue una experiencia nueva la presencia de las lesbianas asumiendo su opción abiertamente. Al principio tenía lo que ellas llaman ‘lesbofobia’, una reacción a lo pre-establecido a lo que se define como natural” (UN ESPACIO... 1990, p. 10, n.17), e seguiu contanto que ao se aproximar da conversa pôde entender a problemática e desnaturalizar suas ideias pré-concebidas. A questão da discoteca e a proibição dos homens foi entendida (por uma delas) como uma proteção para as mulheres que ali estavam e foi compartilhada com as demais mulheres que participavam da conversa.

Foi narrado também, e isso chamou a atenção delas, que em algumas oficinas, as mulheres que não se consideravam feministas não podiam participar e comentar, e isso causou atrito a ponto de uma das participantes de um determinado grupo falar: “hablen ellas que son feministas” (UN ESPACIO... 1990, p. 10, n.17). Para que somente as mulheres que tivessem em acordo com o pensamento feminista pudessem falar. Essa tensão pela visibilidade, pelo poder de fala e ser reconhecida como feminista, pode ser entendido em um contexto do temido “feministómetro”<sup>100</sup>, apesar de não ser ter sido tão evocado no texto, esteve presente em San Bernardo, para enfatizar quem era ou não feminista, em um cenário de tensão entre as organizações de mulheres, de mulheres associadas aos partidos e as feministas de “carteirinha”.

---

<sup>100</sup> Termo usado de forma irônica para medir o grau de pertencimento ou não com o feminismo e se deu em meados dos anos 1990 e emergiu no II EFLAC. (ALVARES et al., 2003, p. 548).

Essa divisão entre as feministas autodeclaradas e os movimentos de mulheres também aparecia no Paraguai e nem sempre teve linhas tão separatórias, apesar de não concordarem com formas de agir e de pensar, os movimentos sociais de mulheres e de feministas entrelaçavam as suas lutas, como foi o caso do Código Civil e a Secretaria de la Mujer, ou das organizações que faziam parte da CMP ou da Multisectorial de Mujeres.

Isso levanta outra discussão propiciada no evento e indicado nas reflexões das paraguaias: a participação das mulheres políticas e a questão da autonomia diante dos partidos. Sobre esse assunto, uma delas inferiu que “las mujeres politicas no le convocan más a nadie” (UN ESPACIO... 1990, p. 11, n.17). Essa frase é bastante marcante, pois evidenciava o desgaste que naquele momento em vários países que passavam pelo de transição para democracia, não iriam aceitar mulheres políticas tomando a palavra e carregando a bandeira de seus partidos. Segundo a leitura das participantes da conversa na revista, já não toleravam mais o discurso dos partidos que usavam as mulheres e o discurso feminista para promoverem os homens de seus partidos, e que no fim, as mulheres não conseguiam levantar as suas pautas e nem conquistar espaços dentro do mesmo.

As versões sobre o evento foram distintas, algumas ressaltaram os problemas, outras indicaram que as organizadoras, apesar de muitos problemas de estrutura e planejamento, deram o seu jeito. Algumas entenderam o lugar das lésbicas dentro do feminismo e sua importância, outras ficaram incomodadas. Mas diante de tantas vozes sobre o evento, perceberam que as mulheres do Paraguai passaram a olhar para os seus próprios problemas, identificando estratégias, e buscaram ideias de comunicação distintas, além de entenderem e destacarem também que dentro do feminismo havia muitas diferenças.

Outro ponto relevante e demonstra que o feminismo de fato estava se tornando importante no país, foi que pela primeira vez, um jornal pagou uma repórter para fazer a cobertura do evento fora do país, o que demonstra também que o tema estava sendo colocado em debate nos impressos paraguaios. No mesmo número da revista da *Enfoques de Mujer* reproduziram o documento-relatório escrito após o evento, intitulado *El feminismo de los 90. Desafios e propuestas* (p. 34-39, n.17).

O tema do V EFLAC com o título: *O Feminismo como um Movimento Transformacional: avaliações e perspectivas na América Latina* foi eleito com uma proposta de comemorar e analisar os quase dez anos de encontros feministas na região. A cidade de San Bernardo, escolhida por ser uma região praieira e com bom um número de hotéis não comportou o grande número de participantes. Nas narrativas das paraguaias, a cidade era foi apreciada por

ser muito bonita e entre suas reflexões indicavam ter sido um espaço muito agradável apesar dos problemas de organização. O V EFLAC foi o maior evento em número de participantes dos encontros até então e além disso, foi permeada pela crise econômica e pela inflação na Argentina<sup>101</sup>, isso também fez com que a participação no encontro se tornasse mais custosa, algo que também foi pontuado por elas.

Durante esse grande evento emergiram redes de mulheres indígenas que se reuniram e na discussão possibilitada no encontro ressignificaram o ano 1492, em repúdio a ideia de comemoração do descobrimento da América, e declararam o dia 11 de outubro, como o Dia das Mulheres Indígenas (STERBBACH *et al.*, 1994, p. 288). Nesse mesmo EFLAC mulheres negras criaram a Rede- Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, e nessa reunião combinaram um Encontro no Uruguai no para o ano de 1992 (STERBBACH *et al.*, 1994, p. 289). Outra demanda que incidiu nesse evento foi a declaração do dia 28 de setembro como uma data de visualização dos direitos ao aborto. Além disso, outras redes foram criadas e datas refletidas e repensadas. Ao final desse encontro, no dia 25 de novembro, nas ruas de Buenos Aires, foi realizada uma grande marcha com aproximadamente 5.000 mulheres.

As lésbicas que chamaram a atenção de algumas paraguaias tiveram uma das oficinas mais concorridas, com salas cheias e corredores também. Sobre o assunto é comentado que “foram o assunto de pelo menos quatro sessões bastante concorridas, cujos os temas incluíam homofobia entre as feministas e o plano de um Encontro de lésbicas latino-americanas e caribenhas” (STERBBACH *et al.*, 1994, p. 289) O posicionamento preconceituoso de algumas mulheres paraguaias talvez refletisse o próprio espaço que lésbicas tinham dentro do pequeno núcleo de mulheres identificadas com o feminismo em seu país. Evidente que havia feministas lésbicas no Paraguai, mas ainda essas não tinham uma organização pautada em suas próprias reivindicações. Inclusive nas revistas do país, a temática só veio à tona em meados da década de 1990 através dos textos de Clyde Soto<sup>102</sup>.

No título do texto da *Enfoques Mujer* ressaltado em parágrafos anteriores, tratava-se de intercambiar experiências, ou seja, buscavam anunciar como as paraguaias refletiram sobre o encontro. Algumas das narrativas buscaram chamar a atenção para a questão da diversidade e do respeito, entendendo como positiva “la posibilidad de relacionarme y conocer distintos

---

<sup>101</sup> No texto “feministas na américa latina: de Bogotá a San Bernardo” as autoras indicam que as organizadoras receberam financiamento de várias organizações que cobriram 60% do evento, mas no período o país passava por uma profunda crise econômica. (STERBBACH *et al.*, 1994, p. 287).

<sup>102</sup> Na *Informativo Mujer* averigui dois artigos de Clyde Soto (1993, 1996) chamados: *Lesbianismo y control de la sexualidad femenina*; *El difícil trato con la sexualidade* e *Chana: final de una antiheroína*.

grupos de mujeres fue uno de los aspectos que más me gustaron del Encuentro” (UN ESPACIO... 1990, p. 12, n.17). Na continuação do relato enfatizou sobre a presença de mulheres indígenas, negras, católicas, lésbicas,

Todas ellas con sus problemáticas específicas. Interactuar con las mujeres lesbianas fue todo un desafío teniendo en cuenta la sociedad en que estoy inmersa, bastante conservadora, una sociedad donde ni las heterosexuales pueden vivir libremente su sexualidad, mucho menos los que tienen una opción diferente como son los homosexuales y lesbianas. [...] Lo que sí tenemos que procurar es que dentro del movimiento se canalicen las diferencias sin discriminar a nadie, respetándonos en nuestra diversidad y tratando de avanzar sobre objetivos más amplios (UN ESPACIO... 1990, p. 12, n.17).

Essa declaração, talvez tenha sido a que melhor contribuiu para refletir sobre a importância do respeito às problemáticas de cada grupo, pois entendia que havia diferenças fundamentais e que era necessário observá-las para ampliar o debate sobre a discriminação. Para finalizar essa ponderação, acredito ser crucial destacar que nesse período e em momentos anteriores, dissidentes sexuais tinham os seus espaços de sociabilização, mas que eram às escondidas em prol de sua própria proteção. Em 1999 na cidade de Assunção, emergiu o Grupo de Acción Gay Lésbico (GAG-L) e espaços culturais, como discotecas, para que pudessem *bailar* livremente. Sobre esse assunto o grupo Aireana (2003), que é uma organização de feministas lésbicas criado em 2003, realizou uma atividade de resgatar memórias de socialização de lésbicas e os registros de suas existências no país. Em sua produção evidenciaram o silêncio e as tentativas de ocultar a presença de lésbicas ilustres na história como por exemplo, a relação de Serafina Dávalos e Honória Balirán que foram companheiras durante a vida (AIREANA. 2021, p. 16). O livro produzido pelo grupo não teve a intenção de ser acadêmico, mas apresenta histórias de mulheres lésbicas do país em vários períodos do século XXI (AIREANA. 2021, p. 10).

A autora Sonia Alvarez e pesquisadoras que investigaram os eventos feministas informaram que se durante o encontro de San Bernardo os conflitos sobre inclusão, expansão e autonomia não estiveram tão evidentes, os três congressos posteriores levantaram essas discussões e tornaram visíveis os problemas entre as mulheres feministas. E uma das soluções encontradas foi a criação novas redes com outros propósitos e reivindicações. O evento seguinte, o *VI Encuentro Feminista Latino Americano e do Caribe*, em 1993, ocorreu na Costa del Sol (El Salvador) e foi anunciado no *Panorama* do *Informativo Mujer*. Nele indicaram que

a “compañera” Carmen Vallejo havia participado, mas não informaram se mais alguma outra paraguaia foi a edição ao encontro.

Segundo o texto escrito por Carmen Vallejo a discussão desse EFLAC foi: *Nudos, avances y propuestas del movimiento feminista*. A ideia era trabalhar a questão dos “nós” e pode-se aludir ao trabalho teórico de Julieta Kirkwood (1984), socióloga feminista Chilena (e seu texto escrito nos pós- II EFLAC em Lima) e que teve muita influência no período. Os “nós” era uma metáfora para refletir sobre o movimento feminista, seu crescimento e suas tensões e seus entrelaçamentos (KIRKWOOD, 1984, p. 8-9).

Sobre o evento foi enfatizado no texto *Ecos del VI Encuentro feminista*, que “compartiendo las experiencias concretas y las inquietudes surgidas por el contexto de cambio a nivel mundial, con fuerte incidencia en America Latina y el Caribe, se constató que vivimos una etapa de transición en lo económico, político y cultural” (VALLEJO, 1993, p. 6, n. 57). Por isso, precisavam acionar os “nudos” do feminismo, entrelaçados em três grandes aspectos: O primeiro seria o projeto político, em que precisaram a difícil relação entre democracia, poder e autonomia, no sentido de que existiam tantas dificuldades que era necessário construir uma força feminista para a participação e representação de todas as pessoas (VALLEJO, 1993, p. 7, n. 57).

O segundo, era um projeto organizativo, onde enfatizaram os desafios do movimento no que diz respeito ao reconhecimento real e não somente retórico “de las diferencias de clase, raza, etnia, edad, experiencia vital, propuesta feminista, etc., que no se traduce en una práctica consecuente de respeto y reconocimiento de esta diversidad” (VALLEJO, 1993, p. 7, n. 57). O terceiro ponto foi o espaço regional e internacional, nesse aspecto a autora indicou que havia a necessidade de desenvolver estratégias que fizessem frente a diversidade de mudanças e confrontar a subordinação das mulheres. Porém, dentro dos “nós” um problema identificado foi a autonomia do feminismo e a relação com as agências financiadoras e as ONGs, que ficavam presas as condições pré-estabelecidas pelas agências para se manterem e produzirem suas pesquisas e seus trabalhos (VALLEJO, 1993, p. 6, n. 57).

No evento muitas discussões eclodiram por conta dos preparativos da IV Conferência da Mulher, organizada pela ONU. Se para vários grupos feministas esses eventos mundiais eram quase desconhecidos, a ideia naquela edição era torná-lo presente, pois representava o fechamento de um arco de conferências e estava dedicada em avaliar e propor mudanças mais efetivas no que concerne à igualdade entre as pessoas. Para que um bom número de feministas fosse ao evento estava sendo programado subsídios e a indicação de uma representante regional,

só que ao ver de muitas organizações esses dois pontos precisavam ser revistos. Primeiro porque foi eleita Susana Reich para ser a coordenadora das ONGs da região, mas segundo a narrativa, essa era desconhecida no meio das mulheres feministas, segundo fator, foi a agência financiadora que historicamente teve associação com os golpes militares na América Latina (ALVARES *et al.*, 2003, p. 553-554).

Na própria EFLAC, em relação essa situação, circulou uma carta-denúncia feita contra a *Agência Interamericana de Desarrollo* (AID), organização que apoiaria as ONGS que participariam da IV Conferência da Mulher em Beijing (1995). Segundo a *Informativo Mujer*, nela as feministas frisaram a desconfiança sobre como iriam ocorrer os subsídios, além disso “las imposiciones que nos están haciendo en cuanto a la temática a discutir, para América Latina violencia y participación política, en relación a la participación en el proceso de evaluación en la década de la mujer a la canalización de informaciones” (VALLEJO, 1993, p. 7, n. 57). A denúncia, segundo o texto de Vallejo, explorava a ideia de que as organizações também precisavam realizar uma reflexão em conjunto a partir de reuniões para compartilharem as informações sobre os projetos conduzidos pela AID.

Ainda sobre o assunto, nessa mesma EFLAC anunciaram a substituição do nome da Coordenadora Regional de ONG's para o Fórum em Beijing, com a escolha de Virginia Vargas (Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán) feita por várias organizações feministas e que a solicitação havia sido aceita pela Secretaria da Conferência (ALVARES *et al.*, 2003, p. 553). Foi revelado também que a USAID custearia as organizações, mas isso não foi bem vista por várias mulheres por questões de transparência de informações, as ligações antigas da USAID e da CIA, e por receio também de controlarem a agenda feminista.

Segundo as pesquisas sobre o tema, nesse evento foi discutido acerca da questão da autonomia das ONGs em relação às financiadoras, e não somente sobre o processo de ida para Beijing. Havia grupos que reconheciam a dependência dos recursos vindos de agências do exterior, mas entendiam que não poderiam perder a oportunidade. Outros grupos se mantiveram em defesa da autonomia e pronunciaram a perversidade dos financiamentos estrangeiros, contestando a transparência e os métodos das organizações (ALVARES *et al.*, 2003, p. 554). Para as autoras, o primeiro evento ocorrido na América Central foi profícuo em vários sentidos, deslocou o olhar para esses países, e revelou diversas tensões inerentes ao próprio processo pelo revolucionário e de guerra civil pelo qual passavam, mas também acentuou a discussão sobre a autonomia do movimento.

Nada foi fácil durante essa edição do EFLAC. As vésperas do evento, os políticos de direita do país sede, acusaram as feministas de serem comunistas, lésbicas e pertencentes ao Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional (FMLN), chegando ao ponto de serem ameaçadas de morte, além de tentarem impedir mulheres cubanas de entrar no país. Após inúmeras táticas das mulheres, o evento ocorreu sob a proteção da Força de Paz da ONU que se encontrava no país (ALVARES et al., 2003, p. 554). Sobre o assunto, a paraguaia Carmen Vallejo (1993, p. 7, n. 57) escreveu um pequeno parágrafo acerca da insegurança no país, enfatizando que durante a realização do evento nove pessoas foram assassinadas e, diante do contexto, em nome da proteção das participantes, não houve a marcha em prol do fim da violência contra as mulheres.

Em abril do ano de 1996, a VII EFLAC apareceu na *Informativo Mujer* primeiro como anúncio de divulgação do evento, onde indicaram os custos para a participação e frisaram que havia 20 lugares reservados para o Paraguai. (VII ENCUESTRO... 1996a, p. 19, n. 88). Na edição seguinte da revista foi publicado um texto sem autoria que explicitava um breve resumo dos EFLACs e da Conferência de Mundial da Mulher em Copenhague em 1980 (VII ENCUESTRO... 1996b, p. 21, n.89). Segundo este texto, foi durante esse evento que latino americanas decidiram realizar no ano seguinte, um encontro regional, com sede em Bogotá (Colômbia) para pensarem os feminismos latinos<sup>103</sup>. Talvez a necessidade de contextualizar a emergência do EFLAC e o seu funcionamento se deu por conta dos conflitos existentes dentro da organização para a sua edição que ocorreu no Chile e que ficou marcado pela presença em memória, de Julieta Kirwood, falecida no ano de 1985 (MAULEÓN, 1998).

Se na versão anterior do evento as diferenças entre as feministas “institucionalizadas” e as “autônomas” já tinham sido postas e vinham se amontoando sem uma resolução fácil, durante o VII EFLAC, elas se colocaram na ordem do dia. Quiçá, por este motivo, publicaram na *Informativo Mujer* do CDE um texto que demonstrava posicionamento por parte da Area Mujer, “desde el inicio del proceso organizativo del VII Encuentro han surgido grandes divergencias en el interior del movimiento feminista chileno; diferencias que se vienen eludindo exitosamente ya desde hace algún tiempo del feminismo latinoamericano, e el Salvador se había planteado” (VII ENCUESTRO... 1996b, p. 21, n. 89).

---

<sup>103</sup> Sobre esse assunto, Sonia Alvarez sustenta que no ano de 1979, uma organização de mulheres chamada *La Conjura*, da Venezuela, teve a intenção de realizar o I *Encuentro* em seu país, mas não conseguiram, ao passo que as feministas colombianas assumiram a organização do evento. (STERBBACH et al., 1994, p. 266).

Refletindo sobre os impactos no próprio movimento de mulheres do país e aproveitando o ensejo e dentro de uma conjuntura em que várias organizações feministas responderam as tensões provenientes da comissão organizadora do EFLAC, no Chile, em seus respectivos canais de comunicação (ALVARES et al., 2003, p. 556). As paraguaias também ponderaram acerca do assunto e ressaltaram, “en Paraguay se cuentan con los dedos de manos las instituciones y mujeres que se declaran abiertamente feministas, sin embargo, hay muchas organizaciones de mujeres que a pesar de no reconocerse a sí mismas como feministas, trabajan desde una perspectiva de género” (VII ENCUENTRO... 1996b, p. 21, n. 89).

Retornando dos problemas decorridos do EFLAC indicaram que dentro da CMP, na qual intelectuais declaradamente feministas faziam parte, junto a 15 organizações, ainda não se tinha uma postura de movimento feminista. A presença paraguaia nos eventos feministas era pequena e a sua maior audiência foi durante o EFLAC em San Bernardo. Apesar de todo trabalho, enfatizavam que feminismo no país “no convoca a las mujeres para el desarrollo de un objetivo común” (VII ENCUENTRO... 1996b, p. 21, n. 89).

As organizações de mulheres no país, apesar de terem aumentado em número no início da década de 1990, não respondiam com entusiasmo as propostas entendidas como feministas e muitas não se consideravam como feministas. Contudo, várias organizações possuíam reivindicações baseadas na discriminação de gênero ou protestavam em nome da classe a qual representavam (ECHAURI,1992, p. 13). O feminismo, recém emergido no país na década de 1980, já tinha dado sinais de que não era homogêneo, mas que principalmente estava localizado nos núcleos de pesquisa sobre mulheres.

Sobre o assunto dos conflitos no EFLAC do Chile, as autoras do CDE pontuaram que devido a esse desinteresse dentro das associações do país e até mesmo uma flexibilidade das ONGs, diferente de outros regiões em que o feminismo era mais presente nas organizações de mulheres, “no ha producido ningún impacto en nuestros pagos. No se ha planteado un debate sobre las posiciones enfrentadas en Chile. [...] Probablemente tampoco hubiera habido ‘una postura’, aún si se hubiera debatido, porque a pesar de su escasa extensión” (VII ENCUENTRO... 1996b, p. 21, n. 89) o feminismo no Paraguai também era plural e heterogêneo e naquele momento concentrado na área urbana. Mas apesar de entenderem que dentro das organizações havia posturas distintas, esse tema que deveria incomodar, não gerou um debate entre as mulheres feministas, o que pode evidenciar pouca conexão desses grupos em relação as discussões de outros locais.

Esse pequeno texto nos informa muito sobre o feminismo no país e a incidência dos eventos feministas. Apesar de todo conflito que havia para a realização do evento no Chile, que dizia a respeito ao financiamento e autonomia dele, e os debates dentro da organização do EFLAC. Segundo a *Informativo Mujer*, não se chegou a gerar uma análise sobre o assunto, pois o feminismo no país não era tão atuante, talvez essa reflexão sem autoria no texto, fosse uma provocação que buscava chacoalhar as feministas paraguaias quando lessem o artigo.

Pouco tempo depois, na edição de dezembro da *Informativo Mujer* do mesmo ano, publicaram o texto de Elizabeth Duré do Colectivo 25 de Noviembre sobre o VII EFLAC. O evento ocorrido no Chile foi repleto de conflitos entre as participantes (ALVARES *et al.*, 2003, p. 555-558). Porém, o texto de Duré foi do tipo relatório, apresentando o que ocorreu durante todo ele em uma página, o que não dava espaço para refletir sobre os debates gerados. A autora enfatizou de forma breve que dentro do encontro, devido ao conflito e polarização de mulheres “autônomas” e “institucionalizadas”, surgiu um terceiro espaço, de um grupo de mulheres que buscavam outro caminho e ficou conhecido como *Ni las unas, Ni las otras*. Nessa outra vertente indicou que “no era posible obligar a todas a adscribirse a una u otra posición, pero que sus planteamientos se acercaban mucho a los planteados por las autónomas, de recuperación de la ética, de la coherencia entre ser y el hacer” (DURE, 1996, p. 12, n.94).

O texto de Duré é bastante conciliatório, até porque o feminismo paraguaio era bastante “institucionalizado”. A despeito dos problemas, a autora focou em apresentar os aspectos positivos dele e também se colocou associada a essa terceira via. Ao final do texto termina com as seguintes palavras, que segundo ela, teriam sido ditas na última noite do evento “TENEMOS QUE OCUPAR ESPACIOS, TOMARLOS, INUNDARLOS DE POEMAS Y RECETAS QUE BUSCAN OTROS MODOS DE ESTAR EN LA VIDA” (DURE, 1996, p. 12, n.94, grafia do autor). O parágrafo final é um chamado às mulheres com a ideia de que todas deveriam buscar transformar o seu cotidiano e fazer as transformações necessárias “sin borrar la risa aún con el llanto a cuestras” (DURE, 1996, p. 12, n.94).

No ano de 1999 estava em marcha o VIII EFLAC- *Apostando a la construccion de un movimiento feminista diverso y rebelde*, essa edição foi apresentada por Carmen Gallat Palazón, citada como voluntária das Nações Unidas do Paraguai, na revista *Informativo Mujer* do mês de dezembro. A autora referenciou os eixos principais do evento: feminismo frente aos antigos e velhos modelos de dominação; o feminismo como movimento social e as perspectivas dos feminismos latino americano e caribenho.

No texto de Palazón foi feita poucas observações sobre o evento e havia característica de escrita relatório (com sua programação e pontos centrais), talvez por ser um texto curto, não realizou um entrelaçamento entre o que foi visto, uma análise sobre o Paraguai e sua atuação nele. Sobre sua percepção acerca da experiência diante do EFLAC, foi feito um comentário sobre a marcha no dia 25 de novembro. “En una manifestación de colorido y diversidad de razas, con el tema de la No violencia hacia a las Mujeres de todo el mundo. Se cantó y se bailó durante el recorrido de dos horas de duración” (PALAZON, 1999, p. 16, n. 129). Informou que nesse evento também se reivindicou pela “no Deportación de las mujeres haitianas que logran cruzar las fronteras a República Dominicana, ya que esta situación está suponiendo un grave problema de más feminización de la pobreza, para con ellas mismas y sus hij@s” (PALAZON, 1999, p. 16, n. 129). Possivelmente por esse texto ter sido escrito por uma representante das Organizações da Nações Unidas a matéria focou nas atividades desenvolvidas, apresentando apenas uma vitrine dos acontecimentos.

Ainda que na *Informativo Mujer* muitas vezes não apresentassem comentários sobre os eventos, pois em sua maioria os textos nos informaram um relatório sobre eles. É importante ressaltar que o CDE- Área Mujer, parecia estar atento aos meandros ocorrido nos encontros e utilizavam da revista como ferramenta para colocarem sua posição diante de alguns problemas emergidos. Após o ano de 1994, a *Enfoques de Mujer* parou de ser publicada, por isso a *Informativo Mujer* se tornou a principal revista sobre os assuntos referentes aos eventos feministas.

Entre os encontros e os textos elaborados e publicados nas revistas existiram nuances de tom, muitas vezes conciliatórios, talvez por receio de se posicionar ou por pedido feito pelas editoras da revista para as autoras, já que em sua maioria, a escrita apresentada era no estilo relatório. Fato é que poucas laudas foram dedicadas aos EFLAC's, com exceção da edição em San Bernardo que movimentou as participantes dos centros de investigação para refletirem sobre suas experiências diante do evento, o que nos deixou ver alguns preconceitos, medos, mas também busca por aprendizado. Entretanto, não deixaram de divulgar o evento e mencionar a importância dele para refletirem sobre as organizações no país e a relevância deles para a criação de redes e reflexões acerca do feminismo Latino Americano e Caribenho.

Além disso, é relevante mencionar que a partir desses eventos, outros foram criados e, além disso as datas selecionadas para evidenciar as lutas contra violência ou pela legalização do aborto passaram a fazer parte do calendário programático de ações das feministas paraguaias, como o dia 25 de novembro (inclusive como nome de um coletivo) e o dia 28 de setembro que

passou a ser instrumentalizado nos textos e nas abordagens pela despenalização do aborto no país.

#### 3.4 A IV CONFERÊNCIA DA MULHER EM BEIJING, UM SONHO REAL PARA AS MULHERES ORGANIZADAS NO PARAGUAI

Durante o processo de organização para a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, *Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz*, em Beijing, foram realizados vários encontros na região. O último ocorreu na Argentina com a conferência preparatória regional da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (ECLAC), em setembro de 1994. As páginas da *Informativo Mujer* e da *Enfoques de Mujer* apresentaram uma cobertura de informações sobre cada passo que as mulheres davam em direção a Pequim. Pois, pela primeira vez um grupo de feministas, representantes na Comissão Paraguaia participou de um evento mundial e esse seria um grande avanço para as mulheres desse país, em direção a um feminismo transnacional.

Os eventos da ONU passaram a ser citados nas revistas a partir de sua III Conferência Mundial sobre a mulher — Estratégias orientadas para o futuro, para o desenvolvimento da mulher até o ano 2000 —, em Nairóbi, no ano de 1985. É a partir deste que algumas narrativas de fato fluíram. Graziella Corvalán do CPES que foi ao evento comentou que encontrou Manuelita Escobar de Penã, que possivelmente ela estava associada ao CEPEN no período, que até aquele momento era o único núcleo de estudos da mulher paraguaia.

A autora não destacou como ela foi participar desse evento, mas ao salientar em seu livro de memória sobre sua presença nele e de sua colega, demonstrou o papel de importância que esse teve em sua formação e se colocou em articulação com o fluxo de eventos globais sobre mulheres. Em outro texto, da mesma autora, ao enfatizar suas atividades na V EFLAC em San Bernardo, comparou com o da ONU, comentando sobre como se sentiu ao ir na conferência, era “una fiesta para los ojos, se veían las culturas y las experiencias de mujeres de otras sociedades a simple vista [...]” (UN ESPACIO... 1990, p. 13, n.17), frisando ter se emocionado mais em Nairobi do que na Argentina.

No EFLAC enfatizou que a maior discussão foi a participação das mulheres na política e o acesso ao poder, para ela o evento do ponto de vista “cultural, para mi no fue relevante, tampoco atractivo” (UN ESPACIO... 1990, p. 13, n.17). Corvalán indicou sua preferência em relação aos eventos, e salientou que “no sentiera ni frío ni calor, quizás algo que tenga que ver

la edad. En ese sentido, no tuve vivencias, las que tuve fueron muy periféricas, no me llegaron a penetrar. Me sentía como en un gran teatro donde yo hacía el papel de espectadora” (UN ESPACIO... 1990, p. 13, n.17).

Diferente do olhar de outras de suas companheiras, como foi evidenciado no tópico anterior, Corvalán não parecia estar satisfeita com o evento em San Bernardo quando olhava para sua participação em Nairobi. Apesar de ter levantado temas que foram interessantes para pensar o seu país e não tirar o mérito do evento, o seu olhar individual evidenciava que esperava outro tipo de vivência. Como ela mesmo salientou, a idade pode sido um fator relevante e até mesmo os problemas organizativos do evento; com oficinas muito distantes, as longas horas de espera para realizarem seus lanches, entre tantos outros atenuantes, fato é que nas memórias de Corvalán, o EFLAC não tem espaço quando invocou sua formação como feminista.

Como já foi mencionado, não foram os EFLAC's que tiveram maior destaque nas revistas do CDE e do GEMPA. O evento que foi mais divulgado e o mais debatido foi a IV Conferência Mundial da Mulher em Beijing e seus preparativos foram iniciados dois anos antes. Nesse cenário de organização da conferência o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) promoveu e incorporou representantes de ONGs para formarem os Comitês Nacionais encarregados de elaborar um Informe Nacional de cada país.

Em setembro de 1993 a *Informativo Mujer* apresentava em seu *Panorama* a situação dos preparativos e informava que a Secretaria de la Mujer faria a convocação de representantes nacionais (PANORAMA, 1993, p. 7, n. 56). Nesse texto ainda comentaram sobre a escolha equivocada para o posto de Coordenadora Regional do Comité de Planificación que, segundo as autoras, não tinha conexão com o movimento feminista e que organizações feministas haviam enviado uma nota reclamando a escolha da coordenadora.

Nesse contexto, a FEMPRESS e a Isis Internacional já possuíam a ideia de propor ao Comité de Planificación, o nome de Virginia Vargas (da organização Flora Tristan, do Peru) como Coordenadora Regional (PANORAMA, 1993, p. 7, n. 56). Essa situação, foi indicada em outro texto, na *Enfoques de Mujer*, e despertou nas redes feministas respostas de posicionamento, e aproximadamente 100 organizações de mulheres assinaram uma petição em prol da nomeação de Virginia Vargas (CUARTA CONFERENCIA...1993, p. 33, n. 58). As mulheres reunidas da CMP também escreveram uma nota e publicaram na *Informativo Mujer*, apoiando a nomeação de Virginia Vargas, “La capacidad de respuesta y eficiencia del movimiento latinoamericano de mujeres, es un motivo de alegría y orgullo para nosotras. Es

también una muestra de que nuestras redes funcionan y que no estamos solas” (PANORAMA, 1993, p. 7, n. 56).

Esse evento que teria participação inédita de representantes feministas paraguaias mundialmente teria dois núcleos, o principal com comitês de cada país e o paralelo, com o Foro de ONG's que ocorreria dias antes do primeiro. Para realizar tal conferência, foi preciso de um esforço organizacional gigante, por isso as revistas ensinavam como deveriam proceder em caso de que alguma ONG quisesse participar como consultora (mas também informaram que os governos estavam absorvendo ONG nas delegações).

Em tempos em que não havia tecnologia de comunicação abundantemente computadorizada, as notícias sobre a conferência eram realizadas por meio de fax e telefones, além disso, era preciso se atentar às datas, ao calendário de eventos e encaminhar os projetos. E depois buscar saber sobre o reconhecimento das entidades consultivas, ou seja, se poderiam ser expositoras acerca dos desafios e ensaiar propostas para os eventos regionais, nacionais e mundial. Mas, também as organizações que não fossem reconhecidas poderiam participar do evento mediante a solicitação para os comitês organizadores.

No mesmo número da revista *Informativo Mujer*, retomando a temática das representantes paraguaias rumo a Beijing, no segmento *Nos Escriben* foi apresentada uma mensagem da ministra da Secretaria de la Mujer, Cristina Muñoz, endereçada a Line Bareiro, na época coordenadora da Área Mulher, para que fizessem parte do Comitê Nacional,

En conocimiento de los valiosos documentos e investigaciones realizadas por esa institución, esperamos poder contar con un intercambio fluido y una colaboración permanente en la certeza de que las relaciones Estado-ONG's deben ir fortaleciéndose, para incidir en las políticas públicas nacionales que tiendan a eliminar los múltiples mecanismos que aún subordinan a la mujer en nuestra sociedad (NOS ESCRIBEN, 1993, p. 23, n. 56).

As mulheres que foram convocadas pela Secretaria da Mulher e apareceram nas revistas foram, Line Bareiro e, em outro número da revista *Informativo Mujer*, indicaram Graziella Corvalán. A mensagem de Muñoz apresentada no mês de setembro não indicava nominalmente a Line Bareiro, mas reconhecia o CDE como um espaço com “valiosos” documentos e investigações e poderiam colaborar com as relações ONG's-Estado para o fortalecimento das políticas públicas para mulheres. No mês de dezembro uma nova mensagem foi apresentada na *Informativo Mujer* do CDE, mas não na *Enfoques de Mujer* do GEMPA, dessa vez, a mesma ministra convidou a instituição GEMPA para fazer parte do Comitê

Nacional e elaborar o Informe Nacional sobre a situação da mulher no país (NOS ESCRIBEN, 1993. p. 18, n. 58).

Nos es grato dirigirnos a Uds. con el objeto de informarles que las NN.UU. realizarán la IV Conferencia Mundial sobre la Mujer [...]. Para esta Conferencia, el gobierno paraguayo debe prestar un Informe Nacional sobre la situación de la Mujer en nuestro país. Por lo tanto, es necesario conformar un Comité Nacional con sectores gubernamentales y no gubernamentales. La Secretaría de la Mujer llevará la coordinación de las actividades de ese Comité, por lo cual solicitamos que vuestra institución faz mi parte del mismo para la elaboración de dicho informe. Por este motivo, les rogamos tengan a bien disponer la designación de una representante para participar de la primera reunión [...] (NOS ESCRIBEN, 1993. p. 18, n. 58).

Não encontrei outras referências de ONGs que foram convidadas para fazerem parte da secretaria, talvez esses dois registros de divulgação quisessem focar nas organizações de mulheres em espaços de investigação. A literatura sobre as ONG's feministas que se tornaram um fenômeno nos anos 1980 e 1990, indicaram que cada vez mais o Estado percebendo pressões e demandas externas e internas, aliaram-se aos grupos de mulheres especialistas em estudos de gênero. Isso ocorreu também no Paraguai e deve ter causado disputas e concorrências entre grupos e organizações, entretanto essa situação não foi evidenciada nas revistas.

O evento da ONU tomou cada vez mais as páginas da *Enfoques de Mujer* e da *Informativo Mujer* e também de sua outra revista, a *Anuario Mujer*, devido ao próprio trabalho que suas integrantes fizeram em conjunto com a Secretaria da Mulher. Coincidindo com o convite para os núcleos fazerem parte do Comité Regional, devido ao trabalho que já realizavam, os preparativos para Beijing foram acentuados nas revistas. As organizadoras apresentavam resumos, cartas abertas, agendas e informes. Na *Enfoques de Mujer* em todos os seus números do 29 ao 33, respectivamente dos anos de 1993 a 1994, foram exibidas informações sobre o evento. Assim como no *Informativo Mujer* que teve vida mais longa e mensal, foram apresentados em vários números, iniciando na edição número 56 que apresentou o evento regional, em outubro de 1993, mas em seu número 154, em dezembro de 2001, mencionavam os desdobramentos de Beijing<sup>104</sup>.

Mesmo que essas organizações tenham se tornado articuladoras importantes como entidades partícipes da delegação nacional, o poder que tinham para divulgar, através de suas revistas, os preparatórios e as informações (sobre: O que eram esses tais eventos da ONU, para

---

<sup>104</sup> Do levantamento feito encontrei textos sobre Beijing ao longo de oito anos, representados em matérias que levaram o evento como assunto principal nos seguintes números da revista: 56, 61, 63, 64, 66, 67, 69, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 87, 91, 93, 125, 127, 129, 135, 136, 149 e 154.

o que serviam? Quem poderia participar e como?) eram muito importantes. Porque havia desconhecimento sobre essas conferências e obter informações e estabelecer contato entre as mulheres, organizações e promover debates, também era uma forma de divulgar o feminismo, criar ou fortalecer redes e grupos.

No contexto de desenvolvimento para a participação em Beijing, além das mulheres dessas duas ONGs de investigação que fizeram parte da delegação do Estado paraguaio, elas também fizeram parte da equipe técnica da CMP que promoveu o documento final com perspectivas e propostas de vários setores da sociedade para o Foro regional de ONGs em Mar de Plata em 1994. A CMP, segundo o documento apresentado no *Enfoques de Mujer*, teve o apoio de algumas organizações internacionais como o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) e o Centro de Promoção da Mulher (PROMUR) para a realização de encontros em vários pontos do país (¿CÓMO NOS PREPARAMOS, 1994, p. 31, n. 30). *Poder, cultura e Desenvolvimento* foram os eixos pelos quais buscaram sintetizar as propostas de igualdade para mulheres e homens. O texto foi assinado por Mirtha Rivarola, Clyde Soto, Line Bareiro, Graziella Corvalán, basicamente o GEMPA e o CDE, e foi reproduzido na revista *Enfoques de Mujer* e no *Anuario Mujer*<sup>105</sup>. O documento elaborado promovia a ideia de que era necessário difundir ideias de igualdade com perspectiva de gênero para que de fato se revolucionasse o país.

No último número, no editorial da *Enfoques de Mujer*, no ano de 1994, as autoras comentaram sobre o que aquele ano representou para as mulheres paraguaias, “movilizaciones, encuentros, confrontaciones y consensos” (1994: UN AÑO... 1994, p. 1, n. 33). Diante das diversas contribuições que emergiram dos encontros regionais, tanto no Foro de ONG's, quanto no das delegações, as autoras indicaram que os objetivos se alinhavam para “la erradicación de la pobreza, el aumento de las mujeres den las instancias de decisión y poder, el reconocimiento de nuestra contribución al desarrollo, han sido las principales propuestas compartidas plenamente en todas las regiones del mundo” (1994: Un año... 1994, p. 1, n. 33). Para elas, a oportunidade apresentada pelos encontros serviu para que pudessem analisar coletivamente os problemas gerais e para adquirir visibilidade, buscando com isso, superar os problemas colocados. Eram tempos de esperança nas páginas da revista, apesar da realidade que viviam.

Na *Informativo Mujer* as matérias sobre Beijing traziam com mais ênfase o acompanhamento das agendas, e o passo a passo de cada tática eleita dentro os vários setores

---

105 Cf. (PROPUESTAS, 1994, p. 24-37, n. 31; RIVAROLA., 1994, p. 83- 124).

reunidos nos encontros do CMP. Olhar as revistas organizadas pelo CDE e pelo GEMPA, possibilita entender a importância e os desafios, não só para a participação nos eventos, mas para levar adiante as discussões propostas pelas e para as mulheres. Assim como compreender que durante esses anos esses núcleos de investigação tiveram um reconhecimento e atuação que jamais poderiam ter tido antes em relação ao Estado, na promoção de políticas para as mulheres.

Ao verificar esse processo de organização de Beijing, as mulheres paraguaias também tiveram que travar batalhas para manterem os espaços que foram conquistados por elas. Por exemplo, em meados de julho de 1995, o decreto n. 9865 que apresentou a delegação Nacional para a IV Conferência da Mulher em Beijing, estava encabeçada por Raúl Cubas (na época era presidente da Secretaria Técnica de Planificação) e não por Cristina Muñoz, ministra da Secretaría de la Mujer. Se isso já demonstrava um retrocesso, outro ponto que surgiu naqueles meses que antecederam o evento, e indicava o aceno conservador, foi que na delegação governamental, não foram convidadas nenhuma das mulheres de ONG's que estavam trabalhando para elaborar as propostas para a conferência, ou seja as feministas, que estavam a par do processo (BEIJING... 1995, p. 6, n. 77).

Essa informação apresentada em um pequeno quadrado, na parte inferior direita na página, trazia o título: *Beijing: la delegación oficial*. No pequeno texto ao tratar do decreto, elas indicaram que “surpreendentemente” a delegação não era liderada pela ministra da mulher e,

Además, en la lista no figura ninguna integrante de las ONGs, que desde hace más de un año vienen trabajando, reflexionando elaborando propuestas para esta Conferencia y para el Foro de ONGs. Por el contrario, se destaca la presencia de la doctora Néstar Stark, conocida por su posición inflexible contra los métodos anticonceptivos y el aborto. Esta noticia fue mal recibida por las organizaciones de mujeres.

También en este mes se conoció el nombre de la representante paraguaya elegida por el Banco Interamericano de Desarrollo (BID) para participar con otras 26 mujeres jóvenes en la Conferencia de Beijing. Ella es Carolina Paredes, promotora del Centro de Educación y Capacitación y Tecnológica Campesina (CecTec) (BEIJING... 1995, p. 6, n. 77).

Essa informação apareceu separado de outro texto que anunciava os atritos com a Igreja em relação ao tema do aborto e da proposta de sacerdócio feminino, que eram discussões do período em escala Global. No texto *Mujer, Iglesia y aborto ante las puertas de Beijing*, que seguiu sem autoria, elas indicavam a preocupação da Igreja em frear a possibilidade de que tais propostas fossem realidade, e que estavam tentando de várias formas impedi-las. Na contramão, as mulheres organizadas responderam pedindo a revogação do direito da Igreja nas Nações

Unidas, devido o poder que essa entidade possuía dentro dessa instituição (MUJER...1995, p. 16, n.77).

Ao que parece o decreto pegou as mulheres da delegação de surpresa e vieram no sentido de frear a disposição das investigadoras para a conferencia. No Paraguai, nos informam que ocorreram diversas reuniões e comunicações da Conferência Episcopal, pregando sua posição em relação a discussão e colocando-se contrários aos reclames de despenalização do aborto (que estavam ocorrendo no país) e se aproximando de partidos políticos para que se alinhassem os discursos conservadores. Diante disso, no texto enfatizaram,

Si alguna duda había respeto a si Beijing otorgaría más visibilidad a las mujeres, creemos que después de esta “avalancha” de encuentros y debates, ya no queda ninguna. Toda esta ofensiva eclesial hace que las mujeres organizadas y feministas debamos estar alertas y preparadas para el debate (MUJER...1995, p. 16, n.77).

Dado a importância dos debates e da possibilidade de avanços progressistas em relação autonomia real das mulheres, como a despenalização do aborto, discutidas e reforçadas após a Conferencia de Cairo em 1994 e a ratificação do Estado Paraguaio a Convenção de Belém do Pará, em relação a violência contra a mulher em 1995<sup>106</sup>. Não é à toa que os setores conservadores tomaram das mulheres feministas a possibilidade de estarem à frente da delegação nacional para a IV Conferência da Mulher. Porém, devido a muita pressão, conseguiram modificar o decreto anterior, e foi promulgado o decreto n. 9926 que nominou uma nova delegação, dessa vez, com Cristina Muñoz liderando o grupo, mas, ainda assim, incluíram a presença de mulheres anteriormente citadas. Segundo o material disponível pelo *Informativo Mujer*, a delegação nacional era composta dos seguintes nomes: Esther Prieto (CEDHU), Rosa Lina Ferreira, Teresa Gill de Banti, Néstar Stark de Rivarola, Blanca Zuccolillo de Rodríguez Alcalá<sup>107</sup>, Luis Fernando Avalos, Ilda Fleitas Hermosa, Ana Baiardi, Carolina Paredes Fernández (CecTec), Line Bareiro (CDE), Graziella Corvalán (GEMPA), Irene Capurro e Rafaela Guanes de Laíno (Rede Mujeres Políticas- CMP) (BEIJING 95'... 1995, p. 6, n. 78).

---

<sup>106</sup> Lista de países, disponível em <<http://www.cidh.org/basicos/portugues/n.Belem.do.Para.Ratif.htm>> acesso em 15 abr. 2023.

<sup>107</sup> Segundo os dados obtidos na revista *Anurio Mujer*, Blanca foi formada em direito pela UNA, professora de Educação Moral e Cívica e economia política em escolas, envolveu-se na década de 1950 com o Instituto de *Amparo a la Mujer* e com vários setores dentro da Episcopal Paraguaya, exercendo distintos trabalhos na década de 1970 e 1980. Foi uma das fundadoras do Partido Encuentro Nacional (PEN) em 1991, e presidente do Tribunal Eleitoral Partidário (1994-1997). Foi eleita pelo PEN como em 1998. (BLANCA... 2000, p. 57).

Sobre a composição do grupo que foi para Beijing não encontrei informação sobre todas as participantes, mas havia tanto um grupo mais próximo da Igreja como Néstar Stark e Blanca Zuccolillo, quanto grupos associados a organizações de mulheres e, claro, representantes do Estado Paraguuaio. José Szwako sustenta que a “participação das integrantes civis em Beijing’95 foi intensa e fundamental no sentido de aprofundar a experiencia iniciada em Mar Del Plata e de ‘diminuir preconceitos’ com relação a Cristina Muñoz e, vice-versa” (SZWACO, 2012, p. 251).

Então, apesar da vitória na troca de delegação nacional que havia pessoas de posições distintas, o aborto, indicaram as autoras da *Informativo Mujer*, não seria algo tratado como tema específico, mas como parte do problema da saúde da mulher. A ideia de apaziguar a polvorosa CEP e conservadoras/es, foi não se pronunciar abertamente sobre o tema, uma tática, talvez das escritoras, foi dizer que o principal problema levado pelo país foi a educação, a pobreza e os direitos humanos (BEIJING 95': 1995, p. 6, n. 78). Nesse evento, entre o Foro das ONGs e a delegação da Conferência, contaram nas revistas que 150 mulheres paraguaias participaram e que 30 mil pessoas aproximadamente foram ao evento<sup>108</sup>. Este, sem dúvida, foi um sucesso em termos de participação, visto o número de pessoas que assistiram as conferências anteriores.

É necessário frisar que muitas feministas não participaram, primeiro por desconhecimento, segundo por falta de recursos, mas para as que foram nem tudo deu certo, havia comparações entre o Foro das ONG's e a Conferência, de um ter sido mais requintado do que o outro e um problema apontado na revista foi o uso do Inglês como língua oficial e a falta de tradutores. Em um texto interessante, mencionaram como metáfora a subida dos degraus da Muralha da China como uma espécie de vislumbre do trabalho feito por cada mulher que participou do evento, “Cada escalón que podamos imaginar o recordar de aquella muralla ha significado una valla que el movimiento de mujeres ha tenido que saltar para seguir adelante” (SEPTIEMBRE... 1995, p. 4, n.79). Muitos foram os trabalhos para chegarem até a China desde a obtenção de visto para entrar no país até os recursos para a viagem, mas como enfatizaram,

Fue para muchas la visualización de un proyecto largamente soñado y para otras el principio del camino hacia el futuro que elegimos. ¿Qué fue lo mejor? Que aunque no pudimos todas estar en China, la mayoría de nuestros planteamientos se discutieron, se redactaron y se aprobaron allí (BEIJING... 1995, n.79, p. 6).

---

<sup>108</sup> Dados do *Informativo Mujer* indicam que em 1975, o *I Foro* de Ongs contou com 3 mil pessoas, o II em Copenhague no ano de 1980, eram 8 mil pessoas e, em 1985, Nairobi chegou a ter 13 mil participantes. Dessas informações não há registros da participação de mulheres paraguaias (BEIJING... 1995, n. 79, p. 6).

Se para as mulheres paraguaias envolvidas no processo o evento teve seu ônus, na revista notificaram que a América Latina não teve muito destaque dentro do Fórum de ONGs, além da questão da língua que foi um problema, mulheres indígenas redigiram um documento próprio apresentando seus pontos de vistas, e as mulheres lésbicas também fizeram seus reclames devido a falta de visibilidade e discussão. Outro ponto importante de ser destacado, sobre a presença do Paraguai, é que dentro do evento ocorreram quatro painéis organizados pela Coordenação Regional do evento e uma das coordenadoras foi Line Bareiro no tema *Construcción de la ciudadanía* e isso foi visto como positivo (BEIJING... 1995, p. 5, n.79).

Os discursos sobre Beijing, como enfatizei algumas vezes, foram assinalados pelas mulheres nas revistas devido aos vários processos de encontros setoriais, regionais, nacionais e pré-encontros, onde se discutiram as estratégias de ação a serem apresentadas no Foro e na Conferência, e esse caminho foi acompanhado de muito estudo para conhecerem cada vez mais os desafios que diferentes setores da sociedade paraguaia enfrentavam.

Entre os anos de 1995 a 2015, vários foram os textos de análise publicados sobre o pós-Beijing no país, principalmente os documentos oficiais. Logo após o evento, as autoras da revista *Informativo Mujer* indicaram que a ideia principal era começar a trabalhar com o Plano de Ação de Beijing e para fazer pressão precisavam se organizar. A primeira iniciativa foi uma reunião na casa de Line Bareiro para fecharem uma composição entre as ONG's (representadas pela CMP), organismos das Nações Unidas (PNUD) e a Secretaria de la Mujer para seguirem trabalhando em conjunto (BEIJING...1996, p. 6-7, n. 91).

Somente anos depois encontrei texto de análise sobre a atuação do grupo no *Informativo Mujer*. Em um balanço sobre o evento nos Estados Unidos (Beijing+5), em que as autoras já não tinham mais a mesma escrita esperançosa e indicavam “aunque no tan movilizado como en aquella ocasión” (MARTINEZ, 2000, p. 11, n. 135) passaram a analisar os logros alcançados e os desafios que ainda teriam para percorrer. As vitórias foram principalmente nas áreas legais e nas tramas do Estado, mas ressaltavam que pouco tinham modificado de fato em relação à cultura no país (CORVALÁN, 1999, p. 29, n.129, p. 26-27; MARTINEZ, 2000, p. 11, n.135).

Em outro trabalho, relacionado aos 20 anos da Conferência, outros olhares sobre o processo foram incorporados, como, por exemplo, foi introduzido a análise de um panorama organizado por mulheres indígenas de diferentes etnias do Paraguai<sup>109</sup>. Escapando ao recorte

---

<sup>109</sup> O livro traz uma avaliação da Plataforma de Beijing que é composta de 12 temas, cada capítulo traz informações sobre o que foi conquistado e, no último capítulo, a análise de como mulheres indígenas percebiam a Plataforma

proposto da tese (1986-2004), mas dando uma dimensão da importância do evento, apresentado por Clyde Soto e Line Bareiro, personagens que estiveram associadas ao evento desde seus primórdios, enfatizaram: “no fue solamente el momento de la Conferencia: representó también un catalizador político para las fuerzas y movimientistas del feminismo, que llevaban ya un tiempo reorganizándose para intervenir con fuerza y creatividad en el espacio político latinoamericano” (BAREIRO, SOTO, 2015, p. 15).

Quando participaram da conferência e aprovaram a plataforma de ação havia muita esperança, apesar do Estado altamente conservador de que conseguiriam melhorar em vários aspectos a vida das mulheres, por via de leis e estratégias de atuação. Mas, segundo as autoras “en la segunda mitad de los años 90 hubo un deterioro del ambiente sociopolítico, debido no solo a una cultura autoritaria, además a los intentos de ruptura del orden democrático por vía de golpes de Estado” (BAREIRO, SOTO, 2015, p. 12), a economia também entrou em colapso alargando ainda mais a desigualdade. A ameaça do stonismo ainda se fazia presente e o conservadorismo pareceu crescer, juntamente com uma reação antidireitos (BAREIRO, SOTO, 2015, p. 14).

No contexto nacional e internacional, até meados dos anos 2000, havia um contexto que favoreceu a associação entre a sociedade civil, o Estado e os organismos internacionais, com financiamento de projetos e pesquisas, ao passo que posteriormente viriam a minguar e as relações entre esses agentes foram enfraquecendo. Naquele período, o Estado aderiu a vários programas que incluíam o gênero em sua perspectiva e políticas públicas de igualdade, mas isso pouco adentrou as tramas da sociedade. Na análise de Clyde Soto e de Line Bareiro (2015, p. 23) ocorreu um afastamento das ONGs em relação ao Estado a partir de 2003, após dois mandatos de Cristina Muñoz, devido a mudanças e crises de governo, a falta de recursos financeiros e, com isso, encerramento de atividades.

Os eventos foram espaços importantes para criarem, observarem e legitimarem discursos que posteriormente seriam registrados nos anais das revistas das ONG's e repetidamente enfatizados pelas autoras que encabeçaram tais eventos. Talvez para outras mulheres e organizações as conferências mundiais, os EFLAC e os encontros nacionais não tenham sido tão relevantes. Mas na experiência dessas mulheres, do GEMPA e do CDE, que instrumentalizam, discutiram e propuseram mudanças normativas, o respaldo de organizações

---

de Beijing. Esse texto foi escrito por mulheres do povo Aché, Guaraní Ocidental, Ishir e Nivaclé. No país há atualmente 19 povos indígenas e cinco famílias linguísticas. (ALVARENGA, et. at., 2015, p. 181-192).

internacionais, as redes produzidas, sem dúvida foram importantes inclusive para a manutenção dessas ONG's.

No campo da retórica da criação dos campos de estudos sobre mulheres e gênero de 1980 e 1990, as tensões apareceram pouco pois, se as revistas eram uma espécie de vitrine do que ocorria no país, não seria interessante para elas mostrarem os conflitos. Como busquei entrelaçar, a emergência do campo de estudo sobre mulheres por feministas teve importante conexão com os eventos internacionais e agências financiadoras. Os eventos inspiraram e deram instrumentos para que paraguaias pudessem encontrar brechas e manipular e criar projetos de lei. Podemos entender também que a prática de associação coordenada de mulheres teve influência do contexto feminista latino americano e caribenho que vinha impulsionando a criação de redes e agendas articuladas. Como informei, na *Enfoques de Mujer* e no *Informativo Mujer*, foi a partir do V EFLAC e da preparação para Pequim que os eventos internacionais foram mais considerados, os encontros anteriores são mencionados, mas não tiveram a relevância que esse teve.

Durante anos a revista *Enfoques de Mujer* e *Informativo Mujer* também foram divulgadoras de várias formações sobre a temática da “mulher” e de “gênero” tanto no país como fora dele. Como o *II Curso taller* da CLACSO sobre a investigação da mulher (1988), o *II Curso de Verano sobre Género y Desarrollo* (1989) promovido pelo IRD ou o *XIV Curso interdisciplinario en Derechos Humanos* promovido pelo Instituto Interdisciplinario en Derechos Humanos (IIDH) na Costa Rica (1996). Os cursos e os seminários também são considerados como espaços de diálogo e troca de conhecimentos, tais como os grandes eventos, também são importantes para a construção de redes, por isso também foram apresentados nas laudas das revistas como oportunidades para a formação continuada, mas sobre eles não encontrei relatos sobre a participação das mulheres paraguaias.

Em meados da década de 1980 as recém criadas organizações de investigação deixaram de ser “apenas” de investigação, ampliaram e reconfiguram os seus trabalhos. Essas organizações passaram a se articular com outras ONG's e estavam cada vez mais presentes na ação da modificação de leis e na criação de organismos para mulheres. O CDE também expandiu seus espaços de atuação, e várias de suas integrantes fizeram parte de projetos associados com o Estado e outras ONGs, mas continuou funcionando como uma organização que monitora, seleta e publica informações sobre mulheres e gênero.

O GEMPA mudou significativamente sua abordagem, ainda que desde uma posição intelectual, estiveram em espaços de diálogo com o Estado. No ano de 1992, Graziella Corvalán

passou para a diretoria do CPES (PANORAMA,1992, p. 8, n. 45), anos depois trabalhou com a Secretaria da Mulher e com organismos de cooperação internacional com ênfase nos estudos de gênero (Corvalán, 2013, p.12). A socióloga Mirtha Rivarola, outro nome central do GEMPA, em meados dos anos 2000 passou a trabalhar na área de gênero junto a Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), mas seu nome ainda integra o quadro diretor do CPES. De 1997 em diante, já não encontrei mais informações sobre produções do núcleo na *Informativo Mujer* ou em outro material de divulgação sobre o feminismo paraguaio.

#### 4 CAPÍTULO 3. ESCREVER SOBRE E PARA MULHERES- MAPEANDO AS PUBLICAÇÕES FEMINISTAS NO PARAGUAI

El acceso a la palabra escrita, el apoyo-limitado por cierto cuando se trata de producción de conocimientos – de instituciones internacionales a proyectos de mujeres, el creciente aumento de conciencia y criticidad de las mujeres en general, marcan el inicio de la década del noventa en Paraguay. (ELIAS, 1994, p. 22).

Margarita Elías ao mapear as bibliografias “sobre” e para as “mulheres” que foram escritas no Paraguai, enfatiza no texto *La mujer escrita* do *Anuario Mujer* de 1992, questões pertinentes para refletir sobre a emergência das revistas e dos estudos sobre mulheres recentemente criados no país. A palavra escrita e a possibilidade de publicar sobre mulheres aconteceu em um momento específico e é entendido por ela como provenientes do “crescente aumento” da consciência de mulheres.

Como vimos, o GEMPA e o CDE inauguraram um campo até então pouco explorado no país, com a análise sobre as mulheres paraguaias. A este contexto também estão conectados os eventos ocorridos no país, a produção de informação e de análise, bem como ao trabalho de mulheres organizadas na modificação e proposição de novas leis. Mas, como bem expõe Elías o apoio limitado para tais espaços era um limitador de potência nas áreas criadas que passavam pela necessidade de financiamento para existir.

A escrita feminina é entendida por Elías como uma marca daquele período: “ahora escribimos sobre nosotras mismas, sobre nuestra vida, nuestra cotidianidad, nuestros problemas” (ELIAS, 1994, p. 22). Sem querer essencializar o que seria uma escrita feminina, apresenta ideia de que naquele momento elas estavam aprendendo a escrever sobre suas histórias desde um olhar “sobre elas mesmas” de forma a experienciar e problematizar a sociedade.

Refletindo sobre o pensamento feminista Latino Americano, Ana Laura De Giorgi atenta para dois números da Revista Mexicana *Fem* de 1980, em que abordavam o tema *América: Latina: la mujer em la lucha* (DE GIORGI, 2018, p. 50). A autora enfatizou que em algumas narrativas as mulheres se afastaram das sufragistas, evidenciando as histórias e as vozes da geração da qual faziam parte como uma forma de reforçar a potência do presente (DE GIORGI, 2018, p. 50).

No Paraguai existem narrativas que visualizam a emergência do feminismo na década de 1980, mas também procuraram enfatizar que a luta pela igualdade era algo antigo, remetendo

a outras mulheres livre pensadoras e radicais do início do século XX. Esse discurso ao mesmo tempo em que trazia para o presente esse olhar “para si”, para as suas experiências escritas, tratavam de mostrar que o país tinha uma história, conectada com o espírito de época dos outros países que de certa forma reforçava a luta das mulheres no presente.

As pessoas que escreviam naquele momento, afirma Elias, não eram somente “las poetisas, narradoras o grandes intelectuales como Josefina Plá o Branislava Susnik. También escriben las militantes feministas, las integrantes de ONGs, las mujeres de organizaciones políticas” (ELIAS, 1994, p. 22). O lugar da escrita havia se ampliado com a abertura política e pessoas de outros setores puderam aceder a ela como detentoras de conhecimentos e potencialidades discursivas. Entretanto ainda era um círculo pequeno as que tinham acesso a palavra e publicação escrita.

Na década de 1990 outras ONGs apareceram e também as suas revistas de divulgação de trabalho, a maioria delas de curta duração. A circulação e o debate feminista paraguaio durante essa década foram constantes, assim como as iniciativas de estudos sobre mulheres no país. Para se ter uma ideia da produção, durante minha estadia de pesquisa em Assunção, no ano 2018, foram encontradas na biblioteca do CDE, da Secretaria da Mulher e da Biblioteca Nacional, as seguintes publicações e números:

1- 17 edições da revista trimestral *La Puerta de las Mujeres* produzida pelo *Centro de Estudios Humanitarios* (1990-1994); o número 11 foi encontrado na Biblioteca Nacional, já que o CDE não dispunha dessa edição. A publicação apresentava exclusivamente temas associados à legislação.

2- Cinco *FemAnálisis - Análisis de coyuntura con perspectiva de género* (1994), editada pelo *Servicios de Formación y Estudios sobre la Mujer* (SEFEM-BASE-IC), durante o ano de 1994, o número 3 desta revista não foi encontrado em outras bibliotecas;

3- 23 números da *Construyendo La Igualdad* produzida pela Secretaria de las Mujeres (1996-2002)<sup>110</sup>, a revista teve periodicidade distinta durante os anos e apresentava a discussão dos avanços e os retrocessos na área de atuação do ministério.

4- Dois exemplares de uma publicação sem data da *Coordinación y Liberación de la Mujer-* (COLIM) — pelo cruzamento de informação de outras revistas, pode-se inferir que foram produzidas entre os anos de 1987-1988—. Essa foi a única publicação que encontrei escrita em língua Guaraní e usando o formato de cartilha, com histórias contadas através de

---

<sup>110</sup> Essas revistas foram digitalizadas e uma cópia foi doada no acervo do LEGH, além disso, também foi deixado uma cópia no CDE para que outras pessoas interessadas possam encontrar as revistas em formato digital

imagem e fala de personagens, como uma história em quadrinho. A intenção desta, parece ter sido a formação de mulheres e homens contra o machismo e a exploração do trabalho.

Essa exposição não trata de todas as publicações do período, pois deve ter existido outras de curta duração. Porém é uma amostra de que nos espaços de investigação e no movimento social havia a produção de periódicos com olhar feminista, com enfoque principalmente na ideia de informar para construir caminhos para a igualdade. Algo que foi se modificando entre meados da década de 1990 e 2000, em que vários dos periódicos citados já havia deixado de circular de forma impressa<sup>111</sup>.

Como já foi mencionado, o GEMPA parou de publicar a *Enfoque de Mujer* em 1994 e o CDE deixou produzir a *Informativo Mujer* em 2004. Várias das produções da Área Mujer passaram a ser divulgadas em formato digital no site da organização. Como ainda veremos, no processo de transição democrática as mulheres feministas atuantes conseguiram validar várias mudanças, porém o espaço de divulgação e o campo de estudos sobre mulheres e gênero inaugurado no país, foi esmaecendo com o passar da década de 1990.

Esse capítulo procura passar uma re-vista nas produções e nos projetos do GEMPA e da Área Mujer do CDE. Como Clara Rocha atenta, a publicação periódica pode ser lida por assuntos, “o que, à partida, permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletivas (o leitor só lê as secções que lhe interessam)” (ROCHA, 1985. p. 24-25). Mas sabemos que na confecção de um periódico desde o seu início as organizadoras tiveram a intenção de que a leitora e o leitor percorressem as páginas e se informassem com o todo. Por isso buscavam oferecer um tipo de linguagem para o publicado destinado, assim como procuraram estabelecer uma estética para os periódicos. Nada foi sem motivação, portanto, não se deve deixar de levar em consideração o suporte pelo qual as informações circulavam.

Tendo essas relações em mente, o capítulo evidencia os trabalhos de investigação produzidos pelo GEMPA e pelo CDE-Área Mujer, e procura se aproximar de seus relatórios e artigos em busca de pistas que possibilitem compreender os objetivos de suas publicações e o que produziam, tendo em vista que estavam abrindo um campo de estudos novo no país. Nessa passada de olhos, destaco algumas das capas das revistas e priorizo estabelecer relação entre o

---

<sup>111</sup> No Brasil, apenas como forma de exemplo, o trabalho de Elizabeth Cardoso mostra que entre 1974 a 1980, momento de tensa aproximação dos feminismos com os partidos de esquerda, das nove publicações pontuadas pela autora, os debates perpassavam pelas categorias de classe e de mulher, e o financiamento para as publicações vinham, principalmente de doações e de vendas. Já a segunda geração, inaugurada em 1981-1999, ou seja, em período final da ditadura e de transição para a democracia, foi assinalado o afastamento dos feminismos com os partidos de esquerda. A autora indicou o número de 75 publicações e as suas principais características eram: serem editadas por ONGs, em universidades ou entidades estatais. (CARDOSO, 2004, p. 63).

que as autoras buscavam na revista e o que a imagem podia transmitir, pensando que o suporte tem materialidade e ele precisa ser levado à sério. As imagens, a maneira em que apresentavam a revista para as leitoras/es era algo pensado e refletido, por isso a necessidade de explorá-las.

#### 4.1 “NASCE UMA REVISTA FEMINISTA” - *ENFOQUES DE MUJER*

No editorial número um, desde as primeiras linhas, a *Enfoques de Mujer* do GEMPA anunciava a revista como uma criação de mulheres que investigavam e buscavam divulgar conhecimentos sobre a condição social das mulheres. O propósito de tal periódico não era somente divulgar os saberes ditos científicos, mas explorar também testemunhos, poesia, literatura e arte, pois compreendiam a importância da ampliação de conhecimentos para “penetrar esse mundo y expresarlo por médio de la palabra escrita” (EDITORIAL. 1986, p. 5, n. 1). Ao justificarem a empreitada as editoras destacavam a potência da escrita como algo crucial para entender sobre a sociedade e afirmavam que conhecimento científico não era o único modo de produção de saber.

Os enunciadores da justificativa de criação da revista trazida pelas editoras, são elementos que apresentaram o passado e o futuro, o silêncio e a fala, conforme seu editorial,

Ya hace un tiempo que en Paraguay las mujeres hemos decidido romper nuestro pacto de silencio y empezar a decir nuestra palabra. La medida que avanzamos descubrimos que cada vez estamos menos solas, que la espesa niebla se disipa y se vislumbra un horizonte cargado de promesas, de esperanzas y de posibilidades palpables de cambio. En nosotras está el alcanzarlo, y también de nosotras depende que nuestro trayecto no sea una marcha solidaria. Mujeres, hombres, niños y jóvenes necesitamos recrear nuevos modos de convivencia.

Finalmente, queremos que esta publicación representa la originalidad y seriedad del nuevo pensamiento sobre la mujer: los roles sociales basados en la diferenciación género-sexual, los ámbitos de participación de hombres y mujeres, los parámetros de sexualidad vigentes, la cultura que hemos heredado y vivimos, y, también, la que vamos creando. Pensamos que, a partir de este conocimiento, la mujer podrá tomar conciencia de sí misma, revalorizando su papel en la sociedad, identificando sus problemas y, por tanto, avanzando en sus soluciones (EDITORIAL. 1986, p. 5, n. 1).

Quebrar o pacto de silêncio não está diretamente ligado à ideia de não haver trabalhos ou pesquisadoras sobre mulheres no país, mas sobre quem fala ou escreve e quem escuta ou lê. Algo que fica em suspenso na frase é se em um passado as mulheres não eram escutadas ou não poderiam falar devido a um pacto silenciador, já havia espaços de produção de conhecimento e, até mesmo pequenas redes de intelectuais. Naquele presente, enfatizavam as autoras que tinham rompido com o pacto e enxergavam um presente-futuro, como um caminho ao lado de

outras mulheres, o silêncio que mencionavam poderia ser compreendido como uma das facetas do autoritarismo de Estado? O que viria então a mudar naquele momento?

Na revista não se fez denúncia explícita à ditadura ou uma reflexão sobre ela até o momento da saída de Stroessner em fevereiro de 1989. Mas havia nas entrelinhas da revista uma esperança que caracterizava os feminismos do período, que pode ser visualizado na seleção de palavras como “novo pensamento”, cultura que vamos criar, novos modos de convivência, tomada de consciência. Nesse sentido as autoras enfatizavam a palavra “nosotras” para congregar mulheres no plural nessa marcha para o futuro, mas não sabemos quais mulheres poderiam se somar a elas na árdua tarefa que viria pela frente.

A revista se anunciava para leitoras/es e indicava que o alcance deveria ser um público amplo, mas não obtive dados sobre a tiragem da revista ou sobre o destino final delas. Mas foi possível averiguar que se poderia adquiri-la por meio de assinatura, e, também, era uma prática corrente na edição de periódicos, nesse caso feministas e financiados, que os materiais fossem endereçados aos espaços de divulgação de conhecimento como ONG’s e Centros de Pesquisas, e que também ocorressem “canjes” (trocas) de materiais entre locais produtores de revistas. Isso também pode ser percebido nos anúncios de recebimento de revistas e livros de outros locais e países e também nas cartas de leitoras/es.

Ainda sobre a quebra de silêncio é importante sinalizar que a década de 1980 foi um período de grande produção escrita de mulheres, e a literatura foi um espaço em que muitas paraguaias expuseram suas ideias sobre o que pensavam acerca da liberdade, do matrimônio, do concubinato, de maternidade e do aborto<sup>112</sup>. Práticas da vida comum viraram páginas destacadas na literatura feminina, autoras como Josefina Plá, que não só era poetisa, foi artista plástica, professora e uma figura central na vida artística do país, escreveu diversas vezes para o GEMPA que publicou reproduções de seus textos que saíam nos jornais asunceños.

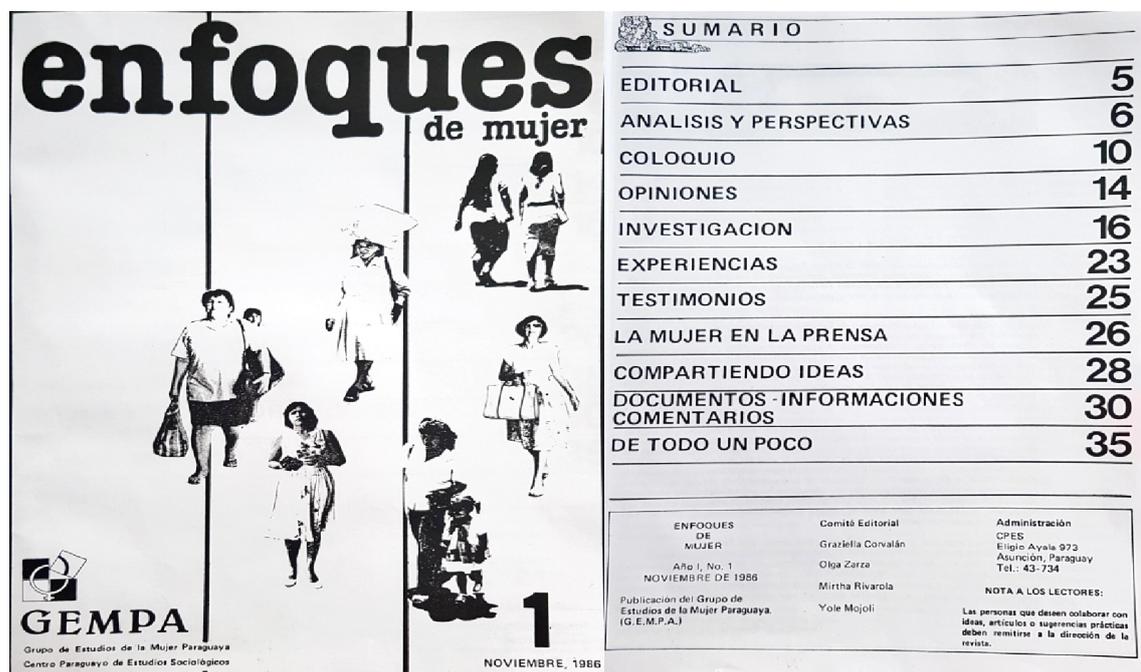
No trecho final do editorial de número 1, o GEMPA indicava que a partir de pesquisas e conhecimento sobre a diferenciação “género-sexual” as mulheres poderiam tomar conhecimento de si mesmas e as formas de aprender sobre a realidade se dava de maneira ampla e interdisciplinar. Entendendo que essa nova abordagem era algo inovador nos estudos sobre as mulheres dado que pensaria as formas de diferenciação e como essas eram criadas, para assim poderem modifica-las.

---

<sup>112</sup> Para uma revisão da literatura feminina no Paraguai ver a tese de Peiró Barco (2001) e de Suely Aparecida de Souza (2011).

Sobre as características mais gerais do suporte material da *Enfoques de Mujer*, sua periodicidade era trimestral, a impressão era feita em preto em branco e possuía pouco mais de 35 páginas e sua disposição de conteúdos estavam inicialmente divididos em: *Editorial*, *Analisis y perspectivas*, *Coloquio*, *Opiniones*, *Investigación*, *Experiências*, *Testimonios*, *La mujer en la prensa*, *Compartiendo ideas*, *Documentos- informaciones*, *Comentários* e *De todo un poco*. Ao primeiro olhar, quando se vê a edição número um da revista, nota-se uma capa e um sumário bastante rígido. Na capa aparecem linhas verticais que separam os grupos de mulheres e no sumário as linhas marcam a divisão de assuntos e não evidencia a riqueza de informações trazidas nas páginas posteriores. A capa e o sumário não apresentavam os títulos dos textos e suas autoras, assim como não apontavam para uma revista repleta de movimentação, com imagens de ruas, de mulheres e de homens, de passeatas e de encontros, de crianças e de mulheres idosas, abrindo possibilidades para conhecer poesias e contos (muitos deles em Guarani), e verificar os desenhos que acompanhavam o layout de cada página.

Figura 3 - Enfoques de Mujer, n 1, 1987



Fonte: (ENFOQUES DE MUJER, 1987, n. 3).

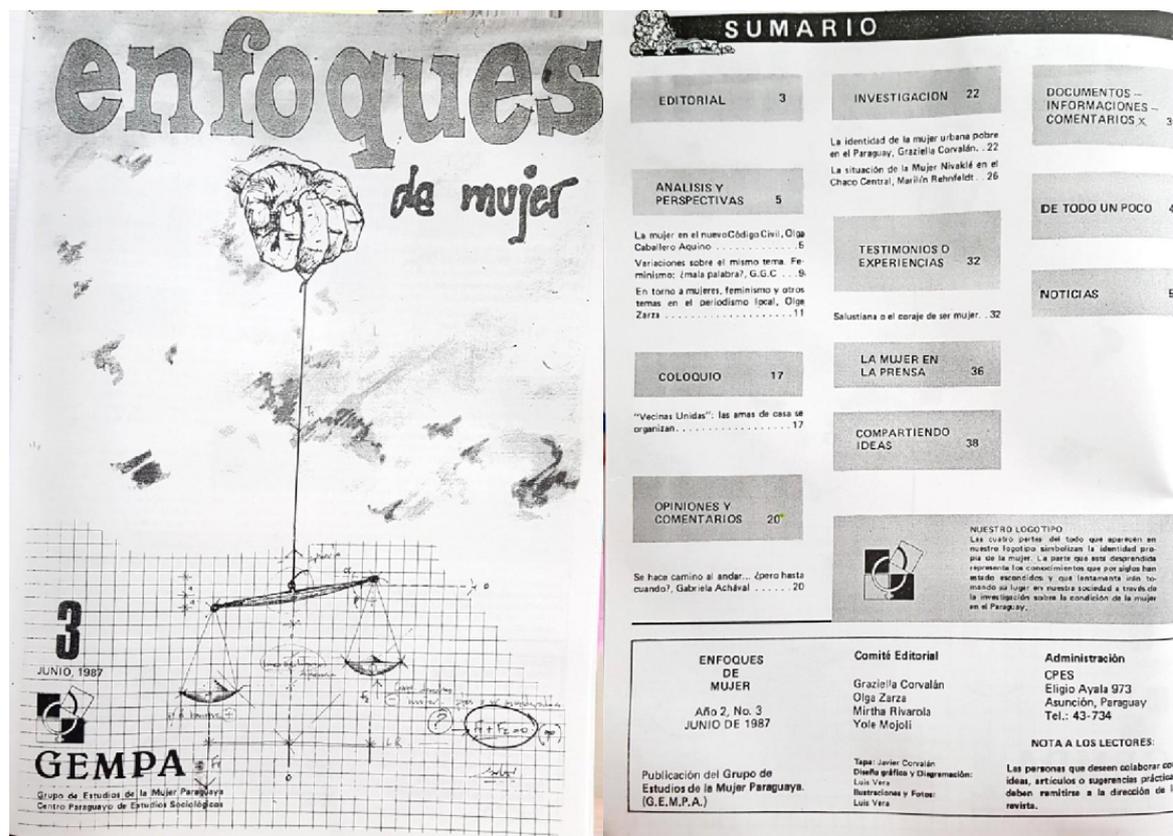
Em seu terceiro número, aparecem mudanças sutis, os títulos e as/os autoras/es foram trazidas para o sumário, as linhas que dividiam os tópicos foram alteradas e a sua disposição

foi apresentada de forma a explicitar os seus conteúdos. As modificações na apresentação e subdivisões ocorreram durante as suas 33 edições e a autoria dos textos e os temas debatidos também foram variados. Sobre o título, a fonte selecionada permaneceu a mesma desde a segunda edição até o número 11 de junho de 1989 — essa inclusive trouxe o desenho de uma mulher vitruviana e estava em diálogo com a ideia de colocar a questão das mulheres no centro das discussões políticas. Na edição número 12, mais um reforço do feminismo/feminino, para além do logotipo do GEMPA que explorava a imagem de um espelho de vênus que sempre foi exibido na parte inferior da capa. A letra Q da palavra Enfoque foi substituída também por um espelho de vênus, essa mudança não deve ter ocorrido sem motivo, já que passou a fazer parte do título da revista até o seu último número.

Ao verificar os nomes apresentados como equipe editorial, percebi que a diagramação e o desenho gráfico até o número 7 ficou a cargo de Luis Vera, ao passo que Gustavo Benítez substituiu os trabalhos de Vera nos números 8 e 9, e a partir do número 10 é o nome de Regimio Ávalos quem aparece nessa função anunciada. A capa, em seu primeiro número, foi desenhada por Miguel Gómez, após isso, desde a edição número 3 a figura de Javier Corvalán foi indicada até o número 32.

No *Comité Editorial* os nomes que continuamente apareceram foram o de Graziella Corvalán, Olga Zarza, Mirtha Rivarola e Yole Mojoji (presente até o número quatro da revista). Outros nomes foram apresentados como colaboradores especiais, mas variou bastante durante os anos de sua publicação. A permanência dessa equipe pode indicar um trabalho entrosado entre as pesquisadoras fixas ao GEMPA durante o período de produção da publicação, mas também para o pequeno quadro de recursos humanos.

Figura 4 - Enfoques de Mujer, n 3, 1987



Fonte: (ENFOQUES DE MUJER, 1987, n. 3).

É consenso que por muito tempo o uso da imagem como fonte na disciplina de História foi pouco valorizado, porém, esse panorama vem sendo mudado desde meados de 1990 com os estudos culturais. Entendo que as capas trazidas aqui não são apenas imagens, elas são discursos de intenção da revista e comunicam algo que é necessário prestar atenção, pois elas são as indicadoras de seu conteúdo (CUNHA, 1999, p. 55; CHARTIER, 2001, p. 133). Esse número, por exemplo, do ano de 1987, trouxe uma balança que pende para um lado, com uma mão que a segura por um fio, o entorno tem uma espécie de nuvem, algo que não nos permite ver a identidade de quem a segura. Mas pode-se sugerir, pelas características representadas, que parece uma mão masculina, com pelos e dedos quadrados.

Essa imagem tem relação imediata com o período em que estavam vivendo, os encontros para discutir o código civil, a mudança de status da capacidade legal das mulheres casadas e a criação de organizações de mulheres. A balança, que pode representar a força da lei, está sob as mãos de uma pessoa, mas por outro lado, a capa apresenta uma espécie de estudo e fórmulas que dão a entender uma investigação sobre aquela situação em específico, de um

lado estariam os homens e de outro as mulheres (como indicam os símbolos e a escrita), a fórmula mostraria qual a “força” necessária para deixar os lados em equilíbrio ou desequilíbrio. O sumário deste número também experimentou uma mudança de apresentação, além da forma de divulgação das matérias e pela primeira e última vez, às organizadoras explicaram o logo do GEMPA<sup>113</sup>, na contra capa, à direita, e com a seguinte indicação:

NUESTRO LOGOTIPO

Las cuatro partes del todo que aparecen en nuestro logotipo simbolizan la identidad propia de la mujer. La parte que está desprendida representa los conocimientos que por siglos han estado escondidos y que lentamente irán tomando su lugar en nuestra sociedad a través de la investigación sobre la condición de la mujer en el Paraguay. (ENFOQUES DE MUJER, 1987, p. 2, n. 3)

Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro em um texto onde exploram as imagens e os símbolos das capas de dois periódicos de mulheres exiladas em Paris, o *Nosotras* e o *Círculo de Mulheres Brasileiras*, ambos originados na década de 1970, apropriaram-se de leituras de Pierre Bourdieu e Gilbert Durant para realizarem suas análises. Da reflexão das autoras, é interessante mencionar que geralmente os símbolos redondos são comumente associados à mulher e a feminilidade e os símbolos retos, aos homens e à masculinidade. As revistas feministas mencionadas exibiam o espelho de vênus rompido por uma mão, esse ato de romper o espelho é um sinal de ruptura com a imagem passiva, muitas vezes ligados às mulheres (PEDRO; WOLFF, 2007, p. 63).

O espelho de vênus, símbolo que traz em si a ideia da construção da feminilidade, da mulher que se vê ao espelho e que é retratado em inúmeras obras de arte. No logo da revista ela sofre uma decomposição, e pode remeter a um quebra-cabeças, onde uma parte está desconexa. A peça chave seria então o conhecimento escondido, essa “verdade” que viria à tona e na interação com a peça que faltava, talvez retornasse a juntar-se ao espelho. Diversos movimentos feministas usam o espelho de vênus como uma problematização do feminino, da naturalização do que seria a mulher, o homem e as relações de gênero. Nesse sentido, o logo da revista também faz uma desconstrução desse símbolo como feminino, mas associado à mulher e ao feminismo. Bonnie Smith (2003, p. 16-34) também salientou o espelho e o gênero como uma metáfora para a historiografia que muitas vezes naturalizou, escondeu e inferiorizou mulheres e sua produção intelectual.

---

<sup>113</sup> Interessante é que o logotipo do Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, também são vários quadradinhos que foram um quadrado maior, não sei precisar a data em que é apresentado a leitora/or essa informação nos trabalhos do CPES, mas é curioso a escolha do GEMPA em um quadrado que se dissocia do todo.

Ainda nesse mesmo número, as organizadoras da revista refletiram no editorial sobre as incongruências do projeto para o Código que trazia uma exceção para a igualdade civil entre mulheres e homens. Algo que iria contra a Constituição Nacional de 1967 e o CEDAW ratificado pelo Paraguai no ano de 1986. As autoras enfatizaram que a existência de leis progressistas não garantia que a realidade fosse mais justa, mas que as práticas enraizadas na sociedade precisariam de uma revolução para mudá-las. “Pero es cierto que un código justo, que reconozca la igualdad jurídica entre el hombre y la mujer, serviría de importante punto de partida para un cambio estructural en el cumplimiento de las leyes” (ENFOQUES DE MUJER, 1987, p. 3, n. 3). Essa mensagem da *Enfoques de Mujer* pode ser como componente da narrativa da revista presente na capa, que muito embora fosse somente reclamar do Estado Paraguaio como ditatorial em 1989, não deixou de anunciar distinções de gênero e classe.

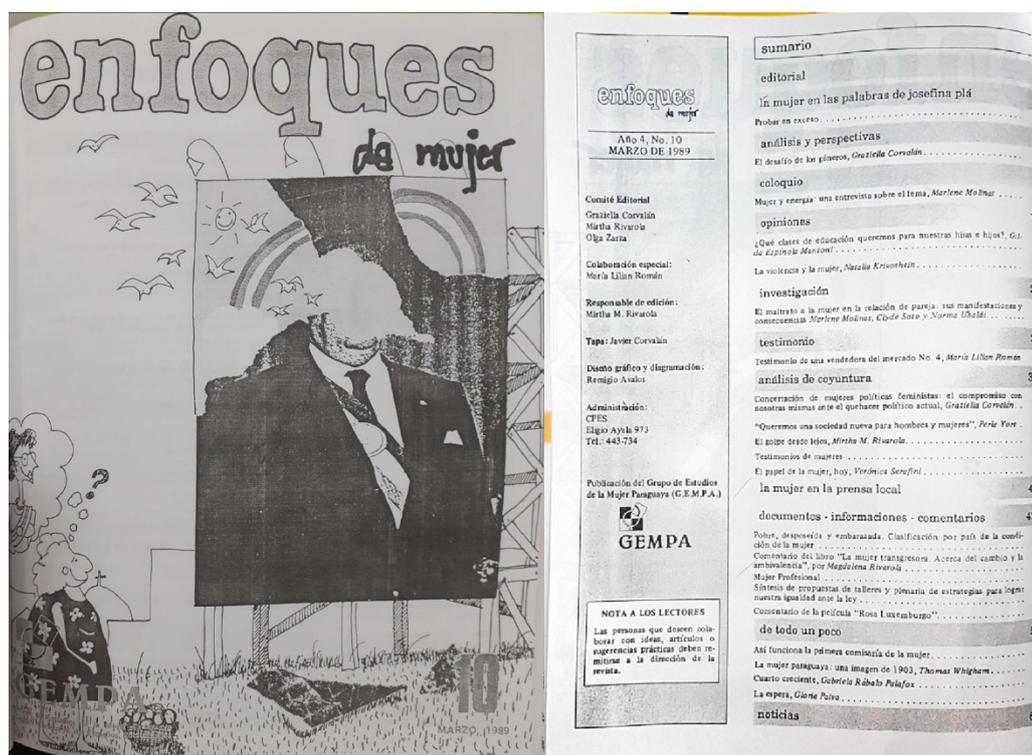
Por último, exponho a capa e o sumário de março de 1989, carregados de esperança e representando a queda de Stroessner. Desde o outdoor redesenhado, rasgado na parte da face, como uma referência à imagem do general, que se pode reconhecer a sua identidade, pois era uma foto que circulava e o momento histórico é do dia 3 fevereiro de 1989, data de sua saída do país. Amplamente anunciado na televisão, nos jornais e com muitas marchas pelas ruas, após um sangrento conflito entre as forças armadas e um golpe dentro do próprio partido<sup>114</sup>. Na capa há o desenho de uma mulher que olha com sorriso na cara a imagem riscada do outdoor que não mais apresenta a face do ditador, o pensamento que surge em um balão apresenta a figura de uma mulher com faixa presidencial. Além disso, dá margem a esperança, representado no arco-íris e nos pássaros que remetem a um novo período<sup>115</sup>.

---

<sup>114</sup> Algumas das imagens sobre o dia de saída de Stroessner do país foram capturadas no documentário *La noche de San Blas* de Juan Carlos Maneglia. Está disponível em <https://youtu.be/kiXPgREuEwE> Acesso em: 17/04/2023.

<sup>115</sup> E dentro da literatura bíblica, essa passagem do arco-íris marca um novo período, passado um momento de provação e dilúvio.

Figura 5 - Enfoques de Mujer, n 10, 1989.



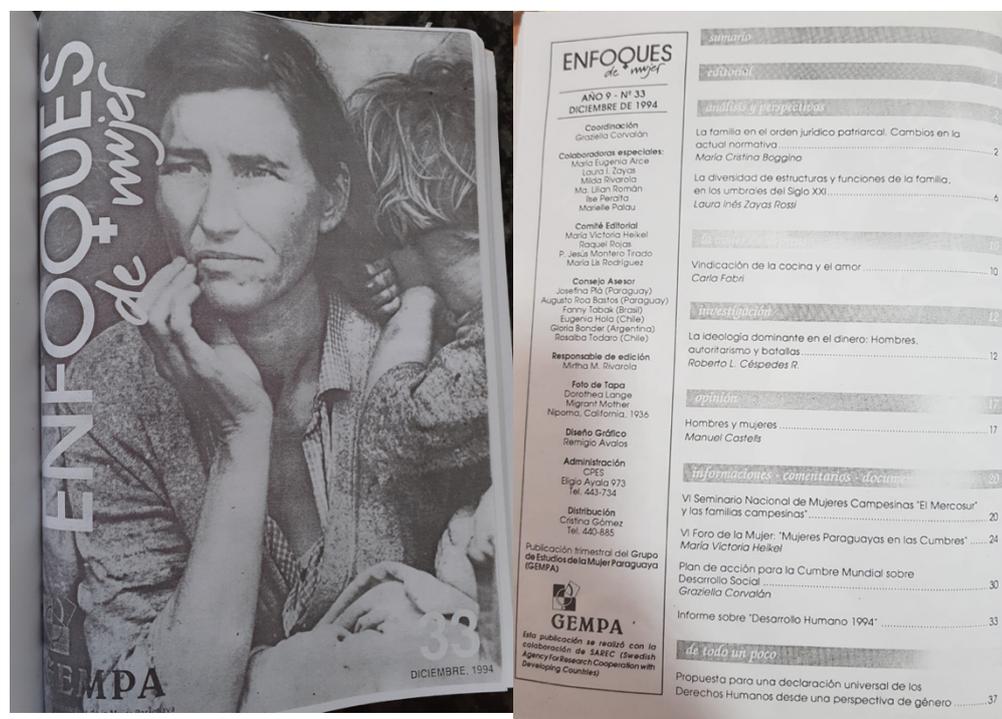
Fonte: (ENFOQUES DE MUJER, 1989, n. 10).

A revista novamente teve mudanças no que diz respeito à apresentação e o sumário anunciava no editorial *La apertura política y los desafíos para la mujer*, questão que viria a ser recorrente em todos os números da revista no período de transição para a democracia. Trazer as capas e os sumários teve aqui a intenção de mostrar um pouco do suporte da revista, como sabemos é pela capa que antevemos os materiais impressos, nas palavras de Teresa Santos Cunha (1999) “é o chamarisco” para as/os leitoras/es.

O último número da revista teve uma foto a qual referenciam Dorothea Lange (1895-1965) com a fotografia chamada de *Migrant Mother*, tirada na Califórnia em 1936. E isso é interessante, levando em consideração que quase todas as capas anteriores da revista foram criações de Javier Corvalán, com desenhos ou colagens. A foto e a fotografia escolhida para estampar o último número, é uma das mais conhecidas de Dorothea Lange, que recebeu reconhecimento devido à sensibilidade e temática selecionada em suas abordagens. A fotografia mãe imigrante, apresenta Florence Owens Thompson e os três filhos, mas na capa da revista a imagem foi recortada e centrou-se na figura da mulher e da criança que aparece em seu ombro

<sup>116</sup>. Essa imagem, segundo Flávia da Rosa Melo (220, p. 597), foi usada em selos, campanhas políticas, anúncios de caridade e capas de revista.

Figura 6 - Enfoques de Mujer, n 33, 1994



Fonte: (ENFOQUES DE MUJER, 1994, n. 33)

Olhando o sumário poderia argumentar que a imagem não dialogava com as discussões da revista, pois não tratavam da imigração no Paraguai, algo que foi aumentando significativamente. Mas ao olhar a fotografia, percebe-se o apelo social da revista, com a representação de uma mãe com olhar de desalento e os filhos em situação de sofrimento. As capas mudaram de acordo com o seu contexto e projeto do número do impresso. A revista recebeu trabalhos de várias áreas do conhecimento e publicava artigos, estudos em andamento, poesias, trazia recortes de jornais, apresentava algumas cartas de leitoras, também havia espaço para divulgação de documentos produzidos em eventos e artigos das próprias organizadoras da revista no que tange a educação, movimentos sociais, feminismos e estudos sobre mulheres, essa discussão acerca das categorias e narrativa sobre o feminismo no país veremos mais adiante, no próximo capítulo.

<sup>116</sup> Dorothea Langhe tirou outras fotos neste mesmo local e as usou como arma para “para forçar o auxílio governamental àquelas pessoas” em estado precário. Cf. (MELO, 2020, p. 595).

Como já foi assinalado no ano de 1994 a revista parou de ser produzida e não há nenhum pronunciamento sobre o fim da mesma. Em apenas em seus seis últimos números (28 a 33) foi apresentada uma colaboradora, a Swedish Agency for Research Cooperation with Developing Countries (SAREC), o que indica que a revista estava recebendo subsídios para a publicação. O sumário dessas edições mostrava menor vigor que em anos anteriores e Mirtha Rivarola, responsável pelas edições, não assinou mais a autoria de textos. Apenas Graziella Corvalán seguiu aparecendo como autora de artigos e documentos de trabalho.

Em conversa com Mirtha Rivarola, a socióloga contou que as verbas destinadas à investigação estavam diminuindo e isso também comprometia o CPES decidiram continuar produzindo a revista de sociologia que já era uma publicação consolidada (RIVAROLA, 07/02/2018). A revista também tomava o tempo das pesquisadoras que nesse período estavam trabalhando em outros espaços e organizações, além do que a equipe que estava associada ao GEMPA também era pequena e poderiam migrar para outros espaços de divulgação de conhecimento (RIVAROLA, 07/02/2018).

#### 4.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PROJETOS E DOS PERIÓDICOS PRODUZIDOS PELO CDE- ÁREA MUJER

No ano de 1989 com o apoio da agência de cooperação Helvetas a Área Mujer passou a trabalhar na construção de seu centro de documentação, na biblioteca Serafina Davalos especializada na temática da mulher e na produção do *Informativo Mujer*. Sobre os projetos iniciais do CDE as informações são escassas e pouco aparecem nas páginas das revistas produzidas. Mas, alguns dados puderam ser obtidos através do trabalho, *Diagnóstico de las organizaciones no gubernamentales, centros académicos, organizaciones de mujeres y su papel en la promoción de la participación de la mujer en la sociedad paraguaya*, de autoria das consultoras Carmen Echaury, Clyde Soto e Verônica Torres (1991). Essa investigação estava integrada ao projeto *Mejoramiento del marco legal e institucional para la incorporación de la mujer al desarrollo en países seleccionados de América y el Caribe* para a CEPAL, em colaboração com o outro projeto *Mujeres Latinoamericanas en Cifras* (1993) da FLACSO<sup>117</sup>.

---

<sup>117</sup> O projeto *Mujeres Latinoamericanas en Cifras* da FLACSO, coordenado por Tereza Valdes e Enrique Gomariz, teve no Paraguai a coordenação de Olga Maria Zarza, Suzana Villagra, Line Bareiro, Luis Campos, Esther Prieto, Susana Sotoli, Carmen Echaury, Margarita Elias, Clyde Soto, Veronica Torres, Margarita Benitez, Hugo Dias, Hugo Lavigne, Gladys Cespedes, Margarita Molinas, Monica Perez, Veronica Serafini. Cf. (VALDÉS, GOMARIZ, 1993)

Nesse documento percebi que as áreas mais atuantes do CDE naquele período foram a prestação de serviços (como seminários, elaboração de censos, processamento de informação e oficinas), a construção de acervo sobre mulheres, e investigações acerca das organizações de mulheres pelo sufrágio feminino no país. No diagnóstico de 1991, ao abordarem o CDE, exibiram o programa de projetos em curso, no período havia sete com organizações financiadoras estrangeiras. Eram elas: a Agencia Española de Cooperación (AECI) e o Instituto de la mujer de España, onde desenvolveram um censo sobre as condições de vida de mulheres campesinas), o Programa de Promoción Feminina del Centro de Promoción Campesino de la Cordillera, e outro de processamento de dados e análise (por sexo) para elaboração do *Índice de Costo de Vida de Obreros y Empleados del Gran Asunción*.

Com a agência Suíça, Helvetas foram criados o Centro de Documentación de/para mujeres e a revista *Informativo Mujer*. Do acervo material do CDE, informaram que as principais usuárias eram em sua maioria estudantes universitárias, jornalistas e pesquisadoras (ECHAURI; SOTO; TORRES, 1991, p. 270). Ao passo que com a *Fundación Friedrich Ebert* desenvolveram o projeto *Mecanismos para mejorar la participación política de las mujeres*. Nesse projeto realizaram um seminário internacional e publicaram dois documentos de trabalhos sobre a discussão de cotas mínimas para mulheres nos partidos políticos, um apresenta o debate dentro do Partido Socialdemocrata da Alemanha (SPD) e outro no Partido Socialista Obrero Español (ECHAURI; SOTO; TORRES, 1991, p. 270).

Da conjuntura oferecida pelo relatório, com o auxílio do Instituto de la Mujer de España e Solidaridad Internacional havia outro projeto de seminários para mulheres políticas e de investigação, chamado de “Serafina Dávalos”. Esse contava com duas partes e levava em consideração a pergunta: o que é ser feminista no Paraguai hoje? E o que é a participação política das mulheres?<sup>118</sup>. O campo de estudo explorava principalmente as mulheres em organizações urbanas e nos partidos políticos. Como resultado foram publicados alguns livretos (CANO, 1991; SOTO, 1991) sobre três oficinas oferecidas e publicaram em formato de livro a monografia de Serafina Dávalos, *Humanismo* apresentada para a conclusão do curso de Derecho y Ciencias Sociales (1907)<sup>119</sup>.

<sup>118</sup> Os trabalhos impressos resultantes do projeto são: (BAREIRO; SOTO, 1992; SOTO; ECHAURI, 1993, p. 60).

<sup>119</sup> Serafina Dávalos, nasceu no em Ajos (hoje Coronel Olviedo que fica a 150 quilômetros de Assunção/Paraguai) em 1883. Essa personagem é considerada por muitas estudiosas/os como a primeira advogada e feminista do Paraguai, já que defendia o direito a educação e ao voto para mulheres como uma forma de alcançar a democracia. Sua obra *Humanismo* é uma resposta ao triplo desejo “como estudante, mujer e patriota” de se pronunciar mediante ao debate sobre “el problema de la mujer”, como alguns diziam, ou feminismo como falavam outros. Em 1910 expos o discurso de encerramento do *I Congreso Feminino Internacional de la Republica Argentina*. Em 1919, Dávalos fundou junto com Virginia Corvalán (intelectual/ “sufragista” que merece também ser estudada) o *Centro*

Na área da investigação, o projeto que envolveu diversas/os investigadoras/es, não somente vinculadas/os ao CDE foi o capítulo sobre o Paraguai no *La Mujer Latino Americana en Cifras* da Flacso-Santiago. Essa pesquisa contou com a coordenação local da socióloga Olga Maria Zarza que fazia parte do GEMPA e da socióloga Susana Villagra. Por último, talvez um dos projetos de maior fôlego da Área Mujer, no que diz respeito a apresentação de fontes para a escrita da história das mulheres, esteve associado ao *Recuperar a las Serafinas del pasado y proponer para construir una república democrática*. Dividido em duas partes, elas buscavam reconstruir o processo de lutas de organizações de mulheres do século XX, e também desenvolver um plano constitucional “para que pueda servir de instrumento para el debate sobre el estado democrático y para la igualdad de oportunidades para mujeres y hombres” (ECHAURI; SOTO; TORRES, 1991, p. 27). Esse projeto foi financiado pelo Centro Internacional Olof Palme (AIC) e com o apoio dessa organização publicaram um dos livros referência nos estudos sobre história das mulheres paraguaias, chamado *Alquimistas, documentos para outra historia de las mujeres*, lançado no ano de 1993.

Essa obra teve como organizadora a historiadora Mary Monte, Clyde Soto, formada em psicologia e na época havia realizado uma especialização em estudos da mulher em Madrid e a cientista política Line Bareiro. Nela exploraram a ideia de que o feminismo paraguaio não era uma novidade do final do século XX, mas que a história das mulheres radicais e insubmissas não havia sido contada. Para exporem essas histórias ao público escreveram sobre as organizações de mulheres e acerca das mulheres escritoras, e em anexo aos capítulos, apresentaram os documentos originais com o intuito de “develar nuestras rebeldes y sus compañeros, para devolver su historia a la memoria y de esa manera transformar el presente” (BAREIRO; SOTO; MONTE, 1993, p. 14) e assim incentivar novas investigações e mostrar que havia no país organizações de mulheres esquecidas (BAREIRO; SOTO; MONTE, p. 22).

Associado ao projeto *Recuperando a las Serafinas de America Latina* foi organizado um evento de mesmo nome em Assunção em março de 1993. Na apresentação do livro *Ciudadanas: una memoria inconstante* que divulgou os textos resultados do evento, Line Bareiro e Clyde Soto enfatizaram “las narraciones de este libro son hilos que recién se están comenzando a fabricar. Son historias de mujeres como parte de la historia latino-americana. Son

---

*Feminista Paraguayo* que foi construído para atuar na construção de projetos de lei igualdade de direitos entre mulheres e homens. Participou de muitos outros núcleos, como a Comisión Directiva de la Unión Femenina del Paraguay (1936), a Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer (1956) e patrocinou a fundação da Asociación Paraguaya de Universitarias Graduadas (1954). Em 1957, Serafina Dávalos faleceu em Assunção, após uma vida dedicada aos direitos das mulheres. Cf. (DÁVALOS, 1990; VALINOTTI, 2011; VELÁZQUEZ, 2017).

memorias de ejercicios de ciudadanía muchas veces olvidados” (BAREIRO; SOTO, 1997, p. 7). A ideia dos fios que se enredam tem a ver com a história produzida e o poder de decidir qual era a “verdadeira” a ser contada, estava presente no texto e bastante associado ao discurso exposto na outra obra citada, *Las alquimistas*, por estarem propondo uma contar sobre a história não narrada no país oficialmente.

Entre os textos publicados, encontra-se autoras como Lea Fletcher, Cecilia Salinas Alavrez, Ana María Portugal, Maria Fernanda Bicalho, Graziella Sapriza, Albertina de Oliveira Costa, Marta Isabella Mora, Yolanda Marco. Nomes associados aos estudos de mulheres na América Latina e o debate desse encontro esteve centrado na participação pública das mulheres na primeira metade do século XX. Na apresentação as organizadoras refletiram que pela primeira vez no país se realizava um evento com essas características e afirmaram que a nível regional, ao conversar com as pesquisadoras, entenderam que nunca havia ocorrido um evento “de história feminista” como esse (BAREIRO; SOTO, 1997, p. 15). Apesar de se colocarem como investigadoras de história feminista, as autoras atentaram para o fato que as disciplinas e os instrumentos analítico das participantes eram variados, outro ponto é que as autoras também vinham de espaços de discussão distintos em seus países.

Na conclusão da apresentação sinalizaram que havia passado quatro anos do evento e não voltaram a realizar outro encontro, sobre o assunto ponderaram “nadie duda de la importancia de la historia, tampoco es prioridad para quienes tienen la posibilidad de financiar investigaciones y encuentros” (BAREIRO; SOTO, 1997, p. 16). Ainda acenaram sobre alguns eventos que foram realizados depois em outros países e comentaram que diante do desafio que havia para a história das mulheres, a manutenção da comunicação criada facilitaria o caminho, além de promover uma rede intelectual crítica. As autoras ainda associaram que a produção de investigação estava conectada as condições de cada país, dado que de forma geral “[...] – con excepción de México, Argentina y Brasil, cuyas universidades son espacios de producción y conocimientos – las investigaciones se realizan a pulmón o con los escasos recursos humanos, infraestructurales y financieros de las ONG de mujeres” (BAREIRO; SOTO, 1997, p. 17)

Ainda sobre os materiais produzidos, faço um adendo para o documentário audiovisual em formato de CD com aproximadamente 26 minutos, produzido pelo CDE e a ONG Decidamos, no ano de 1995 com o apoio financeiro de Fondos Canadá e Diakonía. Nele Line Bareiro apresentou as histórias de mulheres paraguaias contadas no livro *Las Alquimistas*, ao mesmo tempo em que imagens de documentos e entrevistas com mulheres e homens que

relatarem suas memórias eram sobrepostas<sup>120</sup>. A narrativa destacada no documentário apontava para a história da busca pela igualdade entre mulheres e homens no século XIX ao ano de 1987, com os eventos pela *Igualdad ante la Ley*.

O *Diagnóstico* de 1990 indicava sinais sobre as produções e os seguimentos dentro da área de estudos da mulher no CDE em seu início, mas também apresentava um levantamento de informações acerca de mais de 30 organizações de mulheres que emergiram no período, e apontava que nem todas se consideravam feministas<sup>121</sup>. É um documento importante para entender a composição e a estrutura das organizações que emergiram no Paraguai após Stroessner, que eram em sua maioria localizadas nas áreas urbanas. Além disso, o relatório deu subsídios para o capítulo *Paraguay* do *Las mujeres Latino Americanas em cifras* e outra publicação da Área Mujer, o livro *Hacia una presencia diferente* de 1992; que retoma a análise sobre os movimentos organizados de mulheres no Paraguai.

Em outra produção do CDE, dessa vez, um livro chamado *Dios proteja destino pátria - las concepcioneras de 1901*, publicado em 1999, Line Bareiro e Clyde Soto comentaram que a obra era fruto do *Grupo de Historia de Las Mujeres* que havia iniciado suas atividades seis anos antes, e sua coordenadora era Ofélia Martinez. O trabalho historiográfico iniciado talvez tenha relação com o projeto *Recuperar as Serafinas do Passado* de 1992. Na sequência da apresentação da obra as autoras indicaram que o livro escrito por Ofélia Martinez e Mary Monte era o primeiro trabalho publicado dentro da formação do grupo de estudos e que tinha a intenção de iniciar uma nova etapa de publicações,

la serie Alquimistas, porque pensamos que no volverán a pasar seis años antes que editemos otros trabajos del grupo. En realidad tenemos vários proyectos en carpeta, conocemos datos interesantísimos de otras mujeres cuyos nombres, vidas, acciones y conflictos deberían formar parte de los debates sobre historia política del Paraguay (MARTÍNEZ; MONTE, 1999, p. 11).

Após trazer a ideia de que o CDE possuía muitas informações e uma historiadora com formação acadêmica no grupo, enfatizava que “nosotras sentimos que les aportamos con instrumentos teóricos y metodológicos para analizar la historia con perspectiva de género, en este caso, con la perspectiva de las mujeres” (MARTÍNEZ; MONTE, 1999, p. 10). Ou seja, a Área Mujer possuía competência para dar continuidade aos projetos de pesquisa histórica, tais

<sup>120</sup> Esse documentário está disponível no Youtube <https://youtu.be/XqgvA0XIUvg> Acesso em 22/03/2023.

<sup>121</sup> Das 35 ONGs de mulheres, somente sete consideravam-se feministas, mas não mencionaram quais são. Cf. (ECHAURI; SOTO; TORRES, 1990, p. 6-8).

como esse que estavam apresentando em formato de livro, e que provinha do labor de seis anos e das reuniões das sextas-feiras. Mas, elas sinalizaram que contavam com os poucos apoios financeiros “de nuestra institución, gracias a la cooperación de Diakonía y SAREC. Pero la redacción y la publicación de este material fueron posibles por el apoyo institucional que brinda ICCO desde este año al Área Mujer del CDE” (MARTÍNEZ; MONTE, 1999, p. 11). Apesar da quantidade de informações abundantes no Centro de Documentação e Estudos acumulados ao longo dos anos, os projetos de publicação de livros na temática de história das mulheres que buscavam apoio não voltou a ocorrer fora desses projetos já sinalizados.

O trabalho elaborado para a CEPAL ilumina a compreensão acerca do momento em que se estavam conformando e desaparecendo algumas organizações de mulheres no período de transição para a democracia em meados de 1992, muitas das organizações estavam se remodelando devido a mudança de contexto (muitos grupos tinham a pautas associadas a luta pela democracia e com discursos antiditatoriais e tiveram que desenvolver outros projetos) (ECHAURI; SOTO; TORRES, 1991, p. 6-7). Além disso, exibiu a relevância da mobilização de mulheres de forma articulada que gerou e ampliou a participação de paraguaias na região. Mas o texto e os livros citados anunciavam também algo desafiador para as ONGs, a dependência de recursos externos para a própria manutenção desses espaços e para o financiamento de projetos de investigação.

Nesse sentido, é importante destacar que desde meados de 1990, muitas ONGs deixaram de ser auxiliadas e muitas delas pararam de funcionar, os projetos de história das mulheres do CDE deixaram de ser produzidos. E no início dos anos 2000, publicações sobre a temática praticamente inexistiam, algo que foi retomado no país pelas mãos de autoras/es como a historiadora Ana Vallinoti, David Velazquez, e até mesmo pela retomada do *Grupo de Estudios de la Mujer* e suas reuniões de leitura, algo que observei na última viagem ao país em 2018 quando pesquisei na biblioteca do CDE.

O CDE no país tem um aspecto vital e que não pode ser deixado de lado, além de ter aporte documental único (hemeroteca e biblioteca), realiza assessorias, seminários, tem produção imprescindível para conhecimento do Paraguai, e uma trajetória associada à luta antiditatorial, lembrando que o discurso oficial do CDE liga essa ao BPD (1978-1983) que é reforçada pelas/os integrantes, visto que são praticamente as mesmas pessoas que estão em torno do CDE. Talvez a disposição de todos esses fatores, associados ao engajamento de integrantes do núcleo em relação a políticas de financiamento, tenham mantido o funcionamento do CDE até os dias atuais.

#### 4.2.1 *Informativo Mujer* (1989-2004) - um incentivo ao debate?

A *Informativo Mujer* foi provavelmente o primeiro material impresso da área mulher do CDE. Começou a ser editado em janeiro de 1989 pela editora Litocollor, sua periodicidade era mensal e pouco mais de 40 páginas em cada número. A equipe principal era composta por Line Bareiro, Celeste Meza, Norma Ubaldi, Maria Lis Rodríguez, Veronica Tores e Margarita Elías. O processo de elaboração da revista consistiu em acompanhar, selecionar e sistematizar o que vinha sendo discutido na imprensa local acerca de temas como violência contra mulher, leis trabalhistas, antifeminismo, política, trabalho doméstico aborto, feminismo, saúde, política, sexualidade, entre outros que foram visualizados. Temáticas essas presentes em revistas feministas da década 1980, entendendo aqui que os debates promovidos no Paraguai também fazem parte de um campo de preocupações latino americanas, apesar de que cada país guardava as suas próprias problemáticas era um momento de abertura para esse tipo de discussão e divulgação na imprensa, não apenas feminista, mas nos jornais locais.

A principal característica dessa revista era expor o que se estava discutindo mensalmente nos principais jornais do país como o *Última Hora*, *El Diario de Noticias*, *Hoy*, *La Patria*, *Sendero* (semanal da CIPAE), *ABC Color* e *El Pueblo*, mas também exibir o centro de documentação, já que todo o material indicado na revista fazia parte da hemeroteca do núcleo. Da seleção e do recorte dos materiais eram feitos índices dos temas que eram disponibilizados em muitas páginas (aproximadamente 12) da revista, seguidas de referência bibliográfica.

Figura 7 - Índice da Informativo Mujer, n 0, 1989

Num.	Fecha	ARTICULO REGISTRADO	AUTOR O SECCION	FUENTE	Pg.
0309	24/01/89	Más de la mitad de los graduados son mujeres			
0310	24/01/89	Teresa Prieto de Balsevich "Faltan mujeres en la arena política de nuestro país"	Supl. Fem.	Ultima Hora	02
0311	24/01/89	"Habla Mujer", en Rio		Ultima Hora	08
0312	24/01/89	Oleos y pasteles de Nelly Mellid en el Unión Club		Ultima Hora	08
0313	25/01/89	La mujer en el Código Civil		Ultima Hora	27
0314	25/01/89	Cirugía del Amor	Supl. Ella	El Diario	04
0315	25/01/89	Ejecutan a un asesino de mujeres en EE.UU.		El Diario	06
0316	25/01/89	Clara Esperanza López. Subiendo peldaños		El Diario	07
0317	25/01/89	Termina función de consulesa en Santos		El Diario	09
0318	25/01/89	Pidió 30 cruzados para no matarla		El Diario	12
0319	25/01/89	Mujer agredida con arma de moda, botella		El Diario	22
0320	25/01/89	Nelly Mellid muestra sus flores al óleo		El Diario	26
0321	25/01/89	"No tengo confianza en sor Hilaria Rojas"		El Diario	46
0322	25/01/89	Rosa pide que sor Soria vuelva a la comunidad		Hoy	17
0323	25/01/89	Asesino muerto en la silla eléctrica. Cometió crímenes sexuales. El número de víctimas ascendió a 28		Hoy	17
0324	25/01/89	Fue ejecutado un hombre que asesinó a 20 mujeres		Hoy	22
0325	25/01/89	Delegaciones ante reunión de la CIM (Comité Directivo de la Comisión Interamericana de Mujeres)		Patria	03
0326	25/01/89	Clave para saber si fue violada		Patria	12
0327	25/01/89	Le pegó a una mujer con los puños		Patria	14
0328	25/01/89	Candidatura en Seccional Nro. 3		Patria	15
0329	25/01/89	Mobilización femenina en la 9		Ultima Hora	08
0330	25/01/89	Bush, en contra del aborto		Ultima Hora	08
0331	25/01/89	Juicio contra policías. Testigo ya fue procesada diez veces anteriormente		Ultima Hora	32
0332	26/01/89	Damas de la seccional 9 con un plan de acción		Ultima Hora	51
0333	26/01/89	Muestra de porcelanas pintadas		El Diario	08
0334	26/01/89	Encuentros y cantos (La poesía de Lygia de Moura Rassi)	Leni Pane	El Diario	46
				Hoy	14



Figura 8 - Índice da Informativo Mujer, n 71, 1997

INDICE INFORMATIVO MUJER			
AREA TEMATICA/DESCRIPTOR	ARTICULO REGISTRADO	AUTOR O SECCION	FUENTE FECHA/PAG.
<b>ACONTECIMIENTOS</b>			
Encuentros	-Beijing, ¿para quién?	Cable	Hoy 03/01/95-p.16
	-Conferencia Mundial sobre la mujer		La Unión 10/01/95-p.14
	-Encuentro sobre mujer y comunicación		Ultima Hora 17/01/95-p.40
	-Organizan encuentro internacional de la familia		Abc Color 18/01/95-p.45
	-Hoy viaja a San Salvador la titular de microempresarias		Abc Color 23/01/95-p.51
	-Harán encuentro sobre mujer y comunicación		Abc Color 30/01/95-p.44
	-Resaltaron educación de mujeres en un encuentro sobre familia		Abc Color 31/01/95-p.51
Talleres	-"Del grado de autoestima dependen nuestros éxitos"		Abc Color 12/01/95-p.51
<b>AGRICULTURA Y DESARROLLO RURAL</b>			
Desarrollo rural	-"Las mujeres realizan gran contribución al desarrollo"		Ultima Hora 26/01/95-p.40
<b>CICLOS DE VIDA</b>			
Adolescentes	-¿Qué pasa cuando la pubertad se atrasa?		Hoy 07/01/95-p.15
	-Relaciones sexuales precoces son producto del engaño y de la falta de Educación Sexual	Magally Avila S.	Tiempo 14 11/01/95-p.20
	-Cuando la niña se va haciendo señorita...		Hoy 18/01/95-p.15
	-Quince menores por día dan a luz en Venezuela		Ultima Hora 20/01/95-p.41
	-La adolescente frente a su sexualidad		Ultima Hora 21/01/95-p.46
	-Alto índice de embarazo en adolescentes campesinas		Ultima Hora 25/01/95-p.42
Jóvenes	-Sexualidad: ¿Cómo enseñarla a jóvenes?		Ultima Hora 11/01/95-p.42
	-La desnudez de los jóvenes	Santiago Caballero	Ultima Hora 13/01/95-p.31
	-Como "la peor enfermedad" califican a la migración		Abc Color 24/01/95-p.40
	-Jóvenes musulmanes se casan fuera de la ley islámica	Cable	Hoy 24/01/95-p.16
Menopausia	-La sexualidad y la vida cotidiana más allá de los 50		Abc Color 02/01/95-p.34
Menstruación	-Cuando la niña se va haciendo señorita...		Hoy 18/01/95-p.15
Niños/as	-Salud y la condición de la mujer	Supl. Ella	Noticias 11/01/95-p. 3

Fonte: (INDICE, 1995, p. 13, n. 71).

Apresento essas duas páginas de índice de períodos distintos para que se possa acompanhar que ocorreram mudanças no trato da exposição das informações. De início eram muitas páginas que apresentavam os artigos registrados e a fonte e, em páginas seguintes, apontavam o local dos textos na hemeroteca do CDE. Posteriormente as informações foram

ficando condensadas por temas, título, autor e fonte. Através de listas como essas, pude averiguar que os principais jornais diários da região, possuíam suplementos femininos<sup>122</sup>, como no *ABC Color* e seu *Suplemento Nosotras*, no *Ultima Hora*, publicava-se o *Suplemento Femenino*, no *La Opinión* havia o *La Mujer*, no *El Diario*, editavam o *Mujer Actual* (1989) e o *Suplemento Ella*. Eles não podem ser considerados como jornais feministas, mas possuíam linguagem direta e textos curtos em que leitoras poderiam se atentar sobre assuntos relevantes sobre as mulheres, além disso, tinham circulação maior do que as revistas das ONGs. Naquele momento duas mulheres conhecidas com a causa feminista assinaram diversos artigos no suplemento *Nosotras*, eram elas: Maria Liz Román do CDE e Perla Yore da Multisectorial.

Dulcília Buitoni (1986) nos informou sobre a diferença entre periódicos feministas e femininos ao tratar do Brasil no século XX, segundo a autora os objetivos, os recursos financeiros, a publicidade e a circulação tinham processos de elaboração diferenciados. Embora em jornais pudessem ter áreas endereçadas para o público feminino e até apresentar discussões feministas, ele estava associado ao consumo, a propaganda dentro da conjuntura de uma grande imprensa e na maioria das vezes reforçava estereótipos tidos como femininos. A proposta dos jornais e revistas femininas não traziam como elemento fundador o pensamento revolucionário e crítico feminista. Nesse sentido a autora frisou que “não há transformação da imagem das mulheres [...]. O feminismo é apenas um signo a mais na modernidade de aparência” (BUITONI, 1986, p.130) que impressos com páginas femininas exploravam.

Na *Informativo Mujer* até o ano de 1994 a contracapa da revista informava como se poderia usar a o periódico e, basicamente, indicavam a sua estrutura e as seções que estavam dispostas em: 1- *Panorama* - que funcionava como uma apresentação do que consideravam as notícias mais importantes do mês, 2- o *Indice*- nele eram exibidas as tabelas com os principais temas selecionados dos jornais, 3- *Revelando Artículos*- reproduziam os artigos que consideravam mais relevantes do mês, 4- *De nuestra estante*- apresentavam os livros e as revistas recebidos pela Área Mujer, 5- o *Direccionario* - exibiam os nomes, a localização e o contato de organizações de mulheres da América Latina, 6- *Nos escriben* - era composta de cartas recebidas, nela se pode encontrar tanto agradecimentos e felicitações, quanto sugestões para a melhoria do periódico, 7- *¿Qué y Dónde?*- evidenciavam as organizações de mulheres

---

<sup>122</sup> Juan Crichigno (2010, p. 418) nos informa que o suplemento foi algo característico da nova era dos jornais no país. O autor sugere também que a empresa ABC Color foi um divisor de águas na tecnologia de impressão Offset e colorida no país. Outro trabalho interessante que também aborda o tema é de Anibal Orué Pozzo (2007).

paraguaias, essa parte era anunciada à medida em que recebiam os programas de ação e os dados, a cada número da revista apresentavam uma instituição.

Ao todo foram 172 números publicados ao longo de 16 anos. Ocorreram diversas alterações na revista e novas seções como a *Página séria* em que reproduziam tirinhas, a *Pienso que* onde mostravam a opinião sobre algum assunto específico. Algumas outras partes surgiram entre os números e desapareceram com a inserção de novos temas. Seria impossível trazer todas as mudanças ocorridas na *Informativo*, as personagens que por lá passaram, as capas e os temas abordados. De modo que vou apenas assinalar alguns pontos que dizem respeito ao movimento do periódico ao longo dos anos.

A principal função do *Informativo* era sistematizar dados, porém em seu primeiro ano, o índice (como mostra a figura 7 e 8) trazia informações acumuladas e dificultavam o entendimento das leitoras. O excesso de informação foi exposto nas cartas recebidas pelo CDE e publicadas na revista durante o ano de 1989. No segundo ano da revista o núcleo apurou a apresentação dos temas de forma que se fizesse mais fácil a leitura das informações. Nos primeiros anos o “Índice” apareceu nas primeiras páginas da revista, ao passo que isso foi se remodelando dando espaço a artigos que passaram a avançar dentro do impresso. Em 2002 pararam de apresentar esse indicador de temas e a revista deixou de ser mensal, além de não apresentar mais o apoio das agências financiadoras.

Sobre a ideia do formato de apresentação do periódico da Área Mujer, a equipe evidenciou no mês de fevereiro de 1989, em resposta a uma carta de Virginia Ayllón do CIDEM da Bolívia, sua leitura e apropriação de outras revistas feministas. Virginia escreveu uma carta onde felicitava o CDE- Área Mujer pelo *Informativo* e salientava que representavam “la vanguardia de los archivos hemerográficos sobre la mujer en América Latina” (PRESENTACIÓN, 1989, p. 4, n. 2). A equipe informou que colocaram a carta de Virginia no mural do CDE, em um lugar de destaque, mas assumiram que não eram elas as representantes da vanguarda, e sobre o assunto escreveram: “empezábamos a portarnos como pavos reales cuando nos dimos cuenta que en realidad no éramos nosotras, sino las compañeras de NOTAS y del PLEMUU do Uruguay quienes debían haber recibido las alabanzas” (PRESENTACIÓN, 1989, p. 4, n. 2), pois teriam se apropriado delas.

Dessa situação, aproveitaram a carta para exibirem algo que resume como as revistas feministas e os estudos feministas se faziam naquele período,

De esa manera se establecen redes informales entre mujeres de América Latina, las que a partir de tener necesidades parecidas tenemos también respuestas similares,

estamos comunicándonos, nos sirve a las unas experiencias de las otras y somos capaces de apropiarnos de una propuesta desarrollada por compañeras de otros países readecuando a nuestras necesidades e inclusive de “mejorarla” y además nos ponemos felices si lo que hacemos puede ser útil a otras. Esa forma de “trabajar en cadena”, aunque hayan fronteras fabricadas, es una expresión de la solidaridad que está naciendo entre nosotras y que es un elemento fundamental para que tengan frutos los esfuerzos hacia la construcción de un mundo sin discriminación (PRESENTACIÓN, 1989, p. 4, n. 2).

Indicar de onde tiraram a ideia para a revista demonstra que as organizações e as mulheres possuíam elos que se fortaleceram à medida que a experiência era compartilhada. Dessa forma, sem reivindicar uma autoria original do tipo “vanguarda”, as responsáveis pela edição ampliaram a criação, atravessaram as fronteiras e aprenderam com as outras companheiras. Ao apontarem para outros lugares e revistas também exibiam para as leitoras que as mulheres feministas estavam se organizando e quem sem hierarquizar o conhecimento, poderiam nutrir-se delas e produzir outros saberes.

Algo que chama a atenção na revista são as suas capas, os seus dois primeiros números foram impressos em um só tom de cor e a partir do número três, a capa tomou características que iriam acompanhar o impresso ao longo do tempo, nela eram exibidas imagens de mulheres. Como nos ensinou Teresa Santos Cunha, não podemos esquecer ao pensar um impresso, a sua “embalagem”, assim como de seu formato e a quem se dirigia? Se havia ou não publicidade? Pois, esses dados auxiliam a compreender o espaço de produção do impresso e entendendo que o que está no papel foi selecionado para buscar a atenção das/os leitoras/es.

Não tenho dados sobre quais eram os destinos das revistas, por quais espaços ela “viajou”<sup>123</sup>, mas as cartas apresentadas no periódico são dados sobre os espaços em que passou. Na *Informativo* percebi que recebiam cartas principalmente das ONGs da Bolívia, da Argentina, do Chile, do Uruguai e do Brasil. As cartas não serão tema de discussão na tese, mas é importante não perder dos olhos, a potência de informações sobre a circulação desse material, pois, muitas vezes, era por meio do periódico que muitos espaços se encontraram e pesquisadoras se conheceram na leitura de materiais produzidos por de mulheres das revistas feministas.

---

<sup>123</sup> Numa das viagens de investigação do LEGH no ano de 2018, fui a São Paulo com Alina Nunes e Isa Maria Moreira Liz na conjuntura do Projeto Mulheres de Luta (CAPES- Código de Financiamento 001) e Cintia Lima Crescêncio, no acervo material do Centro de Informação da Mulher encontrei diversos números revistas do CDE. Na Argentina, enquanto estava participando do programa de becas da AUGM, fui a várias bibliotecas, fiz pesquisa *online* e encontrei somente um número da *Enfoques de Mujer* na biblioteca do Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género (IEEG) da Facultad de Filosofía y Letras- Universidad de Buenos Aires.

A *Informativo Mujer*, ao longo do tempo, teve quatro editoras a Litocollor, a Salesiana, a QR ediciones e a Ediciones y Arte. Já as responsáveis pela edição foram várias, a primeira foi Celeste Meza, depois dela várias outras mulheres tomaram a frente da revista. A que por mais tempo permaneceu na função foi Myrian González<sup>124</sup>, assumiu o cargo em novembro de 1995 e a partir de 1997, compartilhou dessa função com Verônica Villaba até seu último número impresso, em dezembro de 2004. Outro nome constante foi o de Celeste Prieto<sup>125</sup>, responsável pelo desenho gráfico da revista desde 1989 até o ano de 2002<sup>126</sup>.

Figura 9 - Informativo Mujer, n. 0, n. 2, 1989.



Fonte: (INFORMATIVO MUJER, 1989, n,0, 2).

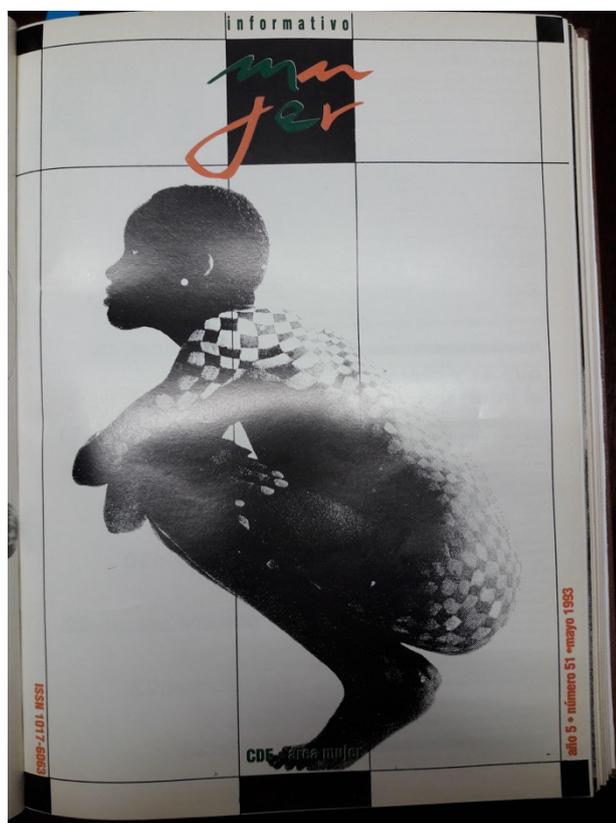
<sup>124</sup> Myrian Angélica González Vera (1965), é Licenciada em Comunicação Social (UNA) e realizou vários cursos de pós-graduação na área da sociologia, gênero e políticas públicas e mestrado em Antropologia Social na UCA. É integrante do CDE desde 1988.

<sup>125</sup> Celeste Prieto em seu site institucional, informa que tem formação em Arquitetura e desde 1989 desenha para a defesa de direitos das mulheres, trabalhadores, crianças e as etnias de seu país e paralelamente faz outras atividades. Em 1994 abriu sua empresa “Celeste Prieto Diseño”. Para saber mais: <https://www.celesteprieto.com/acerca-de> Acesso em: 20 nov. 2020

<sup>126</sup> No primeiro ano o nome de Enrique Marini apareceu junto a ideia da capa, algo que foi assumido por Celeste Prieto nos anos seguintes, com funções de diagramadora, ilustradora e desenhista gráfica que variaram nas edições.

Em cada ano a equipe editorial apresentava uma temática para a capa da *Informativo*, mas nos primeiros três não havia uma correlação definida entre os seus números. Foi a partir de 1993, que as capas passaram a combinar uma série de tópicos durante o ano. Em 1993, por exemplo, em seus doze números foram exibidos corpos de mulheres, cada volume apresentou uma imagem em preto e branco. Na seleção de representações sobre o corpo havia mulheres sempre esbeltas, brancas e, em apenas um de seus números havia a fotografia de uma mulher negra com destaque para a pintura de seu corpo. O enfoque dado nas capas explorava o corpo, as mãos, as costas, os seios e as nádegas e as imagens foram retiradas de variados livros de fotografias e de pinturas.

Figura 10 - Informativo Mujer, n. 51, 1993.



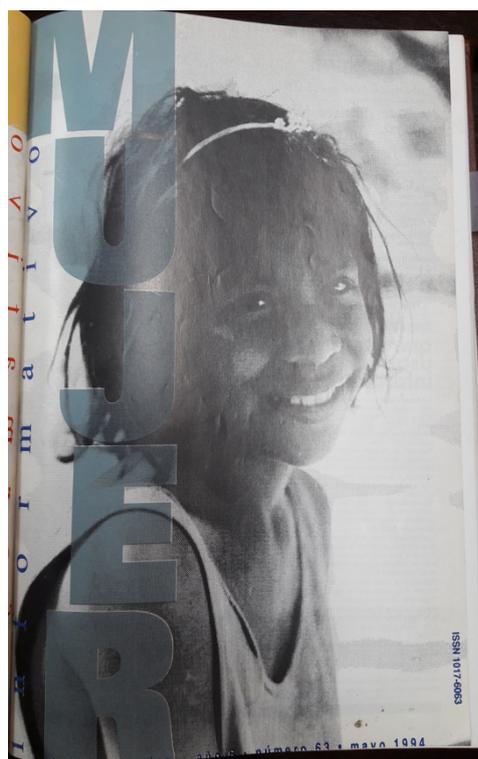
Fonte: (INFORMATIVO MUJER, 1993, n. 51).

No ano seguinte passaram a apresentar fotos de crianças. A autoria das imagens era variada e, em todas as 12 capas, representaram retratos da infância e em nenhuma trazia aspectos que despertassem tristeza ou algum sentimento ligado a isso. Eram apenas crianças de várias partes do mundo, posando para a câmera, brincando ou captadas pelas lentes de forma

mais despercebida. Em um dos artigos da revista *Anuario Mujer* foi encontrado um texto que pode ajudar a entender a relação das capas com enfoque em crianças e com o que ocorria no país. Informavam que na década de 1990, “cuminó la campaña por los derechos del niño. Iniciativa que nucleó a varias ONGs con el proposito de difundir la Convencion de las NNUU” (TEMAS OLVIDADOS, 1990, p. 21). Naquele ano, indicavam foram criadas algumas estruturas de defesa para as crianças e segundo o *Panorama* do *Anuario Mujer* (1990, p. 22), ainda não existiam no país.

Nesse aspecto percebo que as capas conversavam com o que estava ocorrendo no país em relação a violência contra menores de idade, o tráfico de crianças em casas de adoção e apresentação de informes oficiais (1993-1994) (PRESENTACIÓN, 1994, n. 59). Nesse mesmo ano ocorreu também a produção de relatórios sobre *los Derechos de la Infancia y Adolescencia* ao Comité de los Derechos del Niño em Genebra<sup>127</sup>.

Figura 11 - Informativo Mujer, n. 63, 1994

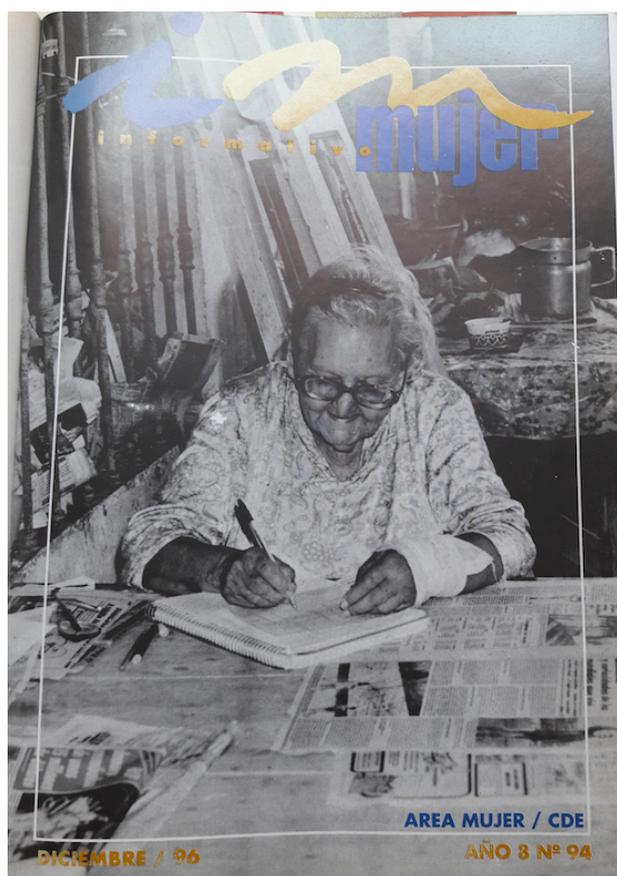


(Fonte: INFORMATIVO MUJER, 1994, n. 63).

<sup>127</sup> No ano de 1990 o Paraguai ratificou a Ley n°57/90 em acordo com a *Convención Internacional sobre los Derechos del Niño y de la Niña* (las Naciones Unidas el 20 de noviembre de 1989). Cf. <https://www.unicef.org/paraguay/informes>. Cf. Informe sobre los Derechos Humanos en Paraguay- año 1996; <http://www.derechos.org/nizkor/paraguay/ddhh1996/ninos.html> Acceso 01/12/2020.

Em 1995, a revista apresentou algumas modificações, exibindo novas apoiadoras como CEBEMO e a Christian AID. Nesse ano, passaram a indicar, no mês de janeiro, a escolha das imagens que seriam expostas nas capas, e foram selecionadas mulheres paraguaias “precursoras do feminismo”, eram elas: Virginia Corvalán, Emiliana Escalada, Eulalia Rosa Soto, Lilia Freis de Guerra, Elida Ugarriza, María Felicidad González, Dora Freis de Barthe, Serafina Dávalos, Beatriz Mernes de Prieto, Josefina Plá, Mercedes Sandoval de Hempel, Esther Ballestrino. Na contracapa exibiam a mesma imagem em tamanho reduzido e ao lado uma pequena informação sobre a personagem destacada. As mulheres selecionadas pelo CDE-Área Mujer, em sua maioria eram professoras normalistas, advogadas, mulheres ativas na defesa dos direitos humanos e nos partidos políticos. Nesse mesmo ano passaram a evidenciar uma curta descrição da história do CDE e as revistas produzidas pela equipe.

Figura 12 - Josefina Plá. Informativo Mujer, n. 94, 1996.



Fonte: (INFORMATIVO MUJER, 1996, n. 94).

Em 1996 apareceram seções como *Proyectos en curso* no sumário e sinalizavam os trabalhos do CDE, outra novidade foi a divulgação de *Becas y concursos* oferecidos por outros

países. As imagens que foram exploradas nas capas de 1996 são fotos em preto e branco de mulheres realizando diversas funções cotidianas: uma lavadeira no rio Paraguai, uma bailarina, Josefina Plá escrevendo em um caderno, uma senhora idosa segurando um bilhete próxima uma urna, uma mulher amamentando, duas mulheres paradas olhando a rua, uma mulher no meio do campo, a artesã Virginia Yegros de Solis preparando alguma escultura, uma imagem da antropóloga Branislava Susnik falecida naquele ano, uma mulher vendedora de *yuyos*<sup>128</sup>, mulheres e homens protestando na ruas, e uma foto de Line Soto, Marta Canese e Haydé Benitez de Vargas com a legenda: *Mujeres políticas*.

No ano de 1997 foram apresentadas obras com representações de mulheres realizadas por pintoras (em sua maioria paraguaias). Não indicaram no editorial a escolha do tema para a capa. Esse tipo de informação voltou a ser anunciada somente em 1998, quando exibiram imagens de mulheres comuns em seus trabalhos, considerados espaços de maior presença masculina, como: atendente em posto de gasolina; mestre de obra ou como engenheira; motorista de táxis; metalúrgica; uma piloto de avião, uma bombeira, lutadoras de Karatê (faixa preta); jogadoras de futebol; mulheres na câmara de senadores; cientistas em um laboratório. Muitas das imagens exibidas na revista vinham de acervos de pessoas da equipe, ou do jornal *Ultima Hora*. No mesmo ano, no sumário, começaram a indicar os títulos dos textos que até então não exibiam, e uma outra novidade foi a seção “violência”. Nela passaram a mostrar dados sobre o assunto, acompanhado de índice sobre o tema na imprensa de Assunção, com o destaque sobre a situação das mulheres no país.

Em 1999 as capas apresentaram as feministas precursoras em vários locais do mundo e em períodos históricos distintos, como Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Juliana (Ines) de La Cruz, Elizabeth Cady Stanton, Flora Tristán, Alicia Moreau de Justo, Serafina Dávalos, Alexandra Kollontai, Simone de Beauvoir, Clara Campoamor Rodríguez, Elena Caffarena de Jilles, María Jesús Alvarado de Rivera. Na contracapa ao invés de apresentarem informações sobre o núcleo como em anos anteriores, exibiram em seus 12 números, minibiografias de mulheres da Espanha, do México, da Inglaterra, do Peru, da Argentina, da França, da Rússia, dos Estados Unidos, a única paraguaia exibida nesse ano foi a Serafina Dávalos. Na virada dos anos 2000, as capas mostraram mulheres da área da ciência, do cinema, de familiares contra a ditadura, de manifestações rua, entre outros temas que indicavam espaços disputados por mulheres.

---

<sup>128</sup> Plantas medicinais para o preparo do Tereré.

Nos anos seguintes ocorreram várias mudanças, as agências financiadoras do *Informativo Mujer* apareceram até o ano de 2001, depois não foram mais anunciadas e as revistas dos anos de 2002, 2003 e 2004, tiveram periodicidade bimestral. Várias seções foram modificadas e algumas deixaram de ser publicadas, como a *Nos escriben*, a *Página séria*<sup>129</sup> e o *Índice* que eram elementos de destaque na revista. As capas também apresentaram outras imagens, no ano de 2001 chamaram a atenção para as mulheres comuns com fotografias do cotidiano. No ano de 2002, indicaram os títulos dos textos na capa da revista e a uma nova seção apareceu: *Te recomendamos*, em que indicavam websites importantes na temática das mulheres. O ano de 2004 trouxeram imagens dedicadas às artes plásticas no Paraguai, talvez como uma homenagem a Any Ughelli, que estava doente e faleceu naquele ano.

#### 4.2.2 A “pequena” *Micrófona*- ampliando as notícias asuncenas (1989-1990)

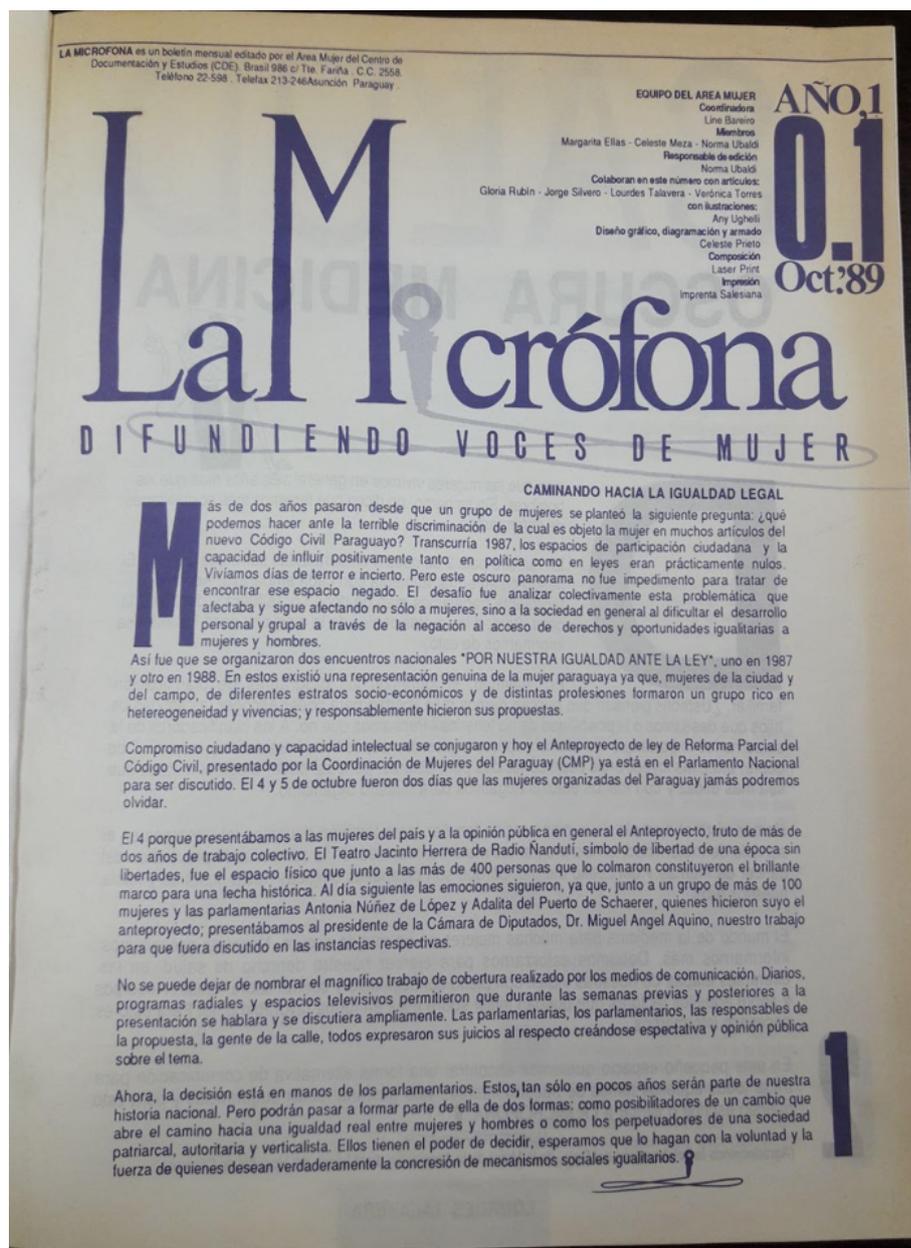
O boletim *La Micrófona difundiendo voces de mujer*, foi lançado em outubro de 1989, contava com menos de doze páginas e o seu formato era reduzido se comparado aos outros impressos que tinham as dimensões (20cm x 27cm). *Micrófona* pretendia ser publicado mensalmente e, até mesmo, apresentava-se dessa forma, mas a sua periodicidade foi variada. Nele escreveram principalmente Gloria Rubín que no período era radialista e estava a frente do programa *Palabra de Mujer*, na rádio Ñanduti, Norma Ubaldi, Veronica Torres e Margarita Elías, todas integrantes da Área Mujer do CDE.

Através de suas páginas, percebi que esse material poderia ser adquirido no próprio CDE e também por meio de assinatura. Nesse periódico informavam sobre temas que estavam sendo discutidos naquele momento e exploravam assuntos associados a arte, a poesia, a política, a participação de mulheres em organizações variadas, mas de forma muito breve e muitas vezes humorística, aproximando-se da ideia de uma revista cultural.

---

<sup>129</sup> Substituto da seção ¿QUÉ & DONDE?

Figura 13 - La Micrófona, n. 1, n.0.1,1989



Fonte: (LA MICRÓFONA, 1989, n. 0.1).

Em sua primeira edição indicavam que estavam caminhando para a igualdade legal, visto que desde 1987, estava em discussão a revisão do Código Civil. Relembrou os espaços incertos, praticamente nulos de participação cidadã e que desafiavam o regime ao realizarem encontros nacionais de discussão acerca da participação de mulheres na política. A mensagem narrada era de que as mulheres tinham uma história que não se poderia deixar de ser contada, do desafio de ocupar espaços negados para elas, talvez por isso escolheram *La Micrófona* para o nome do periódico.

Não apresentaram a revista ou justificativa para fazê-la, a leitura deixa a impressão de que era um experimento. A produção não tinha um escopo delimitado e cada edição trazia novos elementos. Isso é reforçado na nota que acompanhava a última parte do impresso, “accepta todo tipo de colaboración, desde artículos hasta ideas referentes a como mejorar nuestro matéria. Para ello, no tienen más que llamar al CDE y preguntar por Norma Ubaldi” (LA MICRÓFONA, 1989, n.p., n. 0.1).

Nas capas e no título há a representação de um microfone que também se aproxima do formato de um corpo, mas também poderia ser um espelho de vênus, símbolo constante nas capas e ilustrações de materiais produzidos pela Área Mujer. Além disso, como o próprio nome sugere, o microfone, instrumento que amplia o volume e reproduz o som, quando ligado a uma caixa de som, auxilia na difusão de sonoridades, nesse caso, as vozes de mulheres que eram publicadas e difundidas na revista.

No primeiro número, há uso de um texto inicial, mas esse modo de apresentação não acompanhou o boletim, já no número quatro, na primeira página são exibidos desenhos de mulheres. Em cada edição da revista a impressão era feita com uma cor selecionada para compor o boletim; verde, amarelo, vermelho e azul. Além disso, algo que acompanhou seus números foi o uso de ilustrações nas páginas. Nos seus oito volumes as únicas seções que não deixaram de ser publicadas foram o *Editorial* e *Acotaciones*, em que destacavam algumas situações como a publicação de livros, anúncio de evento ou bolsas de estudo (CLACSO e Fundação Carlos Chagas) e denúncias sobre machismo. A pequena revista era ilustrada por Celeste Prieto e os números 0, 1, 4, 5 foram acompanhados de trabalhos da arquiteta e artista gráfica Any Ughelli e, em alguns números, havia reproduções de tirinhas de outros periódicos feministas<sup>130</sup>.

Ao todo foram publicados dez números e após a edição de número 6 passaram a publicar compilações bimestrais, o que pode indicar algum tipo de dificuldade para a realização do material. No boletim, além de contarem sobre suas experiências cotidianas, sobre viagens de campo, percepções sobre a vida em Assunção, apresentavam também fotos. Dois momentos são importantes para refletir sobre os bastidores do CDE, ao fazerem humor para debochar de pessoas que possivelmente difamavam as pessoas que trabalhava no centro de estudos, buscando desqualificar a área.

---

<sup>130</sup> No número 9 da La Micrófona, Norma Ubaldi fez um levantamento de ilustradores que “les ‘robamos’ tranquilamente sus dibujos”: Antonio López; da Viva, do Peru; Isis Internacional, Fempress e El Canelo do Chile; Chimilus; aspirina; Conselho Nacional dos Direitos da Mulher; Diana Raznovich; Sendra e El feminista do Paraguay; Cath Jackson; entre outras não mencionadas. (LA MICROFONA, 1990, n. 9/10).

A primeira delas, aparece no número 7/8 da revista, em *Foto acotaciones*, ou foto com observação-legenda, e trazia imagens de pesquisadores do CDE (Gonzalo Juanca, José Carlos Rodrigues e Quintin Riquelme) em momentos de afazeres diários (preparando lanches e varrendo o quintal). As legendas das fotos indicavam ironicamente que eles estariam reclamando do trabalho “No se como se me ocurrió apoyar la creación de un Área Mujer em CDE”, “En el CDE siempre estamos a la vanguardia de todo, sino los cree, mírale a las chicas esperando a mi exquisito puchero” (La micrófona, 1989-1990, n.p, 7.8).

Figura 14 - La Micrófona, n. 7/8, 1990.



Fonte: (LA MICRÓFONA, 1989-1990, n.p, n.7/8).

Nessa situação, talvez, a proposta era evidenciar ao público que as pessoas do CDE-Área Mujer compartilhavam o mesmo espaço e que questionavam a responsabilidade dos serviços, que as discussões travadas em torno do gênero e da igualdade, presentes nos escritos também perpassavam esse âmbito da vida. A reflexão acerca da masculinidade e os trabalhos compartilhados esteve presente desde o primeiro número da revista, ao indicarem que havia um colaborador homem na composição desse boletim. Mas ao trazerem a informação,

mencionaram que algumas pessoas poderiam dizer: “Qué maricón, escribiendo para en un boletín de mujeres” (LA MICRÓFONA, 1989, n.p., n.0.1). A observação trazia em si o preconceito para o qual olhavam os trabalhos do CDE a respeito das mulheres, sendo produzidas por homens. Sobre o assunto, destacaram que apesar da revista ser uma publicação “para” e escrito “por” mulheres, o tema deveria interessar a mulheres e homens “ya que los câmbios que modifiquen roles y estereotipos establecidos beneficiarán a ambos harmonizando nuestra vida em sociedade” (LA MICRÓFONA, 1989, n.p., n. 0.1).

Cintia Lima Crescêncio em sua tese de doutorado atentou para o humor feminista visualizado em fontes como charges, cartuns e tirinhas feitos por mulheres, e sustentou que ele possui características próprias e que não é uma mera “imitação” do masculino (CRESCÊNCIO, 2016, p. 189). Nas páginas do *La Micrófona* (e nos outros materiais mencionados na tese), o uso de humor foi constante na ação de personagens que burlavam das situações impostas, e criaram brechas para pensar o que era ser mulher ou homem e questionar a validade das construções de gênero. Nessa pequena revista, tanto as ilustrações quanto a escrita faziam uso de um riso feminista.

Segundo Cintia Lima Crescêncio (2016, p. 199), esse tipo de humor produzido por mulheres é um instrumento revolucionário e de acordo com Nancy Walker, da qual a autora se apropriou, ele é conformado diante das relações de poder desiguais em termos econômicos, políticos e sociais. Para Crescêncio, “é um recurso que extrapola a apropriação desta ferramenta de subversão, uma vez que as mulheres cartunistas, de algum modo, construía uma cultura do riso que se diferenciava da cultura do riso masculina” (CRESCÊNCIO, 2016, p. 200), entendido principalmente pela característica de destruição e de violência simbólica, do qual, muitas vezes, mulheres são alvo.

Figura 15 - La Micrófona, n 9/10, 1990.



Fonte: (LA MICRÓFONA, 1990, n.p, n.9/10).

Em outro momento, na última edição da revista, fizeram a exposição de três fotos da festa de despedida de Norma Ubaldi. As imagens indicavam cenários de afetividade, mulheres se abraçando e felizes com o encontro. O que nos faz recordar que as amizades também estão presentes nos escritos, apesar de nem sempre destacadas, elas são fatores de impacto nos espaços de investigação (e de resistência). Muitas vezes a saída de uma componente no interior de um grupo de pesquisa, como foi esse o caso, poderia determinar o fim de algum projeto e até mesmo o fim de alguma organização<sup>131</sup>.

Com as imagens de festa, anunciaram que a principal responsável pela revista estava por deixar o CDE para realizar um curso de Pós-Graduação sob os auspícios da FLACSO no México. Como um pedido de agradecimento e de despedida, ao final da revista apresentaram uma lista de pessoas que teriam colaborado com essa experiência de difusão de vozes de

<sup>131</sup> Carmen Echauri, por exemplo, na análise sobre as organizações de Mulheres do Paraguai salientou a relevância das amizades para a existência de diversas entidades, por vezes a saída de uma, fazia com que as pessoas se mobilizassem. (ECHAURI, 1992, p. 17-18). Outro trabalho, mas investigando as memórias de mulheres em organizações de resistência à ditadura, perceberam que os laços de amizade entre mulheres podem ser vistos como uma resistência política à ordem patriarcal e vínculo transformador que pode resultar em práticas feministas. (NUNES; ZACCHI, 2021, p. 12-32).

mulheres. Com a saída de Norma, a revista parou de ser publicada. Talvez por isso, a imagem selecionada para compor a capa do último boletim, é a de mulheres agregadas em movimento, cada uma com suas bandeiras, com suas panelas, entre outros objetos, caminhando juntas.

### 4.2.3 O *Anuario Mujer*- reforçando os eventos e os movimentos das mulheres

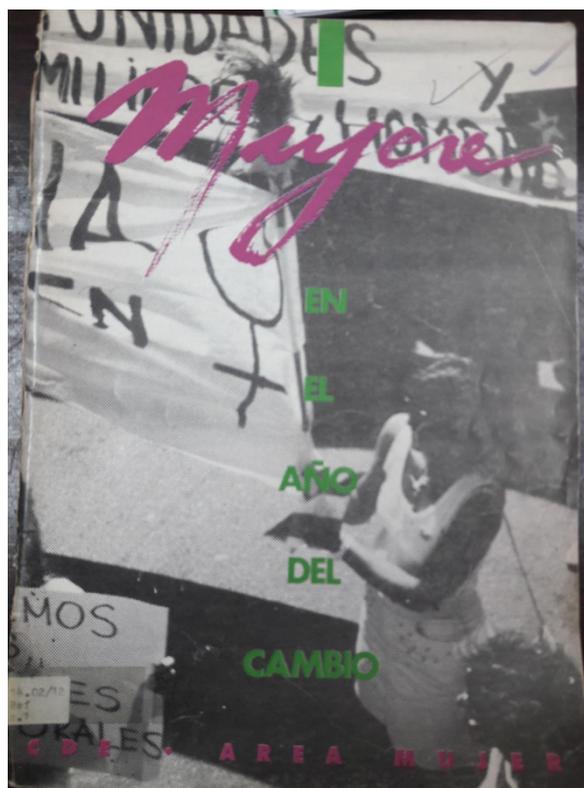
Em formato de revista almanaque a *Anuario Mujer* tinha a intenção de apresentar um apanhado do que havia de importante em cada ano sobre o tema da mulher no país, explorando o que já havia sido exibido no periódico *Informativo Mujer*. O impresso estava dividido, com algumas modificações nos títulos, em: *Presentación, Temas centrales* - que tratavam principalmente da participação política e dados sobre a violência contra mulher (pauta essa presente na agenda feminista dos anos 1980-1990), *Publicaciones de/o sobre mujeres en Asunción, Cronologia* - com as informações sobre os acontecimentos, apresentados acompanhando todos os meses do ano e *Documentos fundamentales* - espaço em que eram a expostos documentos criados por ONGs, relatório de eventos ou recebidos.

O impresso variou em número de páginas, o primeiro tinha pouco mais de 70 e seu último número 216, já o tamanho sempre foi 20 cm por 27 cm, (pouco menor do que conhecemos hoje como uma folha A4), as páginas, assim como nas outras edições da Área Mujer eram ilustradas por desenhos, fotos, reproduções de tirinhas e de obras de arte. As capas e os títulos da *Anuario* são interessantes para pensar o impresso, pois elas dão sinais do que tratavam ao abrir a revista, mas em realidade, nela não havia dados sobre país de origem ou o número da edição, essa “ausência” ao longo dos 10 números denota uma escolha da equipe editorial. Nela exibiam somente a imagem, o tema/título; que dava o tom do que seria abordado, e a indicação do local de produção CDE-Área Mujer. Então, para saber o que acontecia na revista era preciso abrir para ver de perto as informações disponíveis e saber de qual país se tratava.

No ano de 1989 ocorreu a criação da Multisectorial de Mujeres del Paraguay e a da Coordinación de Mujeres del Paraguay (CMP) e a narrativa das autoras exprimiram a ideia de que havia no país movimentos de mulheres que nem sempre se identificavam como feministas, mas no sentido de uma agrupação setores distintos com planos em comum que havia se mobilizado em meados de 1987. Essa ideia é reforçada na exposição de projetos elaborados por cada uma das coordenadoras (como a reforma parcial do código civil da CMP e a Secretaria de la Mujer pela Multisectorial). Assim como em outros materiais do país, é após a saída de

Stroessner que a denúncia ao regime se acentuou como uma crítica direta. No CDE-Área Mujer, mas também no GEMPA, o stonismo é exposto como um dos condicionantes para desmobilização de mulheres no país durante as décadas de 1950-1980, quando tratam de abordar o tema do feminismo na América Latina.

Figura 16 - Anuario Mujer, n. 1. 1989



Fonte: (ANUARIO MUJER).

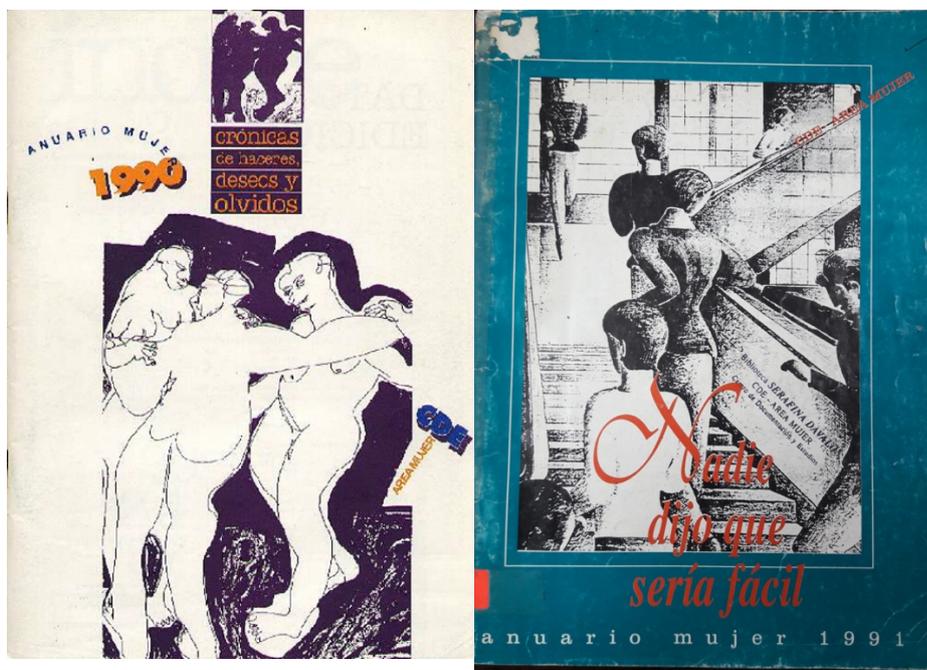
O primeiro ano da revista foi precisamente o ano de saída de Stroessner do comando do país. Em 1989, o subtítulo demonstrava a ideia de mudança, *Mujeres en el año del cambio*. Nela enfatizavam que buscavam “sintetizar lo que fue para nosotras el inicio de un proceso que esperamos sea de transición a una democracia sin discriminaciones” (PRESENTACIÓN, 199? p. 2). A proposta da revista, ao longo dos anos foi mostrar o protagonismo das mulheres paraguaias em diferentes frentes da luta política, seja ela em partidos, em organizações sindicais, em movimentos de mulheres campesinas, entre outros.

A capa dessa primeira edição remete ao espaço de luta que acompanhou o processo de saída de Stroessner com as manifestações de rua. O espaço que por décadas foi controlado pela polícia durante o regime, na qual não toleravam a exibição de ideias opostas e as ações

*callejeras* da oposição que eram sempre atacadas e entendidas como badernas, foram tomadas por pessoas de diferentes setores. Nas páginas desta edição trouxeram fotos da manifestação que foi estampada na capa. Na faixa que só se vê o espelho de Vênus e uma mulher ao lado segurando-a, dizia assim: “Democracia en Calle y en casa”, consigna feminista chilena, bastante conhecida e usada nos países vizinhos e levantada durante a *Marcha por la Democracia* realizada em 11 de fevereiro de 1989 (ANUARIO 1989, 199?, p. 80).

No ano seguinte, a *Crônicas de haceres, deseos y olvidos*, apresentava na capa obra *Las tremebúndicas des-gracias de la Virtude*, desenho em tinta por Ofelia Olmedo. Nela, há três personagens dispostas em fundo preto recortado, como se ficassem fora ou estivessem no escuro, estão envoltas pelo em branco do entorno, em uma espécie de roda, em que aparentam dialogar entre si, já que estão se olhando e se tocando no desenho/pintura. As três graças, remetem à mitologia grega e as deusas, filhas de Zeus, e são imagens correntes ligadas à beleza e ao encanto. Na obra de Ofélia, as graças são descaracterizadas dessas virtudes. O título dialoga com a apresentação e os textos que a compõem. Nesse número é reforçada a ideia de esquecimento e o projeto de dar visibilidade a temas presentes, porém não tratados, de forma geral no país quando se trata do assunto mulheres.

Figura 17 - Anuario Mujer, n. 2. 1990; n. 3, 1991



Fonte: (ANUARIO MUJER)

No sumário foi apresentada uma única vez a seção *Temas Olvidados* que estava separada dos *Temas Centrais* e abordavam os movimentos de mulheres e a pressão para criarem a Secretaria de la Mujer e o *Foro Parlamentario sobre la Mujer*. Os assuntos esquecidos eram a vida cotidiana das mulheres, as mulheres camponesas, a produção escrita de mulheres. Nele diziam que as mulheres em 1990 “escribieron su historia con su voz propia” (ECHAURI, 199?, p. 29) e que havia no país a consolidação das revistas feministas e a discussão sobre cotas de participação política para mulheres, mas por outro lado, também enfatizavam o desafio dos estudos da mulher na universidade. Tratando sobre as publicações Carmen Echaury evidenciou,

Pero las mujeres no sólo escribieron sobre sí mismas. Tenemos una amplia producción que abarca desde investigaciones históricas sobre la iglesia, el teatro, la represión política de la ditadura stonista, hasta importantes aportes de mujeres al tema del desarrollo urbano, empleo y organización (ECHAURI, [199?], p. 29).

A valorização da escrita de mulheres é algo recorrente na produção das ONGs paraguaias, não apenas os trabalhos decorrentes de investigação, mas todos aqueles que eram escritos sobre mulheres. É interessante perceber que Echaury anuncia que as mulheres não escreveram somente sobre “si mesmas”, talvez como uma distinção do que fazia a literatura do período ou como uma separação do que seria uma escrita sobre a mulher das demais temáticas. Essa narrativa presente nas revistas da Área Mujer-CDE, também eram expostas no GEMPA-CDES, como produções de mulheres que aprenderam a falar sobre si, a expor suas próprias palavras.

Segundo José Barco, entre as décadas de 1980 para 1990, a literatura renovou a sua temática e estava em auge as oficinas literárias no país e diversos livros de ficção<sup>132</sup> foram publicados. No entender do autor, esses tempos foram de “afición a lectura” (BARCO, 2001, p. 93), onde os livros passaram a ser mais consumidos e é nesse momento também que emergiu uma escrita de poesias e contos apresentados como escrita feminina no país (BARCO, 2001, p.93).<sup>133</sup>.

---

<sup>132</sup> O autor discorre sobre o aparecimento de projetos editoriais, por exemplo o *Editorial NAPA* do escritor Juan Bautista Rivarola Matto e a *coleção Libro Paraguayo del mes* e várias editoras, muitas delas tiveram curta duração, Ediciones Comunerros, Ediciones Criterio, Ediciones La Republica, NB, Editoial Curupí, Alfa, MEBA, Editorial Arte Nuevo, Ñandereko, Ediciones Mediterraneo, Araverá, Alcándara, El Lector, Editorial Dom Boco, Intercontinental Editora, Arandurá, RP Ediciones. Praticamente todas elas se localizavam em Assunção e nos anos 1990 outras editoras emergiram. (BARCO, 2001, p. 155-170).

<sup>133</sup> O autor comenta que depois do declive de Stroessner a atração pelos livros diminuiu e a imprensa e a rádio voltaram ao centro das atenções do público. (BARCO, 2001, p. 92).

No ano de 1991, a imagem selecionada foi *Las escaleras de la Bauhaus*, a obra apresenta corpos que descem e sobem os degraus de uma escada. Em relação a isso o subtítulo dialogava com a imagem, *Nadie dijo que seria facil*. Neste número do *Anuario* contavam sobre a primeira eleição municipal, sobre a Lei do Divorcio (N. 45/1991) e acerca da construção do *Foro de la Mujer* para a Constituinte.

Até o *Anuario* de 1992 não havia informações sobre o ano de lançamento do impresso. A exibição desse dado mostrou que a revista tinha periodicidade irregular. A edição de 1992 só foi publicada em 1994, e isso ocorreu nos números seguintes, 1993 [1995], 1994 [1997], 1995 [1998], 1996 [1999] e os três últimos 1997, 1998 e 1999 foram publicados em 2000. Certamente não havia de recursos para a produção de uma sequencia anual regular. É interessante refletir que esses almanaques, ainda que estivessem “atrasados”, reforçaram o esforço de registro de memória da participação de várias mulheres no Paraguai de forma concisa. Na apresentação do *Anuario* de 1995 frisavam,

La memoria es el objetivo principal de los anuarios del Área Mujer CDE, para no olvidar lo que hicimos las mujeres cada año, desde 1989, y no permitir que los demás lo olviden en el futuro, como siempre había sucedido por los siglos de los siglos (PRESENTACIÓN, 1998, p. 7).

A falta de recursos para a manutenção das ONGs e suas revistas, é um tema recorrente na literatura sobre o assunto. Os impressos feministas tanto no Paraguai, quanto em outros locais, em sua maioria, deixaram de circular de forma impressa em meados dos anos 2000 devido ao alto custo do empreendimento. Nas revistas e nos materiais do CDE esse assunto apareceu em alguns momentos, principalmente ligados à exposição dos materiais produzidos no país, mas não chegou a ser um tema discutido em forma de artigo.

No *Anuario* correspondente a 1992 a equipe passou a apresentar biografias em *Mujeres destacadas*, e eram elas em sua maioria de nacionalidade paraguaia ou que nasceram em outro local, mas que tiveram algum grau de visibilidade no país<sup>134</sup>. Exibiram diversas gerações de

---

<sup>134</sup> **1992-** María Victoria Brusquetti; Cinthia Prieto; Carmen Casco de Lara Castro; Mercedes Sandoval de Hempel; Josefina Plá; Lotte Shulz; Máxima Lugo; Rossana de los Ríos, **1993-** Olga Blinder; Carmen Bobadilla Vda. de Bareiro; Rosa Britez; Mari Conigliaro de Delpino; Graziella Corvalán; Lilia Freis de Guerra; Branislava Susnik; Julia Velilla Laconich; Cristina Muñoz; Lilian Soto, **1994-** Teodora Aguilar; María Luisa Artecona de Thompson; María Luisa Candia de Burt; Edith Jiménez; Leni Pane de Pérez Maricevich; Elba Recalde; Juana Marta Rodas; Berta Rojas; Susana Villagr;a; Raquel Saguier, **1995-** Isabel Arrúa Vallejos; Maggiorina Balbuena; Clara Benza de Garófalo; Ana Iris Chávez de Ferreiro; Lily del Mónico; Pepa Kostianovsky; Norma Ferreira de Nagy María Elena Sachero; Amanda Marín Iglesias; Mercedes Soler; **1996-** Anastacia Lugo; Beatriz Mernes de Prieto; Carmen Quintana de Horak; Elsa Mereles; Georgina Montiel de Zacarías; Gloria Rubín; Margarita Durán; Mercedes Jané; Natalia Sirivalin; Rosita Benítez Portillo, **1997-** Pura Agüero; Olga Caballero; Amambay Cardozo Ocampo; Mabel

mulheres artistas, políticas, esportistas, cientistas, coordenadoras de ONGs, professoras, pesquisadoras, escritoras, militantes na área dos direitos humanos e feministas. Ainda passando a “revista” sobre as características do impresso, em 1993 a capa apresentou uma mulher delicada com o pássaro em seu ombro, no centro é sobreposto por um espelho de vênus que contorna a imagem com o título *Memorias de un tiempo nuevo*. A palavra memória pode evidenciar tanto o passado quanto o presente, já que a ação de lembrar é sempre realizada no momento atual e, diz respeito a algo que já se passou. Nesse número exploram a eleição presidencial de 1993 e fizeram uma análise da transição política no país.

Figura 18 - Anuario Mujer, n. 4, 1993; n. 6, 1995



Fonte: (ANUARIO MUJER).

---

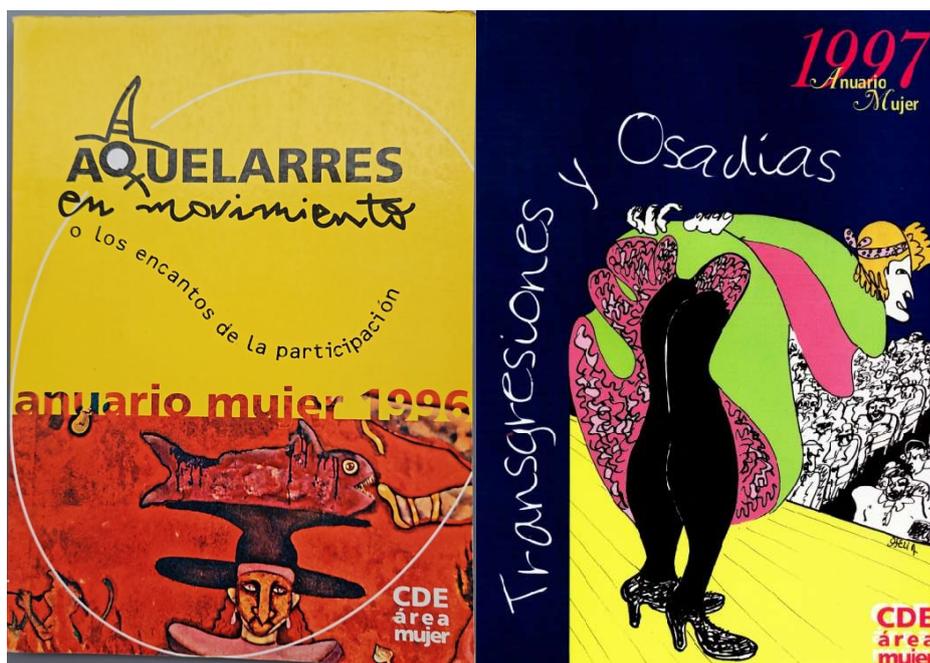
Causarano; Margarita Kallsen; Pura Moreno de Decoud; Lourdes Orué; Myrian Peña de Ortíz; Meme Perasso; Ligia Prieto de Centurión; Nelly Prono, **1998-** Pura Agüero; Haydée Carmagnola; Edda De los Ríos; Carmen Frutos de Almada; Adalina Gutiérrez de Galeano; Nila López; Fátima Mereles; Esther Prieto; Antonia Saracho; Blanca Zucolillo, **1999-** Idalia Flores de Zarza; Feliciano Giménez de Fariña; Aurora Ibarra; Severiana Leguizamón de Gaona; Aura Mendoza; Yoshiko Moriya; Edith Nunes; Juana Marta Rodas; Julia Isídrez; Noyimi Yore Ismael; Isabel Zaldívar de Basualdo.

No ano de 1995 a narrativa da revista buscou resumir a experiência da participação da equipe na *Conferência de Beijing*. A capa da revista trouxe destaque para uma sereia esculpida em cedro, obra do artista paraguaio Salustiano Portillo. Sobre a sereia, uma figura zoomórfica, enfatizavam que se sentiam atraídas pela história da personagem que chamavam viajantes através do canto e os levava para o fundo do rio. Na apresentação comentavam o fato de que a sereia da capa foi esculpida sem seios, diferente de como geralmente é representada. Disso informam que poderia ser uma criança sereia ou até mesmo um sereio.

Na exploração dessa ideia mágica, enfatizavam “Las sirenas representan, en ese sentido, el peligro que la belleza y las palabras femeninas significan en la historia humana para los patriarcas guerreros y aventureros, o para el mundo patriarcal en su conjunto” (PRESENTACIÓN, 1998, p. 6). Através de Meri Lao e seu trabalho sobre as sereias, as autoras da revista pensaram em articular as histórias através de imagens, com representações das sereias pelo mundo. Essa elaboração conectada das sereias conta sobre as próprias mulheres do CDE, “seguidoras de las sirenas sin saberlo, ya no contamos sólo historias ajenas, sino la nuestra, la de las mujeres de Paraguay” (PRESENTACIÓN, 1998, p. 6), que estavam exibindo essa relação de associar-se com outras mulheres, ou sereias, contando suas próprias histórias e suas escritas, com uma sereia Guaraní.

No ano de 1996, em *Aquellarres en movimiento o los encantos de la participación*, a capa exhibe um recorte da obra *Carpilla Sixtina* de Ricardo Migliorisi (1990), encontrada no Museo del Barro em Assunção. O enfoque é dado na representação da bruxa, em um cenário vermelho, a palavra *aquellarres*, significa *sabbat* ou encontro de bruxas. No caso desse número da revista, as bruxas, mulheres que são a representação do poder e transgressão, estariam em movimento e isso tinha relação com as eleições municipais, texto escrito por Mirtha Rivarola, e a plataforma de Beijing no país. Mas não só, a ideia de encantos de participação também dialogava com a ideia de democracia e luta por igualdade (PRESENTACIÓN, 1999, p. 6).

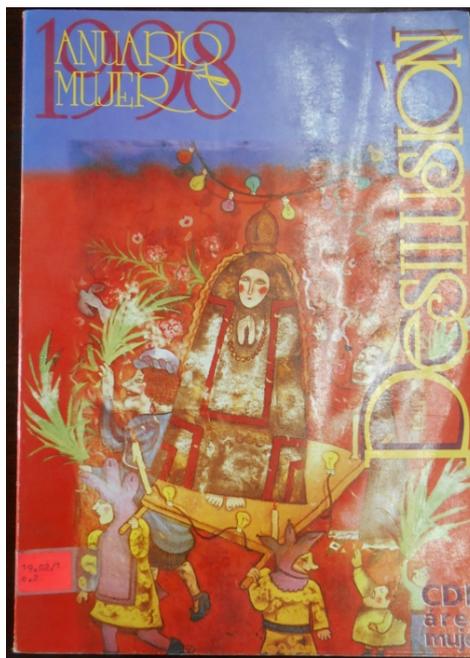
Figura 19 - Anuario Mujer, n. 7, 1996; n. 8, 1997



Fonte: (ANUARIO MUJER)

No número de 1997, a capa apresenta a imagem de um/uma personagem em um palco e, ao se curvar para a plateia, levanta parte de sua roupa, mas para trás. O título *Transgresiones y osadías* trazendo a ideia de desobedecer, ousar ou se expor, atrever-se a fazer algo, e parece se relacionar com ação da personagem na capa desenhada por Ofelia Olmedo. Nessa edição abordam temas ligados a coordenação da CMP, sobre o *Plano Nacional de Igualdad de Oportunidades para las Mujeres*, escrito por Mirtha Rivarola; mas também outros temas são colocados como a prostituição e o abuso sexual, até então não expressos como temas centrais no sumário.

Figura 20 - Anuario Mujer, n. 9, 1998

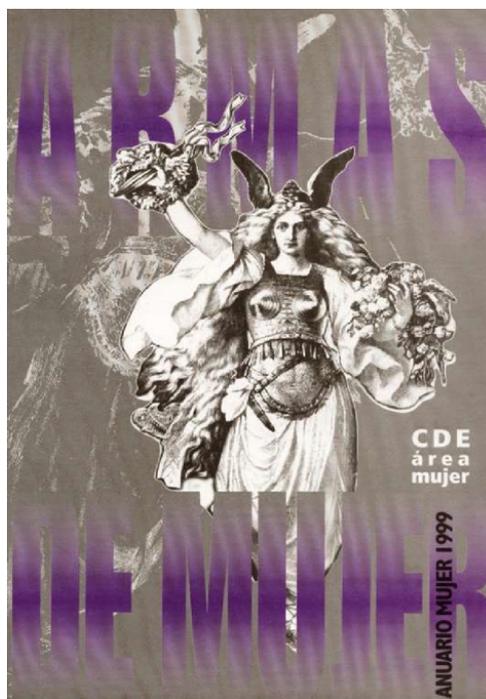


Fontes: (ANUARIO MUJER 1998, 2000)

No ano de 1998, exibem outro recorte da obra *Carpilla Sixtina* de Ricardo Migliorisi (1990). Os elementos trazidos nesta edição de celebração de anos do CDE-Área Mujer são interessantes e de fundo religioso, pois trazem à tona a imagem de uma santa que parece a *Virgen de Caacupé* em uma espécie de altar. Esta imagem é muito comemorada no país, possuindo festejo em sua comemoração. O título *Desilución* contrastava com o tanto que as mulheres no país haviam avançado, mas ao fazerem um balanço indicam “nos duele que la ciudadanía no haya crecido lo suficiente en esta década de apertura política; porque no supimos vencer el autoritarismo mesianico y patriarcal” (ANUARIO MUJER 1998, 2000, p. 6). A respeito desse comentário com tom de desabafo, elas estavam se referindo a eleição presidencial e o apoio a Raul Cubas Grau do Partido Colorado (e Lino Oviedo, militar que em 1996 tentou golpe de Estado, foi preso e condenado, e que desde a cadeia fazia campanha para Raul Cubas). Nesse ano ainda, ocorreram debates sobre direitos humanos (aniversário de 50 anos da Declaração), e apresentação de um anteprojeto elaborado pela CMP *Ley contra violencia domestica hacia la mujer* (ANTEPROYECTO... 2000, p. 120-131). Tanto na capa quanto a ilustração que acompanhavam essa edição enfatizam imagens de santas, “las vírgines”, sobre o assunto informaram que recorreram a essa representação por se tratar do “ponto mais alto” da iconografia sobre mulheres no mundo cristão. Mas também porque as encantavam pela beleza

e “rogavam” para que a virgem de *Caacupé* as salvassem do “avance facista, ya que nosotras no pudimos detenerlo, hasta ahora” (ANUARIO MUJER 1998, 2000, p. 7).

Figura 21 - Anuario Mujer, n. 10, 1999



Fonte: (ANUARIO MUJER 1999, 2000).

A última edição é do ano de 1999, *Armas de Mujer* é o título do *Anuario*, nele expõe uma mulher guerreira, na referência da imagem informam que a ilustração vem do livro *Women: a pictorial archive from nineteenth-century source* de 1982. Os temas centrais continuaram a tratar sobre os mecanismos contra a violência e participação política das mulheres, porém, em especial nesse número que foi o maior em números de página, buscaram evidenciar a “antítesis del idel y del lugar que las mujeres hemos tenido en la história” (ANUARIO MUJER 1998, 2000, p. 5). E também uma imagem que destoava do número anterior da revista, com o destaque de ilustrações representando mulheres lutadoras no passado e no presente e, sobretudo, com armas nas mãos.

Em grande medida a revista sofreu poucas mudanças, faziam uma narrativa do que ocorreu no país, levantavam cronologicamente os eventos, exibiam documentos resultantes de congressos, de projetos, leis, de cartas e trouxeram biografias de mulheres. Em todos os seus números o impresso teve pelo menos um texto assinado por Line Bareiro, sobre principalmente,

a participação de mulheres na política. Outra autora presente, em sete dos 10 números, é Margarita Elías que escreveu sobre temas gerais. Ofélia Martínez e Verónica Villalba também foram nomes latentes, escreviam na seção biográfica, na área sobre bibliografias e assinavam textos sobre violência.

As capas evidenciaram temáticas que seriam abordadas ao longo da revista e nos anos referentes a 1995, 1996 e 1998, exploraram elementos representativos da cultura popular paraguaia, como exibidas na sereia esculpida, na *Virgen de Caacupé* e na bruxa, ambas as imagens retiradas da obra *Carpilla Sixtina*. Nos outros anos, foram variadas a seleção das obras, o desenho gráfico também se modificou a cada número, assim como a disposição das letras e a fonte. Cada edição teve um aspecto distinto, assim como os acontecimentos de cada ano. Por meio da *Anuario Mujer*, pude verificar os entrelaçamentos dos movimentos de mulheres com as organizações estrangeiras, as agendas feministas de forma mais escancarada, a apresentação de documentos que repassavam essas informações diretamente, diferente do outro impresso que possuía uma linguagem mensal e acompanhava o passo a passo do que ocorria no país. Além disso, temas importantes como direitos reprodutivos e sexuais, começaram a aparecer com mais ênfase ao lado da participação política das mulheres nas eleições e a violência passou a ser tema presente nos anos de 1997, 1998 e 1999.

#### 4.3 UM ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO, REGISTRO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Na década de 1980 um seleto grupo de mulheres de diversas áreas do conhecimento organizaram revistas feministas que tiveram impactos na produção de conhecimentos sobre as mulheres paraguaias. Quando se verifica os impressos, os temas e as propostas das autoras do GEMPA e do CDE, entendo que a discussão estava ocorrendo em paralelo com o fortalecimento e inserção da categoria gênero na linguagem das ONGs de mulheres. No país essa incursão foi realizada principalmente por instituições privadas e não nas universidades, que sem um histórico de apoio à pesquisa, ficou a cargo de esforços individuais de professoras e professores e de organizações que se dedicaram na produção de conhecimento científico.

Ao pensar os periódicos que são projetos assinados na coletividade (LUCA, 2005, p. 140-141), busquei assinalar os temas abordados, apresentar a equipe responsável por seus números e tentar esboçar os seus “bastidores”. Nesse sentido, o GEMPA e o CDE foram

espaços de sociabilidades<sup>135</sup>, de trocas e de formação feminista; tendo em vista que eles não nasceram do interior dos movimentos feministas, mas de condições de possibilidades para a criação de estudos em organizações pré-existentes e num contexto regional de propício. Ao refletir sobre a materialidade das revistas, busquei apresentar a formação dos núcleos, as justificativas de criação dos projetos impressos, suas periodicidades e as suas autoras. Pois, nos ajudam a compreender as propostas das organizações de investigação e o interesse em integrar as mulheres na história e na sociedade em geral.

As revistas Latino Americanas que emergiram no limiar da década de 1980 apresentaram similaridades como a “contestação da imagem da mulher branca emancipada europeia” (DE GIORGI, 2018, p. 47). Ana Laura De Giorgi atenta que nesse período os feminismos buscavam uma “marca própria”, e que através de encontros e dos materiais em circulação refletiram e questionaram sobre o modelo da mulher universal (DE GIORGI, 2018, p. 47). Nesse sentido, o trabalho de Karin Grammático (2011) ajudou a estabelecer alguns cruzamentos. Ao tratar da revista *Fem* apontou que um dos fatores para a publicação da revista mexicana em 1976 era conhecer as condições das mulheres para mudar a realidade social. Durante os 29 anos de impressão do periódico, muitos aspectos se modificaram e em 2005, a revista parou de ser publicada devido os poucos financiamentos para o dispendioso trabalho, entre outros motivos apontados pela autora.

Justificativa semelhante foi apresentada na *Isis Internacional* “sentíamos que la información, que la comunicación, eran elementos básicos para el fortalecimiento y desarrollo necesarios para que las mujeres reconozcan su situación y luchan para cambiarla” (GRAMMÁTICO, 2011, p. 6). Essa revista teve seu início na Europa, a partir de demandas de movimentos de mulheres, mas depois foi se difundindo com sedes em diversos países. A criação ocorreu por meio de duas mulheres chilenas que no retorno do exílio, após trabalharem na *Isis* em Roma, passaram a publicar o periódico e começaram a coordenar redes feministas latino-americanas e produzir um centro de informação sobre mulheres.

Outra revista estudada por Grammático, foi a *Mujer/Fempres* do Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET) que teve seu início em 1981. A proposta era compilar dados sobre mulheres na imprensa internacional e, apresentar mensalmente, outras organizações de mulheres no boletim. A experiência da *Fempres*, associada a recursos financeiros, teve impacto na criação de programa de rádio, e na extensão em 14 países através

---

<sup>135</sup> Algo semelhante é relatado por Miriam Pillar Grossi (2004) no texto *A Revista Estudos Feministas faz 10 anos*, a autora conta sobre o espaço da REF como de aprendizagem em vários aspectos.

de correspondentes, além da realização de encontros, muito importantes para a criação e manutenção das redes feministas. Em meados de 2000 a mesma revista parou de circular, devido, segundo elas, os altos custos para mantê-lo, além do que os meios de comunicação também já teriam se modificado com o advento da internet.

Os discursos de justificativa para a criação dos periódicos apresentados nas revistas desse período tinham algo em comum, primeiro o desconhecimento da condição das mulheres e o segundo a necessidade de conhecer e mobilizá-las coletivamente, evidenciando a partir das revistas, aspectos de ação em comum. O que vem ao encontro do campo discursivo dos feminismos latino-americanos e ao programa refletido na área de estudos da mulher (*women's studies*) em seus princípios<sup>136</sup>.

Michellet Perrot (2009, p. 111-115) explicou que a iniciativa da História das mulheres em meados dos anos 1970, apareceu na combinação de alguns fatores, o primeiro foi o “científico”, a partir da influência da antropologia e da demografia histórica, ao estudarem temas como a família e o corpo; o segundo é o “sociológico”, com a presença constante de mulheres frequentando as universidades e assim como fazendo parte do corpo de docentes, o terceiro é o “político” com o movimento de liberação das mulheres. A autora pontua que a Ciências como um todo e não apenas a História foi questionada, e num primeiro momento a ideia era trazer visibilidade para mulheres e posteriormente buscou-se problematizar de conceitos e representações<sup>137</sup>.

Os núcleos criados e as revistas no Paraguai, também estavam questionando a estrutura discursiva de poder, ao refletirem sobre as representações de mulheres ou sobre sua ausência na escrita e nos espaços de ação política e pública. As autoras ao pensarem “sobre si mesmas” e explorarem sobre a condição de vida de mulheres, o que em si era algo inovador, desenvolveram inúmeras trocas e alteraram a narrativa da história dominada por homens e escrita majoritariamente por homens.

Mas não bastava somente escrever, era preciso divulgar e circular o material. Nesse aspecto, as mudanças ocorridas nas revistas, a preocupação em ter uma capa e layout atrativa para as leitoras, foram indícios de leitura de outros materiais, de discussão entre as pessoas da

---

<sup>136</sup> Claire Moses (2014, p. 362-365) neste artigo enfatizou a criação da *Feminist Studies*, fundada em 1978. Foi o primeiro periódico estadunidense sobre estudos feministas e em seu início a revista que não tinha o objetivo de ser acadêmica, mas, como mostra a autora, aos poucos se tornou um canal de publicações acadêmicas. Moses indicou que a revista era voltada para o público acadêmico e para a “comunidade”, e tinha o objetivo de não somente publicar pesquisas, mas também “mudar a condição feminina”, a autora enfatiza, que foram os primeiros a promover a história das mulheres.

<sup>137</sup> A autora reconhece que a História das Mulheres, não operou uma ruptura, o reconhecimento dessa é instável. Contudo, diz a autora, é “impossível uma história sem as mulheres”. Cf. (PERROT, 2009, p 111-115).

equipe e, também, de cartas com as sugestões de melhoria. No caso das revistas do CDE as capas eram coloridas, os textos possuíam ilustrações em preto e branco. O GEMPA também tinha preocupação com as leitoras, apresentava uma revista com capas produzidas por Javier Covalán e toda a revista também possuía ilustrações que dialogavam com os textos. Em suas páginas havia espaço para textos literários, entrevistas e resenhas críticas de livros.

Os núcleos de estudos eram espaços diferentes entre si, o GEMPA emergiu dentro de um centro de estudos em Sociologia e todo seu trabalho pode ser compreendido dentro desse campo. A Área Mujer vem de outra situação, foi organizada dentro de um centro de documentação que havia sido criado há pouco tempo (apesar de que a narrativa sugira uma conexão entre o BPD e o CDE), e tinham o propósito de criar um espaço de documentação, de assessoria, mas também de pesquisa.

É importante assinalar havia conexão entre os dois grupos e as suas integrantes, vários trabalhos foram realizados em colaboração e compartilharam em comum os espaços de sociabilidade feminista. Nesses cruzamentos de informações várias delas não só produziam investigações como se envolviam em projetos de mudanças de leis e criação de políticas para mulheres. Os estudos realizados no período demonstraram a originalidade e o esforço de pesquisa. No sentido de que essas organizações tiveram papel fundamental na visualização e problematização da história das mulheres, na arqueologia de documentos, periódicos de mulheres que não faziam parte da análise de investigadoras/es paraguaias/os décadas anteriormente.

O GEMPA e a Área Mujer do CDE fomentaram através de suas produções, discussões próprias, expuseram diálogos transfronteiriços, e compreendiam que dentro do que se conhecia como um feminismo hegemônico americano ou europeu, o Paraguai tinha as suas próprias realidades que eram distintas, portanto a forma de contar seus processos feministas também passavam por outros caminhos. Nesse período as investigadoras entendiam que havia um esforço latino americano de compreensão de suas histórias e de registros de memória de mulheres, isso foi destacado e refletido em suas produções em que aproveitavam a oportunidade para publicar diversos trabalhos.

## 5 CAPÍTULO 4. FEMINISTAS NO PARAGUAI E OS ESCRITOS SOBRE GÊNERO E FEMINISMO

Neste capítulo, proponho apresentar as discussões que fundamentam a elaboração de discursos sobre o feminismo paraguaio a partir das produções periódicas do GEMPA e do CDE-Área Mujer. Nos capítulos anteriores evidenciei a formação dos centros de investigação e suas produções, associando-os a movimentos feministas do período. Dando prosseguimento ao objetivo da tese que é entender a constituição dos estudos feministas nas ONGs e como ele é contado no país, e tendo como suporte de divulgação intelectual, os periódicos, farei uma exposição de como o gênero, o feminismo e as feministas emergiram nas páginas das revistas.

Após leitura extensa das fontes, classifiquei algumas discussões encontradas para trazê-las nesse capítulo, dado que uma das intenções do GEMPA e do CDE-Área Mujer com a publicação das revistas era informar o que se estava pesquisando e publicando sobre a temática mulher no país, eram diversos os temas que apareciam em suas páginas e se conectavam a variadas situações. No recorte feito, selecionei da *Enfoque de Mujer* produzida pelo GEMPA, em suas 33 edições, textos que tratam do tema feminismo, sobre as feministas e sobre gênero, e fiz o mesmo com a revista *Informativo Mujer* da Área Mujer do CDE em suas 172 edições<sup>138</sup>.

Os textos selecionados neste capítulo não representam a quantidade de vezes em que os termos apareceram e nem a totalidade de artigos em que essas palavras foram utilizadas, não é sobre isso. A seleção buscou evidenciar uma espécie de “vitrine” das revistas e ajudam a representar em parte, o lugar das categorias nessas produções, o que se poderá perceber é que não há um lugar específico em áreas do saber, os textos selecionados têm a característica de serem informativos e transversais. Outro ponto importante é que nem todos os textos desse recorte são trabalhos autorais das pesquisadoras do GEMPA ou do CDE, muitas vezes eram reproduções de artigos de outros periódicos que foram publicados em suas revistas. Aos quais não se tem evidência de como foram selecionados para compor as edições, pois não havia comentários sobre eles na revista. Por vezes, em algumas situações, os textos publicados na *Enfoques de Mujer* e no *Informativo Mujer* pareciam contradizer o que as feministas buscavam com seus estudos, alguns desses tiveram respostas em forma de réplica do texto, outros não. As próprias organizadoras das revistas, talvez como um resguardo intelectual, informavam no

---

<sup>138</sup> Como uma proposta de observar os discursos, metodologicamente escolhi trabalhar somente com a *Enfoques de Mujer* e com a *Informativo Mujer*, nesse caso o *Anuario Mujer* e *La Microfona* não serão explorados no capítulo.

periódico que não estavam de acordo com tudo o que era publicado, mas de forma geral, estavam divulgando o que se falava sobre os temas relacionados à mulher.

Como tenho buscando expor, as organizações feministas de investigação eram uma novidade do período e os seus discursos apresentados faziam parte do campo de ação feminista global, mas que possuíam as peculiaridades de seu país. É a partir desse arcabouço que exploro de que maneira elas construíram o seu discurso de ação usando as revistas como uma forma de ampliar a comunicação do grupo e suporte para divulgar as discussões do período. Sabe-se que o gênero e o feminismo têm histórias diferentes, o primeiro é uma categoria de estudo, uma possibilidade; dentre outras, de compreensão dos efeitos das relações de poder entre pessoas, e foi usado de diversas formas desde a emergência de seu uso em meados dos 1960. Já o feminismo é uma categoria que remete aos movimentos sociais, a perspectivas de passado, presente e futuro, bem como teorias, e também sofre com a instabilidade e elasticidade de seu uso.

Algumas autoras evidenciaram a historicidade dessas palavras tão carregadas de possibilidades efetivas. Gostaria de salientar algumas delas, pois entendo que as palavras têm história e fazem parte de contextos específicos e com usos limitados. Como questiona Sara Ahmed (2008, p.13) o que pensamos quando escutamos a palavra feminismo? Mas, poderíamos estender a questão para se adequar a esse capítulo, e perguntar o que pensamos quando o gênero e a palavra feminista emergem em um texto, em um filme, em uma conversa comum? Para muitas de nós, pesquisadoras feministas, essas palavras significam esperança (não desprovida de tensão), mas para cada grupo e indivíduo, elas podem variar de acordo com as circunstâncias envolvidas.

Segundo os livros que traçam uma genealogia do conceito feminismo, o termo foi usado e se tornou corrente nos anos de 1890, mas as aspirações de mulheres com comportamentos, ações e ideias feministas são bem anteriores. Muitas autoras/es sugerem que foi o socialista utópico, Charles Fourier em 1837, o primeiro a usar a palavra *féminisme* para designar o movimento. Porém, a autora Geneviève Fraisse (1991, p. 204-206) indica que foi Alexandre Dumas quem usou o termo para fins políticos, associando a palavra a homens envolvidos nas causas sufragistas. Em 1872, o autor publicou o texto “o homem-mulher” e nele discutiu sobre questões relativas a costumes, adultério e ao divórcio, ao qual se colocava contrário. Este não estava usando a palavra para favorecer as mulheres, a autora sugere que Dumas era antifeminista e a palavra *féminisme* foi retirada de uma pesquisa médica sobre tuberculose.

O trabalho em questão de Fernand-Valère Faneau de la Cour publicado em 1871, recebeu o nome de “Do feminismo e do infantilismo nos tuberculosos”<sup>139</sup>, e nele apresentou casos de homens com traços “infantis e características femininas” (cabelos finos, cílios longos. e mamas) após adquiriam tuberculose. Foi desse estudo que o jornalista Dumas retirou a palavra e o feminismo, nasceu então, como um estereótipo deslocado, e se tornou nas mãos de mulheres, um movimento contínuo de luta.

Segundo Caroline Fayolle (2018) foi durante a Revolução Francesa que o estigma do feminismo emergiu na figura de “monstros”, metade homem e mulher (a palavra ainda não havia sido inventada), mas as representações acerca de mulheres revolucionárias começaram a aparecer de forma ativa nos folhetins. Não foi à toa que uma das pioneiras feministas do período, Olympe de Gouges escreveu “Sou um animal sem igual, não sou homem nem mulher. Tenho toda a coragem de um, e às vezes as fraquezas do outro” (FAYOLLE, 2018). No período posterior, esse monstro imoral, híbrido, desviante, retomou a sua força e é incrível como ainda é forte essa imagem refletida vista pelo espelho patriarcal.

Esse retorno ao histórico do conceito, embora breve, atenta que a palavra tem uma origem europeia, mas isso não quer dizer que não poderíamos usá-la e formatá-la a nosso favor. Quero apenas recordar da crítica já feita muitas vezes, da ideia do eurocentrismo-americanismo carregado nos conceitos, e apontar que o feminismo sendo um movimento global com inúmeras diferenças se utiliza desse nome, para criar seus efeitos de acordo com as suas especificidades (COSTA, 2020, p. 320-341).

Sabemos que os conceitos circulam, que são traduzidos e reapropriados, mas percebo que nos textos das revistas paraguaias, buscou-se principalmente pensar a situação do país e a partir dele comparar com o que “vinha de fora”. Algumas vezes noto que se criaram hierarquias em relação ao “local de origem” na linguagem em relação aos países considerados desenvolvidos, mas quando escritoras/es olhavam para dentro de sua história, encontravam respostas de porque certos conceitos e movimentos não ocorreriam no mesmo período e de forma semelhante. Nos escritos da revista percebi que a herança colonial, cristã, as guerras, o sistema patriarcal; violento e desigual, a política conservadora, atuou de diversas maneiras para fazer com que se reduzissem os focos de movimentos de mulheres que, associados ou não, aos partidos, que tantas vezes emergiram no país, não tivessem futuro.

---

<sup>139</sup> *Du féminisme et de l'infantilisme chez les tuberculeux*, nome do texto original do médico francês.

No Paraguai a palavra “feminista” parece ter sido emprestada para designar a indignação de mulheres *concepcioneiras* do século XIX, mesmo que em nenhum momento essas mulheres tenham mencionado o termo. O feminismo apareceu na narrativa de homens dos jornais que qualificavam a ação das mulheres que estavam tomando a palavra escrita, no caso, um telegrama, para se posicionarem contra um candidato eleito. Esse feito tomou proporções inusitadas no jornal da época, em que autores buscaram explicar o movimento europeu e abordar o tema da participação das mulheres no contexto da política, colocando-se a favor ou contra das mulheres *concepcioneras*. Como mencionado em capítulos anteriores, as mulheres de Concepción não tinham discurso de apelo feminista em prol do sufrágio feminino.

As autoras do livro “*Alquimistas*” defenderam que muito possivelmente essa discussão provocada nos jornais por Cecílio Baez e Arsenio López Decoud tenha sido uma das primeiras batalhas acerca da palavra feminismo no país (BAREIRO; SOTO; MONTE, 1993, p. 39-59). Mas, como apontei no primeiro capítulo, existiram teses como a de Serafina Dávalos e de Virgínia Corvalán que em meados do século XX, apresentavam uma defesa da participação política e se aproximavam do pensamento feminista sufragista da época. Jornais e movimentos feministas (de curta duração) também ocorreram no país até pouco mais da metade do século XX, e, assim, como em outros países, sofreram uma recessão, período que coincide com o de ditaduras na região.

O gênero e o feminismo foram usados nas revistas, mas nem sempre seguidos de explicação de seus significados nos textos. Muitas vezes foram referência usuais de um vocabulário comum e pertencente ao período estudado. Tanto feministas, quanto não feministas, usaram o gênero em suas abordagens. A categoria gênero foi explorada amplamente entre os diversos números dos impressos e apesar da própria palavra parecer mais incomum, dado seu histórico mais reduzido entre intelectuais e seus problemas de tradução, foi utilizada por muitas pessoas. E isso é interessante, pois, ao contrário disso, quando se usava a palavra feminismo era quase necessário realizar uma justificativa para introduzir qualquer perspectiva, talvez o uso político dessa palavra causasse pavor pelo histórico de transformações.

No Paraguai, o gênero e o feminismo emergiram quase que unidos no universo das preocupações intelectuais do GEMPA e do CDE na década de 1980, e ganharam intensidade no período seguinte. Essas categorias, de modo geral, apareceram em sua maior parte ligadas a discussões sobre igualdade de direitos. Já a palavra feminista, uma das categorias aventadas nesse capítulo emergiu nas revistas também, e seu uso em muito estava associado a textos biográficos, entrevistas, homenagens e em artigos defensivos. Como não é uma novidade para

nenhuma leitora, ser feminista também era ter que se afirmar e se defender. Mas como isso era explorado por intelectuais do Paraguai? Como elas se definiam ou apresentavam as feministas? Começarei a exposição por essas interrogações para posteriormente adentrar nos outros temas anunciados.

### 5.1 FEMINISTAS - A MARCA QUE DEFINE O TODO

Feminista é uma palavra que causou (e causa) repulsa em muitos grupos conservadores no Paraguai. O medo dessa palavra e o que ela despertou, tanto no sentido de impulsionar ações e reunir pessoas, quanto reações de ódio que infelizmente diversas mulheres foram submetidas, foi um tema permanente nas revistas. Dos textos encontrados na *Enfoques de Mujer* e na *Informativo Mujer* que refletem sobre a significação da palavra e os seus usos, fiz uma tabela em que busco apresentar uma amostra. Evidente que em se tratando de revistas feministas a identificação com o feminismo apareceu em vários momentos, inclusive nas capas, quando exibiram mulheres, cartazes e imagens de luta (ênfatizados no capítulo 3).

Neste tópico é exibido uma tabela que expõe somente palavras encontradas nos textos e que nos ajudam a perceber o discurso das revistas em relação a identificação feminista. Nela se pode perceber que as produções retratavam uma configuração de semelhança quando abordaram o tema, o que é ser feminista. E, não poderia ser diferente, pois os grupos experienciaram um contexto comum, regional, local, partilhavam de concepções próximas, e, inclusive, trabalharam muitas vezes em parceria. Além disso, pode-se inferir que esse também era um discurso pertencente a outros espaços globais, respeitando as especificidades de cada local, como vimos, nesse período havia uma conexão forte entre os feminismos e isso se dava também nas revistas, expoentes de suas organizações e entre as décadas de 1980 e 1990, e uma das tecnologias de divulgação de ideias disponíveis.

Talvez essa tenha sido a categoria menos explorada nos artigos quando comparado a outros temas. São poucos os textos nas revistas que abordam explicitamente, o que faz ser feminista? Como é ser feminista no Paraguai? Essa prática individual de converter-se em algo e ser identificada com vários movimentos globais, teorias e percepções de mundo.

Quadro 2 – “FEMINISTA”

	<b>ENFOQUES DE MUJER GEMPA (1986-1989)</b>	<b>INFORMATIVO MUJER CDE- ÁREA MUJER (1989-2004)</b>
O que faz ser feminista?	os preconceitos; valores negativos; perigo; convicção; viver a discriminação; peso da injustiça; marginalização; resgatar o protagonismo; o patriarcado; a consciência de gênero	Os preconceitos, mitos, trato diferencial, injustiças, consciência sobre a discriminação, pensar a sua condição de mulher.
O que é ser feminista?	A feminista busca ganhar espaço público; defender direitos e conquistar direitos; transformar, romper com cânones; deixar a passividade e submissão; questionar rol de gênero, sexualidade, violência, poder,	transformar práticas e valores patriarcais; questionar rol subordinação; busca por igualdade de gênero; sociedade mais humana; solidária e feminina; lutar pela igualdade de condições e oportunidades; ser mulher não signifique ser menos, reivindicar história de mulheres e homens por um mundo igualitário, pacifista, apostar e agir para que outro mundo seja possível.
Representações antifeministas	radicais; agressivas; ameaçadoras da paz; amarguradas; <i>marimacho</i> ; machona; <i>desviación malsana</i> ;	feminismo exagerado da mulher paraguaia; querem ser como homens; querem mandar; são radicais; autoritárias; contrárias à democracia; fanáticas intransigentes; extremas; fechadas, irracionais; auto excluídas de outros grupos
Sentimentos Associados	medo; afetividade; carinho; frustração; valentia; fracasso; agonia; falta de solidariedade; vontade e vocação	Igualdade; exclusão; diferença; equidade; solidariedade
Homenageadas <sup>140</sup>	Josefina Plá	Serafina Dávalos, Mercedes Sandoval, María Freixe Casati

Fonte: Produção própria da autora (2022)

Sobre essa tabela é importante informar que na revista *Informativo Mujer*, que tinha proposta distinta da *Enfoques de Mujer*, encontrei maior número de textos sobre a categoria

<sup>140</sup> Aqui não se trata de abarcar todas as mulheres homenageadas em mini-biografias dos impressos. Como precisei no Capítulo 3, na *Anuario Mujer*, a partir do ano de 1992, muitas mulheres foram destacadas na revista, mas esta não foi usada para a elaboração do capítulo.

“feminista”. Dado que a *Informativo* perdurou por 16 anos, selecionando e registrando o que era escrito no país sobre mulheres e assuntos afins (em editoriais, textos de jornais de grande circulação no país, artigos de posicionamento de autoras/es diante de algum evento ou problemática), o tema teve oportunidade de ser esboçado mais vezes, ainda que a questão da identificação não tenha sido o grande mote das matérias expostas.

Na *Enfoques de Mujer* do GEMPA que tinha projeto de caráter investigação científica, grupo que estava vinculada ao CPES de referência na área de sociologia no país, a prioridade era divulgar investigações sobre mulheres, mas também havia espaço para cobrir eventos, reproduzir documentos e também textos de opinião, só que esta, além da periodicidade trimestral, foi produzida em menor duração de anos oito anos (1986-1994).

Um dos textos primeiros que aborda o questionamento sobre o que era ser feminista e o que era feminismo frisava o seguinte,

[...] Pero a diario desde que comenzamos ese trabajo, igual que lo que le sucede a otros grupos de mujeres, nos enfrentamos al recelo de una pregunta que, con ironía, agresividad o quién sabe qué cúmulo de cosas horribles, se esconde detrás de esta palabra controvertida: “Feminismo”. ¿Pero ustedes son feministas? La pregunta tiene varios tonos y la mayoría de ellos no por cierto desprovistos de juicio de valor negativos, por no decir de una aversión profunda, como si estuviera frente a un peligro o una desviación malsana. Y el tema aquí adquiere varias dimensiones. Vayamos por partes y comencemos por responder la pregunta.

Somos feministas porque cada una en su condición y a su manera vivió la discriminación como madres, esposas, como hijas, como mujeres. Sentimos el peso de la injusticia de los roles asignados, de las limitaciones, de los prejuicios, de las trabas. Situaciones que de manera aislada e individual se nos presentaban como insalvables, incambiables, pero que en un proceso de acercarnos y en el descubrimiento de vivir lo individual como colectivo, encontramos un camino de cambio. [...] Somos feministas porque sabemos que la sociedad, en sus distintos momentos y formas, siempre ha planteado algún tipo de discriminación de la mujer, cualquiera sea su clase y social a nivel cultural. Y no se nos escapa que en nuestra sociedad uruguaya concreta, capitalista y dependiente, el feminismo como movimiento de lucha y organización, requiere atender también otros aspectos de la temática social a los que se encuentra indisolublemente unido. [...] Somos feministas porque trabajamos para organizarnos como mujeres y para que esta organización genere un movimiento que en todos los ámbitos de la sociedad cuestione y elabore un punto de vista diferente, transformador. ¿Pero, ustedes son feministas? Sí, somos (¿PERO... 1989, p. 44-55 n.13).

O excerto acima, apresentado na revista *Enfoques de Mujer* no ano de 1989, é uma reprodução da revista equatoriana, *La Maga* do mesmo ano, e é de um texto que aborda a sociedade de forma ampla. Nela o texto seguiu sem autoria, mas buscava representar em muito o sentimento comum de muitas mulheres que escreviam e que eram identificadas como feministas. A colocação desse texto veio sem nenhum comentário na *Enfoque de Mujer*, mas talvez as editoras da revista concordassem com ele e, quiçá expor o texto de outra revista,

trouxesse um resguardo autoral e não abrisse uma contestação direta para com as leitoras/es do país, como se denunciasse algo presente no país, mas sem a necessidade de se identificar.

Outra possibilidade era usar o texto como forma de divulgar e mostrar a conhecimento do público de que elas estavam atentas a outras publicações do mesmo prumo e recebiam materiais de outros espaços intelectuais feministas. Esse texto trazia em suas palavras a potência do que era ser feminista e caberia em outros lugares, pois tratava genericamente do sentimento de discriminação e de injustiça.

Como informei no primeiro capítulo da tese, as editoras da *Enfoques de Mujer*, desde seu editorial de número um, anunciaram que em suas análises partiriam de uma práxis feminista para interpretar o mundo social. Entendiam a urgência e a necessidade de tais trabalhos no país, mas até aquele momento não tinham escrito um texto que informasse as suas identificações com a temática, essas apareceram em entrevistas ou livros de memórias. Como no caso de Mirtha Rivarola e Graciela Corvalán, em ambas a identificação com o feminismo foi atravessada pelos estudos e os eventos (nacionais e internacionais).

No número 19 da *Enfoques de Mujer* foi reproduzido um texto da revista Chilena FEM/PRESS, que informava o seguinte:

Todavía en nuestros tiempos la palabra feminismo da miedo. Todavía ser “feminista” significa, para unas mujeres, distanciarse de los hombres, ser una mujer distinta, agresiva, amenazadora de la paz y de la convivencia. Todavía hay mujeres que sienten pavor a ser mismas, a expresar sus opiniones, a salir al mundo, quizás porque sienten atacadas el entorno y prefieren adaptarse a él, quizás porque, hoy día, mantener una actitud crítica y reflexiva, luchar por la propia autonomía y desear una vida afectiva plena al mismo tiempo no son cosas fáciles. Las críticas sobre el feminismo y las feministas no son más sutiles y más subterráneas que en tiempos de la lucha por el derecho de las mujeres al voto (MIEDO AL FEMINISMO, 1991, p. 46).

O texto publicado no ano de 1991 é outro que sintetiza a ideia que qualifica a palavra “feminista”, pois desde sua emergência era algo que indicava “problema”, “rebeldia” e transformação. Nesse texto não se estava realizando uma crítica ao interior do feminismo, mas a questão do medo que ele ainda poderia causar. A literatura feminista está repleta de textos sobre a história do movimento e sobre o antifeminismo. Indiferentemente do local, esse signo está embalado por representações que são deliberadamente usadas tanto para qualificar quanto para desqualificar pessoas. Mas o “peso”, dependendo do período, região, classe, etnia, raça, poderia ter significados diferentes do que era ser feminista. Para muitas mulheres que se auto intitulavam serem feministas era como encontrar uma “libertação” e uma busca incessante por

autonomia. Mas como informa o excerto, as críticas ao feminismo e às feministas não estavam tão distintas de tempos anteriores, no caso, no período de luta pelo sufrágio feminino.

A reflexão sobre essa “marca” de identificação também apareceu na *Informativo Mujer* no texto: *Feminismo- hablemos del “cuco”*, e foi escrito por Hedy González Frutos. O artigo foi resultado de uma entrevista com a socióloga Olga Zarza e foi publicada em jornal de grande circulação no país, o Última Hora, no *Suplemento Femenino* e posteriormente foi reproduzida na revista do CDE,

¿Pero cómo ingresaste al movimiento feminista? Porque no te veo ni vieja, ni fea, ni gorda, ni chueca, ni amargada. Sos todo lo contrario de la imagen que tiene la gente común de una feminista.

— Claro. Se asumía que todas las mujeres que se consideraban feminista están renunciando a su feminidad. Tomaban como si la feminidad y el feminismo fuesen dos cosas contrapuestas. Entonces, para traducir el feminismo a términos más concretos y directos, yo les preguntaría a tanto a los hombres como a las mujeres si están de acuerdo con que nuestras leyes exista un trato diferencial hacia el varón. O que consideren la mujer es incapaz de administrar su propio dinero. Si están de acuerdo con que a la mujer se la despida del trabajo por el hecho de esperar un hijo. Si están de acuerdo con que se le pague menos a la mujer. Si están de acuerdo en que todas las tareas de la casa corresponden solamente a la mujer, cuando ella también debe trabajar. Bueno, si no están de acuerdo con todo eso, entonces están de acuerdo con el feminismo, porque no están de acuerdo con todas las injusticias y muchas otras demasiado evidentes, flagrantes y agresivas (FEMINISMO...1990, p. 28-29, n.18)

A mulher feia e amargurada apareceu muitas vezes na linguagem do antifeminismo. Nesse artigo não era o propósito insinuar que essa era uma verdadeira questão, mas trazer de forma muito simples o que era o feminismo e o que era ser feminista, pensando em relação ao país. A ideia retorcida de feminilidade e feminismo na entrevista é posta em xeque, mas não foi denunciada como uma das formas de oprimir a mulher. Na entrevista se buscou apresentar pontos gerais de injustiça entre mulheres e homens para fazer refletir o que era o feminismo e afastar as imagens repletas de construções estereotipadas. Além disso, era um período que no país se discutia as mudanças das leis retrógradadas, então ao tratar de algumas discriminações poderia ser um meio de aproximar pessoas a temática feminista.

A socióloga ainda se posicionou explicitando que “es tan radical el cuestionamiento del feminismo en cuanto las desigualdades en base del sexo que da miedo por todo lo que esto implica: un nuevo modo de vida para la mujer misma” (Feminismo...1990, p. 28-29, n.18). A expressão do feminismo para Olga Zarza era a luta por transformação e libertação da mulher, e os termos usados para desqualificar uma mulher feminista eram mais uma forma de discriminação associada a esse contexto de opressão. No jornal o texto ao mesmo tempo que buscava historicizar o movimento e apresentá-lo para um público maior, tratou também de

evidenciar que o tema era sério, objetivando dissipar o “*cuco*”, ou seja, essa palavra que correspondia a historietas infantis e ao medo de um personagem que assustava crianças e as punia de acordo com suas vontades.

Em outro texto a socióloga, também próxima ao CDE e ao GEMPA, Olga Caballero Aquino, escreveu o texto intitulado “No soy feminista” e foi publicado no jornal Última Hora, sendo reproduzido no *Informativo Mujer* em 1996,

El feminismo es una corriente de pensamiento que cree que debe haber igualdad, una condición por la que ninguna persona puede ser más generalizada por razones de edad, sexo, color o ideología. Igualdad en la diversidad. Las feministas reivindicamos las diferencias, porque si me permite de ser diferente sin la amenaza de que mis derechos sean cercenados sólo entonces podremos ser iguales. A pesar de la claridad de estas definiciones, las personas que trabajamos por esta utopía seguimos siendo objeto de prejuicios y mitos que tenemos que combatir todos los días. El mito es como un pájaro y las ideas de las y de los que nos descalifican vuelan impulsadas por las alas del estatus co que perenizan las discriminaciones. Incluso existen mujeres que dicen: Yo no soy feminista, ‘porque quiero encontrar un marido que me mantenga’ [...] ‘Ah yo creí que eras feminista porque nunca te casaste, no pensé que podías llegar a ser esposa, comenté ingenuamente una congénere’. Es que el matrimonio constituye un elixir bajo cuyo efectos las mujeres asumen las desigualdades. Todavía hay quienes se sorprenden de que las feministas tengan una vida plena fuera o dentro del vínculo matrimonial [...] Al proponer la equidad de género, al reclamar igualdad, lo que las feministas queremos es colaborar con la construcción de una sociedad más humana y solidaria..., más feminina (AQUINO, 1996, p. 20, n. 83).

Olga Aquino defendeu a ideia de diversidade, entendendo que existiam diferenças mesmo quando se propõem a igualdade entre as mulheres, defendia equidade de gênero e ao mesmo tempo uma sociedade mais feminina, como algo associado à solidariedade e uma sociedade mais humana. O problema maior, segundo o texto, e isso apareceu em outros, seria os estereótipos associados à figura da feminista, ao qual ela reclama, como mitos e preconceitos que precisavam ser combatidos. Um deles seria a ideia da feminista que não poderia ser casada. Sobre este ponto, ao ser feminista e se colocar contra uma sociedade patriarcal, a mulher também seria contra o matrimônio, espaço de controle do esposo sobre a mulher, porém o casamento não poderia ser o único destino das mulheres. No texto, Aquino, busca extirpar essa ideia ao focar na mensagem do feminismo em relação à igualdade na diferença, afastando-se dos estereótipos. A ideia latente de que o feminismo era um desvio, e que era algo antinatural, foi um tema que apareceu em outros textos e, sem dúvida, historicamente causou muito dano às pessoas envolvidas e, em outros casos, conclamava mais mulheres a somar a luta, pois os estereótipos também podem ter esse poder, dado a raiva e a indignação.

Essa discussão vai ao encontro dos trabalhos de Sara Ahmed e a política cultural das emoções. Na tabela 1 em que são expostas palavras usadas nas revistas, pode-se verificar que

alguns marcadores são usados no sentido de desmobilizar as mulheres e para desqualificar suas ações. Para Ahmed, o sentir-se feminista vem acompanhado de emoções corporizadas e políticas. A partir de sua própria história conta que se sentiu feminista na tradução de sua indignação diante de injustiças, de preconceitos, entre tantas outras emoções despertadas pela violência e que foram transformadas em ação. A autora postula que não é o sentimento imediato de indignação que faz das mulheres feministas, não se resume a isso, e também não é somente a dor e a indignação que impulsiona mulheres a se moverem (AHMED, 2015, p. 264).

As respostas a dor e a indignação, por mais conectadas que estejam, ainda são histórias individuais, com isso quero frisar que ao expor como algo que pode gerar ressignificações, entendo que não são os únicos sentimentos possíveis para o sentir-se feminista. Outros mobilizadores também são apresentados como a solidariedade, o carinho, a amizade, eles são sentimentos presentes nos discursos feministas e pronunciados também nas revistas. Seria demasiado estimar que somente a ira e a indignação seriam sentimentos pertinentes ao feminismo.

Como enfatizou Cristina Scheibe Wolff (2021, p. 230-241) ao olhar a historiografia a respeito das emoções, entendeu que por muito tempo a História deixou de lado os sentimentos para a compreensão de contextos históricos. Para a autora separação entre o que é racional e irracional também foi uma construção que deslocou a importância dos sentimentos como se fossem inferiores e, portanto, ligados à feminilidade e desnecessários de serem estudados, mas faz algumas décadas em que emergiu uma análise mais apurada sobre o assunto.

O último texto que será destacado, antes de continuar a análise, foi escrito por Olga Zarza no ano de 1986, no primeiro número da revista *Enfoques de Mujer*. Sua proposta era evidenciar (em pouco mais de duas páginas), como o feminismo “andava” no país e como foi incorporado aos eventos feministas da década de 1980,

Ahora bien, ¿cómo acompaña el resto de la sociedad paraguaya este proceso de despertar feminista, cuáles son los sentimientos y las nociones de los hombres y mujeres que no participaron de estas organizaciones? En realidad, lo que vamos a considerar aquí es en el impacto en los sectores medios, sin que por ello deje de tener relevancia más amplia, dado el papel clave de los mismos cumplen en la circulación de las ideas y valores hacia el conjunto de la sociedad. Veamos algunas expresiones más frecuentes de las mujeres y hombres cuando son interrogados sobre el feminismo: – “Estoy en contra de la marginación de la mujer, pero no soy feminista”. – “Soy feminista, pero ¡ojo! me gustan los hombres!”. [...] – “No soy feminista, soy más bien, humanista. Estoy por la mujer como un ser humano igual a cualquier outro” [...] Lo que estas expresiones están reflejando es un sentimiento de rechazo hacia las ideas y propuestas de una corriente particular del feminismo: **el feminismo radical**. [...] (ZARZA, 1986, p. 7, n.1, destacado pelo autor).

No início do texto de Olga Zarza foi indicado que foram realizadas entrevistas sobre o assunto do feminismo e das feministas no país, sendo esses recortes com falas, as expressões mais comuns observadas pela socióloga, mas é importante mencionar não foi exposto quantas pessoas foram entrevistadas ou como foi realizada essa pesquisa apresentada na revista. Com esse texto a autora frisou que o medo do feminismo, naquele momento, estava relacionado ao feminismo radical e as mulheres lésbicas (quase ausentes nos textos da década 1980). Afinal, como uma mulher pode ser feminista e ser bela e delicada? Pode uma mulher não se apaixonar por um homem? Ou, ser hétero e ser feminista?

São atuais essas perguntas, apesar de antigas, elas circundam em um imaginário coletivo de forma muito forte. Muitos dos textos das revistas traziam essas discussões embutidas, ao qual muitas vezes as mulheres paraguaias respondiam nos textos, e em alguns deles, as autoras nem sempre foram sensíveis ao feminismo lésbico e alimentavam também pontos de preconceito embebidos da cultura ao qual estavam inseridas. Essas falsas questões eram tão presentes no cotidiano que talvez fosse necessário para as autoras debatê-las, quiçá para acalmar uma gama de políticas/os e intelectuais conservadoras/es do país, para seguirem produzindo seus materiais dentro dos centros de investigações, ou até mesmo preservar a imagem de um tipo de feminismo no país que aliás não tinha relação com o feminismo radical. Nesse texto, a autora ainda informa que “no hace mucho en nuestra prensa local, dos periodistas (varones) dedicaron una página inteira para satirizar las feministas dando muestras de un lamentable machismo” (ZARZA, 1986, p. 7, n.1).

Na revista não publicaram o texto citado que zombava das mulheres feministas, mas no entender da autora, Olga Zarza, seria uma representação do que entendiam que era o feminismo radical, e que incomodava as pessoas, sendo usado em informes publicitários conservadores para desqualificar as feministas. Ao trazer para as/os leitoras/es o que seria essa vertente feminista, enfatizou que nasceu nos Estados Unidos, como uma expressão minoritária do movimento, nas décadas de 1960 e 1970. Para tanto, cita o livro de *The dialectic of sex* de Shulamith Firestone, uma das pioneiras do pensamento tido como radical, citado no texto de Heleith Saffiotti ao qual a autora faz referência<sup>141</sup>. E informou que para essa vertente a meta final da “[...] Revolución feminista debe ser, no solo la eliminación del privilegio masculino, sino la propia distinción de sexo: diferencias genitales entre los seres humanos no importarán más culturalmente. [...]” (ZARZA, 1986, p. 8, n.1, destacado pelo autor).

---

<sup>141</sup> O texto referenciado foi apresentado no Congresso Latinoamericano de Sociologia, ocorrido no Rio de Janeiro em 1986, O feminismo e seus frutos no Brasil.

Olga Zarza sustentou que o feminismo radical teve ínfima repercussão na América Latina, mas a forma de agir de alguns grupos com ações mais ousadas foram usados pela mídia para desqualificar mulheres feministas, já que uma das discussões centrais era a abolição da família nuclear e a reprodução, entendidas como formas da opressão. Olga Zarza não fez nenhum juízo de valor sobre a temática, aliás, ao ler seu texto, seria estranho não concordar com o trecho usado por Shulamith Firestone. Para Olga Zarza ser feminista implicava um novo estilo de vida, não apenas que o homem “lave los platos; es algo más ambicioso. Queremos contribuir para la construcción de sociedades más igualitarias en donde ni sexo, ni la raza, ni clase, ni religión o creencias políticas den origen a discriminaciones” (ZARZA, 1986, p. 8, n.1, destacado pelo autor). Talvez essa fosse a resposta de Olga Zarza as ofensas que comentou no texto exposto no jornal, não se tratava de uma pequena mudança na ordem do cotidiano, mas uma desconstrução para construir algo novo.

É interessante mencionar que a autora ressaltou as expressões usadas por pessoas e trouxe uma ideia do que se imaginava ser o feminismo radical focado na aparência das mulheres, na sexualidade, no sentido de mostrar que ocorria um equívoco no entendimento das pessoas de reduzir propostas feministas a estereótipos grosseiros e uma espécie de briga por quem lavava os pratos. Além disso, é curioso que se tenha configurado uma ideia acerca do feminismo e das feministas que nem fazia parte do arcabouço de ações das mulheres de seu país. Nesse ponto, o trabalho de Soraia Mello, ao tratar do feminismo no Brasil e analisar o antifeminismo, ajudou a refletir sobre os discursos sobre o feminismo radical que também eram produzidos no país. Segundo a autora, a ideia do “inimigo principal” não teria tido sucesso entre as brasileiras, mas mesmo assim, ocorreu por diversas vezes entre as décadas de 1970-1980, a rejeição de um “suposto passado radical” e uma narrativa que propunha um feminismo do tipo mais conciliador que se preocupava com os homens, com a sociedade e com a família (MELLO, 2019 p. 5-6), muito semelhante ao que ocorreu no Paraguai nos textos abordados nas décadas de 1980-1990.

No mesmo número da revista *Enfoques Mujer*, o texto: *¿Las feministas en el Paraguay: Cuánto hemos avanzado en el conocimiento de la Mujer?* Exibiu um panorama de informações importantes para compreender o que as pesquisadoras entendiam sobre o tema,

A más de un año de la Conferencia de Nairobi 85, vemos con esperanza los contínuos esfuerzos de las feministas por ganar espacios tanto en los medios de comunicación como dentro de las organizaciones sociales, sean éstas sindicatos, partidos políticos u otras asociaciones. Hasta el momento, el mayor espacio obtenido es en el periodismo local, específicamente en los diarios. Sin lugar a dudas, son los diarios y los

Suplementos Femeninos de los mismos, los que están a la vanguardia en la difusión de las ideas feministas, aunque también es cierto que en mucho menor dosis que las ideas “femeninas”. [...] En este sentido, creemos que el trabajo iniciado por el CEPEM con la publicación de los Derechos de la Mujer en uno de los matutinos locales es una tarea sumamente encomiable y necesaria. La importancia radica no solamente en la divulgación, sino también en el hecho de que se haga accesible la comprensión de los mismos. El tema de los Derechos de la Mujer en Paraguay fue, por mucho tiempo un campo reservado solamente para los profesionales de la ley, campo ignorado en general por la mujer común, la que además se caracterizaba por su desconfianza de la misma existencia de dichos derechos de nuestro país. Así como se ha enfatizado la publicación de los derechos de la mujer, consideramos que se deberían encarar otros aspectos de su situación específica dentro de nuestra sociedad. [...] Es decir, ¿en qué medida, dónde, cuándo no se da esa participación?, ¿quiénes tienen o no tienen más acceso a la comunicación de masas?, ¿cuáles son los factores objetivos que obstaculizan el desarrollo de su sexualidad? ¿Cómo se manifiestan cada uno de estos problemas en la mujer de diferentes estratos sociales? ¿Y la edad?, ¿y la educación?, ¿cómo influyen ambas en el comportamiento actual de la mujer en Paraguay? No es suficiente indicar que la división de los géneros comienza en la escuela. Casi todos sabemos esto. Lo importante es saber cómo y en qué medida se da este proceso. ¿Ha habido cambios o no? ¿Qué piensan las maestras al respecto? ¿Se buscan caminos alternativos de educación para las encargadas de educar a nuestros niños? [...] En otras palabras, consideramos que es el momento de elaborar un proyecto político de la mujer en sus respectivos contextos: urbano, rural, popular, la mujer de clase media, etc. [...] (LAS FEMINISTAS ...1986, p. 19, n.1).

Esse é um texto sem autoria e não tenho indicações de que foi publicado anteriormente em outro impresso, mas é curto (apenas uma página) e muito direto. Ele inicia pelo ano de 1985, a partir do evento ocorrido em Nairobi e ressaltaram que o número de organizações de mulheres em setores distintos no país havia aumentado nos últimos anos e isso era visto como um sinal de esperança para as mulheres, pois indicava uma crescente conquista de espaços de poder. Abordaram a grande imprensa com um dos principais meios de divulgação e a circulação feminista do período (mas, que não poderiam ser considerados como feministas ainda que neles houvesse suplementos redigidos, muitas vezes, por feministas).

E indicavam que naquele momento ainda eram poucos os centros de pesquisa e destacaram a importância do CEPEM e suas publicações sobre os Direitos da Mulher nos jornais. E a partir desse contexto que o texto tomou outro tom, pois frisaram que apesar de muito importante a busca de direitos, era necessário indagar a sociedade a partir de outras perguntas, entender os processos históricos de exclusão e manutenção dela, e lançar projetos para a maioria das mulheres do país. E que a ação feminista tinha que ir além do aspecto jurídico para ir a fundo e compreender os fenômenos, conversar com as pessoas, a fim de traçar caminhos que trouxessem mudanças. Nesse sentido, os centros de pesquisas adquiririam muita importância, pois se não havia apoio desde a universidade, as mulheres feministas recorriam a esses espaços que recebiam financiamentos externos para a efetivação dos trabalhos e, por isso também, iniciaram o texto pela data de um evento internacional que abriu caminhos para o

debate feminista e para projetos de organizações. Sabe-se desde muito que sem financiamento, a pesquisa científica não existe.

O excerto destacado ainda ilumina outra parte evidenciada na tabela, que é um dos pilares da discussão e o eixo de luta das feministas do país: a luta por direitos, entender a desigualdade e a esperança, sentimento que atravessou e esteve presente no atuar desses movimentos. Apesar de viverem em um país católico, conservador, atuarem em um pequeno espaço urbano, e, ainda, em período ditatorial, as mulheres destes grupos não deixaram de sonhar, desejar, esperar que uma renovação era possível. Para tanto, apoiavam-se em outras mulheres, eventos, congressos e se aliaram quando a oportunidade surgia.

Dezessete anos se passaram desde o texto reflexivo de Olga Zarza sobre o feminismo no país, mas as palavras que definiam as feministas paraguaias ainda eram estereotipadas: “radicales, autoritarias, opuestas a lo democrático, fanáticas intransigentes, extremas, cerradas, irrazonables, autoexcluidas de otros grupos” (ARIAS, 2003b, p. 58, n. 166). Foram estas as palavras usadas por mulheres envolvidas em um grupo focal que buscava determinar o “nível de percepción que tienen las mujeres jóvenes y adultas sobre otras mujeres que se autodenominan feministas” (ARIAS, 2003b, p. 57, n. 166). A metodologia de grupo focal foi usada pelo grupo de comunicadoras que iriam fazer a campanha de difusão do *Primero Encuentro Feminista del Paraguay* que ocorreu nos dias 15 e 16 de 2003.

O evento foi acompanhado pela comunicadora social Carolina Thiede Arias que escreveu duas matérias para a revista *Informativo Mujer*, onde mencionou que estiveram presentes no encontro mais de 500 mulheres na cidade de San Bernardino a 50 quilômetros da capital do país (ARIAS, 2003a, p. 24-25, n.166). O encontro foi promovido pela CPM com o apoio de várias outras organizações paraguaias como a CODEHUPY, Deicidamos, Comité de América Latina y el Caribe para la Defensa de los Derechos de las Mujeres (CLADEM), Coordinadora de Mujeres de Cordillera (COMUCOR), Comité Nacional de Mujeres cooperativistas (CNMC) e internacionalmente instituições como UNIFEM, UNICEF, UNFPA e PNUD.

Durante o evento a autora informou que ocorreram 35 atividades, entre eles, painéis de debate, lançamento de livros ações culturais e artísticas, e foram mais de quarenta grupos-instituições que se envolveram com a realização do evento. Sobre as atividades, enfatizou que uma das oficinas com o debate “el clitoris y el placer” teve de ser repetida, devido ao número de procura para assistir, e outras que ficaram entre as mais concorridas foram: *Mujer y administración de justicia*, *¿Cómo afecta el neoliberalismo a las mujeres campesinas?*,

*Empoderamiento de la mujer en el ámbito cooperativo, Juventude y participación de género, Mujer y militarismo, Discriminación y derechos humanos de lesbianas* (ARIAS, 2003a, p. 26, n.166). A CMP promoveu a ideia de que o evento não tivesse um eixo central de discussão, e segundo a autora, o espaço foi aberto para que todas as organizações pudessem definir os temas de debate. No encontro ocorreram duas palestras centrais: o *Feminismos hoy* e os *Derechos sexuales y reproductivos. Desafíos en los 10 años del Cairo* (ARIAS, 2003a, p. 26, n.166).

O texto em que foram mencionadas tais palavras desqualificadoras acerca das feministas foi intitulado de *Imagen feminista: radicales y solas*. Nele Caroline Arias abordou a forma em que muitas mulheres percebiam o feminismo, e que no grupo focal estava conformado por mulheres com acesso a informação. Refletindo sobre as representações apresentadas autora indicou que o uso da palavra com F, para o *Primer Encuentro Feminista del Paraguay*, foi decisão da CMP, faço um adendo para o fato que na década de 1990, essa coordenadora não se autoprotclamava como feminista, apesar de várias feministas fazerem parte como integrantes. Para a autora ficou evidente o caráter de conservadorismo presente entre as mulheres dos grupos focais, e acenou para pelo menos três problemas: primeiro para o desconhecimento do que era feminismo, segundo para a imagem projetada do movimento feminista no país, terceiro para o desinteresse sobre o assunto. Nesse texto, a autora não pontuou se havia adjetivos positivos sobre o feminismo, mas evidenciou que a metodologia dos grupos focais foi pensada para refletirem estratégias para divulgarem o evento e os dissiparem estereótipos presentes na sociedade.

Sobre esse evento, ocorreram reações e discursos que vieram de outros espaços, e notável era a similitude entre o discurso de algumas mulheres sobre o feminismo exposto na matéria publicada e o que a Igreja explanou sobre o evento dias depois, durante os festejos da *Virgen de Caacupé*. O dito evento feminista gerou comoção em setores da Igreja e o presidente da CEP explicou: “[...] las feministas buscan desprenderse de la sociedade en la que se encuentran, aislándose individualmente. [...] “el orgullo y la prepotência que envilecen a muchos y especialmente a la mujer en nuestros días [...]” (SOTO, 2003, p. 18, n.166). Em resposta a reação da Igreja Clyde Soto respondeu na revista,

A los monseñores del Paraguay, las feministas debemos en cierto modo agradecer por haber expuesto de manera tan ilustrativa y sencilla los núcleos de un discurso patriarcal que, lamentablemente, persiste como uno de los pilares de la actuación oficial de la iglesia católica. Mucho de lo que nosotras decimos una y otra vez en revistas, entrevistas y libros acerca del pensamiento machista queda frecuentemente en los limbos de la abstracción pero cuando se explica de forma tan brutal en qué consiste ese pensamiento, es difícil que pase desapercibido. Las misas de Caacupé

tienen además un público amplio y garantizados espacios de difusión en prensa, por lo que las palabras de los obispos no pasaron desapercibidas.

Aunque quizás parte de quienes recibieron el mensaje lo hayan asimilado acriticamente, hubo una importante reacción contraria hacia los contenidos discriminadores del discurso por parte de mujeres y hombres periodistas, de feministas de diversas organizaciones, de mujeres políticas y de gente democrática del Paraguay. Incluso desde el clero paraguayo se oyeron voces de disconformidad, como la del sacerdote Paulino Cáceres, de la ciudad de Pedro Juan Caballero, quien desde un artículo publicado en el diario Última Hora (9/12/03) abogó por una profunda revisión interna de la iglesia católica con respecto a sus posturas sobre la posición de las mujeres en la sociedad.

Y es que, aun cuando pueda prevalecer alguna desconfianza o imágenes estereotipadas del feminismo, la mayoría de la gente se da cuenta de que no es admisible, por razones de injusticia, defender la sumisión de las mujeres ante el poder indiscutido de los hombres. A las mujeres, que sobre todo en el transcurso de siglo XX hemos conquistado enormes cuotas de autonomía, como mínimo nos deja intranquilas cuando viene alguien a decirnos que debemos quedarnos en nuestras casas a cumplir nuestro rol predeterminado y renunciar cualquier atisbo de poder y autodeterminación.

Para finalizar, a muchas feministas nos resulta tremendamente osado que la jerarquía eclesial católica, conformada exclusivamente por hombres, se atribuya el derecho de decirnos a las mujeres cómo debemos pensar y comportarnos en la vida social. En todo caso, debería ser un tema que debatan tanto mujeres como hombres que profesan esa religión. Sería bueno ver si en el marco de una organización democrática, donde ambos sexos tuvieron igualdad derechos, un discurso patriarcal como el dado por los obispos en las fiestas de Caacupé podría sobrevivir tan campantemente (SOTO, 2003, p. 22-23, n.166).

O Paraguai é um país com grande número de pessoas associadas ao catolicismo, segundo Jorge Lara Castro (2014) 89,6% de uma população mais de 2 milhões de habitantes, consideravam-se católicos em 2014. O discurso de parte da Igreja acerca do feminismo e do evento demonstram primeiro, que o encontro deve ter tido discussões progressistas ao contrário do que prega uma parte da visão religiosa, e segundo que a reação da Igreja não foi bem vista por toda a comunidade eclesial, pois, a igreja também tem setores heterogêneos. Lembrando que se pensarmos os outros eventos de mulheres que ocorreram no país na década de 1980, e não foram expostas as tensões que podem ter ocorrido em relação a Igreja, a CEP foi uma das apoiadoras. Pode-se aventar que o discurso de alguns integrantes da Igreja passou a desqualificar feministas e o pensamento libertário a medida em que ocorreram progressos em relação às mulheres.

No mesmo número da revista, em outro texto, dessa vez escrito por Myrian González Vera, foi comentado uma entrevista feita com as organizadoras do *Primero Encuentro Feminista del Paraguay* para avalizarem os seus resultados. Essa entrevista foi realizada no dia 27 de fevereiro de 2004, ou seja, meses depois do evento, e estiveram presentes: Angélica Roa coordenadora geral do evento, Esther Leiva da secretaria da mulher da Organización de Lucha por la Tierra (OLT), Clara Cubilla da CNMC, Pillar Callizo da *Transparencia Internacional-*

*Paraguay*, e María Martínez da Federación Nacional de Estudiantes Secundarios (FENAES) (VERA, 2003, p. 44, n.166).

O texto iniciou salientando que a ideia do evento ocorreu dentro da CMP, mas que foi apresentado um projeto a UNIFEM, para que pudessem realizar o encontro nacional no interior do país, com o intuito de gerar debate e criar redes: “un proceso de seguimiento para posicionar y crear liderazgos feministas, o sea, no solamente ya el concepto de género, o el planteamiento de la presencia de la mujer, sino el pensamiento feminista” (VERA, 2003, p. 45, n.166). Dessa forma, a proposta era levar as discussões para outro eixo que não a capital do país e discutir sobre feminismo e mulheres, o gênero apareceu em segundo plano na ação das organizadoras, pois a ideia era evidenciar o pensamento feminista.

Nesse sentido, a escolha do nome do evento foi intencional, “pues denominarle feminista podría, por un lado “crear mayor resistencia para las organizaciones de mujeres – porque la mayoría no se identifica como feminista-, o podría también crear ciera expectativa” (VERA, 2003, p. 44, n.166). Segundo as narrativas mencionadas no texto, a denominação do evento gerou debate e até um certo mesmo medo, mas era necessário trazer para o público o questionamento do que era o feminismo e pensá-lo coletivamente. Os temas que foram despertados no evento, e que foram destacados no texto, foram vistos pelas organizadoras como positivos, porque foi um espaço de diálogo e conhecimento sobre assuntos que não eram comentados de forma explícita.

Sobre os eventos feministas no país, ocorreram mais cinco edições nacionais entre os anos de 2005-2016, e dentro deles tiveram a participação não apenas de conferencistas investigadoras dos centros de estudos, tais como ocorreriam décadas antes. Em meados dos anos 2000, mulheres de outras organizações tanto internacionais, quanto nacionais participavam deles, mas entre elas, havia a presença de mulheres indígenas, camponesas, de lésbicas, de partidos políticos, de sindicatos, de escolas secundárias, entre outras, ou seja, o público era mais amplo e os tempos eram outros. Não encontrei evidências sobre outras edições após o ano de 2016 e também escapa a essa tese, tanto a nível temporal, quanto de proposta de trabalho, o feminismo que foi se reelaborando no país nas últimas décadas.

A atenção ao evento na revista buscou estabelecer alguns indicativos sobre a imagem antifeminista presente nos discursos paraguaios e como as feministas entendiam e responderam aos ataques. Dos primeiros textos apresentados a esses últimos, mais recentes, foi possível verificar o quão forte era o imaginário de alguns setores acerca do feminismo e das pessoas que com ele se identificam. Mas também foi possível acompanhar que a resposta dada a esses

setores também era realizada e não apenas por feministas auto identificadas, mas por setores distintos que se associavam as ideias e propostas por feministas. Passados mais de trinta anos, esses discursos ainda que reformulados, circulam, mas também narrativas outras e ações feministas foram ressignificadas e continuam também a circular por diversos espaços que não somente as revistas, os jornais, os eventos e as instituições.

## 5.2 AS FEMINISTAS DESTACADAS

Algo que ocorreu nos escritos produzidos pelo GEMPA e pelo CDE (não somente nas revistas, mas nos livros) foi a busca por evidenciar a luta das mulheres consideradas “primeiras feministas”, mais precisamente, historicizar a luta das mulheres. Como já foi mencionado no Capítulo 3, nas revistas havia espaço para minibiografias, por exemplo, na contracapa do *Informativo Mujer*, e também ocorreram páginas destinadas a homenagens. Dentre as mulheres destacadas, sem dúvida, Serafina Dávalos foi a que recebeu maior atenção devido ao seu pioneirismo de reivindicar direitos políticos para as mulheres, associados ao acesso a educação.

Dos textos que mencionaram os louros e os desafios de ser feminista, alguns chamaram a atenção e foram trazidos na Tabela 1. Josefina Plá, Mercedes Sandoval, Maria Freixe Cassati foram outras mulheres homenageadas que foram exaltadas nos impressos. A primeira, era escritora<sup>142</sup>, artista e teve textos publicados na revista *Enfoques de Mujer*, é sobre ela que Graciella Corvalán tece alguns nós sobre o que era ser feminista e conclamava a todas/os ao feminismo.

Desde ninguna perspectiva se podría confinar la trayectoria de Josefina Plá, considerando toda una vida ofrecida a la cultura paraguaya. Tampoco es nuestra intención hacer un inventario y mucho menos entrar a explorar la multiplicidad de su obra y de su única personalidad. Este homenaje a Josefina, Mujer, y más, se encuadra dentro de los 30 años del Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos y de los ocho del Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya, reuniéndole de las un homenaje de la forma que sabemos está más a gusto. Por eso, hemos invitado a personas reconocidas en algunos de los campos que ella ha incursionado y que sabemos también recrearán el aspecto que más interesa como es la participación de la mujer en palabra y la obra, en la vida cultural de nuestro país. Llamamos a esto homenaje Josefina: Feminista por convicción, porque en este país, creo que un solo nombre, el de Josefina, a secas, que no necesita que le agreguemos ningún otro, ni antes ni después y menos aún el posesivo de alguien, como muchas mujeres todavía, aun después de nuestras importantes- aunque no acaba las conquistas legales usan y se enorgullecen, públicamente, de ser la posesión de alguien. [...] La pregunta que surge es ¿no somos todas y todos feministas por convicción? Yo contestaría sí para las mujeres y quizás no para los hombres, simplemente porque nuestra convicción viene de experiencia

<sup>142</sup> Para saber mais sobre Josefina Plá e seus contos, cf. (MENDONÇA, 2011).

cotidiana, mientras que si existen hombres feministas por convección, la misma proviene del razonamiento, del análisis misma aún no erradicada la discriminación de las mujeres en nuestra sociedad. A partir de 1986, Josefina tiene un lugar fijo en las páginas de **Enfoques de Mujer**, donde por primera vez se reflexiona sobre un tema tabú, como lo es del aborto. Otra vez, como lo fue en el 42, Josefina tiene la valentía de desmitificar temas que por siglos pertenecieron a los ámbitos prohibidos de la historia de los hombres donde las mujeres no tuvieron parte, como si la sociedad paraguaya se reprodujera biológica y socialmente sólo a través del sexo masculino (CORVALÁN, 1994, p. 2, n. 31).

O texto é interessante, pois Josefina Plá, uma autora de prestígio no país, escrevia sobre feminismo e era considerada feminista antes mesmo da construção dos grupos de pesquisa. Alguns de seus textos na *Enfoques*, trouxeram questionamentos sobre o tema do aborto e sobre o ser feminista, muito ligado a ideia de ter liberdade. O texto não era somente uma homenagem a uma amiga, ressaltava também o aniversário de 30 anos do CPES e de oito anos do GEMPA (sendo esse o primeiro ato de comemoração do CPES) (CORVALÁN, 1994, p. 2, n. 31). No texto ainda realizava uma crítica à sociedade conservadora e fazia um apelo, frisou que todas as mulheres deveriam ser feministas por conta da discriminação. Já os homens poderiam se tornar feministas mediante a racionalização do que viviam as mulheres em seu país, mas os homens, diferente das mulheres, não poderiam ser feministas por convicção, pois estariam fora do campo da experiência.

Essa categoria debatida por Joan Scott é importante para os feminismos, cabe lembrar que grupos de consciência, no período de renascimento do feminismo na região, muitas vezes se detiveram na experiência comum de diversas mulheres para interpretar a opressão a que viviam, evidente que nem todas as mulheres estavam de acordo com esses grupos, pois o feminismo não é uniforme<sup>143</sup>. Experiência é, ao mesmo tempo, uma interpretação e algo que precisa de interpretação, e nas palavras de Joan Scott, “[...] não é a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar [...] interroga os processos pelos quais os sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história [...], abrindo novos caminhos para se pensar a mudança” (SCOTT, 1999, p. 48).

A discussão sobre aborto ressaltado por Graziella Corvalán, foi abordado na *Enfoques de Mujer* em várias oportunidades, mas realmente foi Josefina Plá que entrou nesse tema não pronunciado na revista até então, além de tocar nesse assunto em seus contos, também escreveu artigos de opinião. Josefina era contrária ao aborto, mas buscava entender a situação da mulher, apontando que a figura do homem sequer era cogitada quando se argumentava sobre o tópico

---

<sup>143</sup> Cf. (PEDRO, 2006, 2010).

<sup>144</sup>. Como por exemplo, no texto *Cuatro Millones de abortos*, do ano de 1987, que tratava de um número associado a taxas do Brasil por ano, informava,

Cuatro millones de seres a quienes sus propias madres les dijeron, en el umbral de la vida: "No entrarás"... Por voluntad maliciosa. O miedo. O por egoísmo. O por ignorancia. Muchos de estos abortos se explican. Se explican dada la condición humana capaz de arrasar con todo para satisfacer un capricho, un deseo; débil y cobarde ante lo que exige un sacrificio. Y se da la contradicción de que el temor a la vida suprime la vida. Pero explicar - se repite- no es justificar. [...] Sin embargo, es hora de revisar los preconceptos que cómodamente descargan toda la culpa en la futura madre y reconocer que la atribución de responsabilidades no puede realizarse, así no más, en la forma elemental o arbitraria en que se hace. Es hora precisamente de revisar los preconceptos que liberan al hombre de toda responsabilidad en una situación de emergencia suprema para la mujer (PLÁ, 1987, p. 5, n. 5).

Desse excerto e conectando a homenagem, é relevante que Corvalán frisou justamente o assunto pelo qual Josefina era contrária e oposta aos reclames feministas do país, que buscavam despenalizá-lo. Além disso, não era propriamente uma discussão silenciosa, mas algo que se buscava silenciar, e são vários os textos na revista que tematizam o problema desde um ponto de vista da saúde pública. No trabalho de Ita Yoffe, *Aborto en Paraguay: la realidad que se calla*, enfatizava alguns estudos que tinham sido realizados no período, em um deles, realizado pela Faculdade de Medicina de Columbia indicava que o Paraguai tinha a pior taxa de morte de mulheres decorridas de aborto clandestino de 17 países do “terceiro mundo”, em outro estudo, feito pelo CEPEP no ano de 1986, salientava a marca de 84.000 mulheres morriam na década de 1970, anualmente em decorrência de abortos (YOFFE, 1986, p. 27, n. 6).

Esse tema sensível, segundo a historiadora Enora Seillier (2020, p. 13), foi debatido por mulheres paraguaias diante da reforma do sistema jurídico e foram fortemente combatidas pela Igreja, que prestou seu papel como forte interlocutor da oposição. Tanto a *Enfoques de Mujer* quanto o *Informativo Mujer* publicaram textos sobre o assunto que nem sempre eram favoráveis à despenalização, mas apresentavam a ideia de que o aborto era uma questão de saúde pública e precisava ser refletido para além dos preconceitos.

No Paraguai o tema pareceu ter sido aprofundando nas organizações de mulheres em meados dos anos 2000 (SEILER, 2020, p. 69), mas é importante enfatizar que a ação pela despenalização do aborto foi tema corrente no *V Encontro Feminista Latino Americano e Caribenho* em 1990, e no *Congresso de Cairo* em 1994. A demanda de discussão e promoção que buscava humanizar e conscientizar sobre o tema, segundo Enora Seiller, foi propiciada pela

---

<sup>144</sup> Cf. (PLÁ, 1987, p. 5-6, n. 5; PLA, 1988, p. 6-7, n. 9).

discussão trazida nos Encontros Feministas a nível regional e global, e também por meio de projeto de despenalização do aborto em casos excepcionais, embutidos na elaboração de um novo código penal que foram promovidos pela CMP<sup>145</sup>.

Outra mulher homenageada foi Mercedes Sandoval de Hempel, falecida em 2005. Sua formação foi na área do Direito e foi peça chave no feminismo contemporâneo do país, devido seu envolvimento nos projetos e aprovação de leis. No ano de 1999, recebeu prêmio em reconhecimento ao seu trabalho. As autoras do CDE renderam homenagens a Sandoval,

[...] Despedimos a 99 con la alegría de ver que Mercedes, la memoria viva del feminismo de nuestro tiempo, recibió un reconocimiento de gran valor por la labor que desarrolló en el campo de derecho. El premio “César Garay”, instaurado este año por familiares del prestigioso jurista, se otorga a quienes hayan realizado algún aporte significativo al desarrollo del derecho y la justicia en el Paraguay. Mercedes es la primera persona que recibe el galardón, lo que es un orgullo para el feminismo local y para quienes hemos tenido la oportunidad de conocerla. [...] Ella era presidente de la Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer cuando un 1961 se aprobó la ley 704/61 de “Derechos Políticos de la Mujer”. La liga fue la organización femenina que durante largos años peleó por los derechos civiles y políticos de las mujeres. [...] Sus pancartas y panfletos decían “los extranjeros votan, las paraguayas no” y la policía les ordenaba “que se dejen jorobar”, puesto que era todo un desafío al orden establecido que un grupo de “damas” hiciera manifestación callejera. [...] Además había trabajado con la Liga por la Modificación del Código Civil paraguayo, objetivo que lograron con la aprobación de la Ley 236 en 1954. [...] Cuando en 1987 entró en vigencia una nueva modificación del Código Civil, que retrocedía ante lo consagrado en la Ley 236, una vez más puso todo su empeño en cambiar el orden legal discriminatorio. Junto con mujeres de varias organizaciones, Mercedes fue parte del un grupo que convocó a los dos encuentros nacionales de mujeres de 1987 y 1988, reunidos bajo el tema “Por nuestra igualdad ante la ley”. De las ideas, debates y consensos logrados en esos encuentros surgió el Anteproyecto de Modificación Parcial del Código Civil, presentando en 1989 al Congreso Nacional, que fue redactado por Mercedes Sandoval. Ella sabía a forma jurídica a muchos de nuestros sueños, redactó de forma impecable artículos que para nuestro medio eran casi revolucionarios, como los referentes al nombres de las personas, a partir de los cuales en Paraguay se acabó con la histórica de patrilinealidad. [...] Una vez le pregunté a Mercedes cómo fue que ella se decidió a trabajar por las mujeres y a convertirse, con el tiempo, en una referente del feminismo paraguayo. “Yo creo que no me decidí a nada”, me contestó “yo he sido así como soy desde muy niña”. Una “feminista de nacimiento”, dijo que era. Una feminista de toda la vida, un verdadero orgullo para las paraguayas y paraguayos que valoran la democracia y buscan la igualdad.” [...] (SOTO, 1999, p.13-14, n.130).

Uma feminista ligada as leis, era esse o universo em que habitava Mercedes Sandoval e que impulsionou o movimento de mulheres na década de 1980, pois estavam absolutamente envolvidas com as mudanças no Código Civil. E Sandoval, assim como suas assistentes, sabiam manejar o discurso jurídico. É muito interessante a abordagem do texto, pois nele, existe uma

---

<sup>145</sup> O código penal entrou em vigor no ano de 1997 e o projeto proposto pela CMP que apresentava despenalização em algumas exceções que colocassem a vida em perigo não foi aprovado. Para saber mais sobre o tema, indico o informe de direitos humanos de 1997. (POMPA,1997).

conexão entre a personagem e a identificação como o feminismo desde criança, ou seja, havia algo latente e isso contrasta com a narrativa de Josefina Plá que também informava que também era feminista por convicção. Outro ponto marcante é que Mercedes Sandoval tinha uma trajetória dentro de organizações de mulheres que acenava para os períodos de ditadura e pela busca por direitos civis conquistados durante o stonismo, mas também para a classe de “damas” a qual pertencia. Não eram mulheres comuns, mas pessoas conhecidas por seu nome e sobrenome conectadas à elite que levaram a temática do sufrágio adiante no país.

No ano 2000, uma argentina chamada Maria Freixe Cassati apareceu três vezes na *Informativo Mujer*, uma no editorial, outra em texto do Jornal *La Nación* e, na mesma edição de número 137, como forma de artigo escrito por Ofélia Martínez. Freixe teve importância durante a *Guerra del Chaco* (1932-1935), nos pedidos de paz e apoio a familiares de combatentes, porém foi esquecida por décadas. Naquele ano, o jornal *La Nación* recebeu cartas de Freixe e outros materiais que estavam em mãos de particulares (não deixam explicitado o motivo de virem à tona), e que foram enviadas ao CDE. A partir desse ocorrido, foram buscando mais informações sobre essa mulher que então pouco se sabia.

Después de Alquimistas, trabajo de rescate de algunos hitos de la historia de la participación de las mujeres en el Paraguay de la primera mitad del siglo XX, quedó en el CDE una deuda con la persona de María Casati; era injusto que sólo se la se recordara como quien ideó un método de corte y confección cuando había pruebas evidentes de que se trataba de una importante líder feminista y pacifista, de relevante participación en el Paraguay, sobre todo durante la década de 1930. Entonces éste fue uno de los ejes de trabajo que se propuso el Grupo de Historia de las Mujeres del Área Mujer. Era obvia la necesidad, entre otras, de buscar pistas o elementos que nos permitieran reconstruir su vida. María Freixe parecía como una imagen tácita, reticente a nuestros deseos de saber más acerca de ella. Todos los caminos que parecían conducirnos a sus orígenes o a su persona, en determinado momento se truncaban y no llegábamos a nada; como si fuese un juego travieso de quién dueña de sí, sólo se descubre a los demás a su gusto y anteojo. Cuando más buscábamos menos hallábamos, y cuando menos los esperábamos se nos aparecía inesperadas formas y lugares. [...] Hoy, a sesenta años de su muerte, sin haberlo buscado llegó hasta los activos del diario *La Nación* un conjunto de cartas y documentos suyos, aparentemente conservados por su madre. Una cosa llevó a otra; la gente del diario buscando más datos para publicar un artículo sobre su vida y llegó hasta el CDE; se intercambió información y se convino realizar un homenaje a fin de evocar su figura. El escenario: la Feria Internacional del Libro de Asunción. Es difícil encontrar una palabra que defina a María Freixe de Casati, si decimos tan sólo que fue una feminista estaríamos siendo injustas con su extensa labor. Ella fue mucho más que eso; sus ideas y acciones de las revolucionarias y trascendía la idea de la igualdad entre hombre y la mujer. Su lucha fue por la justicia, la paz, la igualdad de las personas, no solo de las mujeres, sino ante todo por la vida. [...] En el N° 4 de su periódico, publicado, el 1 de julio de 1936, apareció un artículo en el que la Unión Femenina del Paraguay declara: ‘No somos comunistas, ni fascistas. Somos feministas. Nuestro partido es del partido de la mujer y nuestra ideología es nuestro mejoramiento social’. El N° 8 es el último número conocido de este periódico, fue publicado y octubre de 1936 y probablemente no haya salido ningún otro, considerando que el gobierno de Franco proscribió y

reprimió oficialmente las actividades comunistas a partir de ese mes. (MARTÍNEZ, 2000, p 11-12, n. 137)

O livro *Alquimistas* citou algumas vezes Cassati, principalmente por anexarem alguns textos do periódico *Por La Mujer*, mas realmente pouco mencionaram sobre a personagem. Esse excerto traz uma discussão que inclusive apareceu em outros trabalhos do CDE, como por exemplo, no periódico *Anuario Mujer*, onde abordavam questões do feminismo e do pacifismo. Essa temática trazida novamente no contexto do ano 2000, na figura da personagem, mostra uma conexão das ideias feministas do passado e daquele presente. Como foi mostrado até o momento, o discurso das mulheres feministas da década de 1980-1990, era sobre igualdade e mudança social, tal como evidenciado no texto de Cassati.

Mas refletindo sobre essas três homenagens, o que essas mulheres têm em comum com características das feministas ou do feminismo no país? Quais são as feministas que apareceram na revista com maior vigor? Escrevo no plural, pois entendo que não representou o todo e todas, mas de modo geral, o feminismo que emergiu no país dentro dos centros de estudos na década de 1980, teve essa característica, nasceu em mulheres de camadas médias que tiveram acesso a educação e associadas à busca de direitos e jogando dentro da letra da lei para modificar e conquistar espaço. Talvez, por esse motivo, as mulheres mais recordadas nas revistas, em termos de homenagem ou de destaque, tivessem esse perfil. As vertentes do feminismo apareceram de forma breve nos textos, como foi evidenciado no primeiro tópico e no próximo também será abordado, mas não designaram as identificações de como as editoras, as autoras ou, até mesmo, as mulheres destacadas como feministas, entendiam suas próprias vinculações dentro dos feminismos.

Essas três mulheres destacadas representam, juntamente com outras como, Virginia Corvalán e Serafina Dávalos, um hall de feministas clássicas, as quais se retomam quando o assunto é pioneirismo, seja na literatura e nas artes, seja na área do direito ou do sufrágio. Diferente de Mercedes Sandoval e Josefina Plá, Maria Casati não teve reconhecimento por suas obras em vida. Talvez pela suposta aproximação com o Partido Comunista que tinha suas ações proibidas em meados da década de 1930, pela associação a movimento pelo direito ao voto em um momento desfavorável; além do que não estava na pauta naquele momento, evidenciar mulheres em ações políticas contrárias ao status quo. Evidente que outras mulheres também não seriam estudadas se não fosse os esforços de pesquisadoras/es feministas.

### 5.3 OS FEMINISMOS NAS REVISTAS

Quando na década de 1980, as autoras começaram a publicar a *Enfoques de Mujer*, uma das maneiras de abordar o feminismo seria explicitar as teorias dentro do movimento, porém essa não pareceu ser uma preocupação para o GEMPA. Na revista encontrei apenas um texto com esta intenção, chamado: *Una rápida y sencilla mirada a la concepción del mundo en la teoría feminista*, do ano de 1988. Esse texto, assinado com as iniciais, que podem ser de Graciella Corvalán (ao fim da página, encontra-se as letras G.C.), tratou do assunto de maneira muito breve e sem referências diretas a autoras/es da teoria feminista da qual teria retirado as informações.

Na matéria é possível entender que o objetivo era “dar una visión más sencilla del feminismo y tratar con cada una de estas “vuelta a lo mismo” de ir demoliendo los mitos como también las erróneas e interesadas interpretaciones del feminismo” (C.G. 1988, p. 52, n. 7). Para a autora esse texto significava ir mais além do “clásico y estereotipo de la mujer ‘machona que odia al hombre más por sus frustrantes experiencias (divorciadas, “las solteronas”, etc.)’ que por la sola concepción de justicia social” (C.G. 1988, p. 52, n. 7). Com ele então, a autora buscava quebrar com o discurso “clássico” (e antifeminista) acerca do conceito e mostrar que fazia parte de movimentos de libertação da mulher, mas havia várias interpretações e formas para alcançá-lo

Para tanto, destaca as correntes: radical, marxista e socialista, e enfatiza que embora as três teorias se diferenciem em suas estratégias e lutas, era comum a necessidade de transformar a sociedade para chegar a obter justiça social para “ambos los géneros”.

**El feminismo radical** sostiene que: — La opresión de la mujer históricamente es debido a las diferencias biológicas. — El acceso al poder está básicamente determinado por el sexo y no por cuestiones económicas o de clase. — La liberación de la mujer solamente es posible después de una revolución biológica y tecnológica. Es decir, a través de medios artificiales: control de la natalidad (familias pequeñas, hijos espaciados) y formas comunitarias para la crianza de los niños. — El patriarcado es un sistema de dominación del género, donde el hombre posee el poder social y económico, el cual es presentado a través de la división sexual del trabajo, — la existencia de la opresión de la mujer en las sutiles relaciones de la familia. — El determinismo biológico no considera la opresión de clase y raza [...]

**El feminismo marxista** El enfoque marxista sobre la mujer ha venido cambiando a través del tiempo. Alguien lo ha dividido en tres corrientes: **las primeras marxistas, contemporáneas y las feministas**. Los tres puntos de vistas concuerdan con que: la opresión de la mujer es debido principalmente a las relaciones económicas o de clase social con medios de la producción.[...]

**Las feministas socialistas** — Luchan contra la persistencia del patriarcado dentro de las clases sociales en y afuera de los países socialistas. — Tratan de explicar la combinación de las relaciones y contradicciones entre género, clase, raza y

subdesarrollo. — Consideran las diferencias de clase, género y raza como relaciones de opresión. — La eliminación del salario diferencial entre los géneros ya que esto significará eliminar el principio básico de la división de los géneros en la esfera privada. — Consideran las implicaciones de la actual división social del trabajo en la familia, sin ellos signifique la abolición de la estructura familiar. — Sostienen que el capitalismo, racismo patriarcal y subdesarrollo son interdependientes y que a veces tiene intereses contradictorios. — Tratan de transformar la estructura social para cambiar las relaciones entre hombres y mujeres y ellos sí y no solamente con respecto al capital (C.G. 1988, p. 52, n.7, destaque do autor).

Nesse texto, ao expor as vertentes predominantes do feminismo e ao buscar trazer suas características, a autora não indicou seu suporte de leitura, tampouco historicizou ou apresentou conclusões acerca de sua elaboração, e isso dificulta uma análise mais minuciosa de sua abordagem. Sem dúvida, a autora estava imbuída de leituras, e pode-se destacar o esforço de síntese no texto e a tradução dos embates epistemológicos. Talvez, buscasse ser um texto para uma consulta sobre as estratégias e percepções dessas vertentes, só que a falta de bibliografia no informativo vai na contramão da proposta de auxiliar na leitura. A carência de referências bibliográficas ocorreu em outros textos, não era algo incomum na revista, mas o ponto interessante é o uso das iniciais na autoria, que deixa vago quem poderia ter escrito o texto.

Outro ponto importante é que na revista há apenas esse texto com uma preocupação em abordar a teoria feminista. Evidente que na revista, há vários textos com discussões epistemológicas e que tratavam do feminismo, mas somente a citada publicação buscava dar um respaldo dos debates dentro das vertentes feministas. Isso demonstra não só a carência de reflexões sobre o assunto, mas ao refletir sobre o contexto das publicações da *Enfoques de Mujer*, percebe-se que esse não foi o objetivo do periódico e a ausência desse tipo de trabalhos, é algo importante de ser levado em consideração. Pois, encontra-se entre os textos de análise acerca dos estudos feministas e de mulheres no país, uma denúncia sobre a falta de trabalhos que refletissem as epistemologias feministas e a fragilidade da discussão sobre feminismo no país. E ao verificar as revistas especializadas no tema, parece que pouco se usou do espaço para que tais discussões pudessem ser divulgadas, no sentido que os próprios grupos poderiam ter explorado com mais vigor. E isto, de modo semelhante, também ocorreu na *Informativo Mujer* do CDE, nela encontrei um texto acerca da teoria, e considerando a extensão temporal da revista é uma carência importante de pontuar.

O outro texto publicado no ano de 1989, no *Suplemento Femenino* do jornal *Hoy*, foi escrito pela jornalista Raquel Rojas e reproduzido na *Informativo mujer*. O nome do artigo, chama-se *El separatismo se depone hoy en función al dialogo- El nuevo rostro del feminismo*. Nela a autora fez comentários acerca de outro texto, intitulado: *De la rabia de las mujeres, a la*

*solidariedad*, enviado pela jornalista feminista Italiana, Antonietta Macciocchi. Rojas informou que o mencionado texto estava “en el tapete de la sociedad italiana actual” (ROJAS,1989, p. 34, n.7), havia sido publicado no *Corriere de la Sera*, e explorava “las nuevas matrices de identidades en que irían a inscribirse los movimientos de mujeres y feministas de la actualidad, con sus especificidades y diferencias” (ROJAS,1989, p. 34, n.7). A autora antes de iniciar a análise frisou que iria delinear “algunos puntos que aquí pasamos a comentar, a fin de informar y discutir éstos desde nuestros espacios [...]” (ROJAS,1989, p. 34, n.7).

De forma breve, a autora divide o movimento feminista em “três tempos”. Menciona que no primeiro Tempo do feminismo havia a luta de mulheres anarquistas, socialistas (cita os nomes de Clara Zetkin, Alexandra Kollontai, Emma Goldman) e sufragistas que buscavam entre muitas reivindicações a participação política de mulheres, por salários iguais e “por la liberación de género fuertemente identificado con la lucha de clases y perspectiva revolucionaria desde una orientación socialista de vários tonos” (ROJAS,1989, p. 34, n.7).

Sobre o segundo tempo, citou a socióloga argentina Teresita de Barbieri e indicou que ocorreu entre os anos de 1967-1968, “en la epoca de la revuelta estudiantil-obrera” (ROJAS,1989, p. 34, n.7). Nesse período, as mulheres participavam dos eventos revolucionários, mas foram consideradas por seus companheiros de esquerda como “quadros subalternos”. De reuniões de mulheres apareceram os grupos de análises da condição feminina na “sociedade occidental y cristiana” (ROJAS,1989, p. 34, n.7). Disso emergiu a discussão acerca das desigualdades “en el seno de la sociedad y al interno de las propias relaciones interpersonales, de la pareja y la familia que surge de manera no violenta pero con rabia la lucha de las mujeres por su Liberación” (ROJAS,1989, p. 34, n.7). Nesse momento, sugere a autora, identificaram o gênero masculino e a estrutura patriarcal como gestores ou cúmplices do sistema machista. Esses dois momentos históricos são entendidos pela autora como uma crítica ao poder e para mudar as instituições, e foi marcado por concepções de direito “al cuerpo, a la libertad de procreación a la elección de la pareja, el aborto, el divorcio, etc, pese a la mirada reprovadora de la iglesia que há ido perdiendo sus batallas incluso en sus enclaves poderosos como es la sociedad italiana” (ROJAS,1989, p. 34-5, n.7).

O terceiro tempo, que comporia novo rosto do feminismo, segundo a autora, surgiu 20 anos depois, com uma fase “post-feminista” e seria caracterizada por

[...] comienza a contradecir la etapa “guerrillerística” para dar lugar a una lúcida estrategia a fin de no dejar que la destruyan” [...] La construcción de una nueva red de solidaridad que van carcomiendo lentamente las estructuras del viejo poder patriarcal.

No tiene más la ingenuidad del pasado por la cual el hombre es el único culpable pero al mismo tiempo responsable. Se va viendo despejar al “masculino como enemigo” para ir delineándose mucho más claramente los nudos del poder jurídico, político, parlamentario, que estructuran el sistema y portan consigo gran carga de responsabilidad. [...] Este sistema afecta diferenciadamente aunque por igual a hombres y mujeres. Afectan a las relaciones interpersonales, al mundo doméstico, a la relación con los hijos, en resumen, al derecho a la felicidad y a la autorrealización de ambos sexos. Las “feministas de ojos abiertos” están haciendo lo suyo para transformar una historia marcada por la desigualdad y la incomunicación, pero mal podríamos cambiar la vida, si nuestros compañeros del género masculino, no dignifican también ellos, **en esencia** su auténtica condición (ROJAS,1989, p. 35, n.7, destaque do autor).

Esta foi a última fase do feminismo delineada por Maciocchi, que enfatizou um novo rosto que buscava se afastar da visão tida como radical dos anos 1960-1970. Na análise oferecida no impresso, como pode-se verificar no artigo, existiu um caminho de busca para entender o sistema de opressão ao qual passava também pelo momento pós-guerra e de movimentos de contracultura. Nesse ambiente as mulheres, entenderam que dentro dos partidos, dos movimentos e das relações, eram tratadas de maneira desigual. A ideia de “separatismo” ou de “raiva” vinha da própria análise de suas vidas tanto coletiva, quanto individual.

Raquel Rojas usa a abertura trazida pela autora italiana para evocar o feminismo paraguaio do mesmo período. A autora entende que esses recortes de primeiro e segundo tempo, correspondiam a um chamado “feminismo histórico” e que aglutinava uma série de temas exteriores ao país, e talvez, o que melhor correspondia a situação do Paraguai, fosse o do terceiro tempo, ou seja, no qual também teria se intensificado as discussões feministas. Segundo Rojas, “[...] hemos comenzado a hablar de la condición de la femenina, de la cultura de las mujeres, de ser MUJER con mayúsculas y en profundidad, se ejerció el derecho al cuerpo, al desarrollo intelectual, a la competencia profesional, al éxito, al dinero y las decisiones políticas [...]” (ROJAS,1989, p. 35, n.7).

No período da década de 1980, nota-se nos escritos de mulheres paraguaias que se procurava mostrar que o feminismo era uma ideologia que visava igualdade e que o homem, apesar de muitas vezes não colaborar, não poderia ser o único culpado para a desigualdade do sistema. Nesse texto de Rojas, observo uma narrativa demarcada por períodos de discussões do feminismo, e também para a afirmativa que as feministas, e nisso incluíam as feministas paraguaias, estariam de olhos abertos para modificar a realidade a partir de outros espaços. O texto de Rojas, também fez uma menção a ideia de que as feministas desse período seriam menos inocentes que as do passado, e isso de certa forma também é uma narrativa comum a

outros feminismos do período que buscavam se dissociar dos discursos tidos como universalistas e essencialistas, mas como já foi frisado, esse tipo de discurso, homogêneo e oculto feminismo outros (ROJAS, 1989, p. 34, n.7).

No capítulo 2, aponte que havia no país um certo conflito entre as feministas intelectuais e as mulheres que vinham de partidos políticos. E algo que marcou o discurso do GEMPA e do CDE era de que não havia, em suas lutas, uma associação com os partidos que muitas vezes deram sustentação para o stonismo. Inclusive em período democrático, as revistas foram espaços de críticas às mulheres que entravam em partidos, mas não tinham demandas direcionadas para mulheres e que muitas foram usadas como suporte nas eleições dos homens de seus partidos. Outro ponto interessante, é que não se analisa nos textos produzidos no país, uma historicização das organizações de mulheres que ocorreram entre as décadas de 1960 e 1970, esse período é praticamente um vácuo, ou seja, são pouco visibilizados nas narrativas.

Os estudos sobre mulheres no país, até onde pude verificar, quando apresentam trabalhos sobre a participação de mulheres em movimentos sociais dos anos de 1960-1970, geralmente tem priorizado as organizações de direitos humanos, as agrupações do movimento estudantil, sendo estes mais recentes e ainda pouco investigados. Seria muito importante para repensar a história das mulheres no país, estudos que também investigassem esses períodos e outras organizações, ou as mulheres que estavam associadas a partidos como o Liberal e o Colorado, e nos departamentos femininos, para verificar também o que desde esses espaços elas estavam tratando, pois foi também nesse período que algumas mulheres iniciaram suas carreiras enquanto políticas e os departamentos femininos também funcionaram como espaço de discussão sobre a participação das mulheres dentro dos partidos<sup>146</sup>. A narrativa sobre dos anos de 1980 apresentam a ideia de descontinuidade, ao excluírem as décadas de 1960-1970, e ao promoverem a imagem do “novo feminismo”, em que no Paraguai havia uma nova forma de atuar que se associava aos eventos da ONU e aos estudos sobre mulheres e gênero.

Em outra análise, muito tempo depois, no número 159, referente aos meses setembro-outubro de 2002, encontrei um pequeno texto que abordou uma questão bastante conhecida do feminismo dos anos 1960, a “Construcción de la noción del derecho sobre el cuerpo” (SOTO, 2002a, p. 3-4, n. 159). Esse era o tema do texto editorial da revista que levava o nome de *La mirada*.

---

<sup>146</sup> Discussões sobre esse período, cf. (SILVA, 2016, p. 79-142; VALINOTTI, 2011, p. 256-376. PAREDES, 2011; PAZ, 2010, p. 74-93).

‘Mi cuerpo es mío’ decía una vieja consigna feminista, y por más razonable que parezca cuarenta años más tarde, nuestros argumentos aún no son considerados suficientes para que el derecho público reconozca a las mujeres el derecho a decidir sobre nuestros cuerpos. Siguiendo el recorrido histórico desarrollado por Teresa Durand y María Alicia Gutiérrez, podemos ver en durante la década 60 las feministas defendían el derecho al aborto asociado a la legalización de los métodos anticonceptivos como de control de fecundidad; el derecho al aborto era considerado un bien moral del que las mujeres no podían ser privadas y al que debían tener acceso sin poner en peligro su vida y su salud. Una década después, la demanda era aborto legal y seguro como principio de libertad individual, argumentando que las mujeres tenían derecho a la autonomía de las decisiones sobre su cuerpo y que el control y la decisión sobre la reproducción eran necesarios para el desarrollo de la autodeterminación. En la década de los 80, las Conferencias de Naciones Unidas jugaban un papel preponderante en el escenario político internacional; en ese marco, el movimiento de mujeres intentó conectar el derecho al control del cuerpo con una serie de demandas vinculadas a los derechos económicos y sociales, atendiendo fundamentalmente la salud y la calidad de vida de las mujeres (SOTO, 2002a, p. 3, n. 159).

Dessa vez, o texto não foi promovido no jornal e reproduzido na revista, tratou-se das organizadoras da *Informativo Mujer* produzindo um texto sobre o assunto, e nele apareceu a discussão feminista da década de 1960, mas como um debate de continuidade. Afirmar, “o corpo é meu”, emblema feminista, ainda era um argumento usado para enfatizar a questão do direito ao corpo e ao aborto e que no país, apesar da insistência de discutirem, ainda era um tabu (assim como em muitos países ainda é). Com o excerto quero chamar a atenção para a ideia de reapropriação das narrativas, nele não se buscou afastar das discussões do feminismo dos anos 1960, mas ver em sua historicidade a validade e a busca por direitos sexuais e reprodutivos que também eram refletidos no Paraguai e que também possuem em seu bojo os eventos internacionais como as das Nações Unidas. Esse número da revista, começou pelo tema aborto e o retomou posteriormente, ao citarem que no país, a CMP (organização do qual o CDE faz parte) estaria compromissada com a campanha pela despenalização do aborto, com o marco do dia 28 de setembro, buscando com isso, dar mais visibilidade ao tema (SOTO, 2002b, p. 20-21, n.159).

Outro texto, *Nuevos caminos para el movimiento*, também sugeriram uma narrativa historicizada, ora com avanços, ora com retrocessos, e com demandas específicas de um dado período. Escrito por Clyde Soto e publicado em novembro-dezembro de 2004, tratou de analisar a ampliação do movimento de mulheres que deixava de se concentrar na área urbana e atingia outras áreas do país (SOTO, 2004, p. 17-22, n. 172).

El movimiento de mujeres, y más en específico el movimiento feminista, reconoce su más lejana expresión nada menos que en la lejana Revolución de Francesa del siglo XVIII y una de sus fases más vitales en el sufragismo, que desde el final finales del

siglo XIX hasta bien entrado el siglo XX movilizó en muchos países los esfuerzos de las mujeres por la obtención de la ciudadanía formal. Esta lucha también se dio en el Paraguay con varios intentos por conseguir el derecho a voto de las mujeres desde las primeras décadas del siglo XX, demanda que recién se vio satisfecha el 1961. El movimiento de mujeres local resurge del letargo posterior al logro de sus demandas iniciales en la década de los años ochenta, con nuevos grupos y al calor de las nuevas corrientes del feminismo, así como bajo la influencia de la instalación del llamado “tema mujer” en el ámbito internacional, especialmente, a partir de las iniciativas de las Naciones Unidas al respecto. [...] En los años noventa en cuestiones relativas a la situación de las mujeres. A lo largo de dos décadas de incesante de actuación, el movimiento de mujeres del Paraguay fue logrando importantes reivindicaciones con respecto a la legislación, a compromisos internacionales del Estado con respecto a la promoción de la igualdad, al establecimiento de políticas públicas y mecanismos estatales y a la instalación en la agenda pública de temas que nunca antes habían formado parte de las preocupaciones de la sociedad en conjunto.[...] El movimiento de mujeres en Paraguay, tal como sucede en otros lugares, no es un momento de masas. En la mayoría de los casos, se trata de grupos más bien pequeños de activistas reunidas en colectivos de acción, en ONGs de diverso tipo o instancias pertenecientes a organizaciones sociales más amplias o de partidos políticos. La fuerza del movimiento de mujeres radica en su posibilidad de convocar apoyo y voluntades más allá de la pertenencia directa los grupos y, a la vez, esto es posible en la medida en que exista amplitud de expansión de las organizaciones.[...] Un ejemplo de ello está dado por las organizaciones de mujeres campesinas. El movimiento de mujeres del Paraguay, tal como sucede con muchas otras cuestiones de la vida nacional, ha padecido históricamente de una exagerada centralización en la capital y su zona más cercana de influencia, la llamada área metropolitana. Esto no significa que no haya habido organizaciones de mujeres en zonas rurales. [...] A más de las organizaciones de mujeres rurales, hoy en día ya existen en el país organizaciones de mujeres urbanas en otros departamentos del país. [...] Otro ejemplo de la ampliación del movimiento de mujeres se tiene en los comités mujer o de género que gran parte de las cooperativas del país han creado en los últimos años, incluso en las instancias de segundo y tercer nivel que aglutinan a estas organizaciones. El movimiento también se ha visto enriquecido con la entrada en escena de colectivos de mujeres que trabajan en temas que hasta hace muy tiempo eran invisibles y que eran manejados como si fueran inexistentes. Tal es el caso del grupo *Aireana*, que agrupa mujeres lesbianas y trabaja por el derecho a la opción sexual [...] (SOTO, 2004, p. 17-20, n. 172).

Esse que seria o último número da revista impressa, abordou o movimento de mulheres no país, e não o chamou como uma ação de organizações feministas, mas entendeu que o feminismo está interiorizado de alguma forma na luta de mulheres. Nele há a ideia das “ondas” que seriam momentos mais visíveis de demandas do feminismo. Iniciou com o reconhecimento dos direitos políticos e cidadãs com a Revolução Francesa e o sufrágio, e seguiu esse caminho na narrativa apontando para grupos que também ansiavam pelos direitos conquistados no país em 1961. Posteriormente, abordou a década de 1980 e as conferências das Nações Unidas como importantes, inclusive no incentivo do tema “mulher”. O texto seguiu fazendo observações sobre os esforços de grupos de mulheres no país, mas é interessante notar que os centros de estudos e investigações sobre o tema sequer são mencionados no processo da abertura dos anos 1990, como faziam anos antes ao mencionarem a importância de tais estudos para conhecerem as mulheres paraguaias. No texto são citadas as articulações de mulheres

indígenas, camponesas, o grupo Aireana, e as lutas no país, como novos caminhos para o movimento que crescia e se ampliava, saindo de sua centralidade na área urbana da capital e se expandindo para outros espaços.

Esses três textos citados da *Informativo mujer* buscaram historicizar o movimento feminista paraguaio, pensar suas narrativas de continuidade e de descontinuidade, dentro do movimento feminista de forma transnacional, mas também analisaram a história dos feminismos como ondas de fluxo e refluxo, com acontecimentos exteriores como matrizes que também faziam se sentir no país, tal quando trataram da ideia de sufrágio ou das Conferências Mundiais que foram bastante reconhecidas nas narrativas nas revistas como contribuintes na promoção para o conhecimento sobre a mulher. As narrativas das revistas evidenciadas nesse tópico chamaram a atenção sobre um tipo de discurso presente na década de 1980, quando iniciaram as discussões sobre o feminismo nas revistas e nos jornais, com os suplementos feministas, e neles havia o interesse de se diferenciar de ideias entendidas como radicais, e que de algum modo poderiam prejudicar a ação das mulheres organizadas no país. Talvez por não identificarem ou até mesmo de forma intencional para se preservarem dentro da sociedade a qual estavam, um tipo de feminismo foi rechaçado, mas isso não quer dizer que não retomassem suas ideias, até porque os discursos feministas estavam imbricados no período e fazer um corte exato não parece correto.

#### 5.4 O GÊNERO NOS PERIÓDICOS

A palavra gênero emergiu nas revistas paraguaias desde seu início na década de 1980, junto com os estudos sobre a mulher paraguaia, para esboçar as hierarquias nas relações de poder, pautadas na diferença sexual e trazer à cena pessoas que antes eram pouco evidenciadas. O termo foi usado ao longo das publicações no país, e nem sempre explicitavam a sua definição para as leitoras/e, era colocado nos textos como uma palavra comum, mas seu sentido referenciado acima, não era explícito na língua espanhola.

Donna Haraway (2004, p. 209) explicou que a palavra gênero em inglês, espanhol e francês tem sua raiz no verbo latino “generare” - gerar e “gener” - tipo ou raça, mas que sofreu modificações ao longo do tempo. Em espanhol, Marta Lamas discorre que o conceito de gênero, como conhecemos hoje, passou a ser usado no começo da década de 1980, mas com dificuldade de uso, pois sua tradução para o espanhol não possuía a referência a diferenciação sexual, como no inglês, mas a tipificação de coisas, objetos e pessoas. A autora chama esse fenômeno da

palavra gênero nos estudos como “americanização del feminismo”<sup>147</sup>. No Paraguai, através das revistas, quero chamar atenção de que o gênero foi uma categoria que apareceu nas publicações sem muito alarde e se traduziu em quase uma substituição da palavra mulher.

Historicamente o gênero como categoria de análise foi se modificando, mas o conceito remete aos estudos de psicanálise de Jonh Money e Robert Stoller com pessoas “intersexos” e “transsexuais”. Dentro de seus estudos definiram “gender” como uma definição que refletia sobre como o masculino e o feminino era construído socialmente. Porém, nas pesquisas de Stoller e Money, não possuíam uma perspectiva crítica ao sexismo, e em muitos casos a ideia era adaptar o sexo ao gênero<sup>148</sup>. Distinguindo o sexo como tema da biologia e mais próxima da natureza e o gênero como área da cultura, a proposta era entender que as pessoas são produtos de seu meio, mulheres e homens, suas condutas e suas identidades são marcadas pelo gênero, dessa forma não era o sexo que definia a identidade de gênero. Outras áreas do conhecimento adotaram o termo e fizeram suas adaptações, como as ciências sociais, antropologia e, mais tardiamente, a história.

Como sugere Joan Scott, esse termo que apareceu no linguajar feminista há algumas décadas, emergiu entre estudiosas norte americanas e inglesas para introduzirem uma categoria relacional que indicava uma rejeição ao determinismo biológico (SCOTT, 1995, p. 72). Segundo a mesma autora, fez parte das tentativas feministas da contemporaneidade apreender uma teoria e uma definição para as desigualdades entre as pessoas. São vários os trabalhos que circunscrevem a emergência da categoria, dicionários que exploram seus usos devido a importância que essa palavra obteve nas últimas décadas<sup>149</sup>. No contexto latino americano, a categoria se inseriu entre feministas (e não feministas) com força nas ONGs, associadas aos

---

<sup>147</sup> A ideia da autora é que a americanização ou uma marca americana nos feminismos, pode ser vista desde o uso da palavra gênero, que no castellano não tinha o mesmo sentido do que no inglês. A americanização do conceito abriu um novo campo de estudos que teve hegemonia norte-americana, possui uma visão e difundiu o seu uso. A autora indica que o gênero masculino e feminino na língua somente se entendia como categoria gramatical, pois era esse o seu uso, e quem estava atento às discussões das ciências sociais compreenderia esse deslocamento de sentido. Aponta que muitas ocasiões o uso de gênero foi usado para referir-se às mulheres ou para se situar na discussão teórica ou por ter um estatuto mais neutro ou científico, do que falar de mulheres. O uso da palavra foi sendo modificado e na década de 1990, adquiriu protagonismo nas agências multilaterais e internacionais que condicionam empréstimos e seus apoios financeiros a governos que tivessem projetos com perspectiva de gênero. (LAMAS, 2022, p. 166-187).

<sup>148</sup> Cf. (CORRÊA, 2004, CORTEZ; GAUDENZI; MAKSUD, 2019).

<sup>149</sup> Para saber mais do assunto, indico autoras que foram referências para entender como essa categoria foi sendo apropriada em diversos campos disciplinares, tais como Joan Scott (1995), Joana Maria Pedro (2005, 2011), Margareth Rago (2013), Rachel Soihet (2013), Donna Haraway (2004, 2009), porém, faço um adendo de que essa indicação não é definitiva, existem outros trabalhos, inclusive das autoras citadas, que abordam o tema.

organismos internacionais, tais como a ONU, e o cenário dos eventos propiciados pela década da mulher.

No capítulo 2, foi evidenciado os eventos locais, regionais e internacionais que resultaram em espaços de intensificação dos feminismos, com os seus eventos e as suas agendas, e com a divulgação de estudos que também foram apreendidos de alguma maneira. Não é uma preocupação da tese, verificar a arena do Estado e a incorporação da categoria gênero ali, pois verifico a constituição das ONGs e o campo da investigação e divulgação do feminismo, mas é importante ressaltar que muitas feministas passaram a fazer parte como consultoras da Secretaria da Mulher e de todo esse contexto tanto dos eventos, quanto dos estudos e as pesquisas das ONGs<sup>150</sup>.

Na revista *Enfoques de Mujer* os textos que mencionam a palavra “gênero” ocorreram desde seu primeiro número em 1986, geralmente para apontar as distinções entre natureza e cultura, mas as suas aparições eram usuais e sem grandes explicações sobre a categoria. O questionamento ou explicitação do conceito para suas/seus leitoras e leitores ocorreu em alguns textos que irei apresentar. Porém, o gênero também apareceu como uma crítica em alguns textos quando abordaram os “estudios sobre la mujer”, e como as ideias e os discursos estavam sendo usados no país. É principalmente nesses dois caminhos que compreendi a escrita de mulheres do *Enfoques de Mujer*, outro ponto são as matérias que vinham de fora, de pesquisadoras/es estrangeiras/os, que acabaram sendo reproduzidos e que também farei uma sinalização sobre os textos.

Em sua primeira edição as editoras publicaram textos enfatizando como estavam os estudos sobre a condição da mulher na América Latina, e expondo os locais de produção de tais estudos (CUADRO... 1986, p. 32-34, n.1) e outros assuntos que davam o tom de como a revista iria pensar o tema no país. Sobre o assunto, destaco o texto *Un paso mas. Los estudios sobre la mujer*. Ele não possui autoria, mas possivelmente foi escrito por Graziella Corvalán, dado que o trecho apresentado no artigo sobre Paraguai é um comentário da socióloga. Nele evidenciava que no cenário das investigações no país, três temas se faziam principais: a mulher urbana pobre diante do cenário de crise, a mulher rural como produtora no desenvolvimento, a mulher universitária em perspectiva de mudança socioeconômica. Essas características foram frisadas no evento *Seminario regional sobre desarrollo de curriculum y preparación de materiales de enseñanza en estudios de la mujer en la educación superior en América Latina y Caribe* (Un

---

<sup>150</sup> Para um estudo sobre as Coordenadorias de mulheres e feministas no Paraguai, verificar a tese de (SZWAKO, 2012).

Paso...1986, p. 23, n. 1), organizado pela UNESCO, pelo Centro de Estudios de La Mujer, na Universidad de Buenos Aires em junho de 1986.

Desse evento foram destacadas pequenas falas de Catalina Wainerman, Gloria Bonder, Beatriz Shmuker; da Argentina, Fanny Tabak; do Brasil, Suzana Prates; do Uruguay, Elena Urrutia e Virgina Guzman; do México. Todas elas eram investigadoras na temática dos estudos da mulher em seus respectivos países e expuseram suas opiniões a respeito de como consideravam inserir estudos da mulher nos níveis educacionais. No artigo é informado logo de início que os países em que desde meados de 1960 passaram a estudar e analisar a “problemática feminista” se encontravam diante de um novo desafio que era: “poder ganar espacio dentro de la educacion formal e sus respectivos paises. Para nosotros esa es todavía una meta a largo plazo, hay mucho por hacer antes (Un Paso...1986, p. 23, n. 1)”.

Enquanto nesses países, segundo a autora, já se podia discutir como introduzir os estudos das mulheres no ensino, o texto pondera que no Paraguai, isso era algo muito inicial. Graziella Corvalán pontua que para que os estudos pudessem ser realizados em seu país, era necessário “desterrar estereótipos de la tan mentada “liberación feminina”, los que se encuentran tan arraigados en paises con poca tradición social” (Un Paso...1986, p. 23, n. 1). O desafio para o Paraguai naquele período, no que concerne os estudos da mulher eram vários e, como foi já mencionado, foram em espaços fora da universidade em que principalmente tais estudos foram divulgados. E embora existisse o CEPEM na UCA desde 1981, é possível que dentro da universidade católica tivessem menor liberdade de explorar o feminismo do que em outros espaços como as ONG's.

Outros números da revista foram publicados e discussões sobre a maternidade, a mulher popular, camponesas, trabalhadoras, foram aparecendo, alguns usavam o termo gênero, mas não exploravam a categoria. Mas no número 4 da revista, foi publicado um texto da socióloga Maria Jesus Izquierdo, intitulado *Ni toda hembra es mujer*, nele diferencia sexo e gênero, e indicava caminhos para refletir sobre a luta feminista e para abraçar um combate contra a “dictadura de género”, opondo-se a identidade universal “mujer” que acabava por essencializar e remeter ao biológico. Era preciso, talvez, descentrar esse sujeito político universalizante tão importante para o feminismo para se poder avançar, indicava o texto da revista,

[...] El movimiento feminista se alzó en su día contra la jerarquía de los sexos que se expresa en una jerarquía de los géneros, pero estos momentos de halla en una encrucijada. Continuar el camino emprendido, centrándose en la lucha contra el

patriarcado - que se fundamenta en el ejercicio del poder de los machos sobre las hembras de nuestra especie- o bien incorporar objetivo adicional que llevaría a la reformulación de sus objetivos globales: la lucha contra la dictadura del género. Si la lucha feminista es únicamente una lucha de las mujeres, y teniendo en cuenta que no toda hembra es mujer, habrá que replantearse quién es el sujeto de transformación social para el feminismo. Si la lucha en cambio aglutina a los defensores de las potencialidades y valores llamado femeninos, no se hallan excluidos de la misma todos los machos pues los hay femeninos. A mí entender, cada vez es más difícil eludir el replanteamiento de las premisas sobre las que se asienta el movimiento feminista, ya que teniendo su origen en la lucha antisexista, hoy por hoy, su actuación dentro de ciertos sectores obedece a una lógica sexista, pues excluye a todos los machos, sin tomar en consideración que no todo macho es varón ni desea serlo. Tal vez el movimiento feminista ocupa el espacio que le corresponde, y lo que ocurre es que está apareciendo un espacio nuevo que ha de dar lugar a un movimiento de nuevo, el movimiento antisexista, el movimiento contra la dictadura del género (IZQUIERDO, 1987, p. 59, n. 4).

Segundo apontam na revista esse texto foi publicado no jornal *El País*, de Madrid em março de 1984, mas não encontrei a referência desse trabalho publicado de Maria Jesus Izquierdo em outro espaço de divulgação. Esse texto poderia ter sido lido pelo GEMPA diretamente no jornal daquele ano? Selecionado de outra revista feminista? Essas são perguntas que não consigo responder, mas acredito ser importante tê-las em vista, pois indicam um trabalho de escolha dos temas instigantes para serem reproduzidos na *Enfoques de Mujer* e de autoras a serem divulgadas em suas páginas. Uma característica importante da revista é que não era comum nos editoriais comentários sobre trabalhos recebidos ou reproduzidos, porém percebo que as autoras compreenderam a potência que esse texto poderia trazer para suas/seus leitoras/es, como um debate importante na defesa da categoria gênero, visto que a socióloga era uma referência nos estudos.

Esse texto de Izquierdo, é bem provocativo e datado. Está realizando uma reflexão crítica ao movimento feminista e veio na corrente de outras análises sobre os feminismos e ao uso da categoria “mulher”, como uma categoria universal que engessaria ao apontar para o sexo, como ponto de partida para a condição de inferioridade. A autora explicou a ideia de que não nascemos femininas e mulheres ou homens e masculinos e que estas identidades se aproximavam do conceito de gênero, pois nos deixavam ver suas construções, por isso o uso da palavra “ditadura de gênero” como uma imposição sobre os corpos e que o feminismo precisava se reorientar diante dessas provocações para seguir adiante.

Apesar desse texto, que trazia uma reflexão sobre a ideia de gênero e sexo refletindo a opressão ou identidade de gênero como não natural, outro texto publicado na mesma edição, de autoria de Juan María Carrón, explorava uma resposta linear acerca do problema da *Inferioridad de la mujer*. ¿Condición de la naturaleza o cultura?. O autor tem formação na área da teologia

e da sociologia,<sup>151</sup> e seu texto foi publicado logo no início da revista, na página 7, em *Análisis y perspectivas*.

Es evidente que la mujer ha padecido una situación de inferioridad con respecto al varón en la mayor parte de las culturas conocidas y durante la mayor parte de los períodos de tiempo de los que la humanidad tiene memoria histórica. Ha ocupado una posición de segundo plano en el ambiente cultural, en el trabajo, y aún en el seno de la familia donde ha estado subordinada al marido, e incluso a los hijos adultos. La idealización romántica de la mujer, frecuente en ciertas obras literarias y en algunos ambientes cortesanos de la antigüedad no alcanza a disimular la multiseccular discriminación y relegamiento de que ha sido objeto. Una práctica social tan universal y extendida en el tiempo ¿no estará acaso fundada en la misma ley natural? [...] El pensamiento precientífico se consideraba a la naturaleza como inmutable. Por consiguiente los preceptos de la ley natural serían también de carácter inmutable. Pero, al mismo tiempo se incorporaban como características de la naturaleza elementos que se refieren a un particular modo de inserción del hombre en el medio circundante. Un modo de inserción que derivaba de la evolución histórica. El concepto de naturaleza estaba profundamente impregnado de elementos que corresponden en realidad a la civilización y la cultura. Rupturas radicales y en el ámbito de la cultura podrían declarar obsoletas ciertas normas que parecían ligadas a una naturaleza y inmutable y a histórica. En la situación original de la especie humana (vigente en la parte hasta la irrupción de la edad contemporánea), lo que parecía ser natural consistía en realidad en un particular modo de relacionamiento con los recursos naturales y posibilidades de sobrevivencia de la especie. [...] La inferioridad de la mujer era tanto más acentuada cuando más precaria y difícil era la sobrevivencia del grupo o sociedad. Los avances de la mujer en ciertas sociedades o momentos históricos se corresponden con el aflojamiento de la necesidad de emplear el esfuerzo físico humano para la consecución de bienes indispensables a la sustentación del grupo social. Así por ejemplo, en ciertas culturas polinesias donde el sustento podía ser conseguido con muy poco esfuerzo y donde la mujer tenía una posición igualitaria e incluso superior a la del hombre. O la elevación del status de la mujer en ciertos grupos sociales privilegiados (patriciado romano, nobleza del renacimiento) que quedaban liberados de las labores de estricta subsistencia mediante la explotación de clases inferiores oprimidas. Pero estos eran casos aislados, o atípicos dentro de un contexto casi universal de marcada inferioridad de la mujer. La liberación de la mujer y la superación de su inferioridad con respecto al varón sólo se hacen posibles cuando se liberan los procesos de trabajo y de la guerra de la preponderante dependencia del esfuerzo físico humano. Esto sucede recién desde hace un poco tiempo, en la medida en que se aplica la máquina al proceso de trabajo. Época que coincide con el inicio de la difusión de la era Industrial. La máquina, en forma creciente, proporciona la energía para el proceso de trabajo, sustituyendo paulatinamente al esfuerzo físico humano. [...] En nuestro país, por ejemplo, la era industrial apenas se inicia y abarca actores minoritarios de la población. En el sector rural la mano de obra aún no ha sido masivamente reemplazada o potenciada por la máquina. Predominan por consiguiente las pautas de comportamiento de una sociedad agraria y preindustrial. Esto implica aún marcada inferioridad de la mujer que disminuye en los sectores más modernos del área urbana. Se observa una dualidad de comportamientos y de valores que sólo podrá desaparecer con el tiempo. En los sectores rurales y en los tradicionales del área urbana, el trabajo de la mujer, aunque estadísticamente significativo es minusvalorado por cuanto se lo considera como de menor eficiencia, productividad y continuidad que el del varón. La mujer debe seguir soportando una pesada carga procreativa por cuanto numerosos hijos son

---

<sup>151</sup> Juan María Carrón, segundo o site do Centro Paraguayo de Estudios de Población, conhecido como CEPEP, foi um de seus membros fundadores em 1966, juntamente com Domingo Rivarola e outros intelectuais. Na década de 1970 passou a ser membro da Federação Internacional de Planificação Familiar (IPPF). Cf. Disponível em: <https://www.cepep.org.py/nosotros/>. Acesso em 09 jun. 2023.

aún funcionales cuando el proceso de trabajo debe realizarse básicamente como un desgaste de energía física humana. El varón sigue teniendo una neta superioridad en la administración de los bienes familiares, en el acceso a la educación y en el status social.

En los sectores más modernos del área urbana se avanza hacia una equiparación de sexos aunque estén contaminados por valores y pautas de comportamiento que provienen del contexto rural y tradicional. Cualquiera sea nuestra valoración acerca de la era industrial y por lo más que seamos conscientes de sus contradicciones, de sus falencias y sus conflictos, una conclusión se impone: ella marca el inicio de la equiparación del hombre y la mujer (CARRÓN, 1987, p.7-8, n. 4).

Segundo o autor, com a análise da inferioridade da mulher, buscava-se refletir se essa condição era algo imutável, como uma lei da natureza ou não. Nesse texto, a explicação para tal subordinação se ancorava nos recursos materiais para a sobrevivência e na reprodução que são demandas básicas para o progresso da espécie (CARRÓN, 1987, p. 8, n. 4). Carrón fez uma série de generalizações, e a grande ruptura que ocasionaria mudanças em relação a igualdade entre o homem e a mulher seriam decorrentes da industrialização. Segundo o autor, antes da “[...] eclosión de la era industrial, la mayor parte de los procesos de trabajo exigían un considerable esfuerzo físico. Por otro lado las altas tasas de mortalidad exigían un considerable incremento de la natalidad para compensar las pérdidas [...]” (CARRÓN, 1987, p. 8, n. 4). O texto assim como outros não fez referência a leituras e, tampouco, se esse foi enviado a outra revista ou publicado em outros espaços. Ao homem, após a revolução industrial, já não estaria mais reservado o “rol protagónico en la transformación de los recursos naturales y en la satisfacción de las necesidades básica de la especie humana” (CARRÓN, 1987, p. 9, n. 4).

Apesar do texto buscar evidenciar que não era a natureza que relegaria a mulher à inferioridade e a sua desvalorização, apresentou o homem como protagonista da história, demandando a ele todo o esforço de trabalho. O artigo aparece aos olhos de hoje como uma ideia fora do lugar, já que para o autor e também na revista parecia estranho. E no número seguinte da *Enfoques de Mujer* ocorreu uma resposta ao texto de Juan M. Carrón, escrito por Marilyn Godoy Ziogras *La naturaleza no esclaviza. El hombre sí* na mesma área da revista *Análisis y perspectivas*, com o subtítulo: *Intercambiando opiniones*. De início, a autora mencionou “no es mi intención ignorar la situación de inferioridad femenina con respecto al hombre en la mayor parte de las culturas y durante un largo período en la historia de la humanidad, como un hecho cultural, pero basar estos fundamentos en una ‘Ley natural’ ”, como fez, segundo a autora, Juan M. Carrón, “suscita mi reprobación” (ZIOGRAS, 1987, p. 7, n. 5).

Ziogras apontou várias incongruências da leitura de Carrón, trazendo elementos da arqueologia para apontar que nem sempre a “ ‘lei natural’ estabelecida por Deus no momento

da criação, explicaria todas as situações do mundo” (ZIOGRAS, 1987, p. 7, n. 5). Indicou autores como Hegel, Malinosky, M. Sahlins Evelyn Reed, Margareth Mead, para embasar seu argumento de que a história não seguia uma ordem e que nas sociedades nem sempre se estabeleciam laços com base no parentesco de sangue ou que os grupos seguiam os mesmos critérios. Nem mesmo no reino animal, enfatizou a autora, os machos exerciam superioridade sobre as fêmeas em todas as espécies de mamíferos ou o macho que garantiria a subsistência ou somente a fêmea que exercia o trato com filhotes (ZIOGRAS, 1987, p. 7, n. 5).

O último ponto avaliado por Ziogras, para rebater o texto de Carrón, foi um dos mais interessantes e tratou da ideia da liberação da mulher que para o autor viria “gracias a la tecnología que libera al hombre del trabajo agobiador, de caza, de la guerra (?), y permite a la mujer participar con el varón ‘en el rol protagónico’ ” (ZIOGRAS, 1987, p. 9, n. 5)<sup>152</sup>. Em Engels, frisou a autora, o desenvolvimento das forças produtivas levaria a igualdade entre os sexos, mas “la experiencia demostró lo contrario, porque su hipótesis se basó solamente en el aspecto economicista del problema” (ZIOGRAS, 1987, p. 9, n. 5). A autora não concordou com a ideia de que a modernidade traria maior igualdade, para ela a interpretação de Carrón era “sectaria, lineal y simplista. Su visión puede dar una percepción equivocada de los valores rurales” (ZIOGRAS, 1987, p. 9, n. 5), ao qual Carrón fazia uma distinção, sendo a urbana mais igualitária. E sobre esse assunto, a autora apontou que, na sociedade Guarani,

[...] ha sido la elevación del nivel económico, ligado al desarrollo de la agricultura y cría de animales la que creó las condiciones de sumisión de la mujer. La acumulación de riquezas y la concentración de la población, han hecho posible la división del trabajo social y marcó las diferencias del trabajo sexual. De cazadores y pescadores los hombres se convirtieron en pastores, agricultores y artesanos. La acumulación de productos creó la plusvalía que permitió la formación de una clase dirigente. Los reyes, monarcas y soberanos, exigieron un tributo, un impuesto, una mita, lo que significó el sometimiento de la mayoría a unos pocos. Las mujeres fueron puestas de lado de la producción social y económica, generadora de prestigio social. Ellas fueron relegadas a los asuntos domésticos. Su papel consistió en asegurar herederos legales al patrimonio masculino.

La coherencia del análisis, lleva a concluir que las clases sociales donde existe mayor acumulación de la riqueza, la que constituye un patrimonio transferible por herencia, la división sexual del trabajo social está más diferenciada. Este proceso económico no corresponde al nuestro "contexto rural y tradicional". Parece entonces más bien a la inversa de lo que dice el Sr. Carrón, es decir, los sectores rurales y tradicionales se han ido contaminando de valores y pautas de comportamiento que provienen del contexto moderno de la área urbana.

Por último, hay diferentes formas de contar la historia, como también existen diversos puntos de vista con respecto a la lucha de los sexos. No hay ninguna verdad única como no existe una ley natural. No obstante, siempre que se trate de teorías que

<sup>152</sup> A citação referenciada manteve a grafia do texto original de Ziogras, o ponto de interrogação posto no texto em relação aos pontos destacados por Carrón, talvez reforce a inconformidade da autora em relação a forma em que o autor abordou o assunto.

fundamentan discriminaciones es necesario permanecer alerta. La historia ha demostrado que por justificar la sumisión y la dominación se ha llegado a desenlaces catastróficos, en guerras, genocidio y explotación (ZIOGRAS, 1987, p. 7, n. 5).

Esses dois textos mencionados não usaram o termo gênero, mas não poderia deixar de mencioná-los, pois estão discutindo o cerne da questão no período, acerca da opressão da mulher dentro de uma revista de estudos feministas. Apesar de Carrón expressar em certo momento que “la supuesta desigualdad natural era sólo un fenómeno cultural” (CARRÓN, 1987, p. 10, n. 8), seu argumento reforçou a ideia de superioridade masculina em relação a mulher e em vários trechos dividiu e delimitou espaços que nem sempre foram distinguidos.

Por último, gostaria de chamar a atenção para a crítica de Ziogras à leitura de Carrón, a medida em que postulava uma hierarquia entre as áreas rurais-tradicionais e urbanas, apontando a última como mais avançada, no bojo de uma leitura que via na industrialização um ponto de virada para igualdade entre mulheres e homens<sup>153</sup>. Ziogras fazia o oposto, enfatizava que foi justamente a colonização, a imposição de outras normas de viver, que o povo Guarani teve de se adaptar, e a mulher tornou-se, dentro dessa condição, submissa ao homem.

Em seu número 10 de março de 1989, respirando os primeiros ares da saída de Stroessner do país, o gênero emergiu como categoria protagonista em texto de Graziella Corvalán, *El desafío de los géneros*,

En la evolución de una lengua, se encuentran términos que debido al uso dado por sus habitantes, sufren cambios en la connotación de los mismos. Otros que súbitamente, por la mayor frecuencia de uso, van a tejiendo una red de significaciones que han llevado a un mar de confusiones tanto al académico como hombre común. Esto es lo que pasa con términos sexo y género. Siendo el último el tema principal de estas páginas. [...] Sexo definimos a los aspectos biológicos de una persona, como la estructura anatómica, hormonal y fisiológica. Normalmente el sexo es la capacidad de la actividades reproductiva normal determinada por el sexo de la persona: eyaculación, gestación, lactancia. Género es un concepto que refiere a factores psicológicos, sociales y culturales. Es un aspecto material sobre el cual las relaciones sociales de género moldean la forma como la capacidad sexual, se manifiesta en circunstancias históricas concretas. La identidad de género es una de las más básicas definiciones de las personas, la cual no debería confundirse con ‘masculinidad’ y ‘feminidad’ que son estereotipos culturales de comportamiento y actitudes de varones y mujeres respectivamente. Son muy pocas las personas que se preocupan por su identidad de género; pero son muchas las que su luchan por ser suficientemente ‘masculinas’ y ‘femeninas’. Los cambios dados al uso de la palabra género en este periodo de crisis, tiene que ver con él con cambio más generales en forma de pensar sobre nuestra vida cotidiana; sobre nuestras instituciones sociales, económicas y políticas; sobre el tipo y formas de relacionarnos con las mismas, y sobre el papel que

---

<sup>153</sup> Não ocorreu uma resposta ao texto de Ziogras por parte de Carrón, no sentido de continuarem dialogando sobre o tema que parecia muito promissor no campo da teoria. O autor ainda publicou na edição de número 7 de revista o texto *Algunas notas sobre la tercera edad en el Paraguay*, no ano de 1988, e foi seu último trabalho reproduzido nesse periódico.

dichas instituciones desempeñan en el desarrollo y acumulación del conocimiento de la mujer en nuestro país. En general, la búsqueda de enfoques nuevos para temáticas nuevas o viejas hace que se espere algún tipo de pronunciamiento (izquierda, derecha) socio-político tradicional o quizá se opte por las nuevas corrientes feministas de los países desarrollados que abogan por el “maternalismo” como la única posibilidad para salvar el género humano fundamentándose en la superioridad de la mujer aunque al mismo tiempo la vuelva a circunscribir al ámbito doméstico de la procreación. Sin embargo, el mismo término búsqueda implica que la elección todavía no ha sido tomada, sobre todo cuando la preocupación mayor se centra en el binomio mujer y desarrollo. [...] Desde Nairobi, las investigaciones, acciones y publicaciones sobre la mujer vista de uno u otro ángulo han ido en constante aumento [...]

#### **El género femenino como parte integral de la sociedad**

Esto que venimos llamando “desilusión” o “indiferencia” de las ‘viejas’ investigadoras feministas está relacionado muy directamente con el “guettismo” que en un comienzo -y con fuerza todavía existe- se ha dado en relación a los estudios de la mujer. La idea de que la mujer debe ser estudiada por la misma mujer, fue la causa para que sin quererlo, se fuera acotado el horizonte de las temáticas y siendo cada vez más homogéneo el grupo de interlocutoras válidas. La heterogeneidad, es la mayoría de las veces, una fuente importante de renovación y creatividad. Los géneros se encuentran siempre en una suerte de oposición binaria: macho y hembra, masculino y femenino; siempre en orden jerárquico. También las asociaciones simbólicas para cada uno de los géneros han variado enormemente y nos encontramos con: razón versus intuición; ciencia versus naturaleza; explotación versus conservación; político versus doméstico; público versus privado; etc. Sin embargo, en la realidad no son tan claras y simples como parecería ser la connotación lingüística de estos binomios. La realidad sociocultural es más compleja y más fluido los límites de las diferencias y similitudes que separan o unen a hombres y mujeres. Es justamente en esta complejidad donde se encuentra el poder y significado de estas asociaciones simbólicas. Las antiguas y periclitadas ideas sobre los roles sociales balizados en el funcionamiento biológico han dado paso a elaborar teorías sobre una conceptualización social y cultural donde dichos roles sean más justos y equitativos. Nada nuevo hay en todo esto. Lo nuevo quizás esté en reconsiderar la forma de pasar un ‘guettismo’ – y el consecuente el poder ya logrado en la producción del conocimiento y en la praxis – a un estudio más integral de los roles masculino y femenino en sociedades en desarrollo, sin perder o debilitar los espacios tan dificultosamente ganados. Y es éste el desafío de las ‘viejas’ investigadores feministas, así como de las ‘nuevas’ (CORVALÁN, 1989, p. 4, n.10).

Nesse texto Corvalán abordou pontos muito interessantes, primeiro destaco a questão da linguagem – espaço em que geralmente a autora parte suas discussões devido a sua formação em linguística – a ideia de que os usos das palavras se associam a locais e a contextos específicos, e mostrava que não era algo inato, mas que a língua estava sempre em movimento. Tendo essa noção colocada, indicou a categoria gênero como uma possibilidade de entender as construções culturais e as hierarquias, aliás, o uso de gênero no plural, algo que é encontrado em outros textos também, diz respeito ao masculino e ao feminino, mas também se verifica o gênero no singular.

Em alguns trechos Corvalán é generalizante e não ofereceu argumentos para entender as suas afirmações, como, por exemplo, a ideia de que poucas pessoas se preocupam com a identidade de gênero, mas muitos se ocupam em parecer feminino ou masculino. Chamo

atenção para a leitura de Corvalán sobre categoria gênero como um “enfoque novo”, que tinha origem em países desenvolvidos que geralmente se pronunciavam em como se usava a categoria, mas nesse caso a ideia ainda não estava fechada, e no período a discussão central era a mulher e o desenvolvimento<sup>154</sup>. E esse tema tem a ver com as conexões internacionais das quais Graziella Corvalán se colocava e como os estudos no país estavam sendo desenvolvidos.

Outro ponto importante que marcou a escrita da autora era a ideia de gueto, que apenas mulheres estudavam mulheres e que tais perspectivas ficavam às margens, apesar da euforia que os estudos das mulheres causaram em seu início, reconheceram a sua estagnação. Algo interessante, lançado no texto, é a ideia de “circulação da elite feminista” nesses estudos, ancorado na ideia de que as “viejas” pesquisadoras que muito produziram tinham certo olhar de desilusão, mas que a preocupação estava também sobre a “nueva” geração que viria, se haveria ou não uma continuidade de estudos feministas e como esse seria.

Sobre o gênero, destacou que ele operava com aspectos binários, mas a realidade era muito mais complexa e as relações fluídas, dessa forma, talvez, uma superação para o “guethismo” fosse a incorporação dos estudos de gênero no futuro das pesquisas. No país, na sequência do texto, indicou que foi após os anos de 1975, e o impulso da ONU, que as pesquisas sobre a mulher se iniciaram, mas que esbarravam em várias condições de carência, e uma dupla carga “[...] Adentro, es luchar por ganar espacios en todo el contexto sociocultural y especialmente en el académico” (CORVALÁN, 1989, p. 6, n.10), além disso, fazia pouco que se iniciava um período de democracia. Em sua conclusão indicou que em curto prazo elas enfrentavam a exigência da produção com maior rigor científico e ao mesmo tempo, buscavam por “escuálidos fondos destinados a la la investigación en ciencias sociales” (CORVALÁN, 1989, p. 7, n.10).

A ideia de gueto, exposta no artigo, tem relação com o texto “Pesquisa sobre mulher no Brasil. Do limbo ao gueto?” Publicado em 1985, na revista *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas, ao qual a autora fez referência na bibliografia (COSTA; BARROSO; SARTI, 1985). Nesse texto, as autoras buscaram delimitar e entender a área de estudos da mulher no Brasil, principalmente, e indicaram também o impulso da ONU para a visualização do tema. E apresentaram o seminário *A mulher na Força de Trabalho na América Latina* (1978) e o concurso sobre a temática na Fundação Carlos Chagas, como um “marco divisor” dos estudos acadêmicos no país (COSTA; BARROSO; SARTI, 1985, p. 6).

---

<sup>154</sup> Para uma discussão acerca da problemática mulher e desenvolvimento, cf. (SARDENBERG, 2018).

No Brasil, os estudos sobre a mulher tiveram impacto nas universidades, com a formação de grupos de trabalhos e as primeiras revistas científicas, lograram legitimación e se consolidaram ao longo das décadas, mas as autoras ainda consideravam que havia uma espécie de gueto dentro das pesquisas científicas. Graziella Corvalán no texto citado pareceu concordar com as pesquisadoras brasileiras, mesmo quando em seu país a trajetória dos estudos tivessem outra realidade do qual ela mesma demarcou como ponto importante.

No Paraguai, traçando um paralelo, o seu primeiro grande evento sobre a temática da mulher ocorreu em 1987 e os trabalhos publicados se iniciaram nesse período, mas apesar de esforços e estudos importantes que legitimaram as investigações, tais temas não se consolidaram na universidade, os estudos ficaram situados nas ONGs que encontravam diversos problemas de financiamento e recursos humanos, e percebo que se tornaram um gueto dentro de seus próprios centros de estudos dos quais faziam parte.

Graziella Corvalán, ainda registrou certo otimismo em relação aos estudos com as pesquisas com enfoques de gênero, como uma área que poderia fazer dialogar com os estudos. Pouco mais tarde, no ano de 1992, em outro texto retomou o tema no artigo: *¿Qué está pasando con los estudios del feminismo?*

En un pasado lejano, se hablaba solamente de sexo; masculino, femenino, atracción o deseo sexual, sexo en el sentido reproductivo, etc. Es decir, el **sexo** era el destino biológico del hombre y la mujer. Después llegaron las feministas desafiando al sexo patriarcal y demostraron que el sexo en sus sentido reproductivo se usaba y percibía como opresión dentro de la construcción social de la jerarquía masculina para la dominación de la mujer. Las feministas redefinieron lo que el patriarcado llamaba **sexo** y apareció el término **género**. Este es conformado cultural y socialmente y se formó el **género como categoría social** oprimida por el patriarcado. Así surgió la teoría feminista, donde la definición social de sexo era la condición política de las mujeres.

A su vez, la derecha religiosa luchó incansablemente para reducir a la mujer a su **'función natural': hacer bebés**. Por otro lado, la izquierda secular trató de confinarla a otra **'función natural'**, la del recurso sexual, en el más escrito sentido biológico.

Las respuestas de las feministas a las diferentes corrientes ideológicas no fueron claras; algunas, defendieron los derechos reproductivos; otras, lucharon en contra de la pornografía en base a las mujeres; mientras las de más allá, defendían la sexualidad liberal. Estas contradicciones se reflejaron también en el ámbito académico y en la investigación.

Las feministas ingresaron a la universidad tomadas de mano con el activismo feminista visible en el ámbito público: demostraciones, manifestos sensatas denuncias, propuestas, etc. En la investigación, se inició el relacionamiento de la vida de las mujeres con la teoría y la política; de la investigación con la acción. Así fuimos encontrando áreas comunes de preocupación y reflexión, encontrando que el género era la **condición de clase** de la mujer y que el sexismo y el racismo eran hermanos en la discriminación y marginación de la sociedad.

Casi inmediatamente, aparece con fuerza el conocimiento feminista revolucionario. Enseguida se inicia un cambio de perspectiva, los estudios feministas se convierten en los estudios de la mujer (**Womens' studies**). En el norte, y ya en los ochenta, las

académicas se retiran del activismo político y la investigación comienza a retirarse lentamente del feminismo cuya vertiente principal surge de la vida real de las mujeres, de la vida cotidiana.

No quieren ser llamadas feministas porque podrían perjudicar la imagen de sus carreras. *La mayoría de los estudios de la mujer, no usan* el concepto de género para significar cómo el poder patriarcal conforma **el sexo** y la **clase sexual**. La palabra clase desaparece y género no tiene nada que ver con la sexualidad. El deseo sexual vuelve a su carácter eminentemente biológico y se convierte en el 'destino de la mujer' y comienza otra época de la oscuridad para las mujeres ante el avance del liberalismo. Los programas académicos se distancian del activismo feminista; la teoría de la práctica; la investigación se limita a ser una 'ciencia objetiva' y comienza el **desfeminismo de los estudios** de la Mujer. Muchos programas cambian sus nombres a '**estudios de género**'. Sin embargo, el género no incluye la categoría de "**clase sexual**". El feminismo académico sigue fragmentándose, mientras las feministas radicales se vuelvan hacia la comunidad global para construir las conexiones feministas.

El movimiento feminista internacional aparece solamente después de incluir temas "aceptables" en su agenda: discriminación sexual y desigualdad legal; se excluye todo lo biológico: deseo sexual, acto sexual, comportamiento sexual, etc.

Este breve repaso nos da la idea de dónde estamos en nuestro país con respecto a los estudios de la mujer en la actualidad. Evidentemente **no hemos seguido el mismo proceso que se ha dado en los países más adelantados**, que por su misma velocidad e intensidad, sería muy difícil que se prenda en nuestra sociedad y **mucho menos en una universidad tan estancada, pobre y deteriorada como la nuestra**. Reflexionar sobre la misma, no es aportar nada nuevo, ya sabemos muy bien sus causas y por lo tanto sus efectos. **Uno de ellos tiene que ver con la formación de recursos humanos para la investigación científica** en las ciencias sociales en general, y en los estudios de la mujer en particular. Así podemos hablar de **logros y vacíos en la investigación** sobre la condición de la mujer en nuestro país partiendo de fines de 87. Esta fecha corresponde a la publicación del libro **Entre el Silencio y la Voz**, con los principales y más actualizados trabajos de investigación llevados a cabo hasta dicha fecha y sobretodo concebidos desde las perspectiva de género. **Con respecto a los logros, y obviamente fuera de la Universidad y dentro de las pocas ONG's** de investigación, ha habido algunos excelentes estudios sobre todo los aportes, tanto teórico metodológicos como de nuevos conocimientos de la realidad de la mujer perteneciente al sector popular urbano y al sector informal del mercado de trabajo, así como los estudios socio-demográficos **per se**. Aunque algunos de éstos, evidentemente fueron más que nada análisis censales y **surveys**, sin que primara en ellos la óptica de género fundamentalmente, con un par de excepciones. **La cuestión más grave sigue siendo la creciente falta de recambio de los recursos humanos para la investigación** y, por ser consecuente, los estudios de la mujer nos siguen el mismo desarrollo del activismo político en nuestro país. Un vacío preocupante tiene que ver con la evolución y algunas temáticas que ni tan siquiera ha sido llevadas a reflexión: aborto, sexualidad, etc. La pregunta que nos hacemos es: ¿cuál será la tendencia de los estudios de la mujer en nuestro país, considerando la disminución de los recursos provenientes del exterior para los mismos y la creciente estagnación en la formación de investigadores? No tenemos la respuesta todavía, solamente esperamos que no sea una moda pasajera, primando el '**vedetismo intelectual**', ni tampoco un oportunismo político y búsqueda de recursos para el financiamiento de los mismos. Antes que ir a la búsqueda de temas nuevos, perdiendo en dicha búsqueda la **democratización del conocimiento**, es importante **enfaticar el tema de la democracia**, para que el problema del poder no se constituya en el 'bellocino de oro' para la mujer de los noventa, sobre todo considerando las características sumamente **conservadoras de la sociedad paraguaya**, donde el **cambio** sigue siendo un tema tabú y más cuando el sujeto del mismo es la mujer (CORVALÁN, 1992, p. 2-4, n. 22, destaque do autor).

Os dois textos separados por anos de produção seguiram uma linha de exercício crítico de Graziella Corvalán que inseriu as discussões feministas em um cenário mais geral e norte-americano, trazendo para a realidade de um país que recém recuperava a vida política por via democrática. Esse artigo, apesar não historicizar os feminismos e sobre o desenrolar das teorias feministas, segundo a autora, sua inserção ocorreu de forma rápida nas últimas décadas. E nele abordou, as contradições do uso do gênero, que ao ressaltar seu modo científico, afastou o feminismo de seu interior. Se antes as áreas eram de estudos das mulheres, passou-se aos centros de estudo de gênero, mas ao mesmo tempo que se ganhava por um lado, em relação a teoria, se perdia do outro, com um esvaziamento político. Alguns temas foram deslocados, e em outras esferas, o feminismo só caminharia se tivesse uma agenda favorável ou com temas aceitáveis. Dois temas, segundo a autora, estavam fora da mira dos estudos no país: sexualidade e aborto. Verificando os trabalhos do GEMPA, essa gama de estudos parece ter ficado de fora, apesar de aborto ter sido tocado como assunto conectado ao contexto de discussão no país em alguns números da revista.

No país, em relação ao “nós feministas”, foi enfatizado a questão de que as mulheres perceberam que podiam escrever sobre mulheres e refletir sobre o seu cotidiano. Ressaltando, com isso, inclusive realçando a cor da frase, que não se passou pelo mesmo processo de países “adelantados” e por motivos históricos a universidade estava estancada, com poucos recursos disponíveis e de pessoal para a produção científica. Os êxitos dentro dos estudos das mulheres ocorreram fora da universidade, mas diante de um declínio de fundos para a pesquisa, a autora perguntava qual seria a tendência dos estudos sobre mulheres no país?

Ao mesmo tempo em que o gênero apareceu como uma promessa para a renovação dos estudos, ele também insurgiu como uma despolitização do mesmo (COSTA; SARDENBERG, 2014, p. 37-38). Se ao propor os estudos das mulheres na década de 1990, eram visivelmente associadas a militância feminista, o conceito de gênero afastava militantes e as acadêmicas, isso foi notado e registrado em diversos textos de pesquisadoras brasileiras. Joana Maria Pedro (2011, p. 275), inclusive, indicou que o gênero foi acusado de ser “útil a dominação” e havia debates em que se retomava a ideia de categorizar mulher, dessa vez, situada e voltado para seu uso político e estratégico. Cecília Sardenberg (2018) sustentou que a categoria gênero foi (re)negociada durante as reuniões que levaram a IV Conferência da Mulher em Beijing, e mesmo com uma forte oposição por setores conservadores (ver Cap. 2), e pautas deixadas de lado, a plataforma de ação veio à tona.

No período da década de 1990, uma série de críticas não só ao gênero, mas ao próprio feminismo ocorreram, sabe-se que os usos dessa categoria não são homogêneos e tampouco o feminismo o é (BALLESTRIN, 2020, p. 3). E os escritos apresentados nas revistas também indicaram essas percepções sobre as tensões das categorias, da militância e do fazer investigação no país. Mas por não citarem os textos ao qual recorriam, muitas vezes é difícil realizar uma análise sobre a crítica ou sobre a aproximação que realizaram as feministas do país, mas ao que tudo indica nos textos de Corvalán, pela proximidade com os estudos do norte da América, e pela semelhança com do que relatou Joan Scott, sobre a inclusão do gênero e dos *Womens Studies*, percebo que se refletia sobre o feminismo norte americano e como estava o interior dos estudos em relação a categoria (SCOTT, 1992, p. 63-95).

No Paraguai, verifiquei que por alguns períodos foram propostas disciplinas sobre gênero e até mesmo a criação de um *Centro de Investigación de la Mujer* na UNA em 1997. Essa informação foi noticiada pela *Informativo Mujer* (PANORAMA, 1997, p. 10, 101) e pela revista da *Secretaria de la Mujer* (CENTRO... 1997, p.14, n.7), como um dos êxitos obtidos naquele ano. As revistas informaram que foi feito um projeto na Secretaria de la Mujer, encabeçado por Haydée Carmagnola<sup>155</sup> e por Esther Prieto e que o CDE-Área Mujer foi solicitado na elaboração do novo centro de estudos. Indicaram também que o reitor da mesma universidade já havia aprovado a criação da área na UNA. O projeto, segundo a Secretaria de la Mujer, constituía um dos pontos previstos no *Plan Nacional de Igualdad para las Mujeres* (1997-2001) e estava conectado com a agenda de ação de Beijing (1995) (CENTRO... 1997, p.14, n.7). Porém, apesar de tudo aparentemente encaminhado, esse projeto não parece ter vingado, dado que nos números posteriores sequer foi abordado o tema e tampouco encontrei vestígios. Anos depois, foi implantada na UNA um programa de mestrado em gênero, segundo Rodolfo Elias (2015, p. 46), entre os anos de 2000-2006, com a direção de Carmen Colazzo, mas não encontrei dados para além dessas informações sobre o curso de pós-graduação.

Como toda pesquisa possui sua própria seleção e recorte, os textos destacados do *Enfoques de Mujer* não visaram explorar a totalidade de vezes em que a categoria apareceu na revista, mas os textos apresentados trazidos aqui expuseram uma discussão presente naquele período, sobre a natureza da opressão da mulher, a inserção do gênero nos estudos feministas e como definiam esse conceito. Isso também ocorreu na *Informativo Mujer*, mas diferente do

---

<sup>155</sup> Entre as décadas de 1980-1990, Haydée Carmagnola de Aquino foi assessora na Secretaria de la Mujer entre os anos de 1995-1997, foi ministra da mesma no ano de 1998-2003. Ademais, esteve associada a vários cargos no Ministério da Educação na década de 1990, e anteriormente foi professora na Faculdade de Filosofia da UNA. (ANUARIO MUJER 1998, 2000, p. 48)

trabalho do GEMPA, produzido na *Enfoques de Mujer*, foi principalmente nos jornais que circulavam no país que o CDE localizava e reproduzia o debate na revista.

A discussão sobre gênero na *Informativo Mujer* teve uma crescente ao longo dos anos à medida em que o conceito também ficou mais conhecido, de forma que não eram apenas as intelectuais feministas que tratavam do tema. Para a tese selecionei textos que mantinham uma discussão, assim como fiz com a revista *Enfoques de Mujer*, acerca da categoria no país. Nessa leitura e seleção, algumas das pesquisadoras que estiveram no GEMPA, apareceram na revista do CDE, demonstrando persistência em discutir, principalmente sobre gênero. Para manter o equilíbrio das fontes, busquei focar nos textos que abordaram essa inserção da categoria no Paraguai ou que refletiram sobre seus usos.

Em 1992, encontrei o texto, *Perspectiva de género* que buscava traduzir e apresentar a temática no jornal Última Hora, segundo a autora,

Esta expresión ‘perspectiva de género’ es muy común en el ámbito de las ciencias sociales, entre quienes hacen análisis de la realidad desde una postura feminista y en muchas circunstancias en que el manejo de un determinado marco teórico es común a los interlocutores. Sin embargo, hay quienes usan la expresión sin tener muy claro qué significa y quienes confunden ‘género’ con ‘sexo’, siendo que son dos variables diferentes, aunque se entrecruzan. [...] Pero, ¿qué es esta cuestión de ‘género’ de la que tanto se habla últimamente? Es una construcción cultural que da origen al *yo* ‘masculino’ y ‘femenino’ en una sociedad. A ver si me explico: es lo que establece roles, formas de comportamiento, relación con los demás individuos y acción sobre el medio. Esto sí puede variar de una sociedad a otra. De la conjunción sexo/género surge la conceptualización hombre/mujer como ‘individuos de un sexo determinado, a quienes la sociedad asigna funciones a cumplir en ámbitos determinados’. Para Rousseau, el ámbito masculino sería por naturaleza el mundo externo, y el femenino, el interno. Este esquema de ámbitos de acción separados (mujer en relación al ámbito doméstico o privado y hombre en relación al mundo público) se ha ido flexibilizando en ambas esferas ya no son mundos que no se tocan. Sin embargo, no quiere decir que hayan dejado de existir como tales. Más aún, lo privado de la familia y lo público de la sociedad son los dominios de uno u otro género, lo cual no significa que sean privativos de lo mismo.

¿Cuál es el equilibrio hacia el cual vamos? A que ambas esferas igualmente valoradas y que los individuos participen de una u otra libremente, de acuerdo con sus vocación e intereses, pudiendo conocer y disfrutar de ambas (o en ambas) para mayor y enriquecimiento personal y beneficio social, compartiendo roles y responsabilidades de acuerdo con las circunstancias (ROSSATO, 1992, p. 12, n. 44).

Verónica Rossato, autora desse artigo, é formada em Ciências da Comunicação, é de nacionalidade Argentina, mas viveu no Paraguai para se exilar da ditadura em seu país no ano de 1977<sup>156</sup>. Durante seu período de estadia em Assunção, escreveu artigos para FEMPRESS, para vários jornais do país, e teve também textos publicados no *Enfoques de Mujer*. Segundo a

<sup>156</sup> Essas informações foram retiradas de seu *blog* pessoal. Para saber mais: <https://veronicarossato.blogspot.com/search?q=paraguay> acesso em: 17/02/203

*Informativo Mujer*, esse texto destacado foi escrito para o *Suplemento Femenino*. Nele percebo que preocupação central era explicar para leitoras/es do periódico o que seria essa nova palavra que foi introduzida e que muitas vezes era substituta de sexo. Rossato explicitou foi que essa expressão era usada no meio acadêmico e que se diferenciava de sexo (biológico) ao qual muitas vezes se referiam.

Datado de 1990 e com apenas uma página e sem referências, Rossato procurou explicitar que 1- a expressão “gênero” estava sendo mobilizada em seu país, mas que fora do meio acadêmico era usado de maneira atravessada, 2- que a palavra gênero possuía todo um debate acadêmico por detrás e, talvez, com isso, dar maior importância a discussão, trazendo o mérito da cientificidade para respaldar os debates trazidos por feministas, 3- a palavra dizia respeito a construções culturais que muitas vezes definiam o que deveria ser homem e mulher, mas isso era mutável, 4- a ideia flexível do público e do privado também como esferas construídas como fixas, mas que também estavam sendo modificadas.

Desse extrato, publicado na revista, assim como tantos outros textos, pude verificar que a seleção e exposição da *Informativo Mujer*, buscava deixar entender que a pauta feminista e o gênero eram temas debatidos naquele momento, dado que eram discutidos nos jornais de circulação nacional e, portanto, havia um público que buscava saber mais sobre essa expressão. Ao longo da década de 1990 a categoria gênero foi sendo usada no jornal para diversos debates, e exposto na revista, mas nem sempre eram as pesquisadoras que abordavam o tema. O uso corrente e as discussões que eram expostas auxilia a perceber um processo de amadurecimento da categoria no sentido de possibilidade explicativa e não somente uma palavra vinda das ciências sociais e usada apenas nesses meios, talvez uma das possibilidades tenha ocorrido devido a incorporação de gênero na Plataforma de Ação de Beijing que também foi acionada pela *Secretaria de la Mujer*, no Paraguai.

Vários textos exibidos na *Informativo Mujer* apontaram para os novos rumos possibilitados por meio desse conceito, e o gênero passou a ser usado nos jornais para indicar para um novo caminho rumo à igualdade. A exemplo disso, indico duas reportagens do ano de 1994, reconhecido como de Ano Internacional da Família (AIF), em entrevista ao jornal *Última Hora*, Manuelita Escobar (consultora de gênero nas Nações Unidas), informava o plano de ação que visava promover “una nueva función para el padre y marido, en tanto que compañero en igualdad de condiciones de la mujer” (BOGARÍN, 1994, p. 16, n. 60) e sobre a mulher, explicou a consultora, buscavam compreender o papel do setor feminino na família. O plano de ação da *Declaración Mundial sobre la Supervivencia, la Protección y Desarrollo del Niño* para o

decenio de 1990, intervinha para buscar o bem estar da mãe, da criança e refletindo sobre o papel do pai, dentro do que “denomina perspectiva de género” (BOGARÍN, 1994, p. 16, n. 60).

Outro texto, dessa vez do jornalista Edwin Britez, chamado: *Cambio rumbo en el feminismo* para o jornal ABC color, trazia um relato de experiência no evento *Género en el periodismo: un nuevo enfoque*, ocorrido em Quito, no ano de 1994. Britez no início de seu texto indicou “Las mujeres decidieron, por fin, guardar el hacha de guerra y ahora están dispuestas a tratar el problema, conocido mundialmente como el feminismo, de igual para igual con los hombres, bajo un nuevo enfoque: género [...]” (BRITIZ, 1994, p. 14-15, n. 64). Tendo em vista que foi um texto escrito para um jornal, por um jornalista de enfoque político – sem ter sido abordado por uma feminista e fora de um suplemento feminino, geralmente dedicado a essa temática –, a publicação começou desprestigiando o movimento, informando que ao chegarem ao evento “nos dimos cuenta de la trampa que nos tendieron en la recepción de bienvenida descubrimos que deliberadamente las organizaciones (UNICEF e CIESPAL) buscaron integrar con las periodistas para discutir cosas de mujeres” (BRITIZ, 1994, p. 14-15, n. 64).

Essa “trampa”, uma espécie de pegadinha ou cilada, foi descrita por Edwin Brítez, como um empurrão para entender sobre gênero e o feminismo desde as margens da ONU, talvez, se não tivesse sido promovido pela instituição, não teria se envolvido com a temática,

Yendo al tema del encuentro, se debe explicar que el mismo no fue una renuncia reunión casual. Es parte de un proceso de construcción de una red de comunicadores para divulgar el tema de género y tiene como marco referencial la convención de los DD.HH. y de la Eliminación de la Discriminación contra la Mujer, la de los Derechos del Niño y las estrategias de Nairobi para adelanto de la mujer, instrumentos ratificados por todos los países latino-americanos. ¿Por qué un encuentro para periodistas de ambos sexos para discutir el tema mujer? Porque hay una nueva forma de encarar el tema y se considera necesario que los medios de comunicación participen de este proceso. El concepto de género tiene que ver con los conceptos, actitudes y comportamientos diferentes entre hombres y mujeres, a quienes la sociedad asignó espacios y roles diferentes los cuales son evidentemente inequitativos. [...]. Algo quedo bien claro y firme: la voluntad de rectificar el rumbo del feminismo hacia un ángulo menos sensible al poderoso y todavía invencible machismo, pero más accesible a sus interés por el tema del género, donde la reivindicación de las demandas femeninas de ocupa lugar preponderante (BRITIZ, 1994, p. 14-15, n. 64).

O capítulo 2 desta tese abordou, entre outros assuntos, os eventos propiciados pela ONU, e no ano de 1994, o país estava se preparando para Beijing e muitos encontros foram divulgados para abordar a temática e articular demandas. O texto de Brítez seguiu essa linha, como uma possibilidade de discussão sobre a temática, mas que foi algo organizado por instituições internacionais para expor o feminismo dentro de seus próprios marcos, divulgar

uma agenda e uma linguagem comum. É interessante perceber que Brítez não iniciou o texto como algo positivo, aliás debochou em muitos momentos, inclusive dizendo que a mudança de rumo do movimento, com uma posição igualitária não invalidava os enfoques anteriores ou que “fumar la pipa de la paz no era un signo de la debilidad” (BRITTEZ, 1994, p. 14, n. 64).

Além disso, parecia estar desconfortável com a situação, demonstrado isso nas interrogações e nos comentários, como uma cilada a qual teve a missão de participar e divulgar. O texto pode ser visto como uma crítica ao feminismo e as feministas, mas buscava apresentar a categoria gênero. No fim do texto suavizou a “radicalidade” das mulheres e demonstrou um desconhecimento profundo do feminismo, inclusive em seu próprio país. Não obtenho informações se o autor continuou escrevendo sobre a temática, mas nesse texto, ele pontuou que o feminismo estava mudando de rumo ao introduzir a categoria gênero.

Na página seguinte há um texto com marcadores históricos do movimento, também foi publicado na *ABC Color*, mas não possuo certeza se foi escrito por Brítez. Trata-se de uma continuação do assunto acerca do feminismo. Nele se fez uma distinção entre sexo como biológico e imutável e o gênero como características da diferenciação sexual, histórica e mutável, alicerçado também como uma categoria de análise das ciências sociais. Ao abordar as etapas do feminismo histórico, indicou que essa análise foi produzida por Lola Rocha, consultora da UNICEF, que fez uma cronologia do feminismo. Ao começar nos anos 1960, enfatizou esse período como de “virulência” nas ações e nos reclames, com “rechazo, especialmente en los hombres” (BRITTEZ, 1994, p.15, n. 64), ao passo que as décadas de 1970 e 1980, são apresentadas como uma emergência do feminismo no cenário internacional com a interferência da ONU.

Os anos 1990, nessa narrativa, foi marcado pelo enfoque de gênero que “consiste basicamente en no ir a los problemas sino a las causas. La sistematización de gran cantidad de experiencias define claramente que ya no es un problema de mujeres, sino de toda la sociedad, es decir, desigualdad en el trato” (BRITTEZ, 1994, p.15, n. 64) de mulheres e homens. O gênero permitiria uma participação igualitária “para utilizar el recurso humano que la sociedad y el país están perdiendo” (BRITTEZ, 1994, p.15, n. 64).

Já foi apontado algumas vezes nesse trabalho que uma característica no discurso de feministas do Paraguai foi abordar os anos finais da década de 1980, como de emergência de suas lutas feministas, no sentido de articulação de mulheres, e que nos anos anteriores havia uma ditadura que freava a possibilidade de debates e ações no país. Mas é interessante acentuar com isso, que na narrativa das mulheres feministas, foi feito um afastamento dos feminismos

considerados como radicais. E, mais uma vez, no texto referenciado acima, quando se remeteu a década de 1960, o feminismo foi realçado como uma reação virulenta aos homens, como se somente isso definisse o feminismo. No fim, ao buscar validar uma série de narrativas, outras foram incitadas como ingênuas e essencialistas, a ponto de invisibilizar o feminismo daquele período e até mesmo gerar uma apatia a feministas, mas ao se homogeneizar o movimento se apagou experiências e se deu prioridade a uma representação negativa.

Ainda sobre a perspectiva de gênero foi publicado um texto sem autoria, no *Suplemento Nosotras* do jornal ABC color, acerca do *Informe Nacional de Desarrollo Humano* (1995) com perspectiva de gênero, onde reconheciam a desvantagem da desigualdade entre mulheres e homens no país. Sem mencionar o feminismo, indicavam que historicamente o Paraguai passou por guerras e sua reconstrução, enquanto nação, dependeu e muito das mulheres, porém isso não resultou em uma sociedade com igualdade de oportunidades (LA DESIGUALDAD... 1995, p. 16, n. 81).

O texto propôs a ideia de um “teto de vidro” que afastava as mulheres dos setores públicos e de conseguirem direitos, e incitavam a pergunta sobre a causa e como se poderia romper essa barreira. Um dos subtítulos do texto chamado El sistema sexo-género, evidenciou que a discriminação da mulher não era uma “cuestion de maldad masculina [...] Si solamente fuera un problema masculino, la frecuente ausencia del padre en las familias paraguayas no sería un problema, sino una solución” (LA DESIGUALDAD... 1995, p. 17, n. 81). E concluíram que ambos os sexos vivem em uma cultura que constrói e mantém “roles de género”, a língua, os jogos infantis, práticas escolares, tarefas domésticas são exemplos trazidos para frisar o caráter generificado das vidas. É interessante mencionar que nesse texto foi apresentado também a ideia de que a discriminação se cruzava com outras diferenciações como educação, língua, idade, etnia, que na “prática se observen formas de restricción para el ejercicio de los derechos consagrados, que en la práctica representan la más amplias formas de exclusión de las mujeres” (LA DESIGUALDAD... 1995, p. 17, n. 81).

Na área da antropologia cinco pequenos textos sobre gênero escritos por Miguel Chase Sardi foram publicados em formato de série no jornal Última Hora, no correio semanal no ano de 1995. O autor é um antropólogo falecido em 2001, e possui uma vasta produção acerca dos povos indígenas do país. Não há indicações na *Informativo Mujer* sobre a publicação dos textos de Sardí, reproduzidas no ano de 1995, ou os motivos para a preocupação do autor sobre essa temática.

No primeiro texto *Antropología y género I- Estudio de las diferencias biológicas y conductuales entre mujeres y hombres* mencionou logo de início que antropologia de gênero era um ramo novo e que ele retomaria alguns dos poucos textos para explicar ao público do que estava tratando. Para o autor, o gênero remetia “a las diferencias anatómicas, fisiológicas y, sobre todo, comportamentales, entre la mujer y el hombre. La antropología del género estudia a ambos sexos, desde la optica biologica, así como pautas mentales” (SARDI, 1995a, p. 15-16, n. 82) e aspectos culturais. Para facilitar a compreensão das/os leitoras/es ele fez várias distinções sobre algumas definições, apresentando seus significados como em um dicionário (gênero, a antropologia de gênero, os papéis de gênero, os estereótipos, estratificação e o disformismo sexual). E argumentou citando a antropóloga Ernestine Friedl que a natureza biológica de homens e mulheres não deveria ser um limitador, mas uma ampla base sob a qual se poderia construir variedades de estruturas (SARDI, 1995a, p. 21, n. 82).

No subsequente artigo, Sardí indicou que essa área não era “como yo, en mi ignorancia, creía: un antojo de las antropólogas feministas, sino una faceta respetable de la investigación científica, hacia la cual los etnógrafos, antropólogos y sociólogos no habían dirigido su mirada” (SARDI, 1995b, p. 16, n. 82). Para o autor, as mulheres entraram na antropologia em meados da década 1940, e tiveram que ter “nervos de aço” para penetrar o terreno “vedado” para elas, que no caso ficavam submetidas ao olhar do “macho” que dominava o campo de estudo. Na sequência descreveu que meses antes a essa escrita dessa série de artigos, havia publicado um texto onde afirmava que a condição de “evidente inferioridad de la mujer, en la gran mayoría de las culturas, se deba a la gestación, la lactancia y la crianza de la prole [...] Las mujeres y las criaturas estuvieron, durante milenios, a expensas total de los hombres en cuanto defensa [...] cuanto alimentación” (SARDI, 1995b, p. 16, n. 82), segundo o autor essa consideração era afirmada pelos últimos estudos de etnólogos e primatólogos. Ou seja, apesar da entrada de mulheres nessa área algumas décadas antes e os estudos feministas, o autor também trazia consigo uma visão de “homem”, dado que ignorava tais estudos. Sardí destacou que desde meados dos anos 1970, antropólogas denunciaram o machismo nos estudos frisando que “las ultimas brillantes investigaciones de las antropólogas, a instancias de la revolución feminista, han descubierto, indudablemente, este sesgo machista en las ciencias sociales, que distorciona las descripciones y las teorías” (SARDI, 1995b, p. 17, n. 82).

Esse novo olhar para o campo de estudos e de interpretação em seu texto, apareceram ao longo dos cinco textos publicados no jornal *Ultima Hora*, onde abordou o tema da cultura machista no Paraguai e os prejuízos desse olhar que “distorsiona la visión de los hombres”

(SARDI, 1995c, p. 17, n. 82,). Feito as ressalvas necessárias, o autor passou ao campo dos estudos sobre povos originários em seu país, e também denunciou a mirada de autores que buscavam defender a ideia de uma superioridade cultural sobre os povos. Nesses artigos ainda trouxe reflexões sobre simetrias e assimetrias de gênero em diferentes povos do Paraguai, porém o autor em seu artigo final indicou, “sería bueno que otro, más entendido que yo - que soy nada más ni menos que un diletante-, nos exponga cómo las ciencias, biológicas, psicológicas y sociales prueban que la mujer no es física ni mentalmente inferior al hombre, sino sólo diferente” (SARDI, a. 7, 1995d, p. 18-19, n. 82).

Os estudos de gênero como uma categoria importante na discussão antropológica no país era algo recente, e os textos de Sardí, reproduzidos na *Informativo Mujer*, demonstraram certa relutância do autor em aceitar discussões provenientes dos debates feministas. Dentro da antropologia são diversos os trabalhos que tiveram grande impacto para os estudos feministas e de gênero, e a discussão sobre oposição entre natureza-cultura, foi um dos grandes motores de debates (MAIZZA, 2017, p. 103-135). Sardí citou diversas/os autoras/es para explorar temas de discussão da antropologia em questões relativas aos povos paraguaios e as relações de poder entre mulheres e homens. Nas obras do autor, não encontrei dados que indicassem que o citado intelectual fosse um pesquisador identificado com feminismo ou divulgador do mesmo, e como o texto sugere, essa área de pesquisa não era um campo pelo qual o autor se aventurava, mas que passou a refletir naquele contexto específico em que o gênero era um tema em debate<sup>157</sup>.

No Paraguai, percebi ao verificar as revistas, que ocorreu um uso especializado de gênero desde as instâncias como as ONGs e do Estado, principalmente por seus vínculos com as agendas globais, mas isso não foi perpassado sem alguma reflexão por parte de autoras paraguaias. Temas questionando a masculinidade desde a categoria gênero também apareceram<sup>158</sup>, assim como textos que anunciavam identidades “trans” reveladas em casos de violência<sup>159</sup>, em que a discussão trazida evidenciava uma perspectiva de gênero. Essa palavra, gênero, foi sendo inserida nos jornais como mostraram as revistas exibidas na tese, mas pouco obtive informações sobre a recepção do termo. Pude verificar um certo afastamento da categoria

---

<sup>157</sup> Para saber mais sobre etnologia, antropologia e os estudos gênero com enfoque feminista, sugiro trabalhos de Gloria Scappini. Cf. (VERA, 2015, p. 294-297, n. 12; SCAPPINI, 2019).

<sup>158</sup> Cf. (CARRIZOSA, 1999, n.119, p. 25-26, MOLINA, 2001, p. 17-21, n. 147, ANTÚNEZ, 2001, p. 22-23, n. 148).

<sup>159</sup> Cf. (MARTINEZ, 1998, p. 10, n. 112).

com a ideia de feminismo e a tensão com a categoria gênero certamente existiu entre os conservadores, mas não foram temas visualizados entre os números da revista<sup>160</sup>.

A crítica ao gênero e a categoria mulher no país, dentro do feminismo, como uma reflexão sobre o uso das categorias, começou a aparecer em meados dos anos 2000. Sobre o assunto, destaco dois textos editoriais que enfatizam questões na revista,

La Conferencia Mundial de las mujeres en Beijing en 1995 se constituyó en un espacio muy importante para las mujeres, pues los países del mundo, entre ellos Paraguay, se comprometieron a llevar adelante planes y políticas públicas que promuevan a la igualdad para las mujeres en todos los niveles. [...] En ese contexto se afirmó el compromiso de los gobiernos de introducir la perspectiva de género en las políticas del Estado. Se acuñó así el concepto de lo que hoy se conoce como el con el término *mainstreaming*, que “se fórmula como una estrategia que sitúa las cuestiones sobre igualdad entre los géneros y en el centro de las decisiones políticas más importantes, de las estructuras institucionales y la asignación de recursos más relevantes incluyendo los puntos de vista de prioridades de hombres y mujeres en la toma de decisiones sobre los procesos y objetivos de desarrollo”. Según este concepto, se debería integrar a las mujeres, buscando la igualdad, en toda la estructura organizativa de las instituciones, desde la concepción misma de los objetivos y fines principales de las políticas del Estado hasta las acciones mínimas que desarrolla cada institución estatal.

Actualmente existe un cuestionamiento justamente al concepto de *mainstreaming* de género, porque “desde una perspectiva feminista ‘mainstreaming’ fue una mala palabra hasta los años 90. ‘Solamente los peces muertos se mueven con la corriente’, se decía. El feminismo no quería ser un movimiento de la corriente general, sino una crítica radical, estaba contra las normas para rechazar cualquier pretensión definitoria respecto al camino correcto. Sin embargo, *mainstreaming* se usa cada vez más como sinónimo de que las mujeres deberían sumarse a la corriente general (*mainstreaming*) o deberían ser integradas a ella”. Según esta crítica, al decir que existe una corriente general a la que las mujeres deberían sumarnos, se pierde el carácter cuestionador que el movimiento feminista planteaba en un principio a luchar por la igualdad de género. Un ejemplo de ello puede ser la forma en que se van incluyendo a las mujeres en las políticas públicas, ya que si es bien cierto que es un avance que ahora también “se piense en las mujeres” del Estado, a la hora de elaborar planes y programas, la mera inclusión no puede ser la meta para conseguir la igualdad, porque con el desarrollo de programas y proyectos “dirigidos a mujeres” no se pueden cambiar las estructuras que históricamente nos han discriminado; hace falta mucho más que eso para el lograr igualdad.[...] Desde el movimiento de mujeres hemos iniciado ese cambio (donde obtuvimos muchos logros) trabajando, acompañando y presionando para inclusión de perspectiva de género en las políticas del Estado, pero, ¿será que, inclusive nosotras mismas no nos perdimos en esa corriente general (*mainstreaming*) que nos desvía de aquel cambio que queríamos, mimetizadas cada vez más con las estructuras estatales y perdidas en las marañas burocráticas de las instituciones? Las críticas y cuestionamientos a nuestras acciones nos pueden ayudar a seguir con el empeño para lograr y cambiar nuestra sociedad (UNA CRITICA... 2001, p. 3, n.149)

---

<sup>160</sup> Na última década, assim como em outros países, a categoria gênero vem sendo perseguida, censurada e reutilizada por grupos conservadores. No Paraguai o tema parece ter vindo à tona quando o tema foi vetado da discussão do sistema educativo público pelo Ministério da Educação. Cf. (ELIAS, 2015, p. 48-49; MISKOLCI, Richard; CAMPANA, 2017, 725–748, n. 32).

Começando pelo ano de 1995, no evento em que estiveram várias mulheres paraguaias, inclusive pesquisadoras do CDE, apontaram que o gênero foi um ponto de estratégia e instrumento adotado para instituir políticas com essa perspectiva. No contexto da escrita, dois pontos foram abordados, um que apontou o *mainstream* como um desagregador do feminismo e outro que entendeu a possibilidade de uma agenda global, ao qual mulheres deveriam se incorporar. No texto as autoras se colocaram como parte da luta que inseriu desde o Estado perspectivas de gênero nas políticas do governo, mas se questionou se ao entrarem nessa corrente, acabaram seguindo o fluxo sem realizar as mudanças que tanto buscaram.

Essa inquietação é uma constante na escrita das mulheres organizadas, uma estratégia discursiva? Talvez. Não chegaram a um consenso, mas evidenciaram que através das ferramentas disponíveis conseguiram algumas conquistas, apesar de não modificarem muito do que gostariam. Na escrita há uma certa ambiguidade na dúvida colocada por elas em “será que nos perdemos?”. O certo é que desde o marco aventado pelas pesquisadoras do ano de 1987, as mulheres no país, se inclinaram em modificar as leis, promover eventos, e conquistaram espaços dentro do organismo do Estado para promoverem discussões de gênero e igualdade. Algumas, também se colocaram se identificaram com o feminismo dentro das coordenações de mulheres no país, outras, não. O importante aqui, não é enfatizar a ideia de um oportunismo discursivo, mas mostrar que a reflexão sobre a própria atuação delas, estava na ordem da escrita.

Uno de los principios fundamentales del feminismo es la democracia, y se habla sobre todo de la igualdad de oportunidades, sin embargo, muchas veces nos equivocamos cuando suponemos que al hablar de igualdad de oportunidades, porque en general “todas” no incluye realmente nuestra diversidad como seres humanos. En una discusión del Equipo Informativo Mujer, recordando la manifestación en reclamo de tierras de las organizaciones indígenas en Asunción, nos preguntábamos por qué nos resulta tan difícil escribir en el Informativo Mujer sobre este tema: “si siempre nos hacemos eco de las actividades del Grupo de Acción Gay-Lés – dijo una-, por qué no hacerlo también de los reclamos indígenas”, a lo que otra respondió: “lo que pasa es que las lesbianas son mujeres”. La obvia respuesta que nos hizo esperar fue “las indígenas también”. La idea de una identidad única de las mujeres conduce permanentemente a la reproducción de un sistema de exclusión según las “otras identidades” que emerjan, así, la de raza u opción sexual, también las de clase o de generación, operando un sistema de oposiciones binarias similar al que mucho te critica desde el feminismo. Quizás uno de los retos más importantes que tiene que enfrentar hoy el feminismo es el de aplicar en la cotidianidad el concepto de diversidad y romper la dinámica de las oposiciones binarias. No se trata de un tema nuevo, pues las feministas decimonónicas discutían con los y las marxistas si la lucha por la igualdad de las mujeres se anteponía a la de clase. ¿Qué es primero? – decían- ¿ser mujer u obrera? ¿Qué es primero, lesbiana y luego mujer? ¿Indígena y luego mujer? ¿Campesina heterosexual y después mujer? Durante el proceso preparatorio a Beijing el tema de la diversidad se volvió como una de las tensiones más fuertes dentro del feminismo latinoamericano, cuando sobre todo las mujeres negras trajeron con mucha fuerza reivindicaciones desde su negritud, y más adelante, en el Foro Mundial de ONG’s en Huairou (China, 1995) el tema central en la Carpa de Mujeres de América

Latina fue el de la diversidades. [...] Porque ¿cómo podremos constituir un espacio amplio e inclusivo si sólo apelamos a una identidad primaria que a la vez legitima el sistema binario de poder? [...] Neus Compillo, catedrática de la Universidad de Valencia se planteaba acerca de qué tipo de identidad política tendría que ser la ciudadanía para que sea posible no excluir a ningún sujeto, y al mismo tiempo afirmaba que necesariamente tenemos que pasar por una transformación de las relaciones cotidianas que haga posible la afirmación de la individualidad de las mujeres, y conseguir que la afirmación de su identidad, sea desde su propia libertad y no desde una identidad de lo femenino construida desde la exclusión. Reconocer las diversidades, respetarlas y sobre todo que ellas no se expresen en términos de desigualdades es fundamental, pero sin perder de vista que la identidad no es el fin sino el principio y que la meta es trascender las diferencias, que ellos no sean un dato relevante. En ese sentido, la práctica individual de muchas mujeres y de grupos de mujeres que promuevan nuevas formas de entender “lo femenino” hace pensar que un cambio se está produciendo y el debate contemporáneo y las alternativas desde los diferentes feminismos son muy enriquecedores” (LA DIFICULTAD... 2002, p. 3-4, n. 157).

Esse texto seguiu os outros que também evidenciaram a categoria mulheres para repensar o feminismo: quem eram as mulheres divulgadas na revista? Quem era considerada mulher na narrativa? As mulheres camponesas e indígenas eram faladas na revista, não era uma novidade, mas certamente, a reflexão desse editorial evidenciava o ponto nevrálgico da categoria mulheres, a ideia de inclusão e diversidade. Algo que já vinha vindo à tona na década de 1990 (inclusive na *Enfoques de Mujer* quando abordaram o feminismo estadunidense e suas tensões<sup>161</sup>), mas que foi retomado na *Informativo Mujer* na forma de autoanálise. Talvez a ideia fosse trazer para o escrito as tensões dentro do feminismo e acentuar que elas também estavam refletindo sobre suas táticas na ideia de diversidade e das diferenças, e concordavam com a ampliação da ideia de sujeito político do feminismo para incorporá-la também no conceito de cidadania — tão caro ao feminismo paraguaio que buscou sobretudo políticas de inclusão para mulheres.

O texto refez o caminho com os eventos da ONU, e como observei, é algo latente na estrutura narrativa do feminismo paraguaio, inclusive para legitimar e historicizar suas lutas. Como venho buscando mostrar, esses espaços de divulgação e de construção de conhecimento intelectual formularam ideias que circulavam na sociedade paraguaia, dado a reação que abordei na seção anterior, as ações feministas incomodavam setores conservadores do país, e usaram os impressos para realizarem suas defesas.

---

<sup>161</sup> Estes dois textos mencionados abordam tensões do feminismo durante a presidência de Reagan e tratam do conservadorismo em relação aos feminismos, além de tocarem em alguns momentos no problema na categoria usada por eles, assim como a agenda a qual alguns grupos se utilizavam. Foi uma opção metodológica não evidenciar estes textos para priorizar escritos sobre o Paraguai e por paraguaias/os. Cf. (OPPENHEIM, 1989, p. 6-11, n. 11; LOS MITOS... 1992, p. 34-41, n. 24).

Os textos selecionados mostraram que os discursos sobre o gênero e o feminismo nem sempre estiveram imbricados, mas muitas vezes foram usados por feministas com viés de luta para conquistar direitos e entender as relações assimétricas de poder. No país ocorreu uma tradução da palavra gênero que substituiu a categoria mulher nos textos apresentados, e também foi evidenciado que o conceito foi usado como uma forma de se desvencilhar discursivamente do feminismo radical, ao falar de gênero, muitas vezes apagava-se a radicalidade da palavra, não o associando ao feminismo. Isso também fez com que pessoas conservadoras e instituições se apropriassem da palavra para frear pautas progressistas ao longo dos anos 1990.

Diferente de outros países a institucionalidade dos estudos feministas e de gênero não atravessou o ensino acadêmico, apesar de tentativas entre os anos de 1990 e meados de 2000. A linguagem de gênero adentrou várias áreas do saber e foram instrumentalizadas, principalmente, através das ONG's e por meio de mulheres foram incorporadas pelo Estado sendo incluídas em leis e projetos. Os textos publicados nas revistas, escritos ou não pelas intelectuais associadas ao GEMPA e ao CDE, apontavam a necessidade de maior diálogo entre a pesquisa e a prática cotidiana, além da centralidade de recursos financeiros para que tais trabalhos fossem efetivados. Na maior parte dos textos que refletiram sobre os estudos no país, era levantado esse problema, além de mostrar que o caminho do feminismo latino americano encontrava no país suas interlocutoras do passado e daquele presente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer as perguntas feitas na introdução e verificar se essas foram respondidas é o que se deve fazer nas considerações finais. Porém, ao finalizar uma pesquisa, é sabido que silêncios e faltas fazem parte do caminho da pesquisa. Nessa reflexão, buscarei apontar para essas duas situações, tratando de assinalar os limites da tese. Eram nove o número das questões que constituíam a problemática geradora dessa investigação. Essa tese tratou de evidenciar como ocorreu o campo de ação intelectual no Paraguai ligado ao feminismo, enfocando para isso nos dois principais centros de pesquisa, onde emergiram as revistas e os discursos sobre o feminismo no país.

No primeiro capítulo busquei responder as questões colocadas acerca dos espaços de investigação no país. Observei que em vários momentos emergiram institutos de pesquisas associados à história nacional, oficial e de certa forma, revisionista, dado o passado de conflitos bélicos que exterminou grande parte da população paraguaia. O *stronismo* e sua modernização conservadora também foi um fator para desmobilizar estudos históricos que problematizavam o presente e o passado. A universidade ficou estancada durante os 35 anos de regime, apesar da criação da UCA e de novos cursos, como bem sinalizou Domingo Rivarola, esses espaços foram muito controlados e censurados, mas mesmo assim, havia resistências e táticas para burlar a repressão.

Na década de 1980, associada aos acontecimentos internacionais do feminismo, emergiram os grupos de investigação sobre a “mulher paraguaia”, o primeiro deles dentro da *Facultad de Ciencias Jurídicas y Diplomáticas* da UCA, o CEPEM em 1981, e o GEMPA em 1986, dentro do CPES. Sobre o CEPEM quase não há informações nas revistas e nos livros, mas atuaram principalmente na promoção dos direitos das mulheres, com base nas leis nacionais e tratados internacionais. Com a tese entendi que a criação do GEMPA teve uma associação maior ao campo da sociologia, visto que estava conectada ao grupo do qual fazia parte. E as narrativas de criação do mesmo, associavam-se as conferências promovidas pela ONU. A proposta de produzir uma revista a *Enfoques de Mujer*, serviu nesse caso, como uma exposição dos trabalhos realizados pelo GEMPA, mas também deu espaço para diversos tipos de publicações. A intenção desse periódico, desde seu início, foi analisar os acontecimentos do país a partir de um praxis-feminista.

Já a narrativa de criação da Área Mujer-CDE em 1988, estava em parte associada a resistência ao *stronismo*, dado que o discurso institucional do CDE evidenciava o ato de

censura, perseguição e clausura que levou a finalização dos trabalhos do *Banco Paraguayo de Datos* em 1983, como um antecedente do CDE que foi fundado em 1985. A área de estudos feministas, em sua outra parte, é conectada ao núcleo e aos financiamentos de estudos sobre a mulher no país, como frisei, o projeto que foi feito para a criação do CDE-Área Mujer foi escrito por Benjamín Arditi, mas Line Bareiro uma das fundadoras, já tinha uma trajetória junto a grupos de mulheres em Assunção. Ao criarem a Área Mujer, abraçaram diversos projetos dedicados ao estudo das mulheres no país, como o centro de documentação e biblioteca, além de terem promovido eventos, lançado livros e as revistas *Informativo Mujer*, *Anuario Mujer* e *La Micrófona*.

Entre o final da década de 1980 e 1990, vários foram os projetos que contaram histórias de mulheres no país, e evidenciaram organizações do início do século XX, com os pensamentos de mulheres sufragistas e apresentaram documentação que historiadores não buscavam exibir nos seus escritos. E, inclusive, nos trabalhos posteriores passaram a indicá-los, quase que obrigatoriamente, devido ao pioneirismo do trabalho organizado pelos estudos da mulher. Porém, apesar da euforia dos trabalhos com a (re)descoberta de mulheres intelectuais do passado, os projetos na área de história foram estancados por falta de recursos, e como salientei, foram poucos os trabalhos que foram feitos à posteriori nos anos 2000.

Os financiamentos para a produção de pesquisa e a falta dele, também fizeram com que muitas organizações deixassem de existir e seus acervos dependessem de recursos externos, sem um destino final assegurado. Um dos limites dessa tese, além da distância evidente do local de produção dos eventos aqui tratados, foi justamente o acesso a documentação sobre os núcleos e sobre as pessoas que dele fizeram parte. Uma das vontades desse trabalho era identificar as integrantes e suas escritoras, mas é incrível que sobre várias delas não se tem informação disponível, apesar da importância que muitas mulheres exibidas tiveram. Essa, aliás é uma lacuna e uma denúncia que fazem muitas pesquisadoras feministas, às quais junto minha voz, sobre o apagamento da trajetória das mulheres que sem pesquisa e recursos ficaram realmente esquecidas.

As mulheres que participavam do CDE e do GEMPA tinham formação acadêmica e viviam na região de Assunção, a maioria delas estudaram na UCA e na UNA. No CDE, percebi que o grupo foi formado por profissionais de várias áreas, como as carreiras de comunicação social, jornalismo, ciência política, psicologia, sociologia, história, direito, entre outros possíveis, dado que durante os anos estudados, as revistas pontuaram que havia bastante movimento de integrantes no grupo. O GEMPA tinha em seu quadro um pequeno número de

sociólogas que assinavam a revista, possivelmente o quadro de participantes fosse maior, mas as mulheres que organizavam a revista (1986-1994) se mantiveram com Graziella Corvalán, Mirtha Rivarola e Olga Zarza. É importante salientar que no CPES, por ter um programa de pós-graduação em sociologia e ser um núcleo antigo (1964), também mantinham uma rede de contato com pesquisadoras/es de outros países e que havia diversas publicações na *Revista Paraguaya de Estudios Sociológicos* (RPES), como mostrou o trabalho de Lorena Soler, e inclusive com artigos escritos por feministas reconhecidas, como Elizabeth Jelin e Julieta Kirkwood.

Como foi evidenciado, esses grupos e suas pesquisadoras atuaram em um contexto em que se estavam alinhando os discursos feministas, assunto tratado no capítulo 2, e os eventos que ocorreram tanto internacionalmente, quanto nacionalmente, tiveram o seu impacto. No ano de 1987, foi apresentado no discurso das revistas, através de suas feministas, como do início da luta das mulheres com uma pauta comum. Não que houvesse nos dois encontros pela *Igualdad ante la ley* uma discussão sobre os feminismos, esses eventos foram espaços usados para discutirem as leis que compuseram o código civil paraguaio e, as mulheres organizadoras do evento, recorreram a pautas do movimento internacional, após a ratificação do tratado do CEDAW para fazerem a discussão no país e recrutarem mulheres.

Nesse momento, entre os eventos nacionais (1987, 1988), entendi que havia o início de uma discussão feminista, mas que os debates se alinhavam, principalmente ao discurso da modificação das leis, talvez por serem espaços emprestados pela Igreja e viverem ainda sob o signo da censura, ou por entenderem que aquela discussão conclamaria mulheres a integrarem ao debate. Em sua maioria as participantes e o seu público alvo foram as mulheres urbanas, o que gerou atrito sobre a representação da mulher paraguaia que integraria essas lutas. Algo que ficou evidente na narrativa foi a relação de tensão entre as mulheres intelectuais que participavam de grupos como o GEMPA, o CEDHU, o CEPEN e, posteriormente Área Mujer do CDE e as mulheres que vinham de partidos políticos.

O Grupo *Taller-Fam* (de mulheres de associações políticas) também realizou um evento, o *Encuentro-taller* no mesmo ano de 1987. Nesse encontro ofertaram pautas e linguagem ligados as mulheres e ao cotidiano, e buscaram problematizar temas como a carência da educação, o acesso ao prazer, o impacto da religião, o mercado de trabalho, os meios de comunicação, entre outros assuntos. Apesar da importância e relativo sucesso do evento, apresentado nas narrativas, o grupo logo depois se desfez e não deram continuidade a outras oficinas.

Nesses eventos, algo que foi pontuado nas revistas e nos livros, e chamou a atenção, foi o problema da linguagem que muitas vezes era inacessível ao público que não tinha formação acadêmica e a língua em si, dado que muitas mulheres falavam e liam Guarani e a língua oficial dos encontros, ao que parece foi o Espanhol. Na revista, dado que não tive acesso a memória escrita dos eventos, indicaram que essa era uma demanda, os documentos dos eventos escritos em Guarani para que pudessem acompanhar as discussões. Para além da língua, havia também os problemas de classe e etnia que foram pontuados por mulheres camponesas e indígenas, que evidenciaram os seus incômodos com o discurso feminista ocidental incorporado a fala de mulheres do país. Ademais, havia o problema do local de produção dos eventos e de como tais ideias chegariam até o interior do país, dado os recursos que tinham no período. Em sua maioria, os encontros aconteciam na capital, com exceção de quando alguns momentos em que conseguiam financiamento para expandir o público para outros espaços e se moverem pelo país.

Outras tensões apareceram, para além dessas, e ocorreram entre as mulheres consideradas feministas/não feministas/políticas/intelectuais, e sobre quem poderia falar sobre as mulheres. O conflito emergiu nesse contexto dos eventos, mas se fizeram transbordar após a criação da Secretaria da Mulher (1992), devido a conflitos em relação ao reconhecimento e acesso aos locais de poder e oportunidades de proporem políticas para mulheres desde o Estado. Os periódicos e os livros evidenciaram o problema. Nas revistas *Enfoques de Mujer e na Informativo Mujer*, as intelectuais se armaram com a defesa do local de saber, como produtoras de conhecimento científico feminista e que por estarem nesses espaços, não recebiam influência dos partidos, produziam conhecimento mais próximo do verdadeiro e do neutro, dado ao compromisso científico. As mulheres que vinham de uma atuação nos partidos políticos, e que também se consideravam feministas, acusaram as intelectuais de se fecharem em seus núcleos e não buscarem compartilhar os espaços, mas tomá-los pra si. Pouco depois, apesar dos acontecimentos e do ressentimento, trabalharam nos setores do Estado. Em meados de 1994, o CDE e o GEMPA atuaram em conjunto com a Secretaria da Mulher, e também fizeram parte da CMP que aglutinava as diversas ONGs do país. Posteriormente estiveram associadas à Secretaria da Mulher para organizarem os eventos para a IV Conferência Mundial da Mulher em Beijing.

Os discursos publicados nas revistas do Paraguai nasceram nos textos associados aos estudos que buscavam conhecer, levantar dados, modificar leis opressivas sobre a mulher, e conectados a uma dinâmica atravessada pela internacionalização do movimento feminista com

organismos internacionais que financiavam trabalhos dedicados a esses temas. As narrativas encontradas e que foram selecionadas nessa tese, são múltiplas, por vezes, aproximavam-se e afastavam-se de uma ideia de feminismo radical, que nos textos reproduzidos aqui seriam os que questionavam o lugar central do homem na opressão da mulher. Porém, apesar de exibirem em seus textos que o antifeminismo no país estava embebido de um discurso associado a uma ideia do feminismo radical, as autoras não tentaram demolir essa corrente de pensamento, apenas buscaram visualizar alguns pontos e se afastar deles discursivamente, talvez para se protegerem. Entretanto, como observei a palavra “radical” foi usada muitas vezes para qualificar as feministas que os centros de investigação entendiam como pioneiras do pensamento feminista do país, a escolha da palavra, nesse sentido tinha mais a ver com o desobedecer dentro das normas e exercer um pensamento outro, do que promover uma mudança do *status co*.

As identidades feministas levantadas nas décadas de 1980 e 1990, nas revistas, buscaram reforçar narrativas “mais amenas”, tratando principalmente de temas sobre a modificação de leis e associadas a agendas internacionais. E muitas vezes, não entravam numa discussão que pudesse ser percebida como conflituosa. Diversos foram os textos que armavam uma defesa do feminismo e das feministas, e afastavam narrativas que pudessem ser negativas para os objetivos dos grupos. Nesse sentido, havia táticas de sobrevivência e também exposição das ideias feministas, que vinham de publicações de outros locais e de outros centros feministas. Através dos textos pude perceber que foram publicados muitos escritos de outras mulheres e homens que tratavam do tema da condição de discriminação da mulher, sobre os feminismos e sobre o que era ser uma feminista. Porém, também ocorreram tensões e essas apareceram nas páginas das revistas, como no momento em que discussões sobre a sexualidade, o divórcio e o direito reprodutivo foram colocados em pauta, e a Igreja e grupos conservadores, entre os anos 1990 e 2000, incitaram uma reação contra as feministas em seus discursos. Como foi mostrado, dizer-se feminista era assumir uma identidade que no país, não era vista com bons olhos e nas revistas essa questão atravessou as suas publicações

As narrativas apresentaram locais comuns de sentimentos feministas, dores, felicidades, solidariedade e medo, porque os discursos também evidenciaram emoções, mas também percebi que buscou-se exibir algumas feministas nas revistas que tinham conexão com a prática paraguaia de atuarem no campo da modificação de leis e na criação de políticas públicas. Como explorei, os feminismos, não tiveram muito espaço nas revistas para a sua historicização, como é comum em outras publicações desse prumo, com a identificação e a

análise dos pensamentos feministas para torná-lo compreensível e trazê-lo para o debate. Havia em suas capas, páginas, símbolos de conexão com os movimentos feministas e associação com a representação de mulheres, e associados também, ao contexto em que viviam em seus países, mas foram raros os textos que exibiam a temática do movimento feminista.

A categoria gênero apareceu nas revistas, nos artigos de jornais e foram reproduzidos nos periódicos como uma novidade do período e como uma possibilidade de trazer novas explicações sobre a discriminação da mulher e avançar com as políticas públicas, no contexto da Secretaria da Mulher. A categoria gênero passou a ser mencionada em diversas situações, mas principalmente quando trataram das mulheres, entendidas como oprimidas historicamente. O discurso sobre gênero ou a partir do gênero foi mobilizado não só pela ciência social, mas no jornalismo corrente nos impressos paraguaios da década de 1990-2000. E, até mesmo por autores que pouco tinham a ver com o tema e que também nos seus escritos realizavam uma leitura pouco simpática ao feminismo. Inclusive, essa foi uma característica sinistra e usada nos discursos, a dissociação do gênero com os movimentos feministas, que tem uma história conectada, mas que posteriormente foi usado contra as feministas.

Quando se verifica a história do feminismo e do movimento de mulheres no Paraguai, percebi que não eram distantes dos outros feminismos latino-americanos, pois eles estavam em pleno diálogo. Naquele período, em vários países, viviam-se tempos de redemocratização. Mas, evidente que o país possuiu suas peculiaridades que busquei amarrar nessa tese que verificou os anos de 1986-2004, momento de ascensão da discussão feminista, de criação de centros de estudos sobre mulheres e gênero e de produção de material impresso. Em outros países a discussão acerca da legitimação e consolidação dos estudos de gênero e feminismos apontaram para as batalhas travadas pelo reconhecimento e por recursos, que muitas vezes desencadearam ambientes de competição. Nas revistas esses discursos não foram tão aparentes, apesar dos textos da Graziella Corvalán indicarem os receios acerca do *guethismo* de tais estudos e a pouca valorização de mesmo em seu país. Se na década de 1980-1990 havia uma crescente de instituições da sociedade civil que ofertavam serviços voltados para tais estudos, cursos e atendimento para mulheres paraguaias, posteriormente ocorreu a diminuição desses espaços.

Quando na introdução perguntava por que estudar o país? E respondia por que não o estudar, dimensionava a ideia de que muitas vezes os estudos feministas primavam em um ciclo vicioso desde o Brasil, que mirava para a Argentina e o Uruguai que tiveram trajetórias e discussões que muitas vezes se assemelham as narrativas brasileiras; além do que muitas vezes eram realizadas redes de conexões entre as universidades, núcleos de estudos e pesquisadoras

que facilitavam o trânsito de ideias e documentos para a pesquisa científica. Ao passo, que o Paraguai, país que teve importante produção, e suas feministas eram reconhecidas em espaços institucionais fora do país, eram pouco conhecidos e divulgados. Graças à pesquisa do LEGH que retratavam as resistências em alguns países latinos, os núcleos de pesquisa estudados, vieram à tona e despertaram o meu interesse.

A medida em que lia as revistas e os trabalhos produzidos, fui entendendo que apesar dos esforços desses espaços de investigação, as revistas produzidas não possuíam regras específicas para os textos publicados, a ideia era muito mais divulgar informações que elas mesmas consumiam, do que a produção de trabalhos desses núcleos. Nos primeiros anos de existência, até ocorreram eventos sobre história das mulheres e tentativas de criar núcleos de estudo nas universidades, mas não vingaram, sem dúvida por falta de recursos e suporte das mesmas. Evidente que a falta de estudos sobre esses espaços também venha na direção da carência de laços com centros de estudos brasileiros e paraguaios, outro ponto importante é que o período estudado, é considerado recente na historiografia que muitas vezes é desconsiderado nas investigações, mas a escrita da história também vem sofrendo modificações e a sua escrita vem incorporando outros problemas e discussões. Contar a história dessas mulheres, suas organizações e publicações, é, de certa forma, “decir sus palabras” uma vez mais, para que alcancem outras gerações, outros lugares e se somem na construção da história feminista.

## FONTES

LA MICRÓFONA- Difundiendo voces de mujer. Assunção: CDE, n. 1-10, 1989-1990, (Digitalizado- acervo da autora).

MUJERES en el año del cambio. *Anuario Mujer 1989*, Assunção: CDE-Área Mujer, [199?], 80p. (Digitalizado- acervo da autora).

CRÓNICAS de haceres, deseos y olvidos. *Anuario Mujer 1990*, Assunção: CDE-Área Mujer, [199?], 72 p. (Digitalizado- acervo da autora).

NADIE dijo que sería fácil. *Anuario Mujer 1991*, Assunção: CDE-Área Mujer, [199?], 80 p. (Digitalizado- acervo da autora).

COSECHA '92: antiguos sueños, nuevos retos. *Anuario Mujer 1992*, Assunção: CDE-Área Mujer, 1994, 148 p. (Digitalizado- acervo da autora).

MEMORIAS de un tiempo nuevo: *Anuario Mujer 1993*. Assunção: CDE-Área Mujer, 1995, 136 p.

DE MUJERES, clamores y luna. *Anuario Mujer 1994*. Assunção: CDE-Área Mujer, 1996, 175 p. (Digitalizado- acervo da autora).

SIRENAS conquistando sueños. *Anuario Mujer 1995*. Assunção: CDE-Área Mujer, 1998, 166 p. (Digitalizado- acervo da autora).

AQUELARRES en movimiento o los encantos de la participación. *AnuarioMujer 1996*. Assunção: CDE-Área Mujer, 1999, 151 p.

TRANSGRESIONES y osadías. *Anuario Mujer 1997*. Assunção: CDE-Area Mujer - Área Mujer, 2000, 97 p. (Digitalizado- acervo da autora).

DESILUSIÓN. *Anuario Mujer 1998*. Assunção: CDE-Área Mujer, 2000,133 p.

ARMAS de mujer. *Anuario Mujer 1999*. Assunção: CDE-Área Mujer, 2000, 216 p.

ENFOQUES DE MUJER. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

ENFOQUES DE MUJER. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II.

INFORMATIVO MUJER. Assunção: CDE, n.0-172, 1990-2004.

## ENTREVISTAS

BAREIRO, Line. *Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff*. Assunção, Paraguai, 21/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC.

CORVALÁN, Graziella. *Entrevista concedida a Lorena Soler*. [200?].

CORVALÁN, Graziella. *Entrevista concedida a Joana Maria Pedro*. Assunção, Paraguai. 22/02/2008. Acervo do LEGH/UFSC.

ELIAS, Margarita. *Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva*. Assunção, Paraguai 05/02/2018. Acervo da autora.

RIVAROLA, Mirtha. *Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva*. Assunção, Paraguai 07/02/2018. Acervo da autora.

RODRIGUES, José Carlos. *Entrevista concedida a Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff*. Assunção, Paraguai, 27/07/2010. Acervo do LEGH/UFSC, 2010.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÚNEZ, Luis Vallovera. Hombres. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 148, a. 13, 2001.

AIREANA. *De toda la vida*, memórias de lesbianas en Paraguay. 2021. Disponível em <https://www.aireana.org.py/documentos/de-toda-la-vida-memorias-de-lesbianas-en-paraguay/> Acesso em 10 nov. 2022.

AQUINO, Olga Caballero. La Mujer en el nuevo Código Civil. Enfoques de Mujer, a. 2, n. 3, jun. 1987, p. 5- 8. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t.

AQUINO, Olga Caballero. “No soy feminista”. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 83, a. 8, 1996.

ARDITI, Benjamín. *Adiós Stroessner*. Assunção: CDE, 1992.

ARIAS, Carolina Thiede. Imagen feminista: radicales y solas. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 166, a. 15, 2003b.

ARIAS, Carolina Thiede. Nuestra primera vez: Encuentro feminista del Paraguay. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 166, a. 15, 2003a.

ALCALÁ, Guido Rodriguez. *Testimonio de la represion política en Paraguay 1975-1989*. v. 3, Comite de Iglesias, Assunção: Editorial Estilográfica, 1990..

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cader nos Pagu*, Campinas, n.43, jan-jul, 2014. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/9Y7dMKrDrFSGDyCJLW45Gpw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2023.

ALVAREZ, Sonia; E., FRIEDMAN, Elisabeth J., BECKMAN, Ericka (et al). Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2003, v. 11, n. 2, p. 543. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200013> Acesso em 25 set. 2022.

ALVAREZ, Sonia. A “Globalização” dos feminismos Latino-Americanos tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: Sonia E. ALVAREZ; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p. 383-426.

ALVAREZ, Sonia. Feminismos latino americanos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 6 (2). 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12008/11293> Acesso em: 29 mar. 2023.

AHMED, Sara. *Vivir una vida feminista*. Edicions Bellaterra: Barcelona, 2018.

AHMED, Sara. *La política cultural de las emociones*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2015.

ALVARENGA, Tina; CRUZABIE, Hilaria, BENÍTEZ, Daniela (et. at.). Mujeres Indígenas. In. BAREIRO, Line, SOTO, Clyde *Paraguay a 20 años de Beijing 1995*. Assunção: SV Servicios Gráficos, 2015, p. 181-192.

ANTEPROYECTO DE “LEY CONTRA LA VIOLENCIA DOMESTICA HACIA LA MUJER”. Desilusión. *Anuario Mujer 1998*. Assunção: CDE-Área Mujer, 2000.

BALLESTRIN, Luciana, Feminismo De(s)colonial como feminismo subalterno latino-americano. *Revista Estudos feministas*, v.28, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75304/44900>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n. 11, ago. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010333522013000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010333522013000200004&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 01 dez. 2020.

BARCO, José Vicente Peiró. *Literatura y sociedad*. La narrativa paraguaya actual (1980-1995). 2001. Tese (Doutorado em Filologia). Departamento de Literatura Española y Teoría de la Literatura, Faculdade de Filología. Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 2001.

BAREIRO, Line, SOTO, Clyde (org.). *Paraguay a 20 años de Beijing 1995*. Assunção: SV Servicios Gráficos, 2015.

BAREIRO, Line; SOTO, Clyde (org.). *Ciudadanas: una memoria inconstante*. Assunção: CDE, Nueva Sociedad, 1997.

BAREIRO, Line; SOTO, Clyde; MONTE, Mary. *Alquimistas- documentos para otra historia de las mujeres*. Centro de Documentación y Estudios, Assunção, Paraguai, 1993.

BAREIRO, Line; SOTO, Clyde (ed). *Sola no basta- mecanismos para mejorar la participación política de las mujeres*. Assunção: CDE, Fundación Friedrich Ebert, 1992.

BARRANCOS, Dora. *Mujeres entre la casa y la plaza*. 1ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.

BENÍTEZ, Carolina Alegre. *Nacionalismos, Géneros e Identidades en la Escuela Contemporánea (1989-2018): Enseñanza de la Historia y construcción de la memoria*. 2018, p. 995. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Programa de Doctorado en Ciencias de la Educación, Universidad de Granada Granada, 2018. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=180097>. Acesso em: 27 març. 2023.

BEIJING... Un año después. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 8 n. 91,1996.

BEIJING 95': las mujeres del mundo debaten en China. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 7 n. 78, 1995.

BEIJING: La delegación oficial. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 7 n. 77, 1995.

BLANCA ZUCCOLILLO. In. Anuario Mujer 1998 (Desilusión). Assunção: CDE-Area Mujer, 2000.

BLANCH, José M., ACUÑA, Edith, BAREIRO, Line *et. al*. El precio de la Paz. Assunção: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1991.

BENÍTEZ, Carolina Alegre, Género y Educación en Paraguay. La representación de las mujeres en la historia escolar. *Labrys, Études Féministes*, jan/jun. 2015. Disponible em: <https://www.labrys.net.br/labrys27/historia/carolina.htm> Acesso em: 29 nov. 2022

BREZZO, Liliana M. Institucionalizar la escritura del pasado. La Academia Paraguaya de la Historia (1937-1965). *Anuario de Estudios Americanos*. am., 73, 1, enero-junio, 2016, 291-317. Disponible em: <https://doi.org/10.3989/aeamer.2016.1.10>. Acesso em 30 nov. 2020.

BREZZO, Liliana. El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Cuestiones del tiempo presente, 03/10/2014. Disponible em: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.67479> Acesso em: 20 nov. 2020.

BREZZO, Liliana M. ¡La gran polémica continúa! *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2009. Disponible em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/48832> Acesso em: 10 set. 2020

BREZZO, Liliana. Paraguay: la historia y los historiadores. In. TELESKA, Ignacio (coord.), *Historia del Paraguay*, Assunção: Taurus, 2010.

BREZZO, Liliana. El centenario en Paraguay: historiografía y responsabilidades nacionalistas (1897-1912). *Anuario del CEH*, n. 4, a. 4. 2004. Disponible em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/anuarioceh/article/view/23269> Acesso em: 20 nov. 2020.

BOGARÍN, Stella. Varón, padre y marido en igualdad con la mujer. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 6, n.60, 1994.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Baurú: EDUSC, 2004.

BRITTEZ, Edwin. Cambio rumbo en el feminismo. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE. a. 6, n.64, 1994.

BRUN, Diego Abente. *El régimen Stronista: Naturaleza, sustento y longividad*. Colección 60 años del Stronismo, n. 3, Assunção: El Lector, Abc Color, 2014.

C.G. Una rápida y sencilla mirada a la concepción del mundo en la teoría feminista. Enfoques de Mujer, a.3, n.7, 1988. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CANO, Teté, (org). *¿Existe el poder democrático? Taller con dirigentes de corrientes internas de partidos políticos*. Asunción: CDE, SI, 1991.

CAPDEVILA, Luc, “Para una historia del tiempo presente paraguayo. Del pasado/presente entre dictadura y democracia: los historiadores bajo la dictadura”, *Res Gesta*, 2008, nº 46, p. 37-59.

CAPDEVILA, Luc. No país das mulheres ou crônica da morte anunciada do homem paraguaio: 1864-1870. In: MINELLA, Luzinete Simões, FUNCK, Suzana Bornéo (org.). *Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

CARDOSO, Elizabeth. *Imprensa feminista*. In: COLLING, Ana Maria, TEDESCHI. Losandro Antônio. (Org.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2015.

CARDOSO, Elizabeth. *Imprensa feminista brasileira pós-1974*. Dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2004.

CARRIZOSA, Esteban Caballero. La Maculinidad. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 119, a. 11, 1999.

CARRÓN, Juan María. Algunas notas sobre la tercera edad en el Paraguay. Enfoques de Mujer. a. 3, n. 7, 1988. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CARRÓN, Juan María. Inferioridad de la mujer. ¿Condición de la naturaleza o cultura?. Enfoques de Mujer. a. 2, n. 4, 1987, p.7-8. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CASTILHO, Inês. As mulheres decididas a conquistar a paz (entrevista com Carmem barroso). *Mulherio*, a.5, n. 22, set. 1985.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault- Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTRO, Jorge Lara. Paraguai. Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/paraguai>. Acesso 19 abr. 2023.

CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y ESTUDOS DE LA MUJER. In. *Construyendo la igualdad*. Assunção: Secretaria de la Mujer, n. 7, 1997.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos avançados*, São Paulo v. 24, n. 69, 2010, p. 6-30. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000200002>. Acesso em: 19 abr. 2023.

CHARTIER, Roger. Texto, impressão, leituras. In. HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CONCLUSIONES DEL ENCUENTRO TALLER DE MUJERES (Ultima entrega). Enfoques de Mujer, a. 2, n. 6, maz. 1988. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CONGRESO NACIONAL. Proyecto de Declaración. Cámara de Senadores. Paraguay. 25 set. 2019. Disponível em: <http://odd.senado.gov.py/archivos/file/La%20HCS%20reconoce%20a%20Don%20Dionisio%20Gauto.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020

COMISIÓN DE LA VERDAD Y JUSTICIA. *Informe Final: Anive haguã oiko- Las principales violaciones de los Derechos Humanos de algunos grupos en situación de vulnerabilidad y riesgo*. T. III. Assunção: JC Medina, 2008.

¿CÓMO NOS PREPARAMOS LAS PARAGUAYAS BEIJING '95? Enfoques de Mujer. a. 9, n. 30, 1994. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CORBO, Tomás Sansón. El campo historiográfico en Paraguay en la primera mitad del siglo XX: condicionamientos y monopolio interpretativo. *Historiografías*, 13, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6094974> Acesso em: 23 marc. 2023.

COORDINACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS (Documento presentado en el Encuentro-Taller). Enfoques de Mujer, a. 2, n. 5, 1987. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CORRÊA, Mariza. “Não se nasce homem”. Trabalho apresentado no encontro “*Masculinidades/ Feminilidades*”, Portugal, 2004. Disponível em: [http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/942\\_926\\_naosenascehomem.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/942_926_naosenascehomem.pdf). Acesso: em 19 abr. 2023,

CORVALÁN, Graziella. *Movimento Feminista Paraguay*. Su construcción social. Assunção: ServiLibro, 2013.

CORVALÁN, Graziella. La perspectiva de Género en educación después de Beijing. In. *Informativo Mujer*. a. 11, n. 129, 1999.

CORVALÁN, Graziella El desafio de los géneros. *Enfoques de Mujer*. a. 4, n. 10, 1989, p. 4, 6. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CORVALÁN, Graziella. ¿Qué esta pasando con los estudios del feminismo? *Enfoques de Mujer*, a.7, n. 22, 1992. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II.

CORVALÁN, Graziella. Homenaje a Josefina Plá. *Enfoques de Mujer*, a. 9, n. 31, 1994. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II.

CORVALÁN, Graziella. La accion colectiva de las mujeres urbanas en el Paraguay. In: RIVAROLA, Domingo, (et al). *Los movimientos sociales en el Paraguay*. Assunção: Paraguai: Centro Paraguayo de Estudios Sociologicos, 1986.

COSTA, Albertina. de O.; BARROSO, Carmen; SARTI, Cintia. A. (1985). Pesquisa sobre mulher no Brasil - do limbo ao gueto? *Cadernos De Pesquisa*, (54), 5–15. Disponível em <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1389>> Acesso em 02 mar. 2023.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília. M. B. Teoria e práxis feministas na academia: Os Núcleos de Estudos sobre a Mulher nas Universidades Brasileiras. *Revista Feminismos*, NEIM-UFBA, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30048>.. Acesso em: 19 abr. 2023

COSTA, Ana Alice Alcântara. O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, Feminismos e Ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

COSTA, Claudia Lima. Feminismo decoloniais e a política e a ética de tradução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento feminista hoje. Perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2020, p. 320-341.

CORTEZ, Marina; GAUDENZI, Paula; MAKSUD, Iva. Gênero: percursos e diálogos entre os estudos feministas e biomédicos nas décadas de 1950 a 1970. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 29, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290103>. Acesso em: 19 abr. 2023

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Quem ri por último, ri melhor: humor gráfico feminista (Cone Sul, 1975-1988). Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016, p. 189. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0556-T.pdf> Acesso em: 29 mar. 2023.

CRICHIGNO, Juan. *Diarios del Paraguay*. Assunção: Centro Gráfico, 2010.

CUADRO DE instituciones académicas que cuentan com investigación o docência referida a la mujer (educación formal). *Enfoques de Mujer*, n. 1, 1986, p. 32-34. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CUARTA CONFERENCIA MUNDIAL SOBRE LA MUER. Enfoques de Mujer, a. 8, n. 29, 1993. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II.

DÁVALOS, Serafina. *Humanismo- Serafina: Feminista paraguaya desde comienzos de siglo*. Assunção: CDE, RP ediciones, 1990.

DECLARACION DE PRINCIPIOS. Enfoques de Mujer, a. 4, n. 11, 1989. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

De Giorgi, Ana Laura. Un pensamiento propio: Feminismo desde y para América Latina en la década de 1980. *Travesía*, v. 20, n. 2, 2018, p. 47. Disponível em <<http://www.scielo.org.ar/pdf/trav/v20n2/v20n2a03.pdf>> Acesso em 16/04/2023

DEMELAS, Delphine. Con el objeto de adherirse al laudable pensamiento: El Libro de Oro y el sistema de obsequios durante la guerra Grande (Paraguay, 1864-1868). *Anuario IEHS*, v. 43, n. 2, 2019. Disponível em: <https://ojs2.fch.unicen.edu.ar/ojs-3.1.0/index.php/anuarios-ies/article/view/449/384> Acesso em: 01 dez. 2020.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. “O Movimento Feminino pela Anistia na luta contra a ditadura no Brasil: entrevista com Therezinha Zerbini”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6GQG39TQJ9GphDCjpTs9Zjz/?lang=pt> Acesso em: 29 mar. 2023.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Therezinha Zerbini: protagonismo e ação política na luta das mulheres contra a Ditadura. *ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL*, v. 13, 2016. Disponível em: [https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462050521\\_ARQUIVO\\_TherezinhaZerbini.pdf](https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462050521_ARQUIVO_TherezinhaZerbini.pdf) Acesso em: 29 mar. 2023.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DURÉ, Elizabeth. Ni las unas, Ni las otras. In. *Informativo Mujer*. Assunção:CDE, a. 8, n. 94. 1996.

ECHAURI, Carmen. *Hacia una presencia diferente: mujeres, organización y feminismo*, Assunção: CDE, 1992.

ECHAURI, Carmen. Paraguay. Publicaciones 1990, sobre mujeres y por mujeres. Crónicas de haceres, deseos y olvidos. *Anuario Mujer 1990*, Assunção: CDE-Área Mujer, [199?].

ECHAURI, Carmen; SOTO, Clyde; TORRES, Veronica. Diagnostico de las organizaciones no gubernamentales, centros académicos, organizaciones de mujeres y su papel en la promoción de la participación de la mujer en la sociedad. *Taller Mejoramiento del Marco Legal e Institucional para la Incorporación de la Mujer al Desarrollo en Países Seleccionados en América Latina*. Assunção, Paraguai. ONU, CEPAL, 1991. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/18875>. Acesso em: 11 set. 2020.

EDITORIAL. Enfoques de Mujer. GEMPA: Assunção, n.1, a. 1986, p. 5. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

EL FORO de la mujer y la lucha por el poder. Editorial. Enfoques de Mujer. a. 5, n.15, 1990. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

EL “FEMINISMO DE LOS NOVENTA” EN AMÉRICA LATINA, y por casa ¿Cómo andamos? Enfoques de Mujer. a. 5, n.17, dec. 1990 p. 2. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II

ELIAS, Rodolfo. Educación y Capacitación de la mujer. In. BAREIRO, Line, SOTO, Clyde (org.). Paraguay a 20 años de Beijing 1995. Assunção: SV Servicios Gráficos, 2015.

2 ENCUESTRO NACIONAL DE MUJERES. Enfoques de Mujer, a. 3, n. 8, 1988, p. 37. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

VII ENCUESTRO FEMINISTA DE LATINOAMÉRICA Y CARIBE. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 8, n. 89. 1996b.

VII ENCUESTRO FEMINISTA DE LATINOAMÉRICA Y CARIBE CHILE '96. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 8, n. 88, 1996a.

IV ENCUESTRO FEMINISTA LATINO AMERICANO Y DEL CARIBE. Enfoques de Mujer, a. 3, n. 10, dec. 1987 In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A., 2012, t. I

V ENCUESTRO FEMINISTA LATINO AMERICANO Y DEL CARIBE. Enfoques de Mujer, a. 5, n. 16, set. 1990, p. 37-38. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

ENCUESTRO NACIONAL DE MUJERES- Mesa de saldos. Enfoques de Mujer, a. 2, n. 4, 1987. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, pág. 159-191, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S001152582006000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S001152582006000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 set. 2023.

FAYOLLE, Caroline. Des corps «monstres». Historique du stigmatisme féminin, *GLAD!* [Online], jun. 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/glad/1034>. Acesso em: 18 ago. 2022

FEMENÍAS, Maria Luisa. Mora: La memoria de las revistas académicas. In. FUNK, Susana; MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Glaucia de Oliveira (Org). *Linguagens e Narrativas: Desafios Feministas*. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

FEMENÍAS, Maria Luisa. Esbozo de um feminismo latinoamericano. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15. n. 1, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104->

026X2007000100002. Acesso em: 29 marc. 2023.

FEMINISMO- hablemos del “cuco”. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 18, a. 2, 1990.

FERREIRA, Gleidiane de Sousa. *Resistência, solidariedade e rebeldia: o feminismo das Mujeres Creando na Bolívia (1992-2015)*. 2018. 411 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0636-T.pdf>&g. Acesso em: 01 fev. 2023.

FLORENTÍN, Carlos Gomez. *La Guerra Civil de 1947*. Assunção: ABC color, El Lector, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Graal, 28 ed. Rio Janeiro: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

FUKUOKA, Milena Pereira. Tomás Palau: Consequencia crítica en tiempos de hegemonía oligárquica. In. *Pensamiento Crítico en el Paraguay*. Assunção: BASE-IS, 2016. Disponível em: [http://www.baseis.org.py/wp-content/uploads/2017/06/2016Dic\\_Pensamiento-critico.pdf](http://www.baseis.org.py/wp-content/uploads/2017/06/2016Dic_Pensamiento-critico.pdf) Acesso em: 03 nov. 2020.

FRAISSE, Geneviève. *Musa de la razón: La democracia excluyente y la diferencia de los sexos*. Madri: Ediciones Cátedra, 1991.

FREITAS, Larissa Viegas de Mello. *O feminismo que veio do campo: movimentos de mulheres e trajetórias de identificação (Brasil e Paraguai, 1985-2010)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2015.

GRAMMÁTICO, Karin. ONU. In. COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

GRAMMÁTICO, Karin. *Feminismos en clave latinoamericana: un recorrido sobre Fem, Isis y Fempress*. *Mora*, v.17, n. 2, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1853001X2011000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853001X2011000200002&lng=es&nrm=iso). ISSN 1853-001X. Acesso em: 19 mar. 2023.

GROSSI, Mirian. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, n. 12, 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300023> Acesso em: 16 abr. 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 2009, p. 7-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 01 fev. 2020

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política de uma palavra. *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp. (22), 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/cVkJRgkCBftnpY7qgHmzYCgd/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 08 mai. 2023.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 7, jan. 1993. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984>. Acesso em: 01 fev. 2020.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, jan. 2009, p. 216. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100012>. Acesso em: 09 jan. 2020.

IZQUIERDO, Maria Jesus. No toda hembra es mujer. *Enfoques de Mujer*, a. 2, n. 4, 1987. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

KIRKWOOD, Julieta. *Los nudos de la sabiduría feminista* (Después del II Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe). Material de discusión. FLACSO, Chile, n. 64, ago. 1984. Disponível em: <https://flacsochile.org/biblioteca/pub/memoria/1984/000980.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

KLEIN, Robert. Considerações sobre os fundamentos da iconografia. In: *A forma inteligível*. São Paulo, EDUSP, 1998, p. 343-361.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *Art-cultura*, Uberlândia, v. 8, n.12, janeiro/junho de 2006. Disponível em: <http://www.artcultura.ppghis.inhis.ufu.br/viewarticle.php?id=130>. Acesso em: 16 de nov. 2017.

LA DESIGUALDAD del hombre y de la mujer no es NATURAL. In: *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 81, a. 7, 1995.

LA DIFICULTAD de reconocer a esa “otra” mujer. In: *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 157, a. 14, 2002.

LAS FEMINISTAS EN EL PARAGUAY: ¿cuánto hemos avanzado en el conocimiento de la mujer? *Enfoques de Mujer*, n.1, 1986, p. 19. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I

LAMAS, Marta. Feminismo y americanización. La hegemonía de gender. In: *Dimensiones de la diferencia género y política*. Buenos Aires: CLACSO, 2022, p. 166-187. Disponível em: <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2022/05/Marta-Lamas.pdf> Acesso em: 19 abr. 2023.

LOS MITOS DE LA IGUALDAD. *Enfoques de Mujer*, n. 24, 1992. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II.

LUCA, Tânia Regina de. Mulher em revista. In: BASSANEZI, Carla Beozzo; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAIZZA, Fabiana. De Mulheres e Outras Ficções: contrapontos em antropologia e feminismo. *Ilha*, v.19, n.1, 2017. Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2017v19n1p103>Acesso em 22 abr. 2023.

MAULEÓN, Cecília Olea (Comp.). Encuentros, (des)encuentros y búsquedas: el movimiento feminista en América Latina. Ediciones Flora Tristan: Lima, 1998.

MARCELLINO, Binah Irê Vieira. Acervos acadêmicos de pesquisa: a experiência do LEGH-UFSC. In: Jornadas do LEGH: Feminismo e Democracia, 2018, Florianópolis. *ANAIS DA III JORNADAS DO LEGH - feminismo e democracia*, 2018. p. 557-566. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188285>. Acesso em: 01 fev. 2020.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?. *Rev. Sociol. Polit.* 2010, vol.18, n.36, p. 67-92. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200006>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MARTÍNEZ, Ofélia. María Freixe de Casati: un rescate necessário. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 137, a. 12, 2000.

MARTINEZ, Ofelia. Paraguay ante Beijing +5. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a.12, n. 135, 2000.

MARTÍNEZ, Ofélia; MONTE, Mary. “Dios proteja destino pátria”: las concepcioneras de 1901. Assunção: CDE, 1999.

MARTÍNEZ, Ofélia. Joven mujer es legalmente un hombre. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 112, a. 10, 1998.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade E Estado*, n. 32, 2017, p. 725–748. Disponível em <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.320300> Acesso em 22 abr. 2023.

MELIA, Bartomeu. Antropólogos y antropología en el Paraguay. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 24-35, nov. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831997000300003>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MELLO, Soraia Carolina de. Claudia nas décadas de 1970-1980 - Feminismo, antifeminismo e a superação de um suposto passado radical. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), 2019. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n251203> Acesso em 15 ago. 2023.

MELO, Flávia da Rosa. O documentarismo social como estética e política na arte da década de 1930: os retratos da grande depressão nos EUA nas fotografias do Farm Security Administration. *Sillogés*, v. 3, n. 2, p. 595, 2020. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/119> Acesso em: 02 abr. 2023.

MELO, Jacira. Publicar é uma ação política. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100022/8729>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. A representação da mulher paraguaia em contos de Josefina Plá. 2011. 191 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103646> Acesso em 10 set. 2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A fotografia como documento. Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, v. 7, n.14, p. 131-151, 2003.

MIEDO AL FEMINISMO. Enfoques de Mujer, a. 6, n. 19, jun. 1991. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

MOISES. A política das publicações feministas. FUNK, Susana; MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Glaucia de Oliveira (Org). *Linguagens e Narrativas: Desafios Feministas*. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

MOLINA, María. Modelos de tratamiento, masculinidad y violencia. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 147, a. 13, 2001.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. El feminismo descolonial contra epistemología contra-hegemónica. In: FUNCK, Susana Bornéo, MINELLA, Luzinete Simões, ASSIS, Glaucia de Oliveria. *Linguagens e narrativas: desafios feministas*. Tubarão: Copiart, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOREIRA, Mary Monte López. Cronología de acontecimientos en la lucha por los derechos políticos de las mujeres en Paraguay. In. MOREIRA, Mary Monte de López, BAREIRO, Line, SOTO, Clyde. *Al fin ciudadanas (1961-2011) - 50 años de derechos políticos de las mujeres en Paraguay*. Assunção: Centro de Documentación y Estudios, 2011.

MOSES, Claire. A política das publicações feministas. FUNK, Susana; MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Glaucia de Oliveira (Org). *Linguagens e Narrativas: Desafios Feministas*. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

MUJER, IGLESIA Y ABORTO ANTE LAS PUERTAS DE BEIJING. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 7 n. 77, 1995.

MUZART, Zahidé L. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2003.

NEPOMUCENO, Gabriela Santos. Lucie Varga e a Revista dos Annales. In. BENTIVOGLIO, Julio; NASCIMENTO, Bruno C.; AMARAL, Weverton B.; FIOREZI, Lucas B. (Org.). *A pesquisa em história: passado, presente e futuro*. Vitória: Milfontes, p. 105,-124 2022.

- Disponível em [https://epeth.com.br/wp-content/uploads/2022/08/A\\_pesquisa\\_em\\_historia.pdf#page=106](https://epeth.com.br/wp-content/uploads/2022/08/A_pesquisa_em_historia.pdf#page=106) Acesso em 29/03/2023.
- NICKSON, Andrew. El regimen de Stroessner (1954-1989). TELESKA, Ignacio (Org.). Historia del Paraguay. Assunção: Taurus - Santillana, 2010.
- NOS ESCRIBEN. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 5, n. 56, 1993.
- NOS ESCRIBEN. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 5, n. 58, 1993.
- NOTÍCIAS. Enfoques de Mujer. a 3, n. 9, 1988, p. 50. In. Enfoques de Mujer. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.
- NUNES, Alina; ZACCHI, Lara Lucena. “As pessoas não podem resistir sozinhas”: memórias, amizade e gênero na resistência às ditaduras no cone sul. In. WOLFF, Cristina Scheibe (Org.) *Políticas de Emoção e do gênero no Cone sul*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. *História da Historiografia.*, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018, p. 104-140. Acesso em: DOI: 10.15848/hh.v0i28.1414. Acesso em 29 mar. 2023.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. [12º ed.] Campinas: Pontes, 2015.
- OPPENHEIM, Lois. De la igualdad de oportunidades, al feminismo de la diferencia. Enfoques de Mujer, a.4, n. 11, 1989. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.
- ORTOLAN, Fernando Lóris. Dócil, elegante e caridosa- Representações das mulheres paraguaias na imprensa do pós- Guerra do Paraguai (1869-1904). (2010). Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Paraná, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24851/Tese%20Fernando%20Loris%20Ortolan.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 09 mai. 2023.
- PANORAMA In. *Informativo mujer*. Assunção: CDE, a. 9, n. 101, 1997
- PANORAMA In. *Informativo mujer*. Assunção: CDE, a. 5, n. 56, 1993.
- PANORAMA In. *Informativo mujer*. Assunção: CDE, a. 4, n. 45, 1992.
- PANORAMA. In. *Informativo mujer*. Assunção: CDE, a. 2, n.15,1990.
- PALAZON. Carmen Gallart. Octavo Encuentro Feminista de Latinoamérica y Caribe. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 11, n 129, 1999.
- PAREDES, Roberto. *Mujeres rebeldes por la patria*. Assunção, Paraguai: Servi Libro, 2011.
- PAZ, Alfredo Boccia. La Revolución de febrero de 1936. In. RIVAROLA, Milda; PAZ, Alfredo Boccia. *Historia General del Paraguay*. T. III Assunção: Fausto Ediciones, 2013.

PAZ, Alfredo Boccia. Represión política y género en la dictadura paraguaya. In: PEDRO, Joana Maria, WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, Feminismos e Ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PAZ, Alfredo Boccia. *Diccionario usual del strosnismo*. Assunção, Servilibro, 2004.

PLÁ, Josefina. CUATRO MILLONES DE ABORTOS. Enfoques de Mujer, a. 2, n.5, 1987. In *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I;

PLA, Josefina. El aborto y sus causas. Enfoques de Mujer a. 3, n. 9, 1988. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; DA SILVA, Janine Gome. Resistência e gênero nos arquivos das ditaduras militares do Cone Sul. *Revista Tempo e Argumento*, vol. 5, núm. 9, enero-junio, 2013. Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, Brasil. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180305092013451>. Acesso em: 01 fev. 2020.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas do feminismo em países do Cone Sul (1960-1989). In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, Feminismos e Ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. A pesquisa sobre gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul: um relato de viagens e algumas reflexões. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. *ArtCultura*, v. 9, n. 14, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/40109> Acesso em 10/12/2020.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 249-272, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882006000200011>. Acesso em 10/04/2019. Acesso em: 10/04/2019

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. 2005, vol.24, n.1. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742005000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 10/04/2019.

¿PERO, USTEDES SON FEMINISTAS? Sí, somos. Enfoques de mujer, a. 4 n. 13, dez. 1989, p. 44-55. In: *ENFOQUES DE MUJER*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

PERROT, Michelle. História (sexualização da). In. HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DORAÉ, HÉLÈNE (et. al.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 111-115.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, June 2010, p. 12. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010444782010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010444782010000200003&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 20 dez. 2020.

POMPA, María del Carmen, Aborto y Salud Pública. Derechos Humanos en Paraguay 1997. SERPAJ-PY: Assunção, 1997. Disponível em: <http://www.derechos.org/nizkor/paraguay/1997/27.html#Los%20datos>. Acesso 19 abr. 2023.

POTTHAST, Bárbara. “*Paraiso de Mahomá*” “o país de las mujers? Assunção: Fausto ediciones, 2011.

POTTHAST, Bárbara. Algo más que heroínas. As diferentes funções e memórias da guerra da Tríplice Aliança. *Diálogos*, Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. 10, n.1, 2006. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526864009.pdf> Acesso em 29 mar. 2023.

POZZO, Aníbal Orué. *Periodismo en Paraguay: estudios e interpretaciones*. Assunção: Arandurã, 2007.

PRÁ, Jussara Reis. Mulheres, direitos políticos, gênero e feminismo. *Cadernos Pagu* [online]. 2014, n. 43, p. 169-196. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430169>. Acesso em: 22 out. 2022.

PRESENTACIÓN. AQUELARRES en movimiento o los encantos de la participación. In. *Anuario Mujer* 1996. Assunção: CDE-Área Mujer, 1999

PRESENTACIÓN. Sirenas conquistando sueños. In. *Anuario Mujer* 1995. Assunção: CDE, 1998.

PRESENTACIÓN. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 59, 1994.

PRESENTACIÓN. Mujeres en el año del cambio. In. *Anuario Mujer* 1989, Assunção: CDE-[199?].

PRESENTACIÓN. In. *Informativo mujer*. Assunção: CDE, a. 1, n. 2, 1989.

PRINCIPALES actividades de la Universidad Católica en los últimos años (1971-1973). *Revista Estudios Paraguayos*. Assunção: Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, v. 1, n. 1, 1973. Disponível em: [https://www.academia.edu/42111764/\\_1973\\_Vol\\_1\\_N\\_1\\_Revista\\_Estudios\\_Paraguayos](https://www.academia.edu/42111764/_1973_Vol_1_N_1_Revista_Estudios_Paraguayos) Acesso em: 02 nov. 2020.

PROPUESTAS HACIA EL FUTURO. *Enfoques de Mujer*. a. 9, n. 31, 1994. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II

¿QUÉ & DONDE? In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 1 n. 5, 1989.

¿QUE HACEN LAS MUJERES DEL GEMPA? *Enfoques de Mujer*, a. 4, n. 11, 1989, p. 39-41. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural*. 2017. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2017.tde-07022017-151430. Acesso em: 02 nov. 2020.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 11, p. 89–98, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 11 jun. 2023.

RAGO, Margareth. A “nova” historiografia brasileira. *Anos 90*, v. 7, n. 11, 1997. Disponível em Acesso: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6543/3895> em: 30 dez. 202

RÊGO, Sérgio Antônio Silva. *Mulher e Ciência: interfaces feministas entre conhecimento científico e político na América Latina*. Dissertação de mestrado (em Educação Contemporânea) no Programa de PósGraduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

RIVAROLA, Milda. *La resistêcia armada al Stronismo*. Assunção: ABC Color, El Lector: 2014.

RIVAROLA, Milda. La Guerra del Chaco. In. RIVAROLA, Milda; PAZ, Alfredo Boccia. *Historia General del Paraguay*. T. III Assunção: Fausto Ediciones, 2013.

RIVAROLA, Mirtha; SOTO, Clyde; BAREIRO, Line; CORVALÁN, Graziella. Mujeres Paraguayas camino a Beijing- Kuña Paraguay Beijing Rapere. In. *Anuario Mujer 1994*. Assunção: CDE-Área Mujer, 1996.

RIVAROLA, Mirtha. La mujer como objeto y sujeto de estúdios em las Ciencias Sociales en el Paraguay. In: Corvalán, G. (compiladora). *Entre el silencio y la voz. Mujeres: actoras y autoras de una sociedade en cambio*. Assunção, Paraguay: Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaia, 1989.

ROA BASTOS, Augusto. Paraguay: una isla rodeada de tierra. El correo de la París: Unesco, 1977. Disponível em [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000069117\\_spa.locale=en](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000069117_spa.locale=en) Acesso em 29 mar. 2023

ROJAS, Raquel. “El separatismo se depone hoy en función al dialogo: El nuevo rostro del feminismo” In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 1, n. 7, 1989.

ROSSATO, Verónica. Perspectiva de Género. *Informativo Mujer*. n. 44, a. 4, 1992.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In. BASSANEZI, Carla Beozzo; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SADENBERG, Cecilia. Negociando gênero em desenvolvimento: os feminismos brasileiros em destaque. *Cadernos Pagu* [online]. 2018, n. 52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201800520001> Acesso em: 06 set. 2022.

SARDI, Miguel Chase. Antropologia y género IV Mujeres- PODER político PODER doméstico. In. *Informativo Mujer*, Assunção: CDE, n. 82, a. 7, 1995d.

SARDI, Miguel Chase. Antropología y género III- Una cultura machista en Paraguay. In. *Informativo Mujer*, Assunção: CDE, n. 82, a. 7, 1995c.

SARDI, Miguel Chase. Antropología y género II. El machismo de los antropólogos. In. *Informativo Mujer*, Assunção: CDE, n. 82, a. 7, 1995b.

SARDI, Miguel Chase. Antropología y género I- Estudio de las diferencias biológicas y conductuales entre mujeres y hombres. In. *Informativo Mujer*, Assunção: CDE, n. 82, a. 7, 1995a.

SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. *XXI Congresso Internacional da LASA*, Chicago. 1998. p. 24-26. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lasa98/Sarti.pdf> Acesso em: 16 dez. 2020.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. In: *América. Cahiers du criccal*, n. 9-10, 1992.

SCAPPINI, Gloria. Violencia patriarcal y estructura social paraguaya. Cuadernos de Investigación. FLACSO: Assunção, 2019. Acesso em <https://www.flacso.edu.py/wp-content/uploads/2019/08/2.Publicaciones-FLACSO-Scappini.pdf> Acesso em 22 abr. 2023

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. *Projeto História*. São Paulo, n. 45, dez. 2012, p. 332. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em 29 marc. 2023.

SCOTT, Joan W. Tornando-se visível. *Falas de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: [http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan\\_Scott-Experiencia.pdf](http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Amp; Realidade*, 20(2), 1995, p. 72. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 29 mar. 2023.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-95

SE LLAMABA YOLE. *Ultima Hora*. Assunção, 27/02/2014. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/se-llamaba-yole-n770915.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SE REPITE LA HISTORIA: la discriminación de la mujer en el Nuevo Código Civil. Enfoques de mujer, a. 2, n. 3, jun. 1987. In: In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

SEIFERHELD, David Velázquez. *A la mujer Paraguaya- un recorrido por las ideas de Serafina Davalos (1901-1910)*. Assunção: Editorial Tiempo y Historia, 2017.

SEPTIEMBRE DE 1995, beijing (china). Diez días inolvidables. In. *Informativo Mujer: CDE*, a. 7 n. 79, 1995.

SILVA, Tamy Amorim da. “O feminismo veio para ficar... Nós não vamos sair mais”. In: WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair Zandoná, MELLO, Soraia Carolina (Org). *Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)*. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019, p. 22. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201257/Cristina%20Wolff%20e%20Jair%20Zandon%C3%A1\\_com%20capa.pdf?sequence=6](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201257/Cristina%20Wolff%20e%20Jair%20Zandon%C3%A1_com%20capa.pdf?sequence=6). Acesso em 29 marc. 2023.

SILVA, Tamy Amorim da. *Memórias sobre uma dama valente: Carmen de Lara Castro e a ditadura stronista (1967-1989)*. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173267> Acesso em: 28 marc. 203.

SIMON, Jose Luis. *La dictadura de Stroessner y los Derechos Humanos*. 2. ed., v.1 Comite de Iglesias, Assunção: Editorial Estilográfica, 1992.

SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. São Paulo: Edusc, 2003.

SIKKINK, Kathryn, A emergência, evolução e efetividade da rede de Direitos Humanos da América Latina. In: JELIN, Elizabeth, HERSHBERG, Eric (Org.). *Construindo a democracia: direitos humanos, cidadania e sociedade na América Latina*. São Paulo: EDUSP, NEV/USP, 2006.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 11, p. 77-87, jan. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634464>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SOLER, Lorena. ¿El mito de la isla? Acerca de la construcción del desconocimiento y la excepcionalidad de la historia política del paraguay? *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. ISSN: 1851-2577. a 3, nº 6, 2010. Dossiê: “Paraguay: reflexiones mediterráneas”. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7457596.pdf> Acesso em: 29 marc. 2023.

SOLER, Lorena. *Los oficios del sociólogo en Paraguay (1950-1980)*. Asunción: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) y el Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos (CPES), 2018.

SOLER, Lorena. Mitos históricos, obstáculos epistemológicos y fronteras conceptuales. ¿Cómo es posible pensar al stronismo?. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto (Comp.) *Las derechas en el Cono sur, siglo XX*. Instituto de Desarrollo Humano, Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, Provincia de Buenos Aires, 2013. Disponível em

<http://www.ungs.edu.ar/derechas/wp-content/uploads/2013/09/Soler.pdf> Acesso em: 20 nov. 2020.

SOLER, Lorena. *Paraguay- la larga invención del golpe*. Assunção: Arandurã, 2014.

SOTO, Clyde. Nuevos caminos para el movimiento. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 172, a. 16, 2004.

SOTO, Clyde. Patriarcado exagerado. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 166, a. 15, 2003.

SOTO, Clyde. Construcción de la noción del derecho sobre el cuerpo. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 159, a. 14, 2002a.

SOTO, Clyde. Unidas las voces latinoamericanas. La campaña del 28 de Septiembre. Día por la despenalización del aborto en América Latina y el Caribe. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 159, a. 14, 2002b.

SOTO, Clyde. Mercedes Sandoval de Hempel: Memoria viva del feminismo. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 130, a. 11, 1999.

SOTO, Clyde. Chana: final de una antiheroína. In. *Informativo Mujer*. Assunção; CDE, a. 8, n. 89, jul. 1996.

SOTO, Clyde. Lesbianismo y control de la sexualidad femenina. El difícil trato con la sexualidad. In. *Informativo Mujer* Assunção: CDE, 1993.

SOTO, Clyde; ECHAURI, Carmen. *Los saberes del poder*. Asunción: CDE, Fundación Friedrich Ebert, 1993.

SOTO, Clyde (coord.). De poder... podemos. *Taller con dirigentes de partidos políticos*. Asunción: CDE, SI, 1991.

STERBBACH, Nancy S; ALVRAEZ, Sonia; CHUCHRYK, Patricia *et al.* Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, v. 2, n. 2, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/16213/14762/49930>. Acesso em: Acesso em 29 mar 2023.

SZWAKO, José Eduardo León. *'Del otro lado de la vereda': luta feminista e construção democrática no Paraguai pós-ditatorial*. (2012). Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: São Paulo, 2012.

TEMAS OLVIDADOS. In. Crónicas de haceres, deseos y olvidos. *Anuario Mujer* 1990, Assunção: CDE-Área Mujer.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. *Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, p. 28-62, jan. 2007. ISSN 1809-4449. Disponível em: &lt;<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>&gt;. Acesso em: 02 dez. 2020.

1994: Un año de importantes acciones. *Enfoques de Mujer*. a. 9, n. 33, 1994. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II.

UNA CRÍTICA AL maistreaming de género. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, n. 149, a. 13, 2001.

UN ESPACIO PARA INTERCAMBIAR EXPERIENCIAS. *Enfoques de Mujer*, a. 5, n.17, 1990, p. 9. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. II.

UN PASO MAS. Los estudios sobre la mujer. *Enfoques de Mujer*, n.1, 1986. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

VALLEJO, Carmen. Ecos del VI Encuentro Feminista. In. *Informativo Mujer*. Assunção: CDE, a. 5, n. 57, nov. 1993.

VALINOTTI, Ana Barreto. *Las Mujeres*. Assunção: El lector, 2013.

VALINOTTI, Ana Barreto. *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*. Assunção: Ateneo Cultural Lidia Guanes, SERVILIBRO, Secretaria de la Mujer, 2011.

VALDÉS, Teresa. Estudios de Género: Una mirada evaluativa desde el Cono Sur. *Seminario Género, mujeres y saberes en América Latina: Entre movimiento social, la academia y el Estado*, convocado por la Escuela de Estudios de Género de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2004. Disponível em: <https://elizabethruano.com/wp-content/uploads/2019/07/Valdes-2007-Estudios-de-Genero.pdf> Acesso em 30/11/2020. Acesso em: 30 nov. 2020.

VALDÉS, Teresa; GOMARIZ, Enrique (Cord.). *MUJERES EN CIFRAS- PARAGUAY*. FLACSO, CDE; Ministério de Asuntos Sociales- Instituto de la Mujer, [s.l.], 1993.

VEIGA, Ana Maria. *Feminismos em rede? Uma história da circulação de discursos e informações entre São Paulo e Buenos Aires (1970-1985)*. Florianópolis, 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0345-D.pdf> Acesso em 20 nov. 2020.

VERA, Norma Coppari. Entrevista: A la Maestra Gloria Scappini. Una Mirada a la Antropología Paraguaya”. *Eureka*: Assunção, n. 12, 2015, p. 294-297. Disponível em: <https://psicoeureka.com.py/sites/default/files/articulos/eureka-12-2-19.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

VERA, Myrian González Vera. Después del Primer Encuentro Feminista. In. *Informativo Mujer*, Assunção: CDE, n. 166, a. 15, 2003.

VELÁZQUEZ SEIFERHELD David; D'ALESSANDRO, Sandra. *Relaciones entre autoritarismo y educación en el Paraguay* (1869-2012). Un análisis histórico (Vol. III: 1954-1989). Assunção: SERPAJ-PY, 2018.

WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero, emoções e afetos na política. In. WOLFF, Cristina Scheibe (org.). *Política da emoção e do gênero no Cone Sul*. Curitiba: Brasil Publishing, 2021, p. 230-241. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230126>. Acesso em: 19 abr. 2023.

WOLFF, Cristina Scheibe; PEDRO, Joana Maria; CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Ondas, mitos e contradições: feminismos em tempos de ditadura no Cone Sul. In: Marcos Antonio Monte Rocha. (Org.). *Feminismos Plurais*. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, v. 1.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 27, n. 54, Dec. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000200003>. Acesso em: 29 mar. 2023.

YOFFE, Ita. Aborto en Paraguay: la realidad que se calla. *Enfoques de Mujer*, a. 3, n. 6, 1986. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I; *Panorama, Informativo Mujer*, nº16, 1990.

YORE, Nadimy Perla; COLAZO, Carmen. *Al rescate de nuestra historia*. Assunção: Red de Mujeres Políticas, 2001.

ZARZA, Olga. Erase una vez, más de cien mujeres. *Enfoques de Mujer*, a. 2, n. 4, set. 1987, p. 30. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

ZARZA, Olga. Venturas y desventuras del feminismo en Paraguay. *Enfoques de mujer*, a. 1, n.1, 1986, p. 7. In. *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

ZERBINI, Therezinha. *Anistia: sementes da liberdade*. Salesianas: São Paulo, 1979.

ZIOGRAS, Marilyn Godoy. La naturaleza no esclaviza. El hombre sí. *Enfoques de Mujer*. a. 2, n. 5, 1987. In: *Enfoques de Mujer*. Assunção: Ediciones y Arte S.A, 2012, t. I.

ZOMER, Lorena. *Memória e história nas publicações de Guido Alcalá: testemunho da ditadura militar paraguaia*. 2017. 291 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017, p. 39. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0588-T.pdf> Acesso em: 02 dez. 2020.